

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE GEOGRAFIA**

EDUARDO CESAR DA COSTA

**PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO:
LUGAR COTIDIANO DE CORPOS LGBT**

CHAPECÓ

2022

EDUARDO CESAR DA COSTA

**PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO:
LUGAR COTIDIANO DE CORPOS LGBT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS, *campus* Chapecó), como requisito para obtenção do grau de licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof. Dr. Paula Lindo

CHAPECÓ

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Costa, Eduardo Cesar da
Performatividade de gênero na produção do espaço:
lugar cotidiano de corpos LGBT / Eduardo Cesar da Costa.
-- 2022.
266 f.:il.

Orientadora: Doutora Paula Lindo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Geografia, Chapecó, SC, 2022.

1. Triade da produção do espaço. 2. espaço vivido. 3.
binarismo de gênero. 4. Interseccionalidade. 5. Corpos
transgressores. I. Lindo, Paula, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

EDUARDO CESAR DA COSTA

**PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO:
LUGAR COTIDIANO DE CORPOS LGBT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS, *campus* Chapecó), como requisito para obtenção do grau de licenciado em Geografia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 05/04/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Paula Lindo – UFFS *campus* Erechim
Orientadora

Prof. Dr. Igor Catalão – UFFS *campus* Chapecó
Avaliador

Prof. Dr. Benhur Pinós da Costa – UFSM
Avaliador

Dedico este trabalho a cada corpo transgressor que colocou a cara no sol e lutou por décadas neste país, tornando possível que hoje um viado assumido e pobre possa fazer com orgulho um TCC como este em uma universidade federal.

AGRADECIMENTOS

É difícil mencionar e agradecer nominalmente todas as pessoas que no percurso dessa longa trajetória, que é a graduação, contribuíram de algum modo. Inúmeras foram as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram na produção deste trabalho, e na chegada até esse momento. Incontáveis foram as dificuldades por todo esse processo, e várias foram as pessoas que mataram a minha fome, me aqueceram do frio, me abrigaram e me acolheram, e mesmo que não sejam mencionadas aqui, meu muito, muito obrigado. Eu não chegaria nem na metade do caminho sem vocês.

Inicialmente, e principalmente, agradeço à mulher mais incrível que conheço, minha mãe Miria. Uma mãe solo que lutou muito para criar seus três filhos e que mesmo tendo lhe sido negada a oportunidade de estudar, sempre zelou por minha educação e de minhas irmãs. Quando o patriarcado lhe disse que seus filhos nunca teriam um futuro caso se divorciasse do marido abusivo ela não acreditou. Quando as contas no final do mês apertaram e os estoques de mantimentos ficaram críticos ela não desistiu. Mesmo quando enferma, e se fizesse chuva ou sol, frio ou calor, ela, com sua bicicleta Monark, se dirigia todas as madrugadas para o chão da fábrica ou para a casa da patroa. Hoje, o filho gay da mãe solo operária e empregada doméstica, e neto de agricultores analfabetos, é o primeiro da família a cursar e concluir uma graduação. Por isso, e por toda sua luta, essa graduação e esse TCC são nossos mãe.

Também agradeço de modo especial ao meu companheiro Felipe que me provou que é possível amar e ser amado sendo viado. Agradeço por todas as conversas que tivemos sobre esta pesquisa e inúmeros outros assuntos, e por ter tornado esse trajeto e minha vida mais leve e feliz com seu amor, apoio, carinho, paciência e compreensão. Ainda, agradeço às minhas irmãs Bruna e Gabriela que estiveram sempre me apoiando neste percurso.

Minha gratidão às duas grandes orientadoras que tive em minha formação, professora Adriana e professora Paula, por toda paciência e compreensão, por todos os ensinamentos, por todos os encontros e conversas, por todas as horas e horas dedicadas, e principalmente por me ensinarem e permitirem me apaixonar pela ciência e pela educação.

A minha amiga de infância Patrícia, com quem estudei na educação básica em Indaial (SC) e reencontrei na vida em Chapecó, agradeço por ter me apresentado a UFFS em uma mensagem em rede social, na qual me incentivou a migrar para estudar e ainda me abrigou no primeiro dia. Suas ações transformaram minha vida e tiveram como uma das consequências este trabalho. Do mesmo modo, a minha prima Letícia e as minhas amigas Luzia e Angélica,

minha eterna gratidão por terem me emprestado o dinheiro que possibilitou comprar a passagem de ônibus para vir para Chapecó realizar a minha matrícula na UFFS. Deu tudo certo.

As pessoas com quem residi em repúblicas durante esses 5 anos de graduação e se tornaram grandes amigos: Carlos, Vinícius, Rafael e Pietra. Meu muito obrigado por cada “breja”, e pelas incontáveis vezes que me apoiaram das mais diversas formas. Também agradeço aos meus colegas e amigos de curso, principalmente da turma 2017.1, por todo apoio psicológico, pedagógico, emocional, financeiro, e tantos outros. Minha especial gratidão aos amigos que me acompanharam por grande parte deste percurso na Geografia, Andiará, Naísa, Taís, Daniel e Tiago.

Ao Centro Acadêmico de Geografia Therezinha de Castro (CAGET), ao Jornal Geográfico (JG), ao Movimento Ocupa UFFS e a União LGBTQIA+ UFFS por terem sido movimentos que me permitiram aprender coisas que não seriam possíveis por meio do currículo de nenhum curso de graduação ou pós-graduação. Ainda, pelos aprendizados, agradeço a todos os preceptores, supervisores, coordenadores e estudantes, dos programas de ensino, pesquisa e extensão que tive a oportunidade de participar como bolsista e voluntário, como o Programa Institucional de Bolsa e Iniciação à Docência (PIBID), Programa Residência Pedagógica (PRP) e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica (PIBIC).

Agradeço também ao Grupo de Pesquisa Espaço Tempo e Educação (GEPETE), bem como ao Grupo de Estudos Lugar (GE Lugar), Grupo de Estudos em Gênero e Educação (GEGEDUC), e ao Grupo de Estudos Michel Foucault: História da Sexualidade, por todas as oportunidades de debates e aprendizados. Também neste sentido agradeço aos professores Igor, Everton e Alexandre que diretamente contribuíram neste trabalho disponibilizando-se para esclarecimentos e conversas acerca de métodos e teorias. Estendo esse agradecimento ainda para todos os diversos professores que tive em minha vida, tanto na educação básica como na universidade.

A União Nacional LGBT (UNA LGBT) – Seção Chapecó –, e a Secretaria Acadêmica do *campus* Chapecó da UFFS, agradeço por terem contribuído ativamente na construção desta pesquisa por meio da divulgação dos formulários aos entrevistados da pesquisa. Do mesmo modo agradeço muito os entrevistados, pois a pesquisa não seria possível de ser produzida do modo que foi sem o apoio e a participação de todos.

E por fim, mas não com menos importância, agradeço aos movimentos sociais que por tanto tempo lutaram na fronteira sul para tornar essa universidade e esse curso uma realidade,

bem como ao povo trabalhador brasileiro por ter financiado minha formação e as bolsas que tive a oportunidade de ser contemplado nesta mesma universidade.

“O mundo inteiro é um palco
E todos os homens e mulheres não passam de meros atores
Eles entram e saem de cena
E cada um no seu tempo representa diversos papéis.”

William Shakespeare, 1600

RESUMO

O espaço geográfico, e por conseguinte o lugar cotidiano, em constante produção em uma tríade dialética, se organiza nas sociedades ocidentais modernas atendendo e perpetuando um padrão binário de performatividade de gênero e sexualidade, que determinam como os corpos devem agir, o que devem sentir e quem devem ser, considerando somente duas formas de performar gênero inteligíveis – homem e mulher –, sempre heterossexuais. No Brasil, os corpos que transgridam este padrão binário de performatividade, são oprimidos e violentados das mais variadas formas e nos mais distintos espaços do lugar de vivências cotidianas, sendo impostas a essa população situações de risco e exclusão socioespacial. Neste sentido, buscamos nesta pesquisa compreender como os padrões de performatividade de gênero do binarismo influenciam a produção do espaço e as vivências dos corpos transgressores nos seus lugares cotidianos em Chapecó (SC). Visando este objetivo, o percurso teórico-metodológico da pesquisa compreende: 1) levantamento e estudo de referencial bibliográfico, de modo que nos embasamos em estudiosos da Geografia como Massey (2008) e Lefebvre (2006) e de estudos de gênero, sexualidade e discurso como Butler (2020) e Foucault (1999); 2) levantamento e estudo de dados estatísticos de violências contra pessoas LGBTQIA+ entre 2000 e 2020 no Brasil; 3) entrevistas semiestruturadas com 12 pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT) residentes em Chapecó; 4) levantamento de dados com os entrevistados por meio da produção dos *relief maps* com base nas orientações de Rodó-de-Zárate (2014) e 5) Análise Textual Discursiva (ATD) das 12 entrevistas com base nas orientações de Moraes e Galiazzi (2011). O estudo permite identificar que os corpos transgressores são expostos a diversas formas de violência e opressão, de modo interseccional, em quase todos os lugares que ocupam e produzem na sua vida cotidiana em Chapecó, e que essas vivências influenciam a forma como estes corpos performam gênero e expressam a sexualidade, e atuam na definição de quais lugares estas pessoas ocupam, e como ocupam, ou ainda, evitam ou são impossibilitadas de ocupar.

Palavras-chave: Tríade da produção do espaço; espaço vivido; binarismo de gênero; interseccionalidade; corpos transgressores.

ABSTRACT

The geographical space, consequently the everyday place, in constant production in a dialectical triad, organizes itself in modern western societies attending and perpetuating a binary pattern of gender and sexuality performativity, that determine how bodies must act, what they must feel and who they should be, considering only two intelligible ways of performing gender - man and woman -, always heterosexual. In Brazil, bodies that transgress this binary pattern of performativity, are oppressed and violated for the most varied ways and in the most distinct spaces from the place of everyday experiences, situations of risk and socio-spatial exclusion are being imposed on this population. In this sense, we seek in this research to understand how the patterns of gender performativity of binarism influence the production of space and the experiences of transgressive bodies in their everyday places in Chapecó (SC). Aiming at this objective, the theoretical-methodological course of the research comprises: 1) Survey and study of bibliographic references, to base ourselves on Geography scholars such as Massey (2008) and Lefebvre (2006) and studies of gender, sexuality and discourse such as Butler (2020) and Foucault (1999); 2) Survey and study of statistical data on violence against LGBTQIA+ people between 2000 and 2020 in Brazil; 3) Semi-structured interviews with 12 Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender (LGBT) people residing in Chapecó; 4) data collection with the interviewees through the production of relief maps based on the guidelines of Rodó-de-Zárate (2014) and 5) Discursive Textual Analysis (DTA) of the 12 interviews based on the guidelines of Moraes and Galiuzzi (2011). The study makes it possible to identify that transgressive bodies are exposed to various forms of violence and oppression, intersectionally, in almost all the places they occupy and produce in their daily life in Chapecó, and that these experiences influence the way these bodies perform gender and express sexuality, and act in the definition of which places these people occupy, and how they occupy, or yet, they avoid or are unable to occupy.

Keywords: Space production triad; lived space; gender binarism; intersectionality; transgressive bodies

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fluxograma síntese do percurso teórico-metodológico da pesquisa.....	22
Quadro 1 – Relatórios e artigos acadêmicos estudados acerca da violência contra corpos LGBTQIA+ no Brasil.....	24
Quadro 2 – Roteiro das entrevistas semiestruturadas.....	26
Quadro 3 – Perfil dos entrevistados.....	28
Quadro 4 – Lugares representados nos <i>relief maps</i> pelos entrevistados.....	31
Quadro 5 – Síntese das categorias da Análise Textual Discursiva (ATD).....	35
Quadro 6 – Dados de mortes violentas de pessoas LGBTQIA+ no Brasil de 2000 a 2020.....	78
Figura 2 – Confronto constitutivo do padrão de performatividade de gênero no lugar.....	95
Figura 3 – Síntese das etapas realizadas na ATD	97

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABGLT	Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos
ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
ATD	Análise Textual Discursiva
B	Bissexual
Br	Branco
CF	Constituição Federal
CF	Categoria Final
CI	Categoria Inicial
CIDH	Comissão Interamericana de Direitos Humanos
CM	Categoria Intermediária
Covid-19	Doença do Coronavírus de 2019
DDH	Disque Direitos Humanos
EEB	Escola de Educação Básica
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
G	Gay
GGB	Grupo Gay da Bahia
H	Heterossexual
HC	Homem Cisgênero
HCGBr28	Homem Cisgênero, Gay, Branco com 28 anos
HCGBr57	Homem Cisgênero, Gay, Branco com 57 anos
HCGPd29	Homem Cisgênero, Gay, Pardo com 29 anos
HCGPt29	Homem Cisgênero, Gay, Preto com 29 anos
HCIPt28	Homem Cisgênero, Sexualidade Indefinida, Preto com 28 anos
HRO	Hospital Regional do Oeste
I	Sexualidade Indefinida
IBTE	Instituto Brasileiro Trans de Educação
Ipea	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
L	Lésbica
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros

LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e outras minorias de gênero e sexualidade
MC	Mulher Cisgênero
MT	Mulher Transgênero
MCBBr18	Mulher Cisgênero, Bissexual, Branca com 18 anos
MCBPd25	Mulher Cisgênero, Bissexual, Parda com 25 anos
MCLBr23	Mulher Cisgênero, Lésbica, Branca com 23 anos
MTHPd45	Mulher Transgênero, Heterossexual, Parda com 45 anos
NB	Pessoa Não Binária
NBLBr25	Pessoa Não Binária, Lésbica, Branca com 25 anos
NBLPt24	Pessoa Não Binária, Lésbica, Preta com 24 anos
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
Pd	Pardo
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
Pr	Preto
STF	Supremo Tribunal Federal
TR	Travesti
TRHPt24	Travesti, Heterossexual, Preta com 24 anos
UA	Unidade de Análise
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNAIDS	Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids
UNA LGBT	União Nacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UPA	Unidade de Pronto Atendimento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	21
2 ESPAÇO GEOGRÁFICO, LUGAR COTIDIANO E CORPO COMO CATEGORIAS ESPACIAIS DE ANÁLISE	40
2.1 UM PRODUTO SOCIAL EM DEVIR, MÚLTIPLO E RELACIONAL.....	41
2.1.1 A tríade dialética da produção do espaço.....	45
2.2 O LUGAR DOS CONFRONTOS COTIDIANOS.....	47
2.3 O CORPO EM DISPUTA NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO	50
3 SEXO, SEXUALIDADE E GÊNERO EM DIS(CURSO)	53
3.1 DESNATURANDO OS SEXOS	55
3.2 A SEXUALIDADE COMO DISPOSITIVO HISTÓRICO	60
3.3 GÊNERO COMO AÇÃO.....	67
3.4 CORPOS INTERSECCIONAIS	71
4 CORPOS SUBVERSORES NO BRASIL DO SÉCULO XXI: CONSTATAÇÕES MÓRBIDAS.....	74
4.1. LUGARES DA OPRESSÃO COTIDIANA	80
4.2 CORPOS DISSIDENTES CONQUISTANDO DIREITOS FUNDAMENTAIS.....	87
5 PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO COMO AÇÃO NA PRODUÇÃO COTIDIANA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO	91
6 METATEXTOS DA ATD E ANÁLISE DOS <i>RELIEF MAPS</i>	97
6.1 ESPAÇOS DOMÉSTICOS	98
6.2 ESPAÇOS DE PASSAGEM.....	101
6.3 ESPAÇOS PROFISSIONAIS	104
6.4 ESPAÇOS DE LAZER	106
6.5 ESPAÇOS EDUCATIVOS	109
6.6 ESPAÇOS DE SAÚDE.....	111
6.7 ESPAÇOS DE SEGURANÇA PÚBLICA E JUDICIÁRIO.....	113
6.8 ESPAÇOS RELIGIOSOS	114
6.9 ESPAÇOS DE ATUAÇÃO POLÍTICA	114
6.10 ESPAÇOS COMERCIAIS	115
6.11 TRANSPORTES	117

6.12 CORPO.....	118
6.13 REDES SOCIAIS	120
6.14 CIDADE.....	121
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS	126
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	132
APÊNDICE B – <i>RELIEF MAPS</i>	133
APÊNDICE C –QUADRO DE CATEGORIZAÇÃO DA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA - ATD	139

1 INTRODUÇÃO

A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. [...]. A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma (COLASANTI, 1996).

A crônica *Eu sei, mas não devia*, de Marina Colasanti (1996), trata sobre o tempo e sobre o modo de vida na urbanidade moderna, contudo expressa também como o humano se acostuma ao que percebe, concebe e vive no cotidiano da vida no lugar ao ponto de alienar-se de suas próprias ações por hábito. O gênero em uma lógica binária é uma destas coisas as quais nos acostumamos, e de tanto nos acostumarmos não o questionamos, tanto a nossa própria performatividade, quanto a violência contra quem transgride essas normas que regem o comportamento dos corpos. Ao vermos uma foto nas redes sociais do corpo de uma travesti¹ morta e mutilada em uma vala, ao ouvirmos pela voz de um homem branco cisgênero² e heterossexual³ no noticiário acerca do homicídio de um homem gay⁴ negro, sobre um estupro coletivo “corretivo” de um casal de lésbicas⁵, ou ao assistirmos uma agressão em praça pública de uma pessoa bissexual⁶, todos os dias, nos acostumamos com o destino de violências e resistências de um corpo transgressor da heterocisnormatividade⁷.

A guerra contra a transgressão de gênero é uma realidade e um tabu de tão longa duração no Brasil, que socialmente e historicamente, já aceitamos “[...] os mortos e que haja números para os mortos” (COLASANTI, 1996). A cisgeneridade heteronormativa se acostuma com a

1 Travesti – “Uma construção de gênero feminino, oposta ao sexo biológico, seguido de uma construção física de caráter permanente, que se identifica na vida social, familiar, cultural e interpessoal, através dessa identidade. Muitas modificam seus corpos por meio de hormonioterapias, aplicações de silicone e/ou cirurgias plásticas, porém, vale ressaltar que isso não é regra para todas. Existe o grupo dentro deste segmento que se autoafirma ‘mulheres travestis’. Atualmente, o termo travesti adquiriu um teor político de ressignificação de termo historicamente tido como pejorativo.” (REIS, 2018, p. 31).

2 Cisgênero – “Um termo utilizado por alguns para descrever pessoas que não são transgênero (mulheres trans, travestis e homens trans). Refere-se ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o gênero atribuído ao nascer” (REIS, 2018, p. 27).

3 Heterossexual – “Indivíduo atraído amorosa, física e afetivamente por pessoas do sexo/ gênero oposto.” (REIS, 2018, p. 22).

4 Gay – “Pessoa do gênero masculino (cis ou trans) que tem desejos, práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual com outras pessoas do gênero masculino” (REIS, 2018, p. 22).

5 Lésbica – “Mulher que é atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/ gênero (cis ou trans).” (REIS, 2018, p. 23).

6 Bissexual – “É a pessoa que se relaciona afetiva e sexualmente com pessoas de ambos os sexos/gêneros” (REIS, 2018, p. 21).

7 Heterocisnormatividade – “[...] conjunto de normas e padrões únicos de comportamentos voltados para a heterossexualidade e a cisgeneridade. Em consequência, classifica como “estranha” outra forma de comportamento que seja diferente desses padrões” (BARRA; DANTAS, 2021, p. 08).

indiferença, com a impunidade, com a omissão, com os dados quantitativos, com a falta de dados quantitativos, e em alguns casos, acostuma-se a violentar. Os corpos transgressores se acostumam a necessidade de resistir a essas violências diárias e a se privar de si mesmos “[...] para poupar a vida” (COLASANTI, 1996) e o corpo em seu próprio lugar cotidiano.

Em uma sociedade estruturada sobre uma lógica binária de gênero como a brasileira, que assimila como corpos inteligíveis somente os corpos cisgêneros e heterossexuais, ser um corpo transgressor significa estar exposto aos mais distintos tipos de violência, bem como a uma constante necessidade de resistência. Contudo, corpos são interseccionais, e cada qual vive sua vida de modo singular, em lugares singulares, mesmo que diante de uma mesma estrutura social de opressão, pois as percebem e concebem, e a elas reagem, de modo único na vida cotidiana do lugar. Deste modo, as inquietações que motivam esta pesquisa, antes de serem acadêmicas, são pessoais. Incômodos e problemáticas percebidos, concebidos e vividos pelo autor deste trabalho em seus lugares da vida cotidiana. Assim, considerando a necessidade de compreender o lugar de fala do pesquisador, e como toda pesquisa se inicia com um problema da vida, dedicaremos os parágrafos a seguir para a explanação de como se deu o processo de observação e identificação do problema desta pesquisa pelo autor.

Além de outras coisas, sou um homem branco, cisgênero, homossexual e pobre. Tenho 26 anos e vivi por 21 anos em Indaial, Santa Catarina (SC) (450Km de Chapecó, SC), imerso em uma vida regida por uma heterossexualidade que me foi imposta. Na infância, fui uma “criança viada”⁸ que colecionou traumas na escola e repreensões homofóbicas de meus comportamentos corporais por parte de familiares, professores e até desconhecidos. Essa repressão moldou a minha performatividade de gênero para se adequar ao que era exigido e para acessar ao privilégio do homem branco cisgênero e “heterossexual”, como ser respeitado e não violentado.

O contato com pessoas homossexuais, transgêneros⁹ e outras performatividades transgressoras a partir do ingresso na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) em Chapecó (SC), e o conseqüente distanciamento da vida heteronormativa que vivia, me permitiram externalizar a homossexualidade com menos medo, tendo em vista que estava em um espaço que ainda não era o meu lugar. A “passabilidade”¹⁰ me permitia ser um homem gay

⁸ O termo “criança viada” é utilizado no senso comum como um rótulo aos corpos infantis masculinos que tenham uma performatividade de gênero considerada feminina e, portanto, inadequada.

⁹ Transgêneros – “Terminologia utilizada para descrever pessoas que transitam entre os gêneros. São pessoas cuja identidade de gênero transcende as definições convencionais de sexualidade” (REIS, 2018, p. 30).

¹⁰ Passabilidade é um termo que se refere à capacidade de um corpo transgressor da heterocisnormatividade ser lido socialmente (intencionalmente ou não) como um corpo adequado ao padrão binário (DUQUE, 2013). Como

que não sentia a repressão nos meus lugares da vida cotidiana. Mesmo após a revelação da homossexualidade, somente passei a sentir a homofobia e perceber que os incômodos que sentia eram relativos aos lugares em que meu corpo estivesse, quando passei a viver meu primeiro relacionamento homossexual. Na verdade, até este momento, vivendo como um homem cisgênero branco e “heterossexual” nunca havia sentido nenhum desconforto relativo ao meu corpo ou ao lugar em que meu corpo estivesse. Na vida heterossexual nunca havia sentido mal-estar ou preocupação em demonstrar afeto em público, tampouco a necessidade de dar uma aula de sexualidade toda vez que o assunto fosse o meu relacionamento no ambiente de trabalho ou nas relações familiares. Por conta da passabilidade construída por vinte e um anos, somente quando passei a transgredir a performatividade de gênero de modo perceptível aos olhos dos demais com o relacionamento homossexual que senti incômodos por ocupar espaços novamente, como sentia na infância escolar. Mais do que isso, estes incômodos limitavam o modo como me portava em diversas situações do cotidiano e influenciavam as minhas ações, ou não ações, as minhas presenças ou ausências nos lugares.

Ademais, durante as atividades do *I Simpósio LGBTQIA+: cidadania, cuidado e resistência*, realizado em novembro de 2018 pelo extinto coletivo estudantil universitário *União LGBTQIA+* na UFFS, *Campus Chapecó*, pude perceber que essas angústias não eram somente minhas, mas faziam parte da vida cotidiana de outros homens gays, e também de lésbicas e pessoas transgênero. O evento contou com a participação da comunidade acadêmica da UFFS com estudantes, professores e técnicos-administrativos, e da comunidade regional, com profissionais da saúde, movimentos sociais e artistas locais. Durante as atividades do evento, diversos foram os relatos acerca de resistências e violências de gênero e sexualidade, e da influência destas violências na limitação de circulação e ação dos corpos LGBTQIA+¹¹ nos seus lugares cotidianos em Chapecó, de modo que cada relato se diferenciava pelas distintas intersecções dos corpos como gênero, sexualidade, raça, renda e idade.

Durante os relatos percebi que havia algo de comum relacionado aos corpos e o lugar. O lugar cotidiano destes corpos se demonstrava muito importante na idealização do que seria

exemplo podemos pensar no corpo de uma mulher transgênero que é lido socialmente como sendo de uma mulher cisgênero ou de um homem cisgênero homossexual que é compreendido como sendo um corpo de um homem cisgênero heterossexual.

¹¹ A sigla LGBTQIA+ vem sendo utilizada com mais regularidade atualmente por ser mais inclusiva a outras minorias sexuais e de gênero além de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT). Contudo, quando nos referirmos neste trabalho à sigla LGBTQIA+ estaremos nos referindo a uma visão abrangente do tema, como por exemplo a abordagem de dados estatísticos que compreender outras minorias além de LGBT. Já quando utilizarmos a sigla LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros) estaremos nos referindo ao grupo focal da pesquisa que é composto somente por pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (o que inclui travestis e pessoas não binárias).

uma performatividade de gênero adequada ao padrão ou transgressora dele, e que a partir do que estas pessoas percebiam nas experiências do seu lugar cotidiano, e nos diferentes espaços deste lugar, elas definiam como seriam as suas ações em cada um destes espaços. Foi possível notar a partir dos relatos que o comportamento destes corpos era limitado ou influenciado, inclusive com a necessidade de ações de resistência, de modos específicos em cada espaço do seu lugar cotidiano. As violências relatadas eram desde físicas até verbais, veladas ou explícitas, sexuais, psicológicas, financeiras, e tantas outras, e se apresentavam de modos distintos em cada espaço de vivência diária.

Comumente os dados estatísticos de mortes violentas de pessoas que não correspondem aos padrões sociais de performatividade de gênero e de prática afetiva ou sexual servem como base argumentativa para a constatação da situação de opressão a que pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, *Queer*, Intersexuais, Assexuais e outras minorias de gênero e sexualidade (LGBTQIA+) são expostas no Brasil. De fato, não há como ignorar as alarmantes mais de 5.000 mortes violentas¹² de pessoas LGBTQIA+ no Brasil nos últimos 20 anos, o que titula o país “[...] como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais” (MICHELS; MOTT, 2019, p. 13). Este dado permite constatar que no Brasil pessoas que não atendam às práticas corporais da lógica binária, como as pessoas LGBTQIA+, são violentadas de modo letal, com o intuito de aniquilação do corpo, inclusive com mutilações, portanto é um dado que expõe os casos da violência extrema que visam a repressão da dissidência dos padrões de gênero e sexualidade por meio do extermínio dos corpos transgressores.

Contudo, os dados estatísticos de mortes violentas revelam somente a violência letal contra pessoas LGBTQIA+ no Brasil, não expressando outras violências as quais estes corpos são cotidianamente submetidos, e as quais resistem no seu dia a dia. Violências verbais (explícitas ou veladas), sexuais, físicas, psicológicas e outras, são ofuscadas diante da letalidade a que estes corpos são expostos, mas correspondem a uma realidade cotidiana destas pessoas e influenciam as ações destes corpos nos distintos espaços que ocupam e produzem na vida cotidiana. A não letalidade a corpos LGBTQIA+ não significa que em um determinado lugar dentro de uma lógica binária de gênero não existam violência aos corpos LGBTQIA+, elas ocorrem das mais variadas formas e podem culminar em casos de letalidade ou não.

Mesmo quando não culminam no homicídio ou suicídio de um corpo LGBTQIA+, essas violências diárias, sejam elas explícitas ou veladas, resultam em consequências na vida do corpo violentado. Essas violências, percebidas e vividas no lugar, consigo e com outros corpos

¹² Homicídios e suicídios.

transgressores, exigem medidas de segurança a estas pessoas, que se privam para evitar os diversos tipos de violência, além de uma postura de resistência a estas violências em distintos momentos da vida cotidiana. Essas violências cotidianamente vividas, que são motivadas pela lógica binária de gênero, influenciam como estes corpos transgressores ocupam e produzem os seus lugares.

Além da necessidade de compreendermos que corpos transgressores do binarismo de gênero são violentados no Brasil, é preciso que saibamos: onde e como estas violências ocorrem na vida cotidiana destes corpos? Como os corpos transgressores percebem, concebem e reagem ao padrão de performatividade do binarismo em seu lugar? E quais as consequências e os resultados dessa opressão nas ações e nas vivências dos corpos transgressores e na produção deste espaço regido por uma lógica binária? Nesta perspectiva, a presente pesquisa tem como objetivo geral compreender como os padrões de performatividade do binarismo de gênero influenciam a produção do espaço e as vivências dos corpos transgressores nos seus lugares cotidianos em Chapecó (SC). Ao encontro deste objetivo geral, os objetivos específicos compreendem: 1) entender como a lógica binária de gênero influencia a produção do espaço geográfico em Chapecó (SC); 2) identificar se os padrões de performatividade de gênero estabelecem espaços de alívio, de opressão, controversos e neutros aos corpos transgressores da heterocisnormatividade em Chapecó (SC); 3) compreender se a realidade espacial do lugar cotidiano dos corpos dissidentes do binarismo de gênero influencia a forma como estes performam gênero e sexualidade em Chapecó (SC); e 4) espacializar as experiências cotidianas no lugar dos corpos LGBT em Chapecó (SC) para a identificação de possíveis espaços de alívio, opressão, controversos e neutros.

A relevância deste estudo habita na necessidade urgente de debater localmente a temática, para, assim, se pensar políticas públicas que protejam, promovam cidadania e direitos humanos dessa parcela da população em Chapecó (SC) que dialoguem com a realidade vivida por estas pessoas nos seus lugares cotidianos. Também pela necessidade de mais estudos que busquem relacionar lugar, gênero e sexualidade em Chapecó, considerando a recente expansão de estudos de Geografia da Sexualidade e Gênero no Brasil e na América Latina. Nesta perspectiva, consideramos importante sistematizar um conhecimento que forneça uma base para elaboração de outros estudos acadêmicos que correlacionem os estudo de gênero e sexualidade com a Geografia em Chapecó, sobretudo se tratando de uma parcela populacional que é marginalizada e invisibilizada nas ações de Estado histórica e socialmente no Brasil. Ainda, cabe destacar que outro fator que justifica este movimento de pesquisa com o

estabelecimento de relação entre Geografia, sexualidade, gênero, e outras interseções corporais, é a ausência destes temas nos currículos deste curso de graduação em Geografia, e por compreendermos a urgência de se estudar a diversidade, principalmente considerando ser um curso destinado à formação de professores que cotidianamente terão de lidar com estes temas, direta ou indiretamente, na sala de aula da educação básica.

Esta pesquisa classifica-se como descritiva-exploratória e com uma abordagem metodológica qualitativa, sendo estruturada em um conjunto de cinco técnicas de coleta e análise de dados que foram detalhadas na seção 1.1 (Percurso teórico-metodológico) deste trabalho. Inicialmente realizamos a seleção e estudo dos referenciais bibliográficos dos campos da Geografia, do discurso, sexualidade, gênero e interseccionalidade em que se baseiam este trabalho, como Massey (2008), Lefebvre (2006), Butler (2020), Foucault (1999) e Crenshaw (2002). Nesta etapa também realizamos a seleção dos métodos utilizados na pesquisa e o estudo de obras acerca destes métodos, como o *Relief Maps* (RODÓ-DE-ZÁRATE, 2014) e a Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2011). O procedimento de pesquisa e estudo documental foi realizado com base em relatórios estatísticos produzidos por entidades civis, órgãos governamentais nacionais e instituições internacionais sobre as violências contra pessoas LGBTQIA+ no Brasil a partir do ano 2000. A terceira etapa consiste no estudo de caso por meio da realização de entrevistas semiestruturadas individuais, anônimas e voluntárias, com doze (12) pessoas LGBT residentes em Chapecó anteriormente a abril de 2019. Os 12 entrevistados foram selecionados buscando a maior diversificação possível de gênero, sexualidade, raça, renda e idade, dentre as trinta e duas (32) pessoas que manifestaram interesse em participar da pesquisa em um formulário eletrônico divulgado digitalmente por meio de redes sociais e e-mail entre os dias 01º e 30 de maio de 2021. A etapa procedimental de levantamento foi realizada no mesmo dia das entrevistas com os mesmos 12 participantes, por meio do preenchimento de informações das experiências no lugar cotidiano dos entrevistados no site da Universidade Aberta da Catalunha (Espanha), originando os *relief maps* (mapas de relevo da experiência). A última etapa compreende a preparação do material das entrevistas, com a transcrição das entrevistas e tratamento dos dados transcritos, e a análise do *corpus* de transcrições e dos *relief maps* com o método da Análise Textual Discursiva (ATD) a partir das orientações de Moraes e Galiuzzi (2011).

O trabalho está organizado em 6 seções, sendo que inicialmente nos dedicamos a um debate teórico com base nos estudiosos da Geografia sobre os conceitos de espaço e produção do espaço, lugar e corpo. Na sequência, passamos às discussões teóricas acerca do binarismo

de gênero, do sexo, do dispositivo histórico da sexualidade e da interseccionalidade. Na seção 4 apresentamos e discutimos alguns dados estatísticos de violências contra pessoas LGBTQIA+ no Brasil entre 2000 e 2020. Em seguida, dedicamos uma seção para buscar correlacionar os diversos conceitos abordados anteriormente para entender como o binarismo de gênero e o lugar cotidiano se relacionam. Na seção 6 apresentamos e analisamos os dados obtidos com as etapas metodológicas da ATD das entrevistas e dos *relief maps*, para compreender essa dinâmica entre espaço e gênero no lugar dos corpos LGBT em Chapecó. Por fim, tecemos algumas considerações finais.

1.1 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

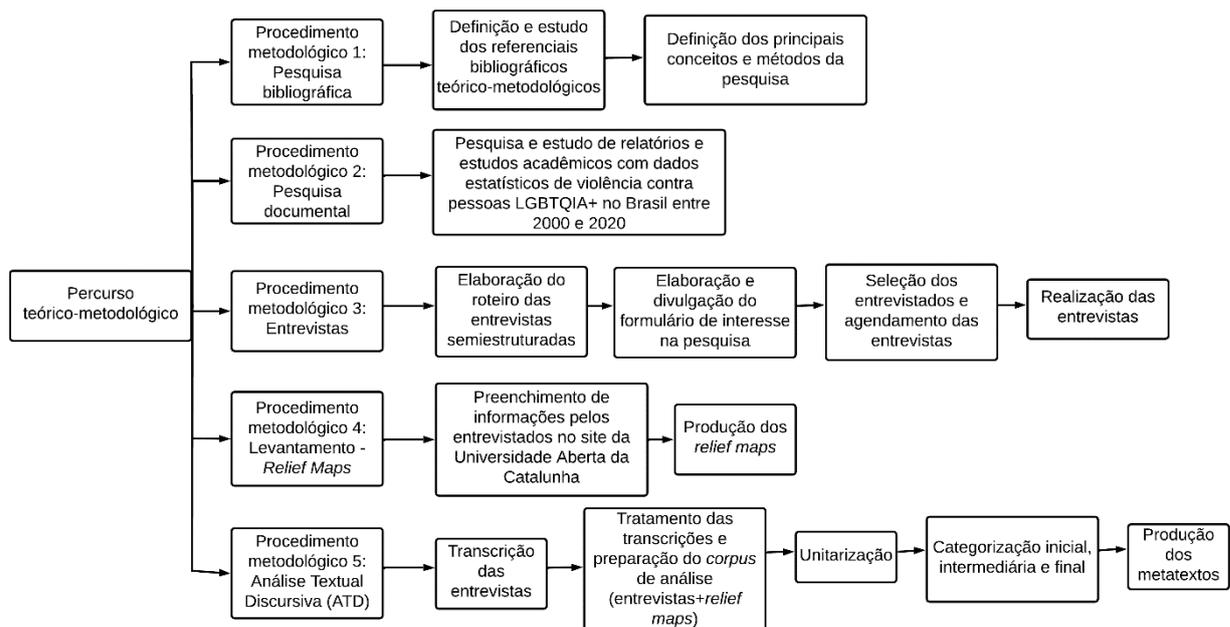
Segundo Gil (2008, p. 27), são definidas como pesquisas exploratórias aquelas que “[...] têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias [sic], tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. O autor ainda destaca que as “[...] pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”, sendo realizadas “[...] especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” (GIL, 2008, p. 27). Já as pesquisas descritivas são definidas pelo autor como sendo as que “[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis [...]”, sendo “[...] incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população” (GIL, 2008, p. 28). Considerando isto, classificamos esta pesquisa como exploratória-descritiva, tendo em vista que: ao mesmo tempo que objetivamos o estudo de uma temática pouco abordada em pesquisas acadêmicas em Chapecó, nos utilizando de técnicas que proporcionam uma visão geral e aproximativa, como entrevistas semiestruturadas e *relief maps*, para a coleta de dados qualitativos que podem servir como base para pesquisas posteriores, o que concerne à pesquisa um caráter exploratório; também buscamos compreender quais e como são as experiências dos corpos LGBT em seus distintos lugares de vivência cotidiana em Chapecó, e a influência do que estas pessoas percebem e vivem no seu lugar em relação ao gênero e a sexualidade nas ações destes corpos, o que também permite definirmos a pesquisa como descritiva.

A abordagem adotada nesta pesquisa é qualitativa, tendo em vista que um “[...] grande desafio nos estudos geográfico é possibilitar interfaces em suas diferentes áreas e distintos

campos [...]” e “[...] a pesquisa qualitativa tem o mérito de abarcar e valorizar os diferentes saberes” (LIMA; MOREIRA, 2015, p. 53), fornecendo “[...] diversas possibilidades de estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais, estabelecidas em vários ambientes” (SILVA; MENDES, 2013, p. 212). Ainda, pois, “[...] permite a produção de informações sobre pessoas, lugares e processos por meio do contato direto do pesquisador com a realidade estudada” (SILVA; MENDES, 2013, p. 212), apresentando-se “[...] como uma alternativa [...]”, que “[...] possibilita ao pesquisador apreender especificidades que as pesquisas de cunho eminentemente quantitativo lhe impossibilitariam desvelar” (LIMA; MOREIRA, 2015, p. 52). Portanto, compreendemos que os objetivos deste trabalho demandaram técnicas de coleta e análise de dados de caráter qualitativo, devido a necessidade de abordagem das subjetividades do que é percebido e concebido pelos corpos LGBTQIA+ em seus lugares de vivência cotidiana, como, por exemplo, as discursividades e as relações de poder cotidianas, que não são mensuráveis.

O conjunto de técnicas empenhadas nesta pesquisa está estruturado em cinco etapas, sendo: 1) pesquisa bibliográfica; 2) pesquisa documental; 3) entrevistas; 4) levantamento – *Relief Maps*, e; 5) análise de dados. O percurso teórico-metodológico está sintetizado na figura 1.

Figura 1 – Fluxograma síntese do percurso teórico-metodológico da pesquisa



Fonte: elaborado pelo autor, 2022.

A etapa inicial compreende definição e estudo dos referenciais bibliográficos teórico-metodológicos. Neste movimento, definimos os principais referenciais teóricos e os respectivos conceitos que embasam essa pesquisa. No campo da Geografia, nos embasamos na obra de Massey (2008) sobre o conceito de lugar cotidiano como categoria principal de análise espacial nesta pesquisa; e em Lefebvre (2006) aderimos teoricamente aos conceitos da tríade dialética da produção do espaço (percebido, concebido e vivido) e a categoria analítica do corpo. Nos campos de estudos de gênero temos como base a teoria de Butler (2020), devido a compreensão da estudiosa como o gênero sendo um conjunto de ações repetidas, repassadas e naturalizadas, portanto, para a autora, o gênero é ação, uma compreensão que permite uma abordagem geográfica sobre gênero e consequentemente sobre sexualidade. Em Foucault (1999) definimos como conceitos principais os de dispositivo histórico da sexualidade e poder. O poder, por ser compreendido pelo autor como ação, uma ação relativa ao poder-saber de um determinado tempo e espaço que se dá em todas as relações interpessoais da vida cotidiana no lugar. O dispositivo histórico da sexualidade, por elucidar as discursividades historicamente e socialmente produzidas para a manutenção do controle dos corpos, que são enunciadas ou não, mas sempre percebidas e concebidas na vida cotidiana, e, portanto, a conceituação do autor possibilita uma abordagem espacial da sexualidade como discursividade. Compreendendo que os corpos se tencionam cotidianamente com diversas estruturas de controle, nos amparamos no conceito de interseccionalidade na pesquisadora Crenshaw (2002) que alounhou o termo. A etapa inicial compreendeu ainda a definição e o estudo bibliográfico das técnicas de coleta e análise de dados que seriam utilizadas nesta pesquisa considerando seus objetivos. Definimos então três técnicas de coleta e análise que descreveremos adiante, sendo, as entrevistas semiestruturadas, os *relief maps* com base nas orientações de Rodó-de-Zárte (2014), e a Análise Textual Discursiva (ATD) a partir das recomendações de Moraes e Galiuzzi (2011).

A segunda etapa correspondeu à pesquisa e estudo documental de dados estatísticos sobre violências contra pessoas LGBTQIA+ em diversos espaços da vida cotidiana no Brasil, bem como a observação de um panorama geral dos avanços na conquista de direitos desta parcela da população no país nas últimas décadas. O intuito desta etapa foi compreender o panorama de violências e violações aos corpos LGBT no Brasil, nos distintos lugares que estes corpos ocupam e produzem, sobretudo na última década, mas também identificar as principais conquistas de direitos por meio da resistência destes corpos no país. Os relatórios de violências contra pessoas LGBTQIA+ estudados são de entidades civis, órgãos governamentais nacionais

e instituições internacionais, bem como artigos e livros resultantes de pesquisas acadêmicas e estão sintetizados no quadro 1.

Quadro 1 – Relatórios e artigos acadêmicos estudados acerca da violência contra corpos LGBTQIA+ no Brasil

Título do documento	Organizador/autor	Ano
Relatório anual de mortes violentas de LGBTI no Brasil	Grupo Gay da Bahia (GGB)	2000 - 2020
Dossiê de assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras	Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA) e Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE)	2020
Pesquisa nacional sobre o ambiente escolar no Brasil	Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT)	2016
Anuário brasileiro de segurança pública	Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)	2021
Relatório anual do Disque Direitos Humanos (DDH)	Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos/Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos	2021
Atlas da Violência	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)	2021
Relatório da Violência Contra Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo nas Américas	Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH)	2015
Manual de Promoção dos Direitos Humanos de Pessoas LGBT no Mundo do Trabalho	Organização Internacional do Trabalho (OIT); Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD); Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (UNAIDS)	2015
“Dificuldades vividas por pessoas trans no acesso ao Sistema Único de Saúde”	ROCON <i>et al.</i>	2016
“Homossexualidade e homofobia: a heterossexualidade é mais correta que a homossexualidade?”	CONSTANTINO e KRAEMER	2016
“Juventudes e Sexualidade”	CASTRO, ABRAMOVAY e SILVA	2004

Fonte: elaborado pelo autor, 2022.

A terceira etapa corresponde à preparação e realização das entrevistas semiestruturadas individuais. A entrevista é conceituada por Gil (2008, p. 109) como uma “[...] técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”, sendo “[...] uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de

informação.” O uso desta técnica qualitativa justifica-se metodologicamente segundo o autor, pois é eficaz na “[...] obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem [*sic*], esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes” (GIL, 2008, p. 109). Assim, essa técnica integra o conjunto metodológico da pesquisa considerando os objetivos do estudo, que demandam compreender as percepções e concepções dos corpos LGBT nas suas experiências diárias em seus lugares de vivência cotidiana em Chapecó. Tratam-se, portanto, de dados que somente podem ser acessados a partir das narrativas destas pessoas.

As entrevistas foram realizadas de modo semiestruturado devido a flexibilidade proporcionada por este formato de entrevista, que obedece “[...] a um roteiro que é apropriado [...] e utilizado pelo pesquisador [...]”, o qual serve como um direcionamento para a conversa, mas “[...] sem se prender à pergunta formulada” (BATISTA; MATOS; NASCIMENTO, 2017, p. 12), permitindo uma adaptação aos questionamentos que serão feitos pelo entrevistador, buscando aprofundar algum tema específico no decorrer do diálogo. Ainda se justifica o uso de entrevistas semiestruturadas, pois, conforme argumentam Batista, Matos e Nascimento (2017, p. 12), esta técnica tem como vantagem facilitar

[...] a compreensão do mundo da vida do entrevistado ou de grupo sociais especificados. Essa compreensão contribui para um número de diferentes empenhos na pesquisa por meio de uma descrição detalhada. E conseqüentemente essa descrição poderá ser empregada como uma base na construção de um referencial para pesquisas futuras.

O roteiro da entrevista foi elaborado em 14 perguntas organizadas em três blocos, considerando os objetivos da pesquisa, e foi sistematizado no quadro 2. O primeiro bloco destina-se a compreender o perfil do entrevistado e os lugares cotidianos que estes corpos ocupam, além de servir como um momento de descontração, considerando que ao longo da entrevista os temas abordados serão sensíveis, o que torna este primeiro momento de aproximação importante. As perguntas que integram o segundo bloco dedicam-se a aprofundar o tema da pesquisa, de modo que são perguntas muito abertas em que o participante precisa elaborar mais suas narrativas para responder. São perguntas mais técnicas e complexas que servem para o aprofundamento do tema de pesquisa. O terceiro e último bloco se dedica a perguntas abertas e mais pessoais, sensíveis, emocionais e/ou polêmicas, e que o entrevistado pode não se sentir confortável para responder, o que poderia atrapalhar o início das entrevistas. O bloco 3 destina-se ainda ao aprofundamento em questões que o entrevistador sentiu necessidade no decorrer das perguntas anteriores, sendo de livre elaboração do entrevistador no

momento da entrevista. A última pergunta do bloco três serve também como um momento em que o entrevistado pode ressaltar algo que julgue necessário, ou que não tenha sido abordado no decorrer da entrevista.

Quadro 2 – Roteiro das entrevistas semiestruturadas

<p>Bloco 1 – Perfil do Entrevistado</p> <p>Pergunta 1: Vamos começar falando sobre quem é você, nome, idade, gênero e sexualidade, etnia, renda, escolaridade, estado civil e profissão.</p> <p>Pergunta 2: Quais lugares você frequenta cotidianamente em sua vida, e com quem você convive diariamente?</p>
<p>Bloco 2 – Lugar Cotidiano e Performatividade de Gênero</p> <p>Pergunta 3: Como é a sua relação com seu gênero e sexualidade, e como é a relação sobre isso com as outras pessoas com quem você convive nestes lugares que frequenta cotidianamente?</p> <p>Pergunta 4: Você vivenciou alguma situação de violência/discriminação ou acolhimento por questões ligadas a gênero, sexualidade ou raça, com você ou com outras pessoas? Se sim, como reagiu a estas situações?</p> <p>Pergunta 5: Como é a sua relação com a sua performatividade de gênero e sexualidade nesses lugares que você frequenta cotidianamente? Você modifica a sua forma de performar dependendo do lugar e das pessoas com quem você está? Se, sim, como isto acontece?</p> <p>Pergunta 6: Como você define a forma que performa seu gênero e sexualidade nos espaços que você frequenta do seu dia a dia?</p> <p>Pergunta 7: Existem situações em que você define os lugares que irá, ou não, frequentar, por sentir medo ou segurança, com base em questões de gênero, sexualidade, raça ou renda? Se sim, que situações são essas e como você decide?</p> <p>Pergunta 8: Qual a sua relação, em questões de gênero, sexualidade e raça com os espaços públicos que você frequenta em Chapecó, como ruas, praças, estabelecimentos de saúde, escolas e universidades, delegacias e/ou outras instituições de Estado? Qual a sensação que estes espaços lhe causam?</p> <p>Pergunta 9: Qual a sua relação, em questões de gênero, sexualidade e raça com os espaços privados de sociabilidade, como bares, danceterias, restaurantes, pizzarias, boates? Qual a sensação que estes espaços lhe causam?</p> <p>Pergunta 10: Qual a sua relação, em questões de gênero e sexualidade com transporte público ou carro por aplicativo? Qual a sensação que estes espaços lhe causam?</p>

Pergunta 11: Qual a sua relação, em questões de gênero e sexualidade com lugares da sua vida privada, como a sua casa, a de familiares e amigos?

Pergunta 12: Qual a sua relação, em questões de gênero e sexualidade no seu ambiente de trabalho?

Bloco 3 – Questões livres e mais delicadas – gênero e sexualidade no lugar cotidiano

Pergunta 13: Como você define os espaços em que se sente seguro ou não para flertar, se relacionar afetivamente, ou demonstrar afeto com um/a companheiro/a ou paquera? Quais são esses espaços?

Pergunta 14: Teve algo do que conversamos hoje que eu não tenha perguntado, mas você acha importante ressaltar?

Fonte: elaborado pelo autor, 2022.

Após a elaboração do roteiro das entrevistas semiestruturadas, realizamos a confecção e divulgação de formulário eletrônico do Google, visando angariar pessoas LGBT residentes em Chapecó pelo menos um ano antes do início da pandemia da Covid-19, interessadas em participar de forma anônima e voluntária da pesquisa. O período de residência em Chapecó exigido foi definido considerando que durante o período mais crítico da pandemia da Covid-19 (2020 – 2022) na cidade muitas pessoas restringiram a sua circulação, vivendo cotidianamente em menos lugares. Caso selecionássemos pessoas que residiram em Chapecó somente durante o período da pandemia, teríamos uma quantidade de lugares muito restritos para a pesquisa, e por este motivo a pessoa entrevistada deveria residir na cidade a pelo menos um ano quando as medidas de restrição de circulação se tornaram necessárias, em 2020. O formulário eletrônico foi divulgado entre os dias 01º e 30 de maio de 2021, por e-mail, com o apoio da Secretaria Acadêmica do *Campus* Chapecó da UFFS para os acadêmicos, docentes e técnico-administrativos da universidade, e também por meio das redes sociais do pesquisador, e da União Nacional LGBT, seção Chapecó (UNA LGBT). Dentre as informações solicitadas aos entrevistados no formulário estavam informações que permitiriam traçarmos o perfil dos interessados, como: gênero, orientação sexual, raça, renda e idade.

Após o encerramento do período de divulgação do formulário constatamos o interesse de 32 pessoas em participar da pesquisa, das quais selecionamos 12 pessoas. As pessoas selecionadas para participar das entrevistas foram escolhidas buscando a maior diversificação possível dentre os interessados em gênero, sexualidade, raça, renda e idade. O quadro 3 sintetiza o perfil das pessoas selecionadas para participar da entrevista contendo as seguintes informações: código do entrevistado, gênero, sexualidade, raça, renda e idade. As informações

que constam no quadro 3 foram informadas pelos entrevistados no formulário de interesse e durante a entrevista, de modo que são autodeclarações de gênero, sexualidade e raça. Os códigos dos entrevistados foram criados para a garantia do anonimato das pessoas participantes, e considerando a necessidade de identificação destas categorias identitárias na posterior análise das entrevistas. Os códigos apresentados no quadro servirão neste trabalho como um identificador dos entrevistados, e foram elaborados considerando: gênero – duas primeiras letras (HC, MC, MT, NB e TR)¹³; sexualidade – terceira letra (G; L; B; I; H)¹⁴; raça – quarta e quinta letra (Br; Pt; Pd)¹⁵; e idade – dois números do final. Deste modo, o código HCGBr28, corresponde a um homem cisgênero, gay, branco de 28 anos.

Quadro 3 – Perfil dos entrevistados

Código do entrevistado	Gênero	Sexualidade	Raça	Idade	Renda¹⁶
HCGBr28	Homem Cisgênero (HC)	Gay (G)	Branco (Br)	28	4
HCGBr57	Homem Cisgênero (HC)	Gay (G)	Branco (Br)	57	6
HCIPT28	Homem Cisgênero (HC)	Indefinida (I) ¹⁷	Preto (Pt)	28	3
HCGPd29	Homem Cisgênero (HC)	Gay (G)	Pardo (Pd)	29	1
HCGPt29	Homem Cisgênero (HC)	Gay (G)	Preto (Pt)	29	>1
MCBBr18	Mulher Cisgênero (MC)	Bissexual (B)	Branca	18	> 1
MCBPd25	Mulher Cisgênero (MC)	Bissexual (B)	Parda (Pd)	25	> 1
MCLBr23	Mulher Cisgênero (MC)	Lésbica (L)	Branca (Br)	23	7
MTHPd45	Mulher Transgênero (MT)	Heterossexual (H)	Parda (Pd)	45	1,5

¹³ Homem Cisgênero (HC); Mulher Cisgênero (MC); Mulher Transgênero (MT); Pessoa Não Binária (NB); e Travesti (TR).

¹⁴ Gay (G); Lésbica (L); Bissexual (B); Indefinida (I); e Heterossexual (H).

¹⁵ Branco (Br); Preto (Pt); e Pardo (Pd).

¹⁶ Em salários mínimos de 2021 (R\$ 1.100,00).

¹⁷ O entrevistado HCIPT28 informou que se relaciona afetiva e sexualmente com homens e mulheres, mas que não gosta de ser rotulado como homossexual ou bissexual.

NBLBr25	Pessoa Não Binária (NB) ¹⁸	Lésbica (L)	Branca (Br)	25	1
NBLPt24	Pessoa Não Binária (NB)	Lésbica (L)	Preta (Pt)	24	1
TRHPt24	Travesti (TR)	Heterossexual (H)	Preta (Pt)	24	1

Fonte: elaborado pelo autor, 2022.

Após a seleção dos entrevistados¹⁹, realizamos o contato para o agendamento da entrevista com os 12 interessados selecionados por *WhatsApp*. As entrevistas foram agendadas e realizadas entre os dias 20 de novembro e 02 de dezembro de 2021 remotamente, por meio das plataformas de videochamada *Google Meeting* e *Skype* de acordo com a necessidade de cada entrevistado. As entrevistas foram realizadas remotamente considerando o contexto de pandemia, e todas as videochamadas foram gravadas para posterior transcrição, sendo que em seguida todos os arquivos de vídeo foram definitivamente excluídos. Todos os entrevistados realizaram as entrevistas de modo individual, voluntário e com o compromisso do anonimato. Além disso, apresentamos no momento da entrevista uma carta de apresentação da pesquisa com compromisso ético sobre as informações fornecidas (Apêndice A).

Outro método definido e utilizado nesta pesquisa foi o levantamento por meio do instrumento *relief maps* - mapas de relevo da experiência (Apêndice B), com base nas orientações da idealizadora da técnica Rodó-de-Zárate (2014). Segundo a pesquisadora (2014, p. 927, tradução nossa), mapas de relevo da experiência são “[...] simultaneamente uma proposta metodológica, uma forma de analisar dados de uma perspectiva interseccional, uma maneira de exibir dados de uma forma visual e uma conceitualização da interseccionalidade em si”. Esta ferramenta tem, segundo a autora (2014), a finalidade de desvelar espacialmente privilégios e opressões, sendo construídos como uma ferramenta para analisar visualmente, exibindo dados interseccionais de pesquisas empíricas e como uma forma de conceituar interseccionalidade. Deste modo, o *relief maps* “[...] é uma imagem que mostra as diferentes experiências vividas que as pessoas têm em diferentes lugares de acordo com diferentes estruturas de poder” (RODÓ-DE-ZÁRATE, 2014, p. 927, tradução nossa).

¹⁸ Pessoa Não-Binária – “[...] refere-se à pessoa cuja identidade de gênero não é nem homem nem mulher, está entre os gêneros ou além, ou é uma combinação de gêneros. Essa identidade é geralmente uma reação à construção social do gênero, aos estereótipos de gênero e ao sistema binário de gênero. Algumas pessoas não binárias se colocam sob o guarda-chuva dos transgêneros, enquanto outras não. Algumas pessoas não-binárias podem se identificar como: gênero fluido, gênero neutro, bigênero, *genderless*.” (CADERNO, 2017, p. 113).

¹⁹ Optamos por utilizar linguagem masculina universal neste trabalho.

Rodó-de-Zárate (2014, p. 931, tradução nossa) defende que um mapa de relevo da experiência “[...] não é um ‘gráfico’ nem uma quantificação da experiência vivida, mas sim uma representação simbólica das narrativas em um quadro espacialmente organizado”. Ele é “[...] capaz de identificar quais identidades foram responsáveis por certas experiências no espaço público” (RODÓ-DE-ZÁRATE, 2014, p. 927, tradução nossa). Neste sentido, é “[...] uma metodologia para analisar dados complexos sobre interseccionalidade para torná-los mais visuais e tornar mais fácil analisar a relação entre experiência vivida, estruturas de poder e lugares” (RODÓ-DE-ZÁRATE, 2014, p. 927, tradução nossa).

O mapa de relevo de experiência correlaciona três dimensões: a dimensão social (estruturas de poder), a dimensão geográfica (lugares) e a dimensão psicológica (a experiência vivida e sua narrativa). Na dimensão social integram as estruturas de poder de raça, gênero, sexualidade, classe e outras possibilidades. O pesquisador pode definir quais serão as estruturas de poder estudadas nesta dimensão, mas a interseccionalidade envolve prioritariamente gênero, raça e classe social. Rodó-de-Zárate (2014) destaca que “[...] são as estruturas de poder que estão representadas nos mapas de relevo, não as categorias”, pois, o *relief maps* representa

[...] a experiência gerada pela estrutura de poder, mas não há representação visível da posição específica da pessoa. No que diz respeito ao gênero, se o sujeito é mulher, homem, trans, intersexo ou não tem gênero definido a identidade não é retratada. Mas mesmo assim o mapa de relevo permite ver se há algum desconforto causado pelo gênero e, portanto, destaca qualquer opressão material vivenciada também destacando qualquer privilégio (RODÓ-DE-ZÁRATE, 2014, p. 929, tradução nossa).

Já na dimensão geográfica, os locais são classificados em quatro tipologias segundo Rodó-de-Zárate (2014, p. 929, tradução nossa): “lugares de opressão, onde se tem uma importante experiência de desconforto mesmo que seja causado apenas por uma identidade”; “[...] lugares controversos, [...] onde se sente desconforto devido a uma identidade específica, mas essas são uma fonte de conforto ou alívio para outra identidade”, “[...] lugares neutros, onde nenhuma identidade é acentuada de forma importante [...]”, e “[...] locais de alívio, locais que são procurados ou criados porque fornecem liberação de alguma identidade e geram conforto significativo.”

A dimensão psicológica está relacionada com a experiência vivida ou a narrativa da experiência vivida, e, portanto, não é representada visualmente nos mapas de relevo da experiência. É com base nesta narrativa que se constroem e interpretam os mapas, e por este motivo, os *relief maps* “[...] sempre exigem uma entrevista ou narrativa para acompanhá-los, para complementá-los e torná-los compreensíveis, bem como permitir a busca por consistência

entre o que é dito, o que é representado e como é analisado na pesquisa” (RODÓ-DE-ZÁRATE, 2014, p. 929, tradução nossa).

Considerando as orientações da pesquisadora, os *relief maps* foram produzidos a partir do preenchimento de informações em um projeto criado pelo pesquisador em um site aberto gerenciado pela Universidade Aberta da Catalunha²⁰. O levantamento foi realizado com os mesmos 12 participantes da entrevista, e o preenchimento das informações no site foi feito logo em seguida às entrevistas, com o auxílio do entrevistador que acompanhava o preenchimento com o uso do recurso de transmissão de tela das plataformas *Skype* ou *Google Meeting*. Na elaboração do projeto no *site* pré-definimos na dimensão social cinco estruturas de poder: gênero, sexualidade, raça, renda e idade. Na dimensão geográfica pré-definimos cinco lugares como obrigatórios, sendo: casa do entrevistado, rua, praça, corpo, município/cidade. Também orientamos que o entrevistado inserisse outros lugares de acordo com sua realidade narrada nas entrevistas. A dimensão geográfica foi construída conjuntamente com os entrevistados e no quadro 4 apresentamos uma síntese dos lugares mencionados nos *relief maps*, com as respectivas tipologias em que os entrevistados os definiram (lugares de alívio, neutros, controversos ou de opressão) e que serão objeto de estudo nesta pesquisa.

Quadro 4 – Lugares representados nos *relief maps* pelos entrevistados

Lugares representados nos <i>relief maps</i>	Total de menções	Menções como lugar de alívio	Menções como lugar neutro	Menções como lugar controverso	Menções como lugar de opressão
Residência de Familiares	11	4	3	1	3
Residência de Amigos	12	10	2	-	-
Minha Residência	12	10	2	-	-
Residência do namorado/a	1	1	-	-	-
Rua	12	-	2	8	2
Praça	12	1	2	7	2
Parque	4	1	1	1	1

²⁰ Disponível em: <https://reliefmaps.cat/ca/>.

Banheiro Público	1	-	-	1	-
Transporte Público/Carro por app	6	1	1	2	2
Município/Cidade	12	-	1	9	1
Partidos políticos e movimentos sociais	3	-	1	1	1
Meu corpo	12	9	2	1	-
Curso de Inglês	2	1	1	-	-
Universidade	6	3	2	1	-
Curso de teatro	1	-	-	1	-
Shopping	3	1	1	1	-
Restaurante/Lanchonete/Pizzaria	3	-	3	-	-
Supermercado	1	-	-	1	-
UBS/UPA/Hospital	4	1	1	1	1
Igreja cristã	2	-	1	1	-
Centro de Umbanda	1	1	-	-	-
Boate	6	-	1	5	-
Bar	3	-	-	3	-
Teatro	1	-	1	-	-
Cinema	1	-	1	-	-
Espaços esportivos	3	1	1	1	-
Ambiente de Trabalho	6	-	3	2	1
Total: 12	27	139	46	33	46

Fonte: elaborado pelo autor, 2022.

A última etapa do percurso teórico metodológico compreende a transcrição das 12 entrevistas, preparação do material e a análise. Inicialmente, realizamos a transcrição das entrevistas gravadas na íntegra de modo manual, sem auxílio de programas, sendo ao todo 18 horas de gravação transcritas. Também inserimos na transcrição os comentários deixados pelos entrevistados nos *relief maps*. Em seguida, realizamos a preparação do material que compreende: ocultação de informações que permitiriam a identificação do entrevistado ou de terceiros e dos lugares frequentados cotidianamente; a remoção de trechos da entrevista que permitiriam a identificação do entrevistado; e a remoção de trechos da entrevista a pedido do entrevistado. Após a preparação do material, iniciamos a análise com o uso da metodologia da Análise Textual Discursiva (ATD) proposta por Moraes e Galiazzi (2011), e que compreende três etapas: unitarização e codificação, categorização, e elaboração de metatextos interpretativos.

Segundo Moraes e Galiazzi (2006, p. 118), “[...] a análise textual discursiva é uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa que são a análise de conteúdo e a análise de discurso”. Ao mesmo tempo que este método de análise disponibiliza uma sequência de etapas bem definidas, o que se assemelha à metodologia da análise do conteúdo, permite a identificação de subjetividades no discurso, como as que são relativas às experiências com as estruturas de poder no lugar cotidiano, assemelhando-se ao método da análise do discurso. A sequência de procedimentos na ATD é composta por três movimentos: a unitarização/codificação, categorização e a produção de metatextos. Neste sentido Moraes e Galiazzi (2006, p. 118) referem que

A análise textual discursiva é descrita como um processo que se inicia com uma unitarização em que os textos são separados em unidades de significado. Estas unidades por si mesmas podem gerar outros conjuntos de unidades oriundas da interlocução empírica, da interlocução teórica e das interpretações feitas pelo pesquisador. Neste movimento de interpretação do significado atribuído pelo autor exercita-se a apropriação das palavras de outras vozes para compreender melhor o texto. Depois da realização desta unitarização, que precisa ser feita com intensidade e profundidade, passa-se a fazer a articulação de significados semelhantes em um processo denominado de categorização. Neste processo reúnem-se as unidades de significado semelhantes, podendo gerar vários níveis de categorias de análise. A análise textual discursiva tem no exercício da escrita seu fundamento enquanto ferramenta mediadora na produção de significados e por isso, em processos recursivos, a análise se desloca do empírico para a abstração teórica, que só pode ser alcançada se o pesquisador fizer um movimento intenso de interpretação e produção de argumentos. Este processo todo gera metatextos analíticos que irão compor os textos interpretativos (MORAES; GALIAZZI, 2006, p. 118).

Assim, conforme argumentam Moraes e Galiazzi (2006, 2011), na unitarização são realizados três movimentos distintos: a fragmentação, a codificação e a titulação. Na fragmentação o analista irá desmontar o texto em pequenos trechos que expressem algum sentido unitário. Ou seja, o analista fragmenta o discurso em pequenos trechos como frases ou partes de frases que possam expressar algum sentido. Esses trechos de sentido são denominados Unidades de Análise (UA). Nesta etapa serão realizadas mais duas ações: a codificação e a titulação de cada UA. A codificação consiste em dar um código a cada sujeito de pesquisa e para cada UA, que permitam compreender quem é o entrevistado e o contexto da UA dentro do todo transcrito. Por fim, a titulação da UA consiste em dar um título que expresse de forma sintetizada as ideias do significado expresso na unidade e que conversem com os objetivos e o referencial bibliográfico da pesquisa.

A etapa seguinte da ATD consiste na categorização que é realizada em três movimentos: Categorização Inicial (CI); Categorização Intermediária (CM) e Categorização Final (CF). Na CI devem ser agrupadas as UA em que se identifiquem elementos em comum, considerando os objetivos da pesquisa e os referenciais bibliográficos. Em seguida é realizada a CM, e se assemelha muito com a CI, mas a ideia é unir as CI em grupos de aproximação de sentido. O último movimento da ATD envolve a CF e seu respectivo metatexto. Nesta etapa, o analista vai novamente unir as CM que possuem aproximação conceitual e temática em acordo com seus objetivos de pesquisa. O nome de cada categoria deve expressar os elementos comuns apreendidos pelo analista. O último movimento é a produção dos metatextos, que são produzidos primeiramente para as CM, e em seguida para as CF. O metatexto consiste em uma interpretação descritiva textual dos dados agrupados em cada categoria pelo analista, e são produzidos em diálogo com os objetivos da pesquisa e os referenciais teóricos.

Considerando as orientações dos autores, o *corpus* de análise, que é composto pelas 12 entrevistas transcritas e tratadas e os comentários preenchidos nos *relief maps*, foi fragmentado em 647 UA, que foram codificadas e tituladas. Em seguida, as categorias iniciais foram definidas considerando qual estrutura de poder (gênero, sexualidade, raça, renda, idade) e em qual lugar da vida cotidiana a narrativa da UA se referia, como por exemplo, quando uma fala se referia a estrutura de poder gênero, e o entrevistado estivesse se referindo a algum acontecimento ou sentimento relativo à rua, a CI seria “Gênero na rua”. Cabe destaque que um entrevistado mencionou violências xenofóbicas relativas à região de origem, e deste modo criamos duas categorias iniciais que contemplassem esta estrutura. Assim, ao todo, foram criadas 97 CI.

As 39 CM foram estruturadas considerando o lugar cotidiano a que se referiam as CI. Podemos retomar o exemplo anterior da CI “Gênero na rua”: tanto a CI “Gênero na rua” quanto as CI “Sexualidade na rua” e “Raça na rua” foram agrupadas na CM “Rua”. Deste modo, buscamos compreender como essas distintas estruturas de poder se apresentam aos corpos LGBT de modo interseccional em cada um dos espaços que vivem cotidianamente, e que possuem dinâmicas e interações específicas.

Na categorização final consideramos funções comuns destes distintos espaços cotidianos para o agrupamento das CM em 14 CF. Embora cada espaço da vida cotidiana tenha interações específicas, em alguns casos as formas de interação e as estruturas de poder se arranjam de modo semelhante. Podemos pensar, neste sentido, nas semelhanças de interações que se estabelecem no íntimo da residência de uma pessoa com as que se tem na residência de um amigo ou familiar por se tratar de relações com pessoas conhecidas em um ambiente privado. Ainda, semelhanças de interações entre professores e alunos em uma escola ou universidade, as semelhanças entre uma boate e um bar, ou ainda podemos mencionar nas interações com desconhecidos na rua ou na praça. Como exemplo, os espaços que foram registrados nas UA e têm caráter domiciliar como “residência do entrevistado”, “residência de familiares do entrevistado”, “residência de amigos do entrevistado” e “residência do companheiro do entrevistado” foram agrupadas na CF “Espaços domésticos”. O mesmo critério foi adotado para as demais categorias. As CI, CM e CF estão sintetizadas no quadro 5.

A síntese do percurso metodológico desenvolvido na ATD consta no quadro do Apêndice C, o qual está sendo publicado conjuntamente com o trabalho considerando a possibilidade de averiguação pelo leitor das interpretações dos metatextos, bem como para o registro público das narrativas de experiências vividas nos lugares dos entrevistados.

Quadro 5 – Síntese das categorias da Análise Textual Discursiva (ATD)

Categoria Final (CF)	Categoria Intermediária (CM)	Categoria Inicial (CI)
Espaços domésticos	Residência do entrevistado	Gênero na residência do entrevistado
		Sexualidade na residência do entrevistado
	Residência de Familiares do entrevistado	Gênero na residência de familiares do entrevistado
		Sexualidade na residência de familiares do entrevistado

		Raça na residência de familiares do entrevistado
		Renda na residência de familiares do entrevistado
	Residência de amigos do entrevistado	Gênero na residência de amigos do entrevistado
		Sexualidade na residência de amigos do entrevistado
	Residência do companheiro do entrevistado	Gênero na residência do companheiro do entrevistado
		Sexualidade na residência do companheiro do entrevistado
Espaços de passagem	Rua	Gênero na rua
		Sexualidade na rua
		Raça na rua
		Renda na rua
		Idade na rua
	Praça	Gênero na praça
		Sexualidade na praça
		Raça na praça
	Parque	Sexualidade no parque
	Terminal de transporte público coletivo urbano	Gênero no terminal de transporte público coletivo urbano
Banheiro Público	Gênero em banheiro público	
	Sexualidade em banheiro público	
Espaços Educativos	Curso pré-vestibular	Gênero no curso pré-vestibular
	Universidade	Gênero na universidade
		Sexualidade na universidade
		Raça na universidade
		Renda na universidade
	Curso profissionalizante	Naturalidade no curso profissionalizante
	Escola de Educação Básica	Gênero na escola
Sexualidade na escola		
Raça na escola		
Espaços de Lazer	Boate	Gênero na boate
		Sexualidade na boate
		Raça na boate
		Renda na boate

	Festa de comunidade	Gênero na festa de comunidade
		Sexualidade na festa de comunidade
	Bar	Gênero no bar
		Sexualidade no bar
		Raça no bar
		Renda no bar
	Espaços esportivos	Gênero nos espaços esportivos
		Sexualidade nos espaços esportivos
	Restaurante/Lanchonete/ Pizzaria	Gênero em Restaurante/Lanchonete/Pizzaria
		Sexualidade em Restaurante/Lanchonete/Pizzaria
		Raça em Restaurante/Lanchonete/Pizzaria
		Renda em Restaurante/Lanchonete/Pizzaria
Espaços comerciais	<i>Shopping</i>	Sexualidade no <i>shopping</i>
		Raça no <i>shopping</i>
	Lojas	Raça em lojas
		Naturalidade em lojas
	Feira	Gênero na feira
	Supermercado	Gênero no supermercado
Raça no supermercado		
Renda no supermercado		
Transportes	Veículo Próprio	Gênero em veículo próprio
	Carro por aplicativo	Renda em Carro por aplicativo
		Gênero em Carro por aplicativo
Transporte Público	Gênero em Transporte Público	
Município/Cidade	Município/Cidade	Gênero em Chapecó
		Sexualidade em Chapecó
		Raça em Chapecó
		Renda em Chapecó
Espaços de atuação política	Movimentos sociais	Gênero nos movimentos sociais
		Sexualidade nos movimentos sociais
	Partidos políticos	Gênero em partido político

		Sexualidade em partido político
		Raça em partido político
		Renda em partido político
		Idade em partido político
	Sindicato	Gênero em sindicato
Corpo	Corpo	Gênero no corpo
		Sexualidade no corpo
		Raça no corpo
		Renda e corpo
		Idade no corpo
Espaços de saúde	Unidade de Pronto Atendimento (UPA)	Gênero na UPA
	Rede Feminina de Combate ao Câncer	Gênero na Rede feminina de Combate ao Câncer
	Consultório de Psicologia	Gênero no Consultório de Psicologia
	Clínicas	Gênero em clínicas
		Raça em clínicas
	Hospital Regional do Oeste (HRO)	Gênero no HRO
		Sexualidade no Hospital Regional do Oeste (HRO)
		Raça no Hospital Regional do Oeste (HRO)
Idade no Hospital Regional do Oeste (HRO)		
Espaços Profissionais	Ambiente de Trabalho	Gênero no ambiente de trabalho
		Sexualidade no ambiente de trabalho
		Raça no ambiente de trabalho
		Renda no ambiente de trabalho
Espaços Religiosos	Igreja cristã	Gênero na igreja cristã
		Sexualidade na igreja cristã
Ciberespaço	Redes Sociais	Gênero nas redes sociais
		Sexualidade nas redes sociais
		Raça nas redes sociais
Espaços da segurança pública e judiciário	Ministério Público	Gênero no Ministério Público
	Delegacia	Gênero na delegacia

Fonte: elaborado pelo autor, 2022.

O último movimento realizado na análise foi a elaboração dos 39 metatextos das categorias intermediárias, que foram sintetizados em 14 metatextos das categorias finais. Os metatextos compreendem como produto destas análises, de modo que correspondem

[...] a construção de um novo texto, um metatexto que tem sua origem nos textos originais, expressando um olhar do pesquisador sobre os significados e sentidos percebidos nesses textos. Esse metatexto constitui um conjunto de argumentos descritivo-interpretativos capaz de expressar a compreensão atingida pelo pesquisador em relação ao fenômeno pesquisado, sempre a partir do corpus de análise (MORAES, 2003, p. 201-202).

2 ESPAÇO GEOGRÁFICO, LUGAR COTIDIANO E CORPO COMO CATEGORIAS ESPACIAIS DE ANÁLISE

Embora o termo espaço possa parecer uma obviedade conceitual, esta palavra carrega especificidades em seus significados a depender do contexto e dos referenciais assumidos em sua concepção. Neste sentido Lefebvre (2006, p. 21) refere-se à pluralidade de significados possíveis ao espaço: “[...] espaço disto e/ou espaço daquilo: espaço literário, espaços ideológicos, espaço do sonho [...]”. Corrêa (2000, p. 15) em uma articulação conceitual debate sobre as múltiplas compreensões da palavra espaço em seu uso cotidiano, e ainda cita outras adjetivações espaciais comuns, como “[...] espaço sideral, espaço topológico, espaço econômico e espaço pessoal”. No mesmo sentido, Massey (2008, p. 15) argumenta que “[...] importa o modo como pensamos o espaço”, e problematiza o esvaziamento de sentido da palavra, sendo uma concepção herdada sem ser ativamente pensada pelos sujeitos, tornando-se “[...] uma imaginação com a força implacável do evidentemente óbvio” (MASSEY, 2008, p. 39). Podemos notar que mesmo na Geografia, ciência que assume o espaço como seu objeto de estudo, este conceito é dotado de múltiplas concepções.

Evidencia-se, a partir do que referem os estudiosos supracitados, a necessidade de delinear o que entendemos como espaço e suas dimensões nesta pesquisa. Assim, antes que possamos nos aprofundar nas complexidades imbricadas nas inter-relações entre o objeto de estudo da Geografia com o gênero e a sexualidade, faremos uma abordagem teórica sobre as três categorias de análise espacial envolvidas nesta pesquisa: o espaço geográfico e sua produção, o lugar cotidiano e o corpo. Isso, pois, compreendemos que o gênero, o sexo e a sexualidade são elementos geográficos componentes materiais e imateriais do espaço, o qual possui centralidade nesta pesquisa. Também, porque as compreensões destas escalas conceituais podem assumir especificidades a depender dos referenciais teóricos utilizados como referido, que, aqui, são estruturadas sobretudo a partir das concepções de Massey (2000, 2008), Santos (2020) e Lefebvre (2006).

2.1 UM PRODUTO SOCIAL EM DEVIR, MÚLTIPLO E RELACIONAL

Existir implica relacionar-se espaço-temporalmente. Não existe humano, ação ou objeto que possa esgueirar-se disso, e seja atemporal ou aespacial²¹ (MASSEY, 2008; SANTOS, 1977, 1997). Logo, todo sujeito se liga e vive cotidianamente o espaço. Essa noção de que a vida espacial é cotidiana nos revela a indissociabilidade das noções de espaço e tempo (MASSEY, 2008; SANTOS, 2020). Cabe destacar ainda que o espaço não está pronto, finalizado, ou é estático, mas está constantemente sendo produzido, em devir. Neste sentido Massey e Keynes (2004, p. 08) referem que o espaço “[...] está sempre num processo de devir, está sempre sendo feito – nunca está finalizado, nunca se encontra fechado”. Logo, não se tratando de um produto finalizado, mas que constantemente está sendo produzido, elucida-se ainda mais a indissociabilidade espaço-temporal (MASSEY; KEYNES, 2004; SANTOS, 2020; LEFEBVRE, 2006).

Conceituar espaço geográfico ainda requer destaque a outro elemento que lhe é intrínseco, o humano. Isto, pois, por princípio, as significações do que é espaço geográfico, bem como todos os elementos, sistemas e funções que o compõe são socialmente e historicamente concebidos pelos humanos (SANTOS, 2020). O espaço geográfico é social (LEFEBVRE, 2006; MASSEY, 2008; SANTOS, 2020), pois, sem o humano, o espaço simplesmente é, não existem significações ou porquês de ser como é. Cabe destacar também que o humano não é dissociado do espaço, mas o compõe. Integra-o tanto por meio da materialidade do corpo e de toda ação humana que se objetivou como pelas subjetividades dos significados discursivos, não discursivos, e funções atribuídos aos objetos e às ações (MASSEY, 2008; SANTOS, 2020, LEFEBVRE, 2006).

Sendo um componente do espaço, dotado de necessidades, o humano modifica o espaço por meio da ação, de acordo com estas necessidades. Essa ação, segundo Santos (2020), pauta-se em razão e emoção, e realiza-se por meio dos formalismos, das técnicas e dos simbolismos. Neste sentido, Santos (2020, p. 82) refere existirem

[...] três tipos de agir: técnico, formal e simbólico. O agir técnico leva a interações formalmente requeridas pela técnica. O agir formal supõe obediência aos formalismos

²¹ Embora os termos aespacial ou anespacial não sejam dicionarizados na língua portuguesa, ambos são encontrados em obras de pesquisadores da Geografia como Santos (1977; 1997), Massey (2008) e em diversos outros. Obras publicadas anteriormente ao acordo ortográfico da língua portuguesa de 2008, apresentam ainda o termo grafado com hífen (*a-espacial*). Considerando que os prefixos de origem grega *a-* e *an-* indicam negação, privação ou ausência, podemos inferir que os termos aespacial e anespacial correspondem à noção de negação ou ausência da espacialidade. Em uma analogia, podemos compreender que o sentido deste termo converge com o de atemporalidade relativamente ao tempo.

jurídicos, econômicos e científicos. E existe um agir simbólico, que não é regulado por cálculo, e compreende formas afetivas, emotivas, rituais, determinadas pelos modelos gerais de significação e de representação (SANTOS, 2020, p. 82).

Assim, podemos compreender que falar de ação engloba todo um leque de interações do humano com o espaço, o que inclui aquelas ações associadas a normas sociais tácitas naturalizadas (como por exemplo, de performatividade de gênero e sexualidade que debateremos adiante). Entretanto, destacamos que essas interações humano e espaço são ativamente bilaterais, isto é, o espaço não é um elemento passivo à atividade humana, mas se impõe influenciando as ações e interações socioespaciais do humano com o humano e com o não humano (SANTOS, 2020, MASSEY, 2008).

Ainda há de se considerar que o espaço geográfico não se arranja homogeneamente e isoladamente, mas sim em uma esfera de multiplicidades e singularidades coetâneas que se inter-relacionam e interinfluenciam de modo multiescalar (MASSEY, 2008). Conceitos muito caros na compreensão de espaço geográfico proposta por Massey (2008), e que debateremos na sequência por sua relevância nesta pesquisa: multiplicidade, singularidade, coetaneidade, inter-relacionalidade, interinfluência e multiescalaridade.

Massey (2008) refere a multiplicidade como a diversidade de elementos geográficos e distintas possibilidades de trajetórias, estórias e narrativas que integram um mesmo espaço coetaneamente. A noção de espaço geográfico múltiplo contrapõe-se a de uma homogeneidade espacial, pois o caracteriza como uma esfera em que múltiplas possibilidades coexistem. Neste sentido, Massey e Keynes (2004, p. 08) argumentam que

O espaço é a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade; é a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; é a esfera da possibilidade da existência de mais de uma voz. Sem espaço não há multiplicidade; sem multiplicidade não há espaço. Se o espaço é indiscutivelmente produto de inter-relações, então isto deve implicar na existência da pluralidade: Multiplicidade e espaço são co-constitutivos.

Essa multiplicidade se estende aos lugares, aos objetos, às ações, ao humano corporificado, e a tudo mais que integra o espaço geográfico. Tudo existe em uma esfera de múltiplas possibilidades, e não perante a um determinismo limitante, seja este natural ou cultural. Isso revela o caráter social do espaço, em que reconhecemos que o espaço não se arranja de determinada forma, pois assim deveria ser, mas sim porque socialmente diante das múltiplas possibilidades existentes definiu-se que este espaço assim seria, e isso sempre possui uma motivação.

Sendo uma esfera de multiplicidades, podemos inferir a partir do que propõe Massey (2000, 2008), que o espaço é constituído por singularidades. Isto é, se as possibilidades do espaço são múltiplas, como resultado, lugares, objetos, ações, corpos e tudo mais que integra o espaço é singular, o que resulta na pluralidade do espaço mencionada por Massey e Keynes (2004). É a multiplicidade que torna as singularidades possíveis. Do mesmo modo que não existem lugares iguais, inexistem corpos, ações, objetos, histórias e trajetórias iguais. Tudo existe de modo singular em uma esfera de múltiplas possibilidades.

Essas singularidades múltiplas não se dispersam existindo isoladamente no espaço, mas sim em conjunção relacional. Uma trajetória, história ou discurso não extingue os outros em seu tempo e espaço, ambos existem coetaneamente no espaço geográfico. A coetaneidade, neste sentido, é referida por Massey (2008) como “[...] um espaço imaginativo de envolvimento: fala de uma atitude. E é informado por uma conceituação prática de espaço e tempo. É um ato político” (MASSEY, 2008, p. 109). A coetaneidade é um modo crítico de compreender o espaço-tempo em que não se nega a existência do outro, mas se reconhece sua existência: o outro discurso, o outro corpo, a outra história sempre em sua própria trajetória. Trata-se de reconhecer que o espaço não existe em uma linearidade, uma única voz, mas sim em uma dispersão de múltiplas vozes, trajetórias e histórias coexistindo. Mesmo que este espaço tenha hegemonizada uma voz, como por exemplo, a do homem cisgênero heterossexual, branco e burguês, a coetaneidade serve como uma forma de compreender que esta voz não é única. Ainda que seja hegemônica, é uma dentre tantas outras, e cada qual segue coetaneamente sua própria trajetória. Um casal homossexual, por exemplo, não tem que se organizar em uma estrutura familiar heterossexual tradicional, com papéis de “homem” e de “mulher”, pois o ideal de casal heterossexual não precisa ser seguido. Cada qual possui sua própria trajetória que é coetânea a outras. Neste sentido, a coetaneidade pode ser compreendida como o reconhecimento da coexistência espacial simultânea de múltiplas singularidades e distintas trajetórias em uma inescapável “[...] negociação que deve acontecer dentro e entre ambos, o humano e o não humano” (MASSEY, 2008, p. 203).

Deste modo, as singularidades em existência coetânea no espaço implicam na inter-relacionalidade, pois essa coexistência não se realiza isoladamente, mas com contínuas inter-relações. Isto é, embora os objetos, ações, histórias e trajetórias sejam singulares e se realizem coetaneamente de modos distintos, cada qual em seu próprio curso, dentro de uma esfera de múltiplas possibilidades, essas singularidades estabelecem constantemente uma relação mútua na produção do espaço. Neste sentido, Massey e Keynes (2004, p. 08) referem que “o espaço é

um produto de inter-relações. Ele é constituído através de interações [...]”. Assim o espaço é produzido através das múltiplas interações mútuas, por exemplo, do corpo com o lugar, do sujeito com outros sujeitos ou objetos, e diversas outras inter-relações que se estabelecem cotidianamente.

Como apontam Massey e Keynes (2004), essas inter-relações extrapolam uma mesma escala espacial. Quer dizer, as inter-relações não são estabelecidas somente dentro do lugar, mas também entre os lugares; do lugar com o mundo; do corpo com o lugar ou o mundo; e diversas outras possibilidades “[...] desde a imensidão do global até o intimamente pequeno [...]” (MASSEY; KEYNES, 2004, p. 08). Assim, a multiescalaridade é compreendida por Massey (2008, 2000) como as distintas escalas espaciais em constantes inter-relações. Essas conectividades espaciais multiescalares são apontadas pela pesquisadora como uma forma de compreender que o espaço não é produzido por meio de conectividades fechadas ou reacionárias, mas sim de um modo aberto, ainda mais se tratando de um “mundo globalizado” (MASSEY, 2000; 2008). Isso significa que, do mesmo modo que o espaço está em constante devir, as inter-relações e conectividades multiescalares também estão sempre sendo rearranjadas, nunca estão finalizadas (MASSEY, 2008).

Ainda, podemos apontar que estas inter-relações contínuas resultam em interinfluências. Isto é, por meio das interações multiescalares do espaço, dialeticamente estabelecem-se influências múltiplas. Quer dizer que o lugar e o intimamente pequeno são diretamente afetados e influenciados na interação com o global, ou com outro lugar, e, concomitantemente influenciam a realidade e as dinâmicas globais, pois o integram. Do mesmo modo, o humano tem sua ação, e concepção do espaço, influenciada pela realidade que percebe e vive cotidianamente. Neste sentido, Massey (2008, p. 15) argumenta que o espaço é

[...] uma dimensão implícita que modula nossas cosmologias estruturantes. Ele modula nossos entendimentos do mundo, nossas atitudes frente aos outros, nossa política [...]. Afeta o modo como entendemos a globalização, como abordamos as cidades e desenvolvemos e praticamos um sentido de lugar.

O humano age no espaço de acordo com suas necessidades por meio da razão e da emoção, pautado na técnica, nos formalismos e simbolismos (SANTOS, 2020). Contudo, essa ação produtora do espaço é diretamente influenciada pela realidade espacial que é cotidianamente percebida e vivida (MASSEY, 2008; LEFEBVRE, 2006). Por meio da ação, o humano produz um espaço que influencia essa mesma ação. Pensando nessa dialética da produção do espaço (o qual aqui é compreendido como um produto social em devir, em uma

esfera de multiplicidades e singularidades coetâneas que se inter-relacionam e interinfluenciam de modo multiescalar), na sequência buscamos debater sobre a produção do espaço geográfico a partir da tríade dialética proposta por Lefebvre (2006).

2.1.1 A tríade dialética da produção do espaço

Não sendo o espaço geográfico um produto finalizado ou passivo à ação humana, podemos debater sobre como ocorre a produção deste espaço que é social (MASSEY, 2008; LEFEBVRE, 2006). A produção do espaço geográfico aqui deve ser compreendida como refere Catalão (2010, p. 38), como aquela que “[...] se faz cotidiana e historicamente [...]”, em um

[...] sentido ampliado de **construção histórica da vida, da consciência e do mundo, e das relações sociais**, fugindo ao sentido restrito da produção de bens; e reprodução não no sentido da manutenção das formas como elas se apresentam, em um potencial estado de inércia, buscando a homogeneidade, mas entendendo que se trata de um eterno devir [...] (CATALÃO, 2010, p. 33, grifo nosso).

Para Lefebvre (2006) essa produção cotidiana e histórica do espaço realiza-se de modo dialético por meio de três categorias indissociáveis. A dialética da tríade lefebvriana se expressa na compreensão de que o espaço geográfico, histórica e cotidianamente produzido, é material – concreto e externo aos corpos –, e concomitantemente é abstrato – subjetivo, interno aos corpos. Essa dialética da produção do espaço é compreendida em uma triplicidade indissociável como argumenta Lefebvre (2006, p. 67), pois “uma relação a dois termos reduz-se a uma oposição, a um contraste, a uma contrariedade [...]”. Neste sentido, o pesquisador sugere que o espaço é produzido dialeticamente em três momentos: do percebido (prática espacial), do concebido (representações do espaço) e do vivido (espaço de representação).

O espaço percebido, ou da prática espacial, pode ser compreendido a partir de Lefebvre (2006), como a materialidade, o que se percebe pelo humano (corpo) a partir do sistema sensorial (visão, audição, tato, olfato e paladar), aquilo que se percebe do exterior pelo corpo. Sobre o espaço percebido, Catalão (2010, p. 21) argumenta tratar-se de “[...] uma dimensão que se refere ao aspecto físico-concreto da realidade [...]”, da matéria, que “[...] existe e é cognoscível [...]”, de modo que

[...] a limitação e a relatividade do nosso conhecimento não são impedimentos à sua apreensão. Por meio de suas sensações – ou percepções sensoriais, de onde advém o “percebido” –, o ser humano é capaz de capturá-la ao copiá-la em seus sentidos, podendo assim agir sobre ela.

O espaço percebido também é denominado como “espaço da prática espacial” por Lefebvre (2006), pois é por meio da prática que se altera a materialidade percebida. As ações humanas incidem sobre o espaço e o transformam. A prática espacial, cotidiana e histórica, produz e reproduz o espaço alterando a percepção espacial, o que garante a efetiva modificação das estruturas socialmente construídas ou naturais do espaço. Quando a materialidade é alterada pela prática espacial, modifica-se a percepção daquele espaço e, como já abordamos, o espaço está sempre sendo produzido e modificado, logo, a todo momento, se altera a materialidade, e conseqüentemente, a percepção que se tem neste espaço (MASSEY, 2008; LEFEBVRE, 2006).

O espaço concebido, ou da representação do espaço, está intimamente ligado ao percebido, pois as ações humanas (a prática espacial) não se baseiam em instintos, mas, como sugere Santos (2020), em razão e emoção (técnica, formalismos e simbolismos). Isso quer dizer que humanos, diferentemente dos animais guiados unicamente por instintos, precisam racionalizar sobre a realidade espacial em que se encontram para então agir. Neste sentido, o espaço concebido corresponde as concepções humanas sobre o espaço. Tratar de espaço concebido engloba as concepções técnicas e científicas do espaço, como as “[...] dos cientistas, dos planejadores, dos urbanistas, dos tecnocratas ‘retalhadores’ e ‘agenciadores’” (LEFEBVRE, 2006, p. 66). Nesta perspectiva, o espaço concebido compreende as representações do espaço, e aos significados que se atribuem a ele a partir das “[...] formas mais elaboradas do conhecimento humano” (RIBEIRO, 2019, p. 20). Ao mesmo tempo, também engloba o que se pensa e sente sobre um espaço, ou seja, as concepções cotidianas dos sujeitos que o vivem e que não necessariamente se pautem na técnica e formalismos, mas também em simbolismos. Na dialética lefebvriana da produção do espaço, o concebido corresponde ao que não é material e perceptível, mas ao que, a partir de “[...] um sistema de signos verbais [...] elaborados intelectualmente” (LEFEBVRE, 2006, p. 66), se concebe da materialidade percebida.

O vivido, ou os espaços de representação, concluem a triplicidade dialética da produção do espaço proposta por Lefebvre (2006), não como uma terceira dimensão espacial, mas com a junção dos primeiros momentos, uma síntese do percebido e do concebido na vida cotidiana. Lefebvre (2006, p. 66) argumenta que “[se] trata do espaço dominado, portanto, suportado, que a imaginação tenta modificar e apropriar. De modo que esses espaços de representação tenderiam [...] para sistemas mais ou menos coerentes de símbolos e signos não verbais”. Assim, o espaço vivido pode ser compreendido como a simultaneidade na vida da materialidade

perceptível e das elaborações mentais do espaço. Neste sentido, Catalão (2010, p. 20) argumenta que

É no espaço vivido, quotidianamente experienciado, que se guardam as representações da vida e inscrevem-se os trajetos e as trajetórias individuais e coletivas. Nesse espaço, mesclam-se o real, o concreto e o imaginado, pois é a dimensão dos momentos únicos em que o espaço é produzido e nos quais se tornam concretas as abstrações e percebem-se as modificações resultantes da práxis.

O percebido, o concebido e o vivido são interdependentes e indissociáveis, pois um mesmo espaço sempre é concomitantemente percebido, concebido e vivido. Trata-se de dimensões, ou momentos analíticos distintos, mas na produção cotidiana e histórica do espaço, aquela que ocorre nos lugares e infere em modificações efetivas nas estruturas socialmente construídas (materiais e simbólicas) e naturais, não há possibilidade de desassociação. Catalão (2010, p. 17) refere, nesta perspectiva, que

[...] tanto o espaço percebido quanto o concebido e o vivido são, fundamentalmente, o mesmo espaço tomado em dimensões de análise distintas. Essas dimensões, no plano do quotidiano, porém, não se dissociam, mas têm igual importância para a vida em sociedade e incidem diretamente nela.

A tríade de Lefebvre demonstra como a realidade espacial materializada e as formulações mentais que se criam na vivência e produção cotidiana do espaço estão mutuamente conectadas. A interinfluência entre o humano e o espaço são mediados por esses três momentos da produção do espaço propostos pelo autor, de modo que: a materialidade é modificada pela prática espacial em concordância com o que se concebe do espaço; a concepção espacial surge de um espaço que é material; e ambos, simultaneamente, são vividos cotidianamente e historicamente. Portanto, é principalmente na vida cotidiana do lugar que os sujeitos percebem, concebem e vivem o espaço modificando a materialidade e construindo significados e simbolismos, dimensão espacial esta que debateremos na próxima seção.

2.2 O LUGAR DOS ENCONTROS COTIDIANOS

As interações humano-espaço não se realizam diretamente no todo do espaço. O que debatemos sobre o espaço geográfico até aqui neste trabalho são relativos à totalidade do espaço, em uma visão abrangente. Contudo, os sujeitos não se relacionam e interagem diretamente com a totalidade do espaço concomitantemente em sua vida cotidiana. É no lugar

geográfico, este compreendido como a dimensão singular do espaço, em que se concretizam as vivências cotidianas, e por meio do qual os sujeitos se ligam a outros sujeitos e lugares, percebem, concebem, vivem e produzem o espaço (SANTOS, 2020; LEFEBVRE, 2006; MASSEY, 2008). Segundo Andreis (2011, p. 37-38)

O espaço do todo ou do global é apenas uma idéia [*sic*], ou seja, é abstrato. Podemos pensá-lo, mas não há como apreendê-lo. Mesmo que viajemos para tentar contatá-lo diretamente, ainda assim será abstrato porque aqueles locais do todo e do mundo são o lugar do outro. É importante lembrar que não é a dimensão ou tamanho da área que contam para conceber lugar, mas de identificação e aprofundamento nas diferentes sensações e experimentações diárias. O arranjo dos conjuntos de relações que se organizam em cada espaço é que atribuem a especificidade para cada lugar, mesmo num mundo globalizado.

Assim, o lugar geográfico corresponde aos espaços que são vivenciados cotidianamente pelos sujeitos, ao “[...] espaço dos ‘habitantes’, dos ‘usuários’” (LEFEBVRE, 2006, p. 66). Trata-se da dimensão espacial vivida cotidianamente, na qual os sujeitos estabelecem suas inter-relações singulares e multiescalares em uma esfera de multiplicidades, e na qual percebem e modificam a materialidade do espaço criando intelectualmente suas respectivas representações espaciais. As interações com o lugar são intensas, pois é a dimensão espacial que mais frequentemente os sujeitos percebem e concebem. Mesmo quando as interações extrapolam o lugar, este serve como referencial, considerando que é nele que se percebe e concebe o mundo cotidianamente.

A noção de cotidiano assume relevância na compreensão do lugar, e, neste sentido, para Andreis (2011, p. 37)

Na instância do cotidiano são considerados todos os elementos de interação na vida diária dos sujeitos. As ações e os objetos externos e internos, próximos e distantes, conscientes ou inconscientes, que atuam direta ou indiretamente no dia a dia pertencem a essa instância espacial.

Deste modo, na vida cotidiana do lugar os corpos interagem com distintos espaços como a sua residência, residência de familiares, escola, universidade, ambiente de trabalho, supermercado, e tantos outros. Mesmo que em cada um destes distintos espaços se estabeleçam relações de poder-saber distintas (FOUCAULT, 1999), todos estes espaços compõem o lugar cotidiano das pessoas, pois elas vivem estes espaços diariamente criando elos de significação com eles.

Massey (2008) compreende que o lugar além de ser este espaço das vivências cotidianas, das interações diárias entre corpo e mundo, é onde se realiza o encontro das multiplicidades

multiescalares coetâneas. Com isso, a autora ressalta a diversidade de sujeitos, objetos, ações, lugares, histórias e trajetórias em uma inter-relação contínua, que integram um mesmo espaço ao mesmo tempo. Mais do que integrar um mesmo espaço, essas multiplicidades coetâneas em inter-relações multiescalares têm no lugar um “confroencontro” (ANDREIS, 2014, p. 09).

O termo “confroencontro”, alcunhado por Andreis (2014, p. 09), destaca que os encontros de multiplicidades e singularidades em inter-relações multiescalares que ocorrem no lugar são entrelaçados em tensões e confrontos. Neste sentido, a pesquisadora conceitua confroencontro como a “[...] presença de confronto em todo encontro [...]” (ANDREIS, 2014, p. 09). Justamente porque se faz necessária a eterna negociação no “aqui e agora” referida por Massey (2008, p. 203), tendo em vista que este encontro nunca é desprovido de tensões e confrontos. Considerando as singularidades dos lugares e sujeitos, podemos deduzir que as necessidades motivadoras das ações, por vezes, também são singulares, perfazendo essa inevitável e contínua negociação nos “confroencontros” dos lugares.

Andreis (2011) destaca outro ponto de relevância na compreensão da dimensão espacial do lugar. Para a autora, o elemento de identificação e pertencimento a um espaço é o que torna a dimensão do lugar peculiar. Deste modo a pesquisadora cita que

O lugar é autêntico porque é o espaço do vivenciado ontem ou hoje, mas com a particularidade de ter identificação e pertencimento com a pessoa. Independentemente da forma como ocorrem os movimentos do sujeito, sempre se trata de um espaço com o qual há ou houve contato direto e concreto (ANDREIS, 2011, p. 38-39).

Assim, podemos apontar que o lugar geográfico compreende as percepções, concepções e vivências cotidianas dos sujeitos em um espaço singular múltiplo e relacional. O pertencimento e a identificação com o espaço se dão por meio da relação, interação e produção cotidiana deste espaço, a partir do que dele se percebe e concebe na vida (LEFEBVRE, 2006). Essa multiplicidade coetânea em confroencontro dos lugares também se aplica à multiplicidade de sujeitos que ocupam e produzem esses espaços.

Outro aspecto precisa ser ressaltado sobre o lugar, o seu sentido global (MASSEY, 2000). Isto quer dizer que o lugar não é isolado do mundo, mas o integra, está conectado, ligado, enredado por ele. Massey (2000, p. 84) menciona que os lugares podem ser imaginados como “[...] momentos articulados em redes de relações e entendimentos, [...] onde uma grande proporção destas relações, experiências e entendimentos sociais se constroem em uma escala muito maior [...]”, de modo que isso permite um entendimento de “[...] lugar que é extrovertido, que inclui uma consciência de suas ligações com o mundo mais amplo, que integra de forma

positiva o global e o local” (MASSEY, 2000, p. 84). Isto quer dizer que o lugar não é um espaço isolado do mundo e exótico ao seu contexto, onde não exista uma continuidade da realidade que o liga ao mundo por meio das redes. Pelo contrário, o lugar, como componente do mundo, o influencia e por ele é influenciado, sendo cotidianamente produzido por inter-relações multiescalares.

Como propõe Andreis (2011, p. 38) “[...] o lugar sempre é o lugar de alguém”. Na vida das pessoas, o lugar é onde ocorrem os confrontos entre o humano (e seu corpo) com o mundo. É a dimensão do espaço mais significativamente apropriada pelos que o vivem cotidianamente tanto por meio dos sentidos em que se apropria do que é material quanto pelas elaborações mentais imateriais dessa materialidade. Assim, para que um humano possa perceber e conseqüentemente conceber o espaço, bem como agir, modificando suas estruturas socialmente elaboradas (materiais e imateriais), ele utiliza-se do corpo. Portanto, considerando a natureza desta pesquisa, e também a centralidade que o corpo possui na produção do espaço, debateremos na próxima seção sobre esta escala de análise espacial.

2.3 O CORPO EM DISPUTA NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO

Os sujeitos singulares que integram e produzem o espaço têm histórias, trajetórias e condições sociais distintas. No entanto, para além destas distinções subjetivas, sociais e históricas entre sujeitos, a materialidade que os constitui, ou aquilo que é percebido primeiramente pelo outro, e por meio do qual os sujeitos interagem com o espaço, também é alvo de distinção – o corpo. Inexistem lugares iguais, ao mesmo passo que inexistem corpos iguais, e sendo “[...] a partir do corpo que se percebe e [...] se vive o espaço [...]” (LEFEBVRE, 2006, p. 227), evidenciam-se as singularidades inerentes à interdependência entre sujeitos corporificados e seus espaços de vivência cotidiana.

A partir das concepções de Lefebvre (2006) podemos compreender que o corpo não somente age no espaço o produzindo, como é por si só espaço geográfico. O pesquisador argumenta que “antes de produzir (efeitos, na matéria, nos instrumentos e nos objetos), antes de se produzir (se alimentando) e de se reproduzir (pela geração de um outro corpo) cada corpo vivo é um espaço e tem seu espaço: ele aí se produz e o produz” (LEFEBVRE, 2006, p. 238). Sendo o humano indissociável do espaço, que não só o produz como o integra sendo parte constituinte, e os sujeitos em vivência cotidiana indissociáveis de seus corpos, infere-se que é

por meio do corpo que os sujeitos percebem, concebem e vivem cotidiana e historicamente o espaço.

O corpo possui centralidade na produção do espaço, haja vista que toda ação humana e prática espacial se dá por meio do corpo. Lefebvre (2006, p. 68) reitera que “[...] a relação com o espaço de um ‘sujeito’, membro de um grupo ou de uma sociedade, implica sua relação com seu próprio corpo, e reciprocamente”. Isto quer dizer que o humano se utiliza do corpo, relacionando-se com ele, na interação com o espaço, como por exemplo no “[...] emprego das mãos, membros, órgãos sensoriais, gestos do trabalho e os das atividades exteriores ao trabalho” (LEFEBVRE, 2006, p. 68). A ação humana objetiva-se pelo corpo que é social, a partir do qual “[...] se percebe e que se vive o espaço, e que ele se produz” (LEFEBVRE, 2006, p. 227).

Assim como destacamos sobre espaço e lugar, o corpo também não é estático, mas está sempre em devir. Está cotidianamente sendo modificado, produzido. Tanto a materialidade quanto os significados atribuídos a um corpo e as ações corporais o constituem e estão em contínua transformação. Podemos compreender o corpo como um produto que é produtor de si mesmo em interinfluência com a realidade percebida e concebida na vida cotidiana (LEFEBVRE, 2006). Le Breton (2003, p. 28) nesta perspectiva defende que “o corpo não é apenas [...] a determinação de uma identidade intangível, a encarnação irredutível do sujeito, o ser-no-mundo, mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável, suscetível de muitos emparelhamentos”. E estes emparelhamentos sobrepostos são espacialmente constituídos (nos corpos e nos lugares), portanto, como vimos, são percebidos, concebidos e vividos.

Pensando nas interações múltiplas estabelecidas por um corpo em seu cotidiano, podemos inferir que se demanda que este adote um sistema de signos e significados visíveis ligados às normas sociais daquele contexto. Esses signos não são adotados voluntariamente, mas são imposições universais de normatizações sociais históricas. Le Breton (2003, p. 29) menciona nesta perspectiva que “para aderir com força a existência, multiplicam-se os signos de sua existência de maneira visível sobre o corpo” ao ponto que “o corpo torna-se emblema do *self*”. Portanto, além de perceber, o corpo é percebido, o que justifica a distinção dentre os corpos com inscrição de significados visíveis. O corpo é material, e sendo uma materialidade social ele é percebido e concebido cotidianamente por outros corpos, que por sua vez também são sociais.

Nestas inter-relações sociais que são estabelecidas, sobretudo no lugar, que se realizam os confrontos entre as singularidades múltiplas, e são nestes confrontos que se

produz o espaço e também o corpo. Nesta perspectiva, o corpo, sua existência e suas ações são objetos de disputa e distinção. A partir de dispositivos históricos de poder (FOUCAULT, 1999) busca-se adestrar, educar o corpo (LOURO, 2016) em concordância ao que se espera dele naquele lugar e naquele contexto, os classificando e hierarquizando em estruturas sociais de poder. Por esta ótica que segundo Weeks (2016, p. 54)

O poder não atua através de mecanismos de simples controle. De fato, ele atua através de mecanismos complexos e superpostos – e muitas vezes contraditórios – que produzem dominação e oposições, subordinação e resistências. Há muitas estruturas de dominação e subordinação no mundo da sexualidade, mas três elementos ou eixos interdependentes têm sido vistos, atualmente, como particularmente importantes: os de classe, do gênero e da raça.

Tanto a materialidade quanto os significados do corpo estão no centro destes mecanismos de poder e controle. Assim, as sociedades ocidentais modernas, por meio de uma série de conjuntos regulatórios e dispositivos históricos de poder sobre os corpos, modela como todos os corpos agem no espaço, o que conseqüentemente influencia como esse corpo produz a si e ao espaço, a partir do que este percebe e concebe na vida cotidiana, sobretudo do lugar. Nesta interseção geográfica entre dispositivos históricos de poder e dominação dos corpos no lugar, que são produtores de si mesmos e do espaço, que se embasa teoricamente este estudo. Destacamos aqui, dentre estes múltiplos e diversos conjuntos regulatórios dos corpos, três principais que demarcam as interseccionalidades como sugere Weeks (2016): classe, gênero e raça. Contudo, os de gênero, e, portanto, de sexualidade, possuem relativa centralidade nesta pesquisa.

Assim sendo, no próximo capítulo abordamos conceitualmente noções de gênero, sexo, sexualidade, performatividade de gênero, binarismo de sexo e gênero, heterossexualidade compulsória e patriarcado, para que possamos debater com mais profundidade as inter-relações entre gênero, sexo, sexualidade e espaço geográfico. Também apresentaremos dados relativos a crimes de ódio cometidos no Brasil com base em gênero e sexualidade, bem como conquistas de direitos às pessoas LGBT nas últimas décadas no país, visando compreender o cenário desses corpos dissidentes da heterocisnormatividade no Brasil.

3 SEXO, SEXUALIDADE E GÊNERO EM DIS(CURSO)

Ao mesmo tempo que se multiplicaram no último século (ainda que timidamente em algumas ciências) estudos científicos e espaços de debates acadêmicos relativos às temáticas de gênero e sexualidade, multiplicaram-se as confusões dentro e fora da academia sobre as categorias e conceitos que estas ciências produzem como os saberes do sexo (FOUCAULT, 1999). Somam-se a estes discursos científicos sobre o sexo, outros como o político-eleitoreiro, o da família, e o religioso. Cabe destacar que, no Brasil, principalmente após a redemocratização de 1988, observa-se um significativo avanço, ainda que insuficiente, na equiparação de direitos no que tange ao gênero e a sexualidade. Estas temáticas sempre estiveram no seio dos debates políticos do país entremeadas pela religiosidade e pelo moralismo, inclusive da política institucional. Contudo, nas últimas décadas percebe-se distorções mais reacionárias de teorias acadêmicas e das motivações de políticas públicas com fins eleitoreiros, e de manutenção do controle sobre os corpos.

Concomitantemente, o Estado brasileiro, hoje (2021) possui como representante da nação, o Presidente da República Federativa do Brasil Jair Messias Bolsonaro, que enuncia e enunciou diversos devaneios políticos que destoam destes avanços, como as que exemplificamos a seguir com base em Gomes e Filho (2019): “o filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um couro, ele muda o comportamento dele. Tá certo?”²² (GOMES; FILHO, 2019, p. 83); “nenhum pai tem orgulho de ter um filho gay”²³ (GOMES; FILHO, 2019, p. 95); “a sociedade brasileira não gosta de homossexual” (GOMES; FILHO, 2019, p. 96). Gomes e Filho (2019, p. 83) ainda destacam outras falas indecorosas do atual presidente:

No dia 15 de fevereiro de 2016, ao ser entrevistado no programa Super Pop, da Rede TV, Bolsonaro expressou que não empregaria uma mulher com o mesmo salário de um homem devido à possível gravidez, que levaria aquela à licença maternidade e a consequentes encargos para o empregador. Já no dia 03 de abril de 2017, ao proferir uma palestra no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, Bolsonaro expressou que tem cinco filhos, sendo quatro homens, mas que no quinto deu uma “fraquejada” e veio uma mulher. [...]. Já em entrevista a Ellen Page, para o documentário Gaycation, transmitido pela National Geographic, Bolsonaro insinuou que a homossexualidade

²² Fala enunciada em 18 de novembro de 2010 pelo então Deputado Federal pelo Rio de Janeiro (Partido Progressista – PP) Jair Messias Bolsonaro “[...] ao participar do programa Participação Popular, da TV Câmara [...]” (GOMES; FILHO, 2019, p. 83). A entrevista pode ser acessada na íntegra em <https://www.youtube.com/watch?v=AGd2h464Hvo>. Acesso em: 18 jul. 2021.

²³ “A entrevista foi comentada em diversas matérias na imprensa brasileira, como na reportagem do dia 07 de abril de 2019 da revista Carta Capital. <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>” (GOMES; FILHO, 2019, p. 83). A entrevista na íntegra está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o3ZBeX9uC8s>. Acesso em: 18 jul. 2021.

seria resultado do uso de drogas, da mulher trabalhar fora (mãe ausente) e da falta de repressão por parte dos pais (GOMES; FILHO, 2019, p. 83).

O ponto focal desta contradição entre avanços nos debates e direitos sexuais e reprodutivos coincidir com a eleição de um chefe de Estado e governo que se expressa na contramão destas conquistas, talvez seja saber que Bolsonaro não chega ao poder apesar destas declarações misóginas e homofóbicas, mas também, em razão destas. Neste sentido, Filho, Coelho e Dias (2018, p. 67, grifo do autor) argumentam que dentre outras motivações,

[...] Bolsonaro foi eleito presidente por conta da veiculação de notícias inverídicas em redes sociais como o *WhatsApp*, *Twitter* e *Facebook* sobre temas como “kit gay” e “ideologia de gênero”, objetivando causar um sentimento de terror social pelo suposto extermínio da “família tradicional brasileira”.

Tanto os termos “Kit Gay” quanto “Ideologia de gênero” são narrativas alcunhadas a partir de distorções de políticas públicas (ou tentativas) e debates acadêmicos feministas, utilizando-se de um moralismo supostamente salvador da inocência infantil e dos valores da “família tradicional brasileira” (FILHO; COELHO; DIAS, 2018). Corpos estes, os das crianças e dos membros da “família tradicional”, que possuiriam formas e comportamentos pré-estabelecidos pelas forças da natureza e do divino. Contudo, não há como concebermos estas narrativas políticas, como as que culminam no chamado “Kit Gay” e na “Ideologia de Gênero”, como sendo criações súbitas do movimento político denominado “bolsonarismo” (FILHO; COELHO; DIAS, 2018). Trata-se de narrativas políticas distorcidas de pautas sociais e teorias científicas, tendo como alvo o conhecimento científico, sobretudo das humanidades contestadoras da materialidade pré-discursiva absoluta do corpo, e os corpos rebeldes a essas normativas sociais (FILHO; COELHO; DIAS, 2018). São dispositivos historicamente, e, portanto, espacialmente constituídos, que objetivam a manutenção da dominação e controle dos corpos. E estes dispositivos discursivos históricos foram, ao que tudo indica com sua eleição, instrumentalizados com sucesso por Bolsonaro.

Nesta contextura problematizadora de contradições entre os avanços de direitos reprodutivos e sexuais e a intensificação dos discursos de ódio e manutenção da política de extermínio dos corpos de minorias sexuais que se encontra este capítulo. Primeiramente nos dedicaremos aos debates conceituais sobre gênero, sexo e sexualidade buscando a compreensão do que nestes há de natural, e/ou social. Para isso, nos utilizaremos de uma série de conceitos que serão apresentados no decorrer das discussões, como: performatividade de gênero, binarismo de sexos e gêneros, heterossexualidade compulsória, dispositivo histórico da

sexualidade e patriarcado, com base principalmente em Butler (2020), Beauvoir (1980) e Foucault (1999). A partir disso, e considerando que “a teoria surge da vida” (MASSEY, 2008, p. 16), nos dedicaremos na sequência a compreender o panorama de violências, violações e exclusões a corpos dissidentes da heterocisnormatividade no Brasil, e sua respectiva contradição com o avanço nas legislações de direitos à população LGBT.

3.1 DESNATURANDO OS SEXOS

Certamente, encontraremos alguma dificuldade para identificarmos a tal “natureza humana” pré-discursiva em nossas práticas cotidianas atuais, por mais básicas e fisiológicas que sejam. Nossa alimentação é rodeada por significações sociais: inicia pela seleção histórica dos alimentos das mais variadas origens do planeta que compõe nosso cardápio diário; passa pelo simples ato de lavar os legumes; ainda pelo modo como esses alimentos historicamente selecionados são preparados pelo cozimento (panela teflon ou de alumínio? forno ou fogão? isqueiro ou fósforo?); até chegarmos à escolha entre oração ou televisão na hora da refeição em nossas mesas, sentados em nossas cadeiras, comendo com nossos talheres em pratos reutilizáveis com nossa família. O ato de defecar pouco tem de natural: o modo como se defeca – agachado, sentado, deitado –; onde se defeca – banheiro privado, patente, moita –; em que objeto despejamos os excrementos – vaso sanitário, buraco na terra, moita –; para onde vão esses excrementos – tratamento sanitário ou não, para o poço artesiano, na moita –; sem contarmos a origem de tudo isso, a alimentação. O mesmo para o ato de urinar, haja vista as incessantes reclamações públicas sobre o esquecimento infantil do assento sanitário erguido, e o caloroso debate da atualidade no entorno de se homens devem urinar sentados ou de pé.

Ora, o humano é um ser social, com um corpo social, em um espaço social, logo, uma vida totalmente social. Dizer que os humanos possuem um corpo social implica dizer que todo o seu corpo assim o é, e não somente uma parte ou outra. Não se trata de negar a materialidade corporal, mas compreender que um humano, com um corpo social, em um espaço social, na sua vida em sociedade, significa tudo por meio do que percebe e concebe do espaço e de si na vida cotidiana, o que inclui o corpo. Ainda assim, mesmo com tanta facilidade em compreendermos esse caráter social nestas questões mais intimamente ligadas à “biologia” humana, parece-nos que o sexo²⁴ é natural, e que não há o que contestar nele.

²⁴ Neste subcapítulo tratamos de sexo exclusivamente no sentido de diferenciações anatômicas e fisiológicas de corpos de machos e fêmeas, e não no ato sexual.

Butler (2016; 2020) problematiza a compreensão de sexo em uma matriz binária como sendo um fator pautado pelo determinismo biológico, e somente isso, e destaca que essa noção de naturalidade do sexo no imaginário ocidental moderno não é um mero acaso, mas uma constituição histórica das relações de poder. Neste sentido, a pesquisadora argumenta que “a diferença sexual [...] não é nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas” (BUTLER, 2016, p. 153). Podemos compreender que para a filósofa, o sexo não é pré-discursivo, isto é, ele não antecede a cultura, e assim nem no gênero e nem no sexo haveria algo natural. A autora busca demonstrar que “[...] não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por significados culturais; conseqüentemente o sexo não poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva” (BUTLER, 2020, p. 27). Com isso, a autora busca demonstrar o caráter social que é inerente ao sexo pela discursividade que o constitui na vida cotidiana.

A provocação de Butler (2020) vai no sentido de que a sociedade ocidental da modernidade entende desde o nascimento (e até mesmo antes), a partir do que percebe nos corpos (genitália material) não se estes são machos ou fêmeas, mas sim homens e mulheres, meninos e meninas. Para exemplificarmos podemos pensar nos “chás de revelação” do sexo (ou gênero?) do bebê. Esses eventos de modo geral, ao menos no Brasil, são muito significativos sobre as concepções que se tem dos “sexos biológicos”, pois são marcados por inúmeros simbolismos. As duas cores – rosa e azul – e os respectivos objetos associados a cada cor revelam partes dos significados que se atribuem a cada uma das duas possibilidades de genitália do feto na matriz binária, descoberta essa que é o que se está celebrando. A vibração, e expectativa em torno da revelação do “sexo biológico”, inclusive com “torcidas”, dificilmente é relativa a questões biológicas, como hormonais, fisiológicas ou anatômicas, mas sim sociais. Frases comuns nesses chás de revelação são: “mais um para o time de futebol!”, “que bom que é menino, dá menos gasto”, “ihh, é menina, vai ter trabalho!”, “que bom que é menina, assim posso te passar as coisas da minha filha que não uso mais!” e outras tantas possibilidades imagináveis. Antes mesmo de este corpo apresentar-se ao mundo, uma simples ecografia que imageie o órgão genital do feto é capaz de produzir toda uma discursividade e expectativa social sobre este corpo, que não é ofertada, mas imposta.

Deste modo, desde o princípio todo corpo é condicionado a assumir um conjunto de elementos sociais, não sendo ofertado aos corpos outra possibilidade de interpretação de seu próprio sexo. Portanto, o próprio sexo é dotado de significações (abstrações e significações da

materialidade). O que queremos dizer a partir do que refere Butler (2020) é que no ocidente moderno o pênis é antes de um órgão, um falo²⁵. Um corpo com pênis, antes de ser um macho já é o de um homem. Um corpo sem pênis é um corpo sem falo, é feminino, ou ao menos, é um corpo desprovido de masculinidade. Logo, a materialidade do órgão genital é um mero detalhe imerso em significações e concepções, e, portanto, nem mesmo o sexo é natural.

O falo pode ser compreendido como a inscrição de significados no pênis, as abstrações que são historicamente atribuídas pelos discursos a um órgão material. Os significados atrelados a esta concepção indicam noções de superioridade, poder, dominação, força e virilidade que são diretamente atreladas à produção social e cultural do homem como discurso. Nesse emaranhado discursivo do que é ser homem e da masculinidade, tais adjetivações ganham significativa relevância na vida social e na hierarquização de corpos. Na matriz binária (macho/fêmea, homem/mulher) o feminino, ou a falta de falo, remete a visões completamente distintas: o corpo do cuidado, da fragilidade, da sensibilidade, da fraqueza, da frigidez, inferior e mais “fraco” por uma visão baseada em supostas naturalidades biológicas. Dessas discursividades, que são múltiplas e históricas, que se constitui o que comumente se denomina no cotidiano de “sexo biológico”.

Esta naturalização social de uma dualidade sexual arguida como biológica é uma ferramenta de manutenção desta estrutura social binária que impera no ocidente, pois “[...] colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pela qual a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas” (BUTLER, 2020, p. 25). Podemos compreender com isso que, quando se lança a discussão sobre os papéis sexuais no campo do determinismo biológico, o efeito é a anulação do debate, pois a mudança deste padrão independeria das vontades humanas. Essa naturalização dos sexos, influi em consequências sobre os papéis sexuais e de gênero, e na consolidação da lógica do binarismo sexual inescapável. É neste sentido, que Moore (1997, p. 18) também problematiza o emprego do termo natural para os sexos:

Na discussão de sexo e gênero na vida social humana, aparece um termo especialmente problemático: é o termo “natural”. Nos debates públicos a respeito das origens das chamadas diferenças sexuais e da natureza das relações entre mulheres e homens – debates esses conduzidos na mídia, nas interações cotidianas e nos discursos acadêmicos – são feitas uma série de afirmativas que empregam a palavra “natural” de maneiras fundamentalmente enganadoras. Essas afirmativas são de vários tipos, mas um traço comum de muitas delas é descreverem as diferenças estabelecidas entre

²⁵ O falo corresponde ao conjunto de significações historicamente concebidas do órgão reprodutor masculino e refere a adjetivações de força, poder, dominação, virilidade que são associadas aos corpos que possuem pênis.

mulheres e homens na vida social como se fossem originárias da biologia (MOORE, 1997, p. 18).

Podemos compreender a partir das concepções de Moore (1997) que o fator biológico de diferenciação de corpos não é negado, os sistemas reprodutivos de machos e fêmeas se diferem de fato na materialidade cognoscível. Neste sentido que Butler (2016, p. 153) refere que “[...] afirmar que as diferenças sexuais são indissociáveis de uma demarcação discursiva não é a mesma coisa que afirmar que o discurso causa a diferença sexual. A categoria do sexo, é desde o início normativa [...]”. Assim, Butler (2016, 2020) e Moore (1997) direcionam sua crítica ao uso de diferenças anatômicas dos corpos de machos e fêmeas humanos como um argumento favorável à lógica de um determinismo biológico sexualmente binário pré-discursivo, que justifique a hierarquização social de homens sobre mulheres e a anormalização de performatividades dissidentes. Neste sentido, também, Beauvoir (1980) não nega as diferenças anatômicas entre homens e mulheres, contudo argumenta que esta diferenciação corporal não seria suficiente para explicar as diferenciações sociais a que estes corpos são submetidos. Nesta direção emerge a icônica frase crítica ao essencialismo da estudiosa: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (1980, p. 09). Com isso a autora debate que não existe uma essência do que é ser feminino ou masculino, e que o tornar-se se dá por meio do contato social na vida cotidiana.

Logo, podemos inferir que não existe uma essência ou uma identidade feminina ou masculina, e que a diferenciação social entre homens e mulheres tampouco seja explicável por um determinismo biológico, para tornar-se necessário aprender. Ainda, como argumenta Beauvoir (1980), não existiriam duas categorias sexuais, e sim uma: o ser homem e o não ser homem (ter falo e não ter). Isso é o que justificaria socialmente uma suposta superioridade masculina, pois, como aponta Beauvoir (1980), por grande parte da história da civilização ocidental, essa foi realmente a realidade, o homem seria a perfeição e a mulher seria considerada somente aquilo que não é homem.

O argumento central aqui, a partir do que debatemos com os referenciais, é a natureza social e histórica do sexo. Qualquer compreensão do sexo como unicamente uma materialidade biológica imutável estará fadada a uma visão parcial dele. Os sexos da matriz binária são socialmente significados e regulados, inclusive criados, e assim sendo são sociais. Não se exige, tampouco se espera, socialmente que os corpos sexuados se portem a partir de instintos animais, mas por meio de normas e contratos sociais e culturais, e assim sendo, a própria materialidade do sexo torna-se oculta na vida, dando lugar ao seu caráter social – seus significados. O que

queremos dizer é que na vida cotidiana não se percebe se um corpo humano é de um macho ou de uma fêmea, a partir da genitália, tampouco por uma análise cromossômica, mas sim se é homem ou mulher por meio de instrumentos sociais de diferenciação dos corpos, que como veremos adiante, mesmo quando não são discursividades enunciadas, derivam de discursividades históricas.

Quando um corpo adentra a um recinto ele será percebido por outros corpos: será visto e ouvido, e talvez ainda, saboreado, cheirado e tateado. Mas também será inquirido, terá de confessar seu nome e o que mais lhe for solicitado. É a partir dos símbolos, socialmente e historicamente convencionados, visíveis e discursivos, materiais e imateriais, implícitos e explícitos, inscritos e expressos neste/por este corpo (a roupa, o corte de cabelo, o uso de adereços, o modo de andar, sentar, falar, gesticular etc.), e do que ele confessa (seu nome, seu sexo), que se concebe um corpo como sendo de um homem ou de uma mulher (na matriz binária). Quando um corpo infantil se apresenta, é pelo laço rosa na cabeça (ou a ausência dele), ou ainda, pelo discurso dos tutores, que se identifica seu “sexo biológico”. Weeks (2016, p. 38) argumenta que “[...] o órgão mais importante entre os humanos, é aquele que está entre as orelhas”, e assim sendo, quando o corpo humano adentra no recinto, não é sua genitália que é condição para a constatação de em qual categoria sexual dentro da matriz binária este corpo se situa, mas sim os significados históricos percebidos e concebidos por outros corpos na vida cotidiana que apresentam seu gênero à sociedade. A genitália certamente nos é útil para a distinção de machos e fêmeas em cães. Dentre os humanos, uma investida neste sentido certamente poderia ser socialmente interpretada como um assédio ou atentado ao pudor. O mesmo factualmente ocorre com os corpos que possuem forma e comportamento destoante do esperado da matriz binária.

O comportamento e a forma dos corpos são alvos de disputa e distinção, por meio de significações que lhes são atribuídas historicamente. Nesse espectro, a sexualidade humana também passa a ser dominada discursivamente visando categorizar e controlar os corpos, atuando por uma série de mecanismos de saber. No bojo desta estrutura de múltiplos discursos que tensionam a sexualidade humana encontram-se os discursos moralistas religiosos, os discursos científicos, os discursos político-eleitorais, os discursos econômicos, os discursos do cotidiano e uma infinidade de outros em contínua articulação. O modo como os corpos se relacionam afetiva e sexualmente consigo, com outros corpos e com o espaço constitui-se como um dispositivo histórico, e não biológico. Partindo da dialética foucaultiana (1999) de poder-

saber, na próxima seção debateremos aspectos relativos à compreensão teórico conceitual da sexualidade como um dispositivo histórico.

3.2 A SEXUALIDADE COMO DISPOSITIVO HISTÓRICO

Como vimos, os corpos sexuados são significados historicamente, e as práticas corporais relativas à sexualidade humana também. Novamente, pode parecer que em nada a sexualidade humana seja social, afinal, poderíamos pensá-la como sendo unicamente motivada por impulsos e instintos primitivos do humano, o da preservação da espécie, que somente a biologia corporal seria capaz de explicá-la. Paralelamente, a prática sexual poderia parecer possuir na natureza humana uma finalidade estrita: a reprodução. Assim sendo, machos e fêmeas deveriam acasalar para a proliferação da prole, que fará o mesmo geracionalmente. A cultura somente teria adotado essa naturalidade como norma, reprimindo os corpos dissidentes sem motivações alheias às da manutenção da “normalidade”. E nesta perspectiva, a heterossexualidade, bem como ela se pratica, seriam biologicamente (quicá divinamente) normais, em oposição à anormalidade da homossexualidade e demais sexualidades errantes desta matriz binária dita “natural”, como por exemplo a bissexualidade.

Chegaríamos novamente nas contradições inerentes a conceber qualquer prática corporal humana como desprovida de um caráter histórico. Seria possível pensarmos a sexualidade humana da vida cotidiana sem os tabus que a rodeiam? Sem a delimitação de palavras relativas à sexualidade em permissíveis de serem ditas, e de “baixo calção”? O silêncio exigido do ato sexual é natural ou social? Gemer ou não gemer? Depilar ou não? Tudo isso, e todo o restante na sexualidade, é entremeado por discursos que a produzem como certa ou errada. Neste sentido, a sexualidade, conforme sugere Foucault (1999), é concebida por uma série de discursos e narrativas (saberes) que são historicamente produzidos como as verdades do sexo. Essas verdades, que são sobreposições múltiplas, foram ao longo da história produzidas por diversas instituições como por exemplo as da igreja, da ciência, da economia e da família, criando assim as subjetividades da sexualidade tornando-a um instrumento do poder sobre a vida.

Foucault (1999) refere a influência da igreja católica, do capitalismo e da classe burguesa europeia do século XVII na constituição das concepções de sexualidade humana na sociedade ocidental da modernidade. Este período corresponde na história do capitalismo como um momento de significativa expansão sob o domínio eurocêntrico de uma classe burguesa. O

estudioso sugere, assim, que a sexualidade humana foi instrumentalizada como um dispositivo social de controle dos corpos, sobretudo dos proletários, a partir da obrigatoriedade da produção discursiva do sexo, por meio da confissão detalhada, e assim da produção das verdades do sexo de cada corpo. Isso é, a imposição da necessidade de falar sobre a prática sexual na confissão impulsionou a produção discursiva sobre o sexo e conseqüentemente suas significações e subjetividades, os saberes das “verdades” do sexo. O corpo confessor apresenta de modo discursivo detalhadamente suas práticas sexuais como eventos, e o corpo receptor da confissão, a partir de um *corpus* social confessual, e inspirando-se na sexualidade da burguesia vitoriana, formula os saberes verdadeiros do sexo, apropriando-se destes como um arauto. Assim, Foucault (1999, p. 23) argumenta que

Este projeto de uma “colocação do sexo em discurso” formara-se há muito tempo, numa tradição ascética e monástica. O século XVII fez dele uma regra para todos. Dir-se-á que, de fato, só poderia se aplicar a uma elite mínima; a massa dos fiéis que só frequentavam a confissão raras vezes por ano escapava a prescrições tão complexas. Sem dúvida, o importante é que esta obrigação era fixada, pelo menos como ponto ideal para todo bom cristão. Coloca-se um imperativo: não somente confessar os atos contrários à lei, mas procurar fazer de seu desejo, de todo o seu desejo, um discurso. Se for possível, nada deve escapar a tal formulação, mesmo que as palavras empregadas devam ser cuidadosamente neutralizadas. A pastoral cristã inscreveu, como dever fundamental, a tarefa de fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo pelo crivo interminável da palavra. A interdição de certas palavras, a decência das expressões, todas as censuras do vocabulário poderiam muito bem ser apenas dispositivos secundários com relação a essa grande sujeição: maneiras de torná-la moralmente aceitável e tecnicamente útil.

Por isso que o autor rejeita a noção *una* de repressão proibitiva em prática e discurso da sexualidade, que comumente é associada ao período da chamada Era Vitoriana, pois, segundo Foucault (1999, p. 21), neste período “[...] em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva”. De modo algum o estudioso nega a existência de uma repressão da sexualidade, mas refere que o mais significativo é a delimitação de quais os discursos verdadeiros; como devem ser estes discursos, e quem poderá portá-los como verdades do sexo, pois isso é a gênese da repressão da sexualidade. Transforma-se o sexo em um objeto de confissão dos corpos, e essas confissões são apropriadas e instrumentalizadas em saberes, as verdades sobre o sexo. Pois, como debate Foucault (1999, p. 21-22),

considerando-se esses três últimos séculos em suas contínuas transformações, as coisas aparecem bem diferentes: em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva. É preciso ficar claro. Talvez tenha havido uma depuração – e bastante rigorosa – do vocabulário autorizado. Pode ser que se tenha codificado toda uma retórica da alusão e da metáfora. Novas regras de decência, sem dúvida alguma, filtraram as palavras: polícia dos enunciados. Controle também das enunciações:

definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações, entre quais locutores, e em que relações sociais; estabeleceram-se, assim, regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discricção: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviçais (FOUCAULT, 1999, p. 21-22).

O sexo passa a ser cuidadosamente controlado, destinado ao âmbito da casa, da família conjugal, e significa-se o casal heterocisnormativo procriador como o legítimo e único detentor da sexualidade em discurso e ato. Mesmo o sexo do casal procriador passa por uma delimitação, e produz-se a partir de normativas de secretamento da sexualidade. Essa discursividade histórica que estrutura na concepção ocidental as noções de normal e anormal, certo e errado, pecado e divino, decente e indecente sobre a sexualidade. A igreja compreende o sexo como uma ação destinada à reprodução, e ultrapassar as barreiras do corpo normal, o qual possui como referência os corpos e as práticas corporais da burguesia divinamente imaculável, são compreendidos como um pecado. Significa-se esses corpos como libertinos, pervertidos, pecadores, e, portanto, merecedores de aniquilação. Trata-se de um controle sobre a morte, ou da ameaça dela. Assim refere Foucault (1999, p. 08-09):

Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções.

A discursividade da religião teve como sucessora “legítima” na produção dos saberes e das verdades do sexo a ciência, que se apropria do ato da confissão em suas metodologias, e passa a criar as novas verdades do sexo. Deste modo, Foucault (1999) apresenta que a ciência a partir de ramos como a sexologia e a psicanálise produziram e introduziram no imaginário social novos saberes sobre o sexo e a sexualidade humana. As sexualidades errantes e os corpos desviantes tornam-se agora objetos de avaliação do “biológico” e “natural” e não mais do “divino”, e assim passam a ser interpretados no âmbito da *scientia sexualis*, como corpos doentes, corpos loucos, corpos histéricos, corpos patológicos, corpos da inversão sexual e outros. Aqui surgem as noções de natural e biológico nas subjetividades da sexualidade. Não se trata de negar os aspectos inerentes à materialidade corporal orgânica, mas o que Foucault

busca demonstrar é que esses aspectos biológicos são significados, categorizados e instrumentalizados discursivamente em saberes pelo poder.

O poder passa a controlar a vida dos corpos a partir destes dispositivos oriundos de diversas instituições, não mais com a ameaça da morte, mas com a perversidade da imposição das verdades que regem a vida, ao ponto destes corpos assumirem alienadamente esses saberes ditos científicos e naturais em sua prática corporal e espacial. Celebra-se o corpo malthusiano procriador e esgotador de recursos; o corpo do determinismo geográfico necessitado de recursos e condicionado pela sua disponibilidade; o corpo genético da eugenia racista; o corpo dócil da civilidade jurídica e pedagógica; o corpo doente da medicina; o corpo transtornado da psicanálise; o corpo belo da estética e tantos outros corpos em um mesmo corpo. O corpo torna-se o habitar de múltiplas vertentes discursivas históricas sobrepostas que o dominam significando-o. A partir destas várias discursividades produtoras de saber, que buscam administrar e controlar os corpos, socialmente e individualmente, que se constitui o poder sobre a vida, e não mais sobre o cenário da morte. Mas o que seria afinal este poder e quem o detém? A igreja? O capital? O Estado? O homem branco heterocisnormativo?

Foucault (1999 2006), em uma oposição ao pensamento marxista clássico, defende que o poder não é algo concentrado nas instituições econômicas e nas estruturas de classe. O poder para o estudioso não é uma coisa, não é material, é sempre uma relação, uma ação, um exercício, e embora o exercício do poder incida em efeitos na materialidade, é o seu exercício que o constitui, a alteração da materialidade é uma mera consequência. Para Foucault, o poder sempre é algo que se exerce e não é algo negociável, que se possa ter ou deixar de ter. Ele é exercido em todos os lugares de maneira extremamente assimétrica, pois o poder é sempre uma relação desequilibrada, e ninguém está fora das relações de poder, todos os corpos em algum grau participam delas em distintas posições na vida cotidiana. Neste sentido, o autor (FOUCAULT, 2006, p. 262) argumenta que:

[...] O poder político não consiste unicamente nas grandes formas institucionais do Estado, naquilo que chamamos de aparelhos de Estado. O poder não opera em um único lugar, mas em lugares múltiplos: a família, a vida sexual, a maneira como se trata os loucos, a exclusão dos homossexuais, as relações entre os homens e as mulheres... todas essas relações são relações políticas. Só podemos mudar a sociedade sob a condição de mudar essas relações.

Como refere Foucault (2006), o poder é um feixe de relações em que todos se encontram. Nas relações de poder ninguém detém o poder por todo tempo, nem mesmo o Estado, pois não se trata de um exercício concentrado em grandes instituições, mas que se

exerce em todos os espaços (micro espaços), a todos os corpos, e por todos os corpos. Não existe somente a relação dominação-dominado, o poder é uma complexidade muito mais ampla, onde um mesmo corpo pode ocupar distintas posições a depender do contexto e dos demais corpos que estão envolvidos nas micro relações da vida cotidiana. Isso quer dizer que ele está nas micro relações, como por exemplo as da vida cotidiana: homem-mulher, mulher-mulher, pai-filho, pai-mãe, mãe-filho, professor-aluno, proletário-burguês, burguês-burguês, proletário-proletário, vizinho-vizinho, e infinitas outras. Do mesmo modo, está nos lugares cotidianos, na própria residência, na residência de familiares e amigos, na rua, na boate, no supermercado e em tantos outros. O poder é disseminado de maneira desequilibrada, assimétrica, estando em todos os lugares, operando na família, na vida sexual, nas relações homens e mulher, na exclusão dos homossexuais. Neste sentido que adotamos o termo “confronto” nesta pesquisa, pois em todo encontro há confronto de poder. Assim sendo, o poder é passível de mudança no arranjo de suas relações, mas não de destruição, já que está em tudo. Deste modo, o poder sobre a sexualidade é exercido por todos (o poder não tem dono), em diversas instâncias da vida cotidiana, e são os múltiplos saberes sobrepostos sobre a sexualidade de um determinado tempo-espaço (dispositivo histórico da sexualidade) que constituem esse saber como uma verdade, incidindo efeitos sobre a materialidade por meio do controle da vida e dos corpos.

O caráter histórico do dispositivo da sexualidade não se revela somente na sua constituição que é formulada socialmente através do tempo, mas também por este dispositivo sempre ser localizado em um contexto espaço-temporal, e uma relação poder-saber específico da vida em sociedade. Deste modo, podemos inferir, a partir do que discorre Foucault (1999), que não há como falar de uma história da sexualidade em um sentido linear, uma vez que, sendo essa um constructo social que se constitui diretamente a partir das relações poder-saber de seu tempo-espaço, o que podemos tratar é de uma história das relações poder-saber que instrumentalizam a sexualidade, mas não de uma história única da sexualidade humana. É a instrumentalização da sexualidade humana em saber pelo poder que gera a noção de sexualidade e seu caráter social, o que, por sua vez, serve a produção do poder.

Assim, a sexualidade não deve ser entendida como um objeto sob a repressão do poder, mas um instrumento de criação e manutenção do poder repressivo sobre a sexualidade. É um poder que se autoproduz. É o dispositivo histórico da sexualidade que dota os eventos da sexualidade humana de significados, e a partir destes que se concebe uma sexualidade como correta ou não, normal ou anormal, divina ou pecaminosa, decente ou indecente, e assim,

aniquilável ou multiplicável. Esta multiplicidade de discursos tidos como verdadeiros atua como um dispositivo histórico de controle dos corpos. O autor argumenta que

[...] discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados administrativos, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Relevante é compreendermos que, para Foucault (1999), o dispositivo da sexualidade sempre está ligado a um contexto histórico de relações de poder-saber, e em sua natureza estratégica corresponde a instituição do sujeito em suas práticas e justificativas destas práticas, mas ainda nas leis, nos discursos científicos e religiosos, nas medidas administrativas, enfim, múltiplos elementos heterogêneos em múltiplas manifestações discursivas e não discursivas.

Sim, pois o dispositivo da sexualidade também é envolto nas ações sociais não discursivas, isto é, nos comportamentos coercitivos que se originam desta articulação discursiva, mas que não sejam necessariamente enunciados. Quando a sociedade discursivamente cria as diretrizes que estabelecem o uso de objetos com a cor azul para corpos infantis com falo, e o uso de objetos de cor rosa para corpos infantis sem falo (significando corpos e cores), essa discursividade tem efeitos sobre a vida em sociedade que não são enunciados, como por exemplo: corpos infantis com falo usando objetos na cor azul, e corpos infantis sem falo utilizando objetos na cor rosa de modo intransponível e alienante na vida cotidiana, sucedendo a fase infantil e se impondo como verdade inclusive na vida adulta.

A repressão passa pelo domínio dos discursos, pela incitação aos discursos do sexo e pela manifestação perversa da necessidade de falar sobre o sexo confessando-se. O poder utiliza-se da linguagem e da discursividade das “verdades” das individualidades corporais para criar as subjetividades da sexualidade como um saber, um bem público, um ideal discursivo hegemônico que rege a sociedade ocidental moderna classificando e significando os corpos e os atos sexuais. O poder não se interessa nas práticas sexuais como eventos, mas na sexualidade como saber, como discursividade significativa das práticas. É o saber sobre os eventos singulares do sexo, obtidos por meio da confissão e criação de verdades dos corpos, que se cria o poder sobre as práticas sexuais sociais e individuais. É a significação da prática sexual que torna a sexualidade normal ou anormal, e são essas subjetividades que criam o poder repressivo sobre a sexualidade. Não é um poder repressivo sobre a sexualidade que cria os significados negativos nos corpos dissidentes, mas o oposto, os discursos delineiam a normalidade “natural”

destes corpos, e a partir destas “verdades” que surge a repressão aos “anormais”. Foucault acrescenta:

Ora, o poder em suas estratégias, ao mesmo tempo gerais e sutis, em seus mecanismos, nunca foi muito estudado. Um assunto que foi ainda menos estudado é a relação entre o poder e o saber, as incidências de um sobre o outro. [...] tenho a impressão de que existe, e tentei fazê-la aparecer uma perpétua articulação do poder com o saber e do saber com o poder. Não podemos nos contentar em dizer que o poder tem necessidade de tal ou tal descoberta, desta ou daquela forma de saber, mas que exercer o poder cria objetos de saber, os faz emergir, acumula informações e as utiliza (FOUCAULT, 1979, p. 141-142).

Retomando as falas do atual Presidente da República podemos refletir sobre o dispositivo histórico proposto por Foucault. Ao dizer que não contrataria uma mulher com o mesmo salário de um homem pois a maternidade poderia resultar em encargos ao empregador, Bolsonaro se agarra a uma maquinaria discursiva que concomitantemente relaciona um discurso econômico (na relação empregador e empregado – burguesia e proletariado), um discurso biológico (uma suposta impossibilidade biológica ao trabalho inerente à gravidez), um discurso da família (mulher = maternidade = mãe), e um discurso político-eleitoreiro (pois, sendo um Deputado Federal no momento, sua fala destina-se ao seu eleitorado). Na fala de Bolsonaro, vários discursos dos saberes de seu tempo-espço são articulados na produção de uma “verdade”. Tal articulação de narrativa também pode ser observada ao insinuar que homossexualidade seria resultado do uso de drogas, da mulher trabalhar fora (mãe ausente) e da falta de repressão por parte dos pais, ou ao enunciar termos como “Kit gay” e “Ideologia de Gênero”, dentre outros. Múltiplas narrativas históricas são remodeladas em um discurso produzindo “verdades”, que ao chegar ao eleitorado, infere em resultados. São esses saberes instrumentalizados em discursos que produzem a repressão. As falas de Bolsonaro são por si só repressivas, mas delas surgem coações não enunciadas na vida em sociedade, como o assassinato de uma travesti com “requisitos de crueldade”, um espancamento “corretivo” de um pai em seu filho gay, um estupro “corretivo” em uma mulher lésbica, ou um voto – mesmo não ditas, elas têm um peso discursivo, pois são motivadas por discursos significativos aos sujeitos.

Cabe destaque que esses dispositivos históricos de poder não são constituídos somente em torno da sexualidade, mas são sobrepostos por diversas outras narrativas discursivas, haja vista que um corpo nunca é somente uma coisa, mas várias. Um corpo tem idade, tem etnia, tem tamanho, tem sexo, tem classe e diversas outras possibilidades históricas de adjetivação como já abordamos. Neste sentido o dispositivo histórico da sexualidade se relaciona com demais dispositivos, também históricos, de dominação e controle dos corpos na vida

cotidiana. Adiante, trataremos sobre a conceituação de interseccionalidade, que em muito pode contribuir para o entendimento dessa tessitura de dispositivos históricos sobrepostos, mas por ora precisamos adentrarmos em outra conceituação que a essa altura já deve ser problemática – o gênero.

3.3 GÊNERO COMO AÇÃO

Considerando o que debatemos até aqui, não poderíamos dizer que o gênero seja uma inscrição cultural sobre um corpo biologicamente sexuado, tendo em vista que os próprios sexos são constituídos historicamente pelo discurso. Também, não poderíamos dizer que a sexualidade humana seja regulada única e exclusivamente por normas biológicas, reprimidas por um “poder” social baseado no “natural”. O que seria o gênero então? O gênero existe? Podemos falar em “Identidades de Gênero”? Se o que constitui os sexos e a sexualidade não é uma essência natural, mas uma discursividade histórica, poderia o gênero ser considerado então uma identidade formulada por uma cultura localizada espaço-temporalmente, que é assumida forçosamente por um corpo? Como provoca Butler (2020), poderíamos escapar de um determinismo biológico e nos prendermos em um outro determinismo, o cultural? O corpo é uma “tábula rasa”, passiva e irreativa a tudo isso?

As dificuldades em compreender o gênero se complexificam à medida que deixamos de entender o sexo como uma naturalidade biológica pré-discursiva, e consideramos se tratar de uma construção histórica de significações discursivas. Neste cenário, o sexo, como materialidade, é ocultado pelas significações que lhe são atribuídas na vida cotidiana em sociedade. Butler (2016, p. 153) problematiza a concepção de gênero como uma “[...] relação entre cultura e natureza, pressuposta por alguns modelos do gênero como construção [...]”, que “[...] supõe uma cultura, ou uma agência social que age sobre uma natureza, a qual é, ela própria, pressuposta como uma superfície passiva, fora do social, mas sua necessária contraparte”. Justamente, pois não há como pensarmos a materialidade do corpo e do sexo sem seu caráter social, o qual possui centralidade na vida em sociedade, logo, “[...] não faz sentido entender o gênero como a interpretação cultural do sexo” (BUTLER, 2020, p. 27). Existe alguma diferença afinal entre sexo e gênero? Neste sentido Butler (2016, p. 158, grifos da autora), refere que

Se o gênero consiste dos significados sociais que o sexo assume, então o sexo não adquire significados sociais como propriedades aditivas, mas, em vez disso, é

substituído pelos significados sociais que adota; o sexo é abandonado no curso desta assunção e o gênero emerge não como um termo em uma permanente relação de oposição ao sexo, mas como um termo que absorve e desloca o “sexo”, a marca de sua substanciação plena no gênero [...]. Se o gênero é a construção social do sexo, e se não existe nenhum acesso a esse “sexo” exceto por meio de sua construção, então parece não apenas que o sexo é absorvido pelo gênero, mas que o “sexo” torna-se algo como uma ficção, talvez uma fantasia, retroativamente instalado em um local pré-linguístico ao qual não existe nenhum acesso direto (BUTLER, 2016, p. 158, grifos da autora).

Como podemos compreender a partir do que argumenta Butler, o “sexo” em uma visão estritamente materialista e desprovida de historicidade é um discurso, que foi naturalizado na concepção do ocidente moderno sobre o sexo, e não uma realidade vivida. Como refere Foucault (1999), os discursos atuam como estratégias de poder-saber na dominação dos corpos, e o discurso da materialidade pré-discursiva tem como finalidade a manutenção de uma estrutura binária. Isso pois, “[...] colocar a dualidade do sexo em um domínio pré-discursivo, é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas”, trata-se de um “[...] efeito do aparato de construção cultural que designamos por gênero” (BUTLER, 2020, p. 28).

Assim, por meio de dispositivos históricos, os corpos são normatizados na vida cotidiana. Por meio de uma multiplicidade sobreposta de discursos constituídos pelas relações históricas de poder-saber de cada sociedade, se delimita e significa os discursos e as práticas no entorno dos “sexos”, e da sexualidade. O sexo como materialidade é apropriado, sendo absorvido pelo gênero, isto é, as significações que dotam e normatizam os corpos com falo e os corpos sem falo na vida em sociedade é o que denominamos aqui, com base em Butler (2020), de padrões de performatividade de gênero. Compreendendo que os padrões de performatividade de gênero diretrizam as formas e os comportamentos dos corpos em uma matriz binária, os padrões e gênero são instituídos em homem e mulher (subliminarmente na vida em sociedade, também, macho e fêmea). Mas e o gênero, o que seria?

Para Butler (2020) o gênero é performance – um conjunto de modos de agir e fazer que são repetidos, geracionalmente repassados e interiormente naturalizados. Assim, os sujeitos não “têm” um gênero, ou uma “identidade de gênero”, mas o performam. Essa performance baseia-se em um conjunto padrão de fazeres repetidos, que reforçam as diferenças criadas entre o binarismo de “sexo”. Assim, ser homem ou mulher não é uma característica anatômica do sujeito, tampouco um fator determinado culturalmente pela sociedade com base em um corpo “biologicamente” sexuado, mas sim um modo de performar, um conjunto de especificações sobre as ações dos corpos. Neste sentido a autora argumenta que “[...] o gênero é sempre um

feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra” (BUTLER, 2020, p. 48), é “[...] a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2020, p. 59), e ainda “[...] uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada” (BUTLER, 2020, p. 37).

Desse modo, o gênero se baseia em uma lógica binária e somente reconhece como corpos inteligíveis os que são reconhecidos socialmente como homem e mulher. Ser homem e mulher, como já citado, é cumprir um papel social e performar gênero de uma maneira específica. A partir de dispositivos históricos, a sociedade ocidental da modernidade condiciona como os corpos devem se comportar para que sejam inteligíveis na matriz binária, e assim estabelecem-se normas sobre como corpos com falo e como corpos sem falo devem agir, por exemplo: como andar, como sentar, como cruzar as pernas, como gesticular, como falar, como se vestir, como cortar o cabelo, como dançar, como usufruir da sexualidade, e uma infinidade de outros modos de agir. Essas normas são estabelecidas por múltiplos discursos históricos que foram entendidos como verdades por grande parte do ocidente, e, assim, todos os corpos devem atender aos comportamentos esperados. A forma de se comportar, manifestar, agir, e ser, são moldadas nas vivências deste sujeito, e internalizadas de tal modo que o sujeito passa a performar seu gênero de maneira involuntária

Esse padrão de performatividade é imposto indiscriminadamente a todos, e impõe aos sujeitos modos de performar gênero que reforçam as diferenciações sociais de homens e mulheres. Neste sentido, Butler (2020, p. 24) argumenta que a lógica do binarismo naturaliza a noção determinista de que “[...] gênero reflete sexo e é por ele restrito [...]”, e, portanto, nesta lógica poderiam existir somente dois gêneros e dois sexos: masculino e feminino, macho e fêmea, a idealização de “homem” e “mulher”. Assim, a sociedade ocidental moderna estabelece uma normativa de sexo e gênero, como uma cartilha a ser seguida por todos, os padrões binários de performatividade de gênero. Os corpos que não se adequam a essa normativa são ininteligíveis, e são considerados os corpos dissidentes, corpos transgressores. São considerados os corpos “anormais” – passíveis de “correções” –, corpos patologizados – podem ser “tratados” –, corpos “pecadores” – podem “redimir-se” –, corpos “indecentes” – podem se “resguardar” –, e se ainda assim não se adequem, devem ser excluídos, marginalizados ou ainda aniquilados, exterminados.

Deste modo, o que podemos perceber é que: não é o gênero que um corpo “tem” que condiciona a sua performance, mas a sua performance que constitui o que é o seu gênero. Um corpo não possui uma “identidade de gênero” que “expresse”, pois o gênero é a ação em si, um conjunto de atitudes corporais, que são categorizadas em uma matriz binária, repetidas incessantemente ao ponto de serem naturalizadas. E é esse conjunto de atitudes corporais normatizadas que em performance definem o gênero de um corpo.

Dizer que um corpo possui uma “identidade de gênero” que demande ser expressada, indicaria um essencialismo, uma internalidade estática ao sujeito que seria externalizada. Acontece que sendo o gênero uma performatividade, ele está em contínua produção, em devir, o gênero é algo fluido. É a performance cotidiana, assimilada ou subvertida da matriz binária, que torna um corpo inteligível ou ininteligível, categorizável a partir das normas de comportamento corporal convencionadas em determinada sociedade. E sendo o gênero performatividade que em nada deva ser condicionada a um “fictício sexo biológico” de uma matriz binária da vida cotidiana, “[...] não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois” (BUTLER, 2020, p. 26). Tampouco, poderíamos dizer que os sujeitos possuam um gênero, mas sim que performem um. Amanhã nada impede de que seja outro, e outro.

O gênero como performatividade demonstra-nos algo muito relevante: de que os corpos podem se rebelar e subverter esse padrão binário por meio de suas performatividades, já que não possuem uma identidade internalizada e estática. Se o que constitui o gênero é uma performatividade cotidiana, os corpos não precisam adotar a esse sistema de significados e representações corporais compreendidos como sendo de homem ou mulher, mas podem ser “transgêneros”: intercambiar por ambas as performatividades, renegar ambas e não nomear uma identificando sua performatividade, denominar-se com um gênero não-binário, e tantas outras inimagináveis possibilidades. O gênero se concretiza pela ação, e pela ação pode ser, e é constantemente remodelado. Certamente, por muitas vezes, a afronta ao binarismo de gênero pejora os corpos em transgressores, dissidentes, anormais e todo um conjunto de adjetivações que já citamos. De todo modo, demonstra que os corpos não são condenados na gestação a viver a eternidade em um gênero com uma performatividade pré-estabelecida, mas que podem subvertê-la. Ou, em um cenário otimista, os corpos não teriam mais que se rebelar contra um binarismo e a fluidez do gênero seria algo mais acessível, mas até lá, não há como concebemos que todos os corpos sejam irreativos ao binarismo.

Considerando que todo o espectro da vida dos sujeitos é condicionado ao padrão binário de performatividade de gênero, a sexualidade humana também o integra como normativa de critério a inelegibilidade dos corpos. Neste sentido, como já abordamos, no ocidente considera-se inteligível somente a sexualidade de oposição, isto é, somente a heterossexualidade é considerada natural, normal. Trata-se de uma imposição universal a todos, compondo a inelegibilidade dos corpos, e se “[...] as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero” (BUTLER, 2020, p. 37), a homossexualidade e a bissexualidade, por exemplo, são consideradas transgressões de gênero, além de transgressões sexuais. Isto pois, só se considera um corpo reconhecível como inteligível na matriz binária, se dentre todos os demais comportamentos deste corpo, a sexualidade também seja a normativa, a heterossexual, o que deriva do dispositivo histórico da sexualidade como debatemos com referência a Foucault (1999).

É válido retomarmos outro ponto, que o gênero e a sexualidade não são as únicas estruturas de poder-saber que se constituem no ocidente da modernidade, mas estão sobrepostos a diversos outros, como os de raça e classe social por exemplo. Deste modo, passemos a compreensão da interseccionalidade.

3.4 CORPOS INTERSECCIONAIS

O termo interseccionalidade foi alçado em 1989 por Kimberlé Crenshaw, uma pesquisadora e jurista estado-unidense que buscava nomear um problema que envolve sobretudo a intersecção entre as estruturas de poder relativas à raça, gênero e classe. Desde então, tanto a pesquisadora, quanto inúmeros outros pesquisadores e pesquisadoras passaram a desenvolver estudos que se utilizam dessa ideia. Além disso, movimentos sociais e órgãos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU) também passaram a envolver a interseccionalidade em suas ações (CRENSHAW, 2002). Neste sentido, Crenshaw (2002, p. 177) compreende que:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

Deste modo, podemos compreender que a interseccionalidade busca tornar mais evidente que essas estruturas não se realizam de modo desagregado na vida, e nas relações de poder, mas em conjunto. Crenshaw (2002, p. 177) explica que essas estruturas estão sempre relacionadas e incidem em opressões sobre os corpos, e dentre as múltiplas estruturas de poder existentes na vida cotidiana em sociedade no ocidente algumas ganham destaque:

[...] raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos. Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas, frequentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando interseções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam. As mulheres racializadas frequentemente estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou a xenofobia, a classe e o gênero se encontram. Por consequência, estão sujeitas a serem atingidas pelo intenso fluxo de tráfego em todas essas vias. As mulheres racializadas e outros grupos marcados por múltiplas opressões, posicionados nessas interseções em virtude de suas identidades específicas, devem negociar o tráfego que flui através dos cruzamentos. Esta se torna uma tarefa bastante perigosa quando o fluxo vem simultaneamente de várias direções.

No mesmo sentido que Crenshaw (2002), Butler (2020) problematiza a ideia generalista que está associada ao termo “mulher” (o mesmo, ao seu modo, ocorre com o termo “homem”), pois caracteriza que pessoas que performem o gênero compreendido como mulher na matriz binária seriam todas iguais: estariam do mesmo modo submetidas às diversas estruturas de poder. Entretanto, como argumenta a autora (BUTLER, 2020, p. 21), é “[...] impossível separar a noção de “gênero das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida”, pois

Se alguém “é” uma mulher, isto certamente não é tudo o que esse alguém é [...]. [...] o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, ou regionais de identidades discursivamente constituídas. A presunção política de ter de haver uma base universal para o feminismo [mulher], a ser encontrada numa identidade supostamente existente em diferentes culturas, acompanha frequentemente a ideia de que a opressão das mulheres possui uma forma singular, discernível na estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal ou masculina. A noção de um patriarcado universal tem sido amplamente criticada em anos recentes, por seu fracasso em explicar os mecanismos de opressão de gênero nos contextos culturais concretos em que ela existe.

Rodó-de-Zárate (2014, p. 142) refere que estas avenidas referidas por Crenshaw constituem o centro da interseccionalidade, mas não necessariamente deva restringir-se a elas, pois “[...] trata-se de um conceito que visa capturar inúmeras relações entre as diferentes dimensões das estruturas de poder [...]”. Rios, Perez e Ricoldi (2018, p. 43) argumentam que

“[...] a interseccionalidade, quando é expressa pelos coletivos, combina mais clivagens do que aquelas ressaltadas pela literatura acadêmica (gênero, raça e classe social)” (RIOS; PEREZ; RICOLDI, 2018, p. 43), e assim, frente a interseccionalidade, diversas podem ser as articulações em pesquisa, ou observação, pois diversas elas são na vida cotidiana dos corpos. Como outros exemplos, podemos pensar em diversas possibilidades de articulação na vida: idade, endereço, origem, sexualidade, deficiência, etc. Ribeiro (2016, p. 101) acrescenta ainda que

Pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que, sendo estas estruturantes, é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, mas sim de modo indissociável.

A interseccionalidade permite, portanto, observarmos como essas diversas estruturas se articulam na vida cotidiana dos corpos. Corpos têm gênero, têm classe, têm etnia, e assim sendo, todas essas estruturas atuam em conjunto. E neste sentido que essa pesquisa considera a interseccionalidade em suas compreensões teórico-conceituais, objetivos e metodologias, pois, em concordância com o que propõe as estudiosas, compreendemos que não há como pensar, ao menos essas três categorias, de modo desassociado.

O que viemos construindo até aqui foi uma abordagem sobre as categorias envolvidas nesta pesquisa, bem como buscamos construir uma compreensão sobre os conceitos que aqui serão articulados e como compreendemos estes conceitos com base nos referenciais utilizados. No próximo capítulo, buscaremos abordar como essas conceituações e elaborações teóricas no entorno de sexualidade e gênero se realizam na vida, sobretudo na última década no Brasil. Para isso, nos utilizaremos de dados de violências e violações aos corpos transgressores da matriz binária nos últimos anos no Brasil, e faremos uma retomada de algumas das principais conquistas de direitos a estes corpos.

4 CORPOS SUBVERSORES NO BRASIL DO SÉCULO XXI: CONSTATAÇÕES MÓRBIDAS

Apontarmos que os corpos podem subverter a matriz binária de gênero, e, portanto, a heterossexualidade também, não significa dizer que essa subversão não incida em consequências ao corpo transgressor, ainda mais considerando vivermos em uma sociedade ocidental, patriarcal e conservadora. Como debatemos anteriormente, as relações de poder-saber da modernidade ocidental, de modo geral, resultaram em delineações muito bem padronizadas em uma visão binária e interseccional, de performatividade de gênero e de sexualidade.

Assim, a cisgeneridade heterossexual torna-se o referencial da performatividade da “normalidade natural”, e todo o restante dos corpos que sejam inadequados a essas normas são ininteligibilizados. As inscrições corporais, leia-se aqui elementos historicamente convencionados de significação discursivas das formas e comportamentos dos corpos, servem como marcadores de identificação e distinção entre os corpos correspondentes à matriz binária e os transgressores e subversivos dela. Nas relações de poder, das quais todos participam em distintas posições na vida cotidiana, as minorias sexuais, em suas interseccionalidades, são frequentemente, e às vezes totalmente, excluídas e marginalizadas na vida em sociedade. Seus corpos, sendo considerados “anormais” são frequentemente alvos de tentativas de “correção” por meio de violências e violações diárias de direitos humanos fundamentais, ou ainda de aniquilação e extermínio. Deste modo, buscamos nesta seção apresentar dados relativos a violências e violações as quais estes corpos transgressores da matriz binária de performatividade de gênero são cotidianamente submetidos no Brasil.

Iniciemos problematizando que uma breve busca por mensurações estatísticas em órgãos oficiais brasileiros sobre violência contra minorias sexuais e de gênero no Brasil, expõe o desinteresse do poder público de compreender, combater e prevenir essas violações, pela baixa quantidade, ou inexistência de dados. Essa insuficiência de dados sobre a população LGBTQIA+ no Brasil é arguida no Atlas de Violência de 2020, que aponta que a escassez de dados de violência contra LGBT seja um problema central e que a dificuldade em “[...] mensurar, de forma confiável, a prevalência da violência contra esse segmento da população, [...] dificulta a intervenção do Estado por meio de políticas públicas” (IPEA, 2020, p. 54). O mesmo é constatado no Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2019, que defende a necessidade de “[...] reverter o quadro atual de invisibilização deste grupo nos dados de

segurança pública”, e aponta a necessidade de “[...] monitorar de forma geolocalizada tais crimes, desenvolver políticas preventivas e de inteligência, bem como políticas de promoção de acesso a direitos e oportunidades para população LGBTI+ [...]” possibilitando a estes sujeitos o “[...] direito a usufruir, participar e navegar em suas cidades” (FBSP, 2019, p. 42).

A inexistência de dados sobre essas minorias demonstra o descaso do Estado brasileiro com essa parcela da população. Trata-se de um exemplo da atuação do Estado na constituição do dispositivo histórico da sexualidade. Vejamos: sabendo que no país existe há décadas uma política de extermínio de corpos dissidentes da heterocisnormatividade, e que a ineficiência sistemática deste tipo de mensurações estatísticas impossibilita o estabelecimento de um cenário de atuação e conseqüentemente o desenvolvimento de políticas públicas voltadas a esse segmento populacional, expressa uma coerção da sexualidade não enunciada. É um discurso do Estado que avaliza o extermínio destes corpos LGBTQIA+ sem ser enunciado verbalmente.

Embora a quantidade de dados oficiais compilados sobre sexualidade e gênero no Brasil ainda seja insuficiente, várias entidades civis se empenham em realizar esses levantamentos estatísticos. Neste sentido, algumas organizações da sociedade civil compilam dados de violência contra sujeitos LGBT em decorrência de sua orientação sexual ou identidade de gênero, noticiados pela imprensa, como o Grupo Gay da Bahia (GGB), e a Associação Nacional de Transgêneros (ANTRA). Além disso, também servem como instrumentos de mensuração desta violência os relatórios anuais do Disque Direitos Humanos, que apresentam denúncias de violências e violações à população LGBTQIA+. Tais dados não permitem uma mensuração precisa destas violências, por se tratar de métodos que assumem a subnotificação. Levantamentos como o do GGB e da ANTRA se baseiam somente em violências que foram noticiadas pelos meios de comunicação, enquanto os relatórios do Disque Direitos Humanos apresentam somente crimes denunciados ao órgão, de modo que muitas violências e violações não sejam contabilizadas por não serem publicizadas ou denunciadas. Embora não sejam dados apurados, permitem minimamente que possamos compreender como esta população é violentada no Brasil.

Os dados publicados pelo GGB no Relatório de Mortes Violentas LGBT+ no Brasil de 2019 apontam que no país “a cada 26 horas um LGBT+ é assassinado ou se suicida vítima da LGBTfobia [...]” o que titula o Brasil “[...] como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais” (MICHELS; MOTT, 2019, p. 13). Segundo o GGB, de 2000 a 2020 “[...] 5.046 cidadãs e cidadãos brasileiros foram vítimas mortais da intolerância, ódio e descaso das autoridades que poderiam ter construído ao longo desse período políticas públicas de enfrentamento e contenção

da escalada de tão grave drama dos nossos tempos” (GASTALDI *et al.*, 2021, p. 23). Destas mortes violentas, 329 foram em 2019 e 237 em 2020. O GGB destaca ainda os métodos empenhados nos homicídios de LGBT, e a crueldade do crime de ódio que se “[...] transparece nos detalhes da boca amordaçada, mãos e pés amarrados, rosto desfigurado, além de hematomas por todo o corpo, alguns sendo carbonizados, num gesto extremo de demonstração de aniquilação total” (MICHELS; MOTT, 2020, p. 82).

Muito significativa é a intensidade da opressão a qual corpos transgêneros são submetidos conforme apresenta o Dossiê da ANTRA, de Assassinatos e Violência Contra Travestis e Transexuais Brasileiras (2020), ao apontar que “[...] apenas 4% da população trans feminina se encontra em empregos formais [...], 6% estão em atividades informais e subempregos [...]” e “[...] 90% da população de travestis e mulheres transexuais utilizam a prostituição como fonte primária de renda” (ANTRA, 2020, p. 44), destas, “[...] 38% residem em áreas de periferia, território de favelas e/ou ocupação e 32% em cidades do interior. As demais moram na capital e centro urbano, representando 30%” (ANTRA, 2020, p. 86). Destaca ainda os “[...] 175 assassinatos contabilizados pela associação, [...] contra pessoas que expressavam o gênero feminino em contraposição ao gênero designado no nascimento [...]” (ANTRA, 2020, p. 07).

Estes dados nos permitem observarmos que dentre os corpos transgressores, os corpos transgêneros, sobretudo os que apresentam uma performatividade feminina, são mais intensamente perseguidos. A marginalização e exclusão destes corpos se apresenta pelo controle da vida: na inacessibilidade ao mercado de trabalho formal, no condicionamento à prostituição e na exclusão desses corpos em praticamente todos os demais espaços da vida cotidiana. Também pela eminência da morte, haja vista que no panorama estatístico de mortes violentas de sujeitos LGBTQIA+ no Brasil em 2020, segundo o GGB, das 237 mortes contabilizadas, 161 foram de travestis e mulheres transgênero, o que representa 70% do total de mortes contabilizadas no período.

O relatório anual do Disque Direitos Humanos revela também o registro de 846 denúncias de violências e violações aos sujeitos LBGT no Brasil em 2019, tendo 17 destas ocorridas no território catarinense. Essas violências ou violações compreendem, segundo o relatório, violências físicas, psicológicas, sexuais, institucionais, negligências, discriminações, abusos financeiros, entre outras. Novamente, podemos perceber que as opressões a estes corpos se realizam nos mais variados âmbitos da vida, demonstrando tratar-se de todo um aparato discursivo que estrutura a opressão, não somente pela ameaça da morte, mas pela vida.

Também são relevantes os dados que ambos os relatórios apresentam sobre onde estas violências e violações ocorreram. O Relatório do Disque Direitos Humanos aponta que em 2019 foram registradas no Brasil: 244 ocorrências de violências ou violações na casa da vítima; 169 na rua; 55 na casa do suspeito; 45 em hospital; 37 no local de trabalho e 23 em escolas (BRASIL, 2019). O relatório de mortes violentas do GGB de 2018 aponta que dos 362 homicídios de sujeitos LGBT daquele ano, ocorreram “[...] 179 (49,4%) em vias públicas, 155 (42,8%) em residências e 28 (7,7%) em estabelecimentos privados [...]” (MICHELS; MOTT, 2018, p. 09). Estes dados apontam que a população LGBT não é violentada em espaços específicos, mas nos mais variados, que compreendem, como já abordamos, sobretudo os espaços de vivência cotidiana, o lugar destes corpos. A existência do corpo LGBT por muitas vezes não é aceita nestes lugares e deve ser “corrigida” ou aniquilada pela violência. Desvende-se, assim, que para grande parte dos corpos LGBT no Brasil, os espaços que deveriam ser os da identificação e de realização da vida cotidiana (o seu lugar), acabam se significando como um cárcere a céu aberto dos corpos condenados como transgressores da lógica binária, sem data, local e algo previstos para a execução da pena de morte.

Ainda cabe destaque aos dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2019, que demonstram que neste ano o Brasil contabilizou 584 registros de crimes de lesão corporal contra pessoas LGBTQIA+, 55 de estupro e 84 homicídios. Entretanto, este anuário ressalta que “[...] dados relativos à violência contra a população LGBTQIA+ possuem um imenso déficit de captação e publicização por parte do setor de segurança pública”, e assim, “[...] há grandes discrepâncias no que diz respeito à produção de dados, sendo o crime de homicídio o mais pervasivo [...]”, de modo que foi somente “[...] respondido por 13 das 27 UFs, seguido pela categoria estupro, respondida por somente 12 das 27 UFs, e lesão corporal dolosa, respondida por 10 das 27 UFs” (FBSP, 2019, p. 33), o que justifica a nítida subnotificação quando relacionamos os dados com os relatórios do GGB e da ANTRA.

Além do descaso do Estado, podemos ressaltar outro ponto importante: o de casos de estupro a sujeitos LGBT. Esse tipo de crime, em geral, tem sua finalidade justificada como “corretiva” dos corpos transgressores, sobretudo de mulheres lésbicas. Tal prática também se constitui em um modo de coerção da sexualidade não enunciativa, mas que é baseada em discursos, pois se estrutura em concepções de que corpos lésbicos poderiam ser “corrigidos” por meio da violência. O mesmo direciona-se às lesões corporais, uma vez que tais agressões também se pautariam em uma discursividade de “correção” do corpo transgressor. O homicídio busca a aniquilação, mas, de modo geral, todos crimes violentos a corpos LGBT no Brasil, além

da sua consequência aos corpos de modo individual, inferem em resultados sociais, uma vez que geram um sentimento de perseguição, e assim sendo, torna-se necessária a precaução, em alguns casos a níveis extremos.

Relevante é destacarmos que segundo os dados do GGB, de 2000 a 2017 os números de mortes de sujeitos LGBT no Brasil vinham em uma significativa escalada de aumento, apresentando queda em 2021, conforme é possível observar no quadro 6. Em 2018, nota-se uma pequena queda nas estatísticas, e nos anos seguintes isso se repete, até que em 2021 o número de mortes violentas de sujeitos LGBT no Brasil tenha uma queda de 46% em comparação a 2017. Em uma observação superficial, poderíamos talvez dizer que as mortes violentas de minorias sexuais e de gênero no Brasil estão diminuindo, pois a sociedade está mais tolerante? Segundo Mott (*apud* MICHELS; MOTT, 2019, p. 13),

a explicação mais plausível para tal diminuição se deve ao persistente discurso homofóbico do Presidente da República e sobretudo às mensagens aterrorizantes dos “bolsominions” nas redes sociais no dia a dia, levando o segmento LGBT a se acautelar mais, evitando situações de risco de ser a próxima vítima, exatamente como ocorreu quando da epidemia da Aids e a adoção de sexo seguro por parte dessa mesma população.

Quadro 6 – Dados de mortes violentas de pessoas LGBTQIA+ no Brasil de 2000 a 2020

Ano	N. Vítimas
2000	130
2001	132
2002	126
2003	125
2004	158
2005	135
2006	112
2007	142
2008	187
2009	199
2010	260
2011	266
2012	338
2013	314
2014	329
2015	319
2016	343
2017	445
2018	420
2019	329
2020	237
Total	5047

Fonte: Michels e Mott, 2020.

Certamente, não há como desconsiderarmos nesta diminuição de estatísticas os avanços legais de direitos a esta população nos últimos anos, que trataremos adiante, mas a intensa escalada da perseguição aos corpos transgressores, guiada, conforme argumenta Mott (*apud* MICHELS; MOTT, 2018), pelo movimento político denominado “bolsonarismo”, serve como uma explicação mais plausível. Os discursos enunciados oriundos deste movimento político, os quais podemos tomar como exemplo as narrativas supracitadas do atual Presidente do Brasil (ou inspiradas nela), seja pelas redes sociais ou na vida cotidiana, resultam no autocerceamento das liberdades dos corpos com a finalidade de se preservar das violências eminentes, e de se tornar mais um número na estatística. Com isso, podemos pensar que os números não apresentam uma queda porque o país esteja mais tolerante, mas justamente o inverso, os discursos que agora também vêm do Estado e têm como alvo declarado os corpos transgressores dos “bons costumes da família tradicional brasileira” e afrontosos à “moral judaico-cristã”. Sem ter a quem recorrer quando o Estado se torna um produtor das discursividades de extermínio, os corpos abdicam de suas liberdades individuais, visando desesperadamente proteger o direito fundamental da vida. Assim como as coerções não enunciadas sobre a sexualidade e a performatividade de gênero, os discursos propriamente ditos também resultam em consequências na vida cotidiana (enunciadas ou não, mas sempre discursividades históricas).

Os dados do Relatório da Violência contra Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo nas Américas, divulgados pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) de 2015, também apontam na direção que evidencia essa violência a sujeitos LGBT no Brasil, mas revela que esta opressão violenta contra pessoas LGBTQIA+ está longe de ser um problema somente brasileiro. A CIDH (2015) argumenta que o cenário de violência contra sujeitos LGBTQIA+ é generalizado nos 25 países membros da Organização dos Estados Americanos (OEA). Neste sentido afirma que

[...] recebeu informações sobre casos de casais do mesmo sexo atacados por demonstrar seu afeto em público, como andar de mãos dadas, fazer carinho, abraçar ou beijar. Também há informação sobre guardas de segurança privada em centros comerciais que expulsam casais do mesmo sexo em função de demonstrações públicas de afeto. Em São Paulo, um casal de homens foi atacado e violentamente expulso de um vagão do metrô por um grupo de 15 homens, depois que o grupo proferiu ofensas e mandaram os dois pararem de se beijar. No México, um casal de homens que assistia um jogo de futebol em um bar foi supostamente rodeado por outros 20 homens, os quais os insultaram, exigiram que eles se beijassem e depois empurraram, cuspiram e atiraram cerveja neles. [...] No Chile, mulheres lésbicas também foram atacadas por demonstrar publicamente seu afeto. Na Colômbia, a sociedade civil alega que os casais do mesmo sexo continuam sendo perseguidos e hostilizados, inclusive após uma decisão da Corte Constitucional que estabeleceu que a expulsão de um casal gay

de um centro comercial por dois guardas de segurança em virtude de demonstrações de afeto em público constituiu um ato de discriminação. Pessoas do mesmo sexo que demonstram afeto em público também são frequentemente vítimas de abuso policial e detenções arbitrárias por agentes estatais – geralmente através do uso excessivo da força ou abuso verbal – em função do que estes consideram “comportamento imoral” em espaços públicos (CIDH, 2015, p. 89-90).

Os dados debatidos nesta seção nos sugerem que os crimes de ódio contra sujeitos LGBT no Brasil não são típicos de um determinado contexto ou lugar, tampouco que tenhamos criminosos com um perfil específico. Apontam na direção da existência de uma violência generalizada contra esta parcela da população. Explicitam, ainda, que além das mortes violentas de centenas de pessoas LGBT no Brasil, estes sujeitos convivem cotidianamente com uma opressão com base em gênero e sexualidade, que lhes impõe uma realidade de violências física, verbal, psicológica, financeira, institucional e tantas outras, além da exclusão social. Essas violências se manifestam nos mais variados espaços, tanto públicos como privados, como em instituições de ensino, no ambiente de trabalho, em estabelecimentos de saúde, estabelecimentos comerciais, nos círculos sociais da vida pública ou privada. Considerando que geralmente esses espaços compreendem o lugar cotidiano dos sujeitos, e que em cada um destes espaços as estruturas de opressão se apresentam de modos distintos aos corpos transgressores, passemos a uma observação sobre os dados de violência a sujeitos LGBT em alguns espaços como escola, rua, ambiente de trabalho, espaços de saúde, e outros.

4.1. LUGARES DA OPRESSÃO COTIDIANA

Conforme debatemos anteriormente, o lugar corresponde a dimensão espacial vivida cotidianamente, na qual os sujeitos, e, portanto, seus corpos que são sociais e interseccionais, estabelecem inter-relações singulares e multiescalares em uma esfera de multiplicidades coetâneas, e na qual percebem e modificam a materialidade do espaço criando intelectualmente suas respectivas representações espaciais. No ocidente da modernidade, esses corpos têm, no seu lugar cotidiano, forma e comportamento normatizados a partir dos dispositivos da sexualidade, os quais se constituem nas relações históricas de poder-saber geradoras dos discursos (enunciados e não enunciados) tidos como verdadeiros que significam distinguindo os corpos e as práticas corporais em cada lugar como certas e erradas, normais e anormais. Daí que resulta a naturalização do padrão de performatividade de gênero em uma matriz binária com sexualidade de oposição, isto é, heterossexual. Os corpos transgressores destas normatividades discursivas históricas são então ininteligibilizados e oprimidos na busca da

“cura”, da “redenção”, da “correção”, ou do extermínio. Como os dados abordados anteriormente demonstram, o lugar, em suas várias configurações da vida cotidiana, é o campo de batalha primordial e diário destes corpos na subversão da heterocisnormatividade, e, conseqüentemente, é onde ocorrem com mais frequência as violências à LGBTQIA+ no ocidente da modernidade. Passemos então a observação de dados que demonstrem como essa opressão se expressa atualmente em diferentes espaços singulares no lugar cotidiano dos corpos transgressores no Brasil.

Pensando no ambiente escolar, podemos mencionar que em uma pesquisa realizada em 2004 por Castro, Abramovay e Silva, em parceria com a UNESCO, denominada *Juventude e sexualidade*, que contou com a participação de mais de 16 mil estudantes de ensino fundamental e médio, 4 mil tutores, e 4 mil profissionais do corpo técnico-pedagógico de 241 escolas públicas e privadas, das redes estadual e municipal, de 14 capitais brasileiras, constatou-se que cerca de 20% dos estudantes participantes consideravam a homossexualidade uma doença. A pesquisa ainda expressa que

Cerca de ¼ dos alunos afirmam que não gostaria de ter um colega de classe que fosse homossexual [...]. Os pais que mencionam que não gostariam que homossexuais fossem colegas de escola do seu filho chegam a cerca de 48% em Fortaleza, sendo que a menor expressão desse indicador de rejeição está em torno de 22% em Porto Alegre. Já entre os professores, a rejeição explícita aos homossexuais é mais baixa: cerca de 6% dos professores no Distrito Federal afirmam que não gostariam de ter homossexuais como seus alunos. No outro extremo, considerando as 14 cidades, encontra-se que tal percentagem de rejeição chega a cerca de 2% em Porto Alegre. (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004, p. 303-304).

Podemos correlacionar os dados da pesquisa de Castro, Abramovay e Silva (2004) com dados obtidos em estudo realizado por Constantino e Kraemer, em 2016, com 720 estudantes de ensino médio e dos anos finais do ensino fundamental de 16 escolas das redes públicas estadual e municipais, localizadas em quatro municípios do Vale do Itajaí (SC). A pesquisa revela que dentre os estudantes participantes, 40% afirmaram que consideram a heterossexualidade como mais correta, em contrapartida aos 41% que entendem a heterossexualidade não sendo necessariamente mais correta, e 19% responderam outros.

Estes dados demonstram que a lógica binária de “anormalização” ou “patologização” dos corpos transgressores dos padrões de performatividade se demonstra como uma realidade nas escolas brasileiras. A problemática envolve desde alunos, a pais e profissionais escolares, que dentro das relações de poder estabelecidas no espaço escolar ocupam distintas posições, mas os estudantes com performatividades transgressoras são especialmente impactados. A

partir deste processo de desumanização destes corpos dissidentes, a escola passa a se tornar um ambiente hostil. Podemos observar isso a partir da pesquisa nacional sobre o ambiente escolar no Brasil, de 2016, que expõe a violência que estudantes LGBTQIA+ foram submetidos cotidianamente em escolas de educação básica das redes pública e privada brasileiras. Segundo esta pesquisa, dos estudantes LGBTQIA+ participantes, 73% afirmaram que já haviam sido agredidos verbalmente devido à sua orientação sexual, e 68% por causa de sua identidade/expressão de gênero. Quanto à violência física, 27% foram agredidos por sua orientação sexual, e 25% por sua expressão de gênero. Além disso, o estudo revela que estudantes LGBTQIA+ que haviam sofrido violências em decorrência de sua orientação sexual ou expressão de gênero tinham duas vezes mais probabilidade de faltar às aulas, e “[...] 1,5 vezes mais probabilidade de relatar níveis mais elevados de depressão [...]” (ABGLT, 2016, p. 19).

Estes dados demonstram que a exclusão socioespacial com base em gênero e sexualidade é intensa no Brasil, e ocorre em níveis diferentes, tanto na opressão ao estudante LGBT da escola de educação básica quanto na opressão da mulher transgênero fadada socialmente à prostituição. Mais do que isso, demonstra que a opressão com base no binarismo de gênero infere em consequências muito mais ocultas na vida dos sujeitos LGBTQIA+ do que os dados de homicídios, suicídios, lesões e estupros nos permitem compreendermos. Essas violências resultam em consequências na vida destes sujeitos que não necessariamente estejam ligadas à morte ou à agressão física e sexual, pois a opressão escolar, por exemplo, resulta em decaimento no aprendizado escolar e abandono dos estudos. E a escola, sendo um espaço que é cotidianamente vivido, para muitos estudantes transforma-se em um momento de tortura, impossibilitando qualquer tipo de aprendizado e inúmeras consequências emocionais e sociais em toda a vida dos sujeitos. Estes dados tornam ainda mais revoltante a distorção da política pública denominada “kit anti-homofobia” que visava justamente combater este problema escolar, em uma narrativa de um “kit gay” que buscava corromper a “inocência infantil”.

Também são relevantes os apontamentos do Manual de Promoção dos Direitos Humanos de Pessoas LGBT no Mundo do Trabalho (2015), publicado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) em parceria com Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (UNAIDS), de que o ambiente de trabalho no mundo ainda se apresenta hostil a sujeitos LGBTQIA+. Neste sentido argumenta que

Uma das violências que as pessoas LGBT [...] enfrenta é a de não poder ser quem são nos ambientes em que trabalham, convivem, exercem ou deveriam exercer plenamente sua cidadania. Isso traz inúmeros problemas, desencorajando a falar abertamente sobre sua realidade, sua maneira de pensar e de ver o mundo. Pior ainda é quando essa opressão é introjetada e a própria pessoa passa a ter dificuldade para aceitar-se como é, respeitar a si mesma e às pessoas que têm a mesma condição. Essa expressão da diversidade humana cerceada torna a vida mais difícil, o ambiente organizacional mais pobre, menos produtivo, com uma homogeneidade artificial e apoiada em uma repressão que acaba por prejudicar a todos. Quando uma pessoa não é respeitada em sua condição, singularidade ou situação, se, gasta muita energia e tempo para esconder sua realidade diante de um padrão dominante, opressor e violento. Esse padrão imposto desqualifica a pessoa de muitas maneiras. Ele não permite reconhecer qualidades em sua atuação profissional e a submete a julgamentos pessoais constantes e invasores de sua intimidade. Sem dúvida alguma, travestis e transexuais enfrentam uma dificuldade ainda maior ao serem excluídos/as das oportunidades de emprego ou ao vivenciarem o processo transexualizador quando já estão inseridos/as no mercado de trabalho (PNUD, OIT, UNAIDS, 2015, p. 18-19).

A escola (como instituição e espaço) atua como um lugar de manutenção das discursividades opressoras sobre gênero e sexualidade ao ponto de prejudicar estes estudantes ou promover a evasão escolar. Os espaços de trabalho apresentam-se igualmente problemáticos, pois, como a escola, são espaços vividos no cotidiano. O trabalho assalariado, sendo uma necessidade essencial para a sobrevivência no capitalismo, torna necessário que os sujeitos, quando conseguem adentrar no mercado formal tenham de se submeter a condições de discriminação cotidiana, ou, quando não conseguem sequer adentrar nestes espaços, seja pela discriminação, seja pela dificuldade em estudar, são lançados na informalidade, na prostituição, e em outros trabalhos socialmente reservados aos corpos “indecentes”. A necessidade de esconder a própria sexualidade no ambiente de trabalho também se apresenta repressiva a estes corpos, uma vez que esta decisão por muitas vezes é motivada pela necessidade de preservação do emprego, do círculo social e às vezes da integridade física e emocional.

Diante de tanta violência, esperar-se-ia que estes corpos tivessem um lugar ao qual pudessem recorrer em casos de emergências de saúde e fossem acolhidos, contudo, Rocon *et al.* (2016), destacam as dificuldades no acesso e violências enfrentadas por sujeitos transgêneros aos serviços básicos de saúde no Brasil levantados por diversos estudos. Dentre estas violências, destacam “[...] o desrespeito ao nome social, a trans/travestifobia como obstáculo à busca de serviços de saúde e causas dos abandonos de tratamentos em andamento” e “[...] a patologização das identidades de gênero travesti e transexuais no processo transexualizador do SUS como promotor de seletividade nos serviços de saúde, obstruindo o acesso a muitas pessoas trans” (ROCON *et al.*, 2016, p. 2518). Demonstra-se assim que estes espaços também acabam sendo opressores a muitos corpos LGBTQIA+ na vida, mas existe ainda neles uma coerção não enunciada. Podemos perceber isto a partir do que constata Preuss e Martins

(2018, p. 942), que no Brasil, as “[...] ações de saúde se voltam precipuamente para o combate ao vírus do HIV/Aids” no que se trata de corpos LGBTQIA+. Isso atua reforçando e demonstrando a influência de uma discursividade histórica na saúde pública: o estigma que foi historicamente produzido por discursividades que associam os corpos transgressores estritamente aos corpos que convivem com o HIV, negligenciando outros aspectos da saúde destas pessoas.

Corpos LGBT, ainda convivem com esta opressão na esfera da vida privada. Segundo os dados do GGB, em 2019 “1/3 das mortes violentas de LGBTQ+, sobretudo de gays e lésbicas, ocorreram no interior da residência da vítima [...]”, de modo que das 329 mortes violentas ocorridas naquele ano, “[...] a maior parte [...] encontrava-se em suas residências (33,74%)” (MICHELS; MOTT, 2019, p. 17). O relatório do Disque 100 destaca ainda que grande parte das denúncias realizadas em 2019 apontavam que o suspeito/agressor possuía alguma relação com a vítima. Das 846 denúncias recebidas pelo órgão no ano, em 127 o agressor era vizinho da vítima, em 51 irmão, em 34 a mãe, em 19 o pai, e outros. Demonstra-se a hipocrisia da frase comumente referida a corpos LGBTQIA+ em demonstrações públicas de afeto – “pode ser LGBT, mas deixa para se agarrar em casa” –, uma vez que a própria casa destes sujeitos no Brasil, em geral é um espaço diretamente produzido por meio da violência e da discriminação. Além disso, destaca-se o fato da frequência em que os criminosos são pessoas com vínculos emocionais com a vítima, o que torna tudo isso ainda mais perverso.

Os espaços públicos, como ruas, avenidas, rodovias e praças, também se apresentam extremamente hostis a corpos transgressores. Segundo o GGB, 26,4% dos crimes violentos contra sujeitos LGBT no Brasil em 2019 ocorreram em espaços públicos como vias públicas, rodovias e parques. Destaca ainda que pessoas trans em geral são vítimas de homicídio em espaços públicos, como ruas e locais pouco iluminados (MICHELS; MOTT, 2019).

Podemos observar algumas situações da relação dos corpos transgressores com os espaços públicos, que é dificultada pelas violências às quais são submetidos. A relação de medo se manifesta diante de tamanha violência. Neste sentido, Carvalho e Júnior (2017, p. 108) argumentam que “[...] os corpos adequados podem transitar livremente pela cidade e acessar seus mais diversos serviços, mas àqueles corpos não-dóceis, resta o medo da rua, o medo da cidade.” A liberdade de ir e vir, bem como a liberdade de afeto e a liberdade de ser destes sujeitos, é impedida pelo medo da violência em espaços públicos. Além disso, é preciso destacar que pessoas transgênero possuem uma relação perversamente dicotômica com a rua, considerando que é da rua, na prostituição que é uma condição a qual grande parte destes corpos

é condicionada, que estas pessoas retiram o seu sustento que lhes permite sobreviver, e paralelamente, demonstra-se como um dos espaços de maior violência aos seus corpos.

Entretanto, é preciso destacarmos que a violência homotransfóbica não atinge somente pessoas LGBTQIA+, mas também a cisgêneros e heterossexuais. Segundo dados do GGB de 2018, que contabiliza o homicídio de 5 pessoas por “[...] serem confundidos com gays ou por envolvimento direto com a cena ou com indivíduos LGBT quando executados [...]” (MICHELS; MOTT, 2018, p. 03), e relembra a ocorrência de 12 casos em 2017 e 22 em 2015. O relatório do Disque Direitos Humanos de 2019 apresenta que das 971 vítimas de violências e violações por orientação sexual ou identidade de gênero registradas naquele ano, 106 eram heterossexuais, e das 989 denúncias registradas em 2018, 181 tinham como vítimas heterossexuais. Além disso, as relações de gênero no país que dotam o homem de uma superioridade social evidenciam as violências de gênero que ocorrem muitas vezes dentro de um relacionamento conjugal heterocisnormativo. Segundo dados do Atlas da Violência de 2018, estima-se que “30,4% dos homicídios de mulheres ocorridos em 2018 no Brasil teriam sido feminicídios – crescimento de 6,6% em relação a 2017” (IPEA, 2018, p. 33), o que contabiliza, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança pública de 2019, 1.326 vítimas de feminicídio no país naquele ano. Estes dados permitem compreendermos a amplitude do problema do binarismo absoluto de gênero e da sexualidade na modernidade ocidental, que não somente submete os corpos transgressores a tamanhas violências, mas também os que não são transgressores, mas são percebidos como sendo.

Podemos perceber a existência de uma opressão estrutural e violenta com base em sexo e gênero no Brasil, que submete, principalmente, sujeitos LGBT à violência e exclusão, com a qual estes convivem em todos os espaços de suas vidas cotidianas no Brasil, mas não somente estes. O ocidente, estando embasado em uma sociedade patriarcal, e heterocisnormativa, define o homem cisgênero e heterossexual como dominante, e todas as possibilidades humanas além disso, como subalternas e passíveis de violência. Silva (2019, p. 18) conceitua patriarcado como sendo “[...] uma forma de poder enraizada e estruturada de maneira que homens tomem posse dos corpos femininos” ainda aponta que é um poder “[...] que restringe as liberdades e direitos das mulheres”, sendo “[...] dado aos homens o direito de explorar, dominar e oprimir os corpos e as vidas das mulheres” (SILVA, 2019, p. 18). Neste sentido, a mulher é inferiorizada socialmente no ocidente em relação ao homem, mas as relações de gênero e sexualidade se demonstram mais complexas do que isso devido às múltiplas possibilidades do humano ser, como gênero, sexo e sexualidade, afinal corpos são interseccionais.

Segundo o GGB (MICHELS; MOTT, 2020), estimativas generalistas sobre as violências a corpos transgressores já são penosas, em uma perspectiva interseccional isto se torna ainda mais complicado devido a inexistência de informações. Ainda assim, podemos observar dentre os dados contabilizados pelo GGB em 2020 no Brasil que 54% das vítimas de mortes violentas a LGBTQIA+ no país foram de pessoas pretas e pardas. A ANTRA também apresenta que em 2020, dos “175 assassinatos contabilizados no ano, [...] 78% eram travestis/mulheres trans negras – pretas e pardas” (ANTRA, 2020, p. 18). Isto nos permite observarmos as estruturas de poder sobrepostas que atuam sobre os corpos, de modo que mesmo dentre os transgressores da matriz binária, existem diferenças claras de opressão com base em cor. Como exemplos podemos pensar na sexualização dos corpos pretos, que de modos específicos, são impostas tanto a homens como mulheres, homossexuais ou heterossexuais.

A interseção com base em classe nas violências a estes corpos também pode ser observada por meio das ocupações das vítimas de mortes violentas no Brasil arguidas pelo GGB em 2020. Segundo o relatório, dentre as principais ocupações das vítimas contabilizadas em 2020 figuravam: “[...] profissional do sexo, cabeleireiro/a, professor/a, autônomo/a, empresário/a, estudante, mãe de santo, maquiador/a, pizzaiolo/a, representante comercial [...]” (MICHELS; MOTT, 2020, p. 32), o que nos indica que os principais alvos das violências são sobretudo pessoas das classes sociais trabalhadoras, com prioridade em trabalhadores informais e pouco remunerados. Ainda cabe destacarmos que mesmo dentre as diversas letras que integram a sigla LGBTQIA+, as opressões são múltiplas considerando as interseções que aí existem como as de gênero (homens e mulheres, cisgêneros e transgêneros), de sexualidade (bissexuais, homossexuais e heterossexuais), de raça e de classe. Ressaltamos neste sentido o dado que apresenta o relatório do GGB de 2020, de que “[...] o risco de uma pessoa trans ser assassinada é aproximadamente 17 vezes maior do que um gay” (MICHELS; MOTT, 2020, p. 66).

Os dados aqui apresentados permitem compreendermos a amplitude da violência aos corpos transgressores, contudo não há como pensarmos que estes corpos vivem tudo isso passivamente. Neste sentido, na próxima seção apresentamos avanços nos direitos desta parcela da população por meio da luta política.

4.2 CORPOS DISSIDENTES CONQUISTANDO DIREITOS FUNDAMENTAIS

Observando os dados apresentados e compreendendo a magnitude das violências, poderíamos nos questionarmos se o Brasil seria um país que legalmente autorizaria e incentivaria este extermínio. No Brasil, sujeitos LGBT são dotados de direitos? Tem seus direitos humanos fundamentais resguardados socialmente e pelo Estado? Esses corpos vivem tudo isso passivamente?

Segundo a Constituição Federal (CF) do Brasil de 1988, “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, 1988, p. 01). Destacamos ainda os objetivos fundamentais da República de “I – construir uma sociedade livre, justa e solidária; II – garantir o desenvolvimento nacional; III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Neste sentido, podemos compreender que perante a CF de 88, sujeitos LGBTQIA+ possuem igualdade de direitos, que devem ser resguardados pelo Estado brasileiro.

Embora o direito à vida, à liberdade, à igualdade, à propriedade e à segurança sejam assegurados a sujeitos LGBT pela constituição, os dados apresentados sobre violências e violações a esta população demonstram que esta compreensão não se aplica na realidade cotidiana brasileira. Neste sentido, pessoas LGBTQIA+ se mobilizam há décadas no ocidente na tentativa de diminuir, ou erradicar, as violências e desigualdades de gênero e sexualidade, e não com irreação a tudo isso. Facchini e França (2009, p. 56) apontam que “o então chamado ‘movimento homossexual’ nasceu no Brasil em finais dos anos 1970 e transformou-se [...] em um dos movimentos sociais de maior expressão no país” que foi se expandindo nas décadas de 80 e 90, passando a abranger a maior parte das minorias sexuais e de gênero no país. Neste período começam a surgir movimentos sociais de defesa da população LGBT, como um mecanismo de sobrevivência e luta desses corpos.

As reivindicações sempre foram múltiplas, pois, como abordamos, cada sujeito vive uma vida singular em seus lugares cotidianos com seus corpos interseccionais, logo as demandas também são específicas. Isso nos permite ressaltarmos a extrema heterogeneidade dentro de um mesmo movimento como o LGBTQIA+, tendo em vista essa diversidade imensa que o compõe. Composto por homens, mulheres, não-binários, cisgêneros, transgêneros,

homossexuais, bissexuais, heterossexuais e uma infinidade outra de rotulações possíveis de gênero e sexualidade, em todas as suas raças, em todas as suas idades, em todas as classes sociais, enfim, corpos singulares em uma esfera de multiplicidades coetâneas. O poder não sendo algo que a alguém pertence, mas que por todos se exerce, em diferentes posições na vida cotidiana, dentre os próprios corpos transgressores também existem relações constantes de poder. Contudo, uma característica serve como ponto de contato entre todas estas multiplicidades: a subversão da matriz binária de gênero e a garantia de igualdade de direitos sexuais e sociais, pois, todos, em distintas posições, são considerados corpos “anormais” e/ou com sexualidades “errantes”.

Vale destaque que a homossexualidade deixou de ser considerada uma patologia pela Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID) da Organização Mundial da Saúde (OMS) somente em 1990, e a transexualidade somente em 2018. Esclarecedor percebermos a proximidade temporal que temos da noção da homossexualidade e da transgeneridade como patologias em um discurso médico, de uma organização internacional tão importante como a OMS. A ideia dos corpos transgressores como “anormais” que hoje ronda na nossa sociedade, assim é pois, nas relações históricas de poder-saber de nosso tempo, essas instituições têm a capacidade de produzir e difundir tais narrativas que passam a ser assumidas como verdades no ocidente e como justificativas na discriminação, exclusão e aniquilação dos corpos transgressores.

Como fruto da mobilização da sociedade civil, uma série de direitos foram conquistados por esta comunidade no Brasil, embora a garantia de direitos básicos ainda se demonstre um objetivo a ser alcançado. O Estado brasileiro se absteve por muito tempo da responsabilidade de garantir os direitos fundamentais de corpos LGBTQIA+. Assim, as políticas de Estado voltadas à promoção de direitos destes sujeitos são muito recentes, e atualmente frágeis e insuficientes. Neste sentido, Facchini e França (2009, p. 76) discorrem que

As primeiras políticas públicas brasileiras cujo foco são homossexuais têm por ocasião o combate à epidemia do HIV/Aids no início dos anos 1990 [...]. O primeiro documento oficial do Brasil a reconhecer publicamente homossexuais no campo da promoção dos direitos humanos é o Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH), elaborado em 1996. Com a criação do Conselho Nacional de Combate à Discriminação (CNCD), em 2001, e a elaboração do PNDH II, em 2002, são incluídas algumas ações direcionadas a LGBT. A partir de 2003, a articulação entre LGBT e direitos humanos ganha novo impulso: 1) com a criação da Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH), que passa a ter status de ministério e incorpora o CNCD, como instância de participação e controle social; e 2) com a designação de um grupo de trabalho para elaborar um plano de combate à homofobia, que deu origem ao “Brasil Sem Homofobia – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual” em seu formato interministerial.

Lançado em 2004 pelo Governo Federal, o Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual – Brasil Sem Homofobia, teve o “[...] objetivo de promover a cidadania de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais, a partir da equiparação de direitos e do combate à violência e à discriminação homofóbicas, respeitando a especificidade de cada um desses grupos populacionais” (FILHO; COELHO; DIAS, 2018, p. 11), e compreende uma articulação multiministerial para a promoção de ações de combate à homofobia em diversas áreas. O “kit anti-homofobia” foi concebido no âmbito deste projeto, mas, como vimos, devido a pressões criadas por devaneios políticos das bancadas moralistas do congresso nacional, foi vetado pela ex-presidenta da República Federativa do Brasil Dilma Rousseff. Isso posteriormente serviu como ferramenta de campanha política-eleitoreira do “movimento bolsonarista”, em vistas do mito que se permitiu criar sobre um material que ninguém nunca pode “perceber”, mas que desde então existe como uma “concepção” difundida pelo discurso mentiroso do “kit gay”.

Podemos citar ainda algumas conquistas de direitos desta comunidade nas últimas décadas, como a decisão de 2008, por meio da Portaria N° 457, em que o Sistema Único de Saúde (SUS) passou a realizar procedimentos de redesignação sexual para pessoas transgêneros. Em 2010, o Supremo Tribunal de Justiça (STJ) reconheceu o direito de casais homoafetivos adotarem filhos; em 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) por meio da Resolução 175 de 2013 reconheceu o direito ao casamento civil homoafetivo. Em 2016, o decreto federal N° 8.727 garantiu uso do nome social e reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais em espaços da administração pública federal, com a possibilidade de uso do nome social em atendimentos no Sistema Único de Saúde (SUS), vestibulares e cartões de contas bancárias. Em 2018, o Supremo Tribunal Federal (STF) autorizou que pessoas trans possam alterar o nome no registro civil, sem a necessidade de cirurgia de redesignação sexual ou de uma decisão judicial; e em 2020, o STF reconheceu a inconstitucionalidade da exigência aos homossexuais realizarem abstinência sexual de um ano para que fossem permitidos de doar sangue.

Destacamos ainda que, em 2019, o STF decidiu pela criminalização da homotransfobia, e determinou que a discriminação com base em sexualidade ou gênero seja enquadrada nos crimes previstos na Lei N° 7.716/1989, conhecida como Lei do Racismo, prevendo penas de até 5 anos de prisão, enquanto uma norma específica não seja aprovada pelo Congresso Nacional. Em 2020, o GGB já apresenta sinais de efeito desta decisão, que argumenta poder ser um dos motivos na diminuição das estatísticas de mortes violentas de LGBTQIA+ no Brasil.

Certamente que a criminalização da homotransfobia infere em uma segurança maior aos corpos transgressores, entretanto, embora estes avanços sejam muito significativos, não suprem as desigualdades estruturais impostas a corpos LGBT no Brasil.

Os dados de violência apresentados anteriormente demonstram isso, mesmo com tamanhos avanços legislativos, corpos LGBT ainda são frequentemente marginalizados, excluídos e violentados. As falas do atual presidente da república e seus apoiadores reforçam o sentimento de insegurança uma vez que se intensificam os discursos de ódio direcionados a estes corpos. A violência contra os corpos transgressores não se restringe às violências física e verbal que são justamente as que mais revoltam, mas o poder se dá sobre a vida. O cotidiano de todos os corpos é entremeado por estes dispositivos históricos que delimitam as possibilidades do sexo e do gênero que perversamente são historicamente naturalizados. Também, é na vida cotidiana que estes corpos subvertem a matriz binária e reivindicam seus direitos sexuais e performativos. Assim, tanto as violências as quais estes corpos são submetidos quanto os discursos que condicionam suas vidas, bem como a subversão, são espaciais, debate que nos aprofundaremos no próximo capítulo.

5 PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO COMO AÇÃO NA PRODUÇÃO COTIDIANA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Retomemos algumas discussões conceituais para que possamos construir este capítulo. Primeiramente, que o espaço geográfico é um produto social e histórico que está em constante devir, e por isso é indissociável do tempo e do humano; também, que se trata de uma esfera de multiplicidades que são multiescalares e coetâneas em contínua inter-relação. O humano, sendo parte constituinte deste espaço, o modifica e produz cotidianamente e historicamente em concordância com as suas necessidades por meio da técnica, dos formalismos e dos simbolismos. Essa produção dá-se por meio do emprego do corpo a partir do que o humano percebe, concebe e vive cotidianamente neste espaço. Já o lugar, refere justamente a esta dimensão espacial das vivências cotidianas dos sujeitos, e no qual produzem o espaço, criando elos de identificação com este lugar, e concomitantemente se ligando ao mundo, pois o lugar possui um sentido global, de confronto das multiplicidades multiescalares coetâneas. O corpo é interseccional, e é por meio dele que o sujeito participa e produz o espaço, haja vista que toda ação é essencialmente corporal; por meio do corpo que o sujeito, de modo singular, percebe e vive o espaço cotidianamente, contudo ressalta-se que o próprio corpo é espaço geográfico em si, dotado de significações.

Ainda que esse corpo interseccional, tendo que interagir com o espaço e com a sociedade, está sujeito a pressões como as do padrão binário de performatividade de gênero. O gênero é performativo (ação), um conjunto de atos que são repetidos cotidianamente e aprendidos por meio do contato social, a ponto de serem naturalizados pelas pessoas em uma estrutura ideológica cristalizada de um binarismo de sexo e gênero, e não um determinismo biológico, tampouco um determinismo cultural sobre corpos “biologicamente” sexuados. Assim, o gênero é uma performatividade cotidiana que em nada é natural, mas sempre social. Cabe destacar que a performatividade se dá pelo corpo em um conjunto de atos que são repetidos e naturalizados, o que abrange uma série de ações cotidianas com o corpo (e indiretamente em todas as ações) como por exemplo: o emprego de mãos, que se realiza em especificidade com o gênero atribuído a este corpo sexuado; a roupa que cobre (ou não) este corpo; o modo que fala, anda e senta; o corte de cabelo; se é ouvido ou silenciado; os adereços que utiliza; a forma como expressa (ou não) emoções; as palavras que diz e os números que escolhe; os filmes e séries que assiste; as companhias com quem cotidianamente vive; o que

come; como cuida da saúde; como concebe família e conjugalidade monogâmica; e uma série de outros elementos inumeráveis.

Dentre os modos de agir do humano abordados por Santos (2020), a performatividade de gênero poderia ser compreendida, portanto, como um modo de agir simbólico, pois não se pauta na técnica, tampouco se trata (ao menos diretamente) de formalismos regidos por legislações, ciência, ou qualquer tipo de norma escrita acordada explicitamente. O corpo performativo interseccional confronta-se no espaço com normativas sociais discursivas e taciturnidades derivadas de discursos naturalizados como os do padrão binário de gênero, classe e raça. Neste sentido, podemos inferir que o gênero, que é performativo, se categoriza como uma ação pautada nos simbolismos, já que não é regulada por cálculo, mas “[...] compreende formas afetivas, emotivas, rituais, determinadas pelos modelos gerais de significação e de representação, mas se manifesta nas subjetividades cotidianas” (SANTOS, 2020, p. 82), e que é naturalizada socialmente pela lógica binária de sexo e gênero (BUTLER, 2020).

O padrão de performatividade de gênero é socialmente aprendido, e este aprendizado se dá no contato com o grupo social com o qual o sujeito interage cotidianamente. Se “ninguém nasce mulher: torna-se mulher [...]” (BEAUVOIR, 1980, p. 09), para tornar-se, já que sabemos que não há como ser uma metamorfose biológica, portanto, é um aprendizado social. Social e cotidiano, pois este aprendizado ocorre na vida cotidiana em sociedade, sobretudo do lugar. As ações dos corpos são reguladas dentro da matriz binária em todas as esferas da vida, o que inclui as associadas à sexualidade. Na matriz binária os comportamentos dos corpos são controlados na vida cotidiana, e sua sexualidade é restrita por dispositivos históricos a uma lógica heterossexual.

Os corpos passam a ser categorizados em: heterocisnormativos, os que atendem aos padrões binários discursivamente e historicamente produzidos de gênero e sexualidade (corpos cisgêneros heterossexuais); e corpos transgressores da heterocisnormatividade, como por exemplo os corpos LGBTQIA+. Os corpos dissidentes são penalizados na vida cotidiana por meio da exclusão, violências e violações que se articulam por uma perspectiva interseccional nos diversos espaços da vida cotidiana. Como vimos, no ocidente moderno, e sobretudo o Brasil, impera esta lógica de exclusão e aniquilação de corpos LGBT. Esta exclusão somada a violências aos corpos transgressores são modos de coerção não discursivas, mas que resultam de discursividades históricas. Os dispositivos históricos da sexualidade e do gênero, isto é, o conjunto sobreposto de discursividades das verdades do sexo e do gênero de determinada sociedade, atuam na motivação das violências, ao mesmo tempo que se alimentam desta

aniquilação e invisibilização dos corpos LGBT para a produção de novas discursividades desse ciclo que busca produzir “verdades” do corpo transgressor como anormal.

Nestes confrontos entre o corpo e seu lugar cotidiano que os sujeitos percebem e concebem estes padrões de gênero e sexualidade que são aprendidos e naturalizados. Isto quer dizer que os sujeitos aprendem a performar gênero no seu dia a dia, performando, e percebendo os resultados da sua ação. A partir do que se percebe no lugar, que o sujeito concebe este espaço e o padrão de gênero que nele se impõe, e a partir disso que age no espaço performando com seu corpo, seja transgredindo o padrão, seja o incorporando. O que significa que o gênero e a sexualidade são produtos sociais em devir da vida cotidiana dos corpos no lugar. A performatividade de gênero de cada corpo é única, pois resulta do que este corpo percebeu em sua vida cotidiana, e concebeu destas percepções. Em um espaço que a percepção indique uma “normalidade” na lógica binária, seja pelos discursos, seja pelas coerções não enunciadas, os corpos concebem o gênero e a sexualidade a partir do que foi percebido na vida cotidiana. Entretanto, vale ressaltar, como debate Butler (2020), que estes corpos não estão presos a um determinismo cultural, eles podem, e constantemente subvertem a lógica binária, como por exemplo corpos LGBTQIA+ em sua performance transgressora cotidiana.

Deste modo, evidencia-se o caráter espacial que é implícito e intrínseco ao gênero. Quer dizer, a proposição conceitual de Butler é ampla, e consegue abarcar toda uma multiplicidade de especificidades de padrões de gênero historicamente e geograficamente localizados. Mas aqui é válido ressaltarmos que Butler refere a um padrão constituído no ocidente, o que abarca uma ampla variedade de distinções socioespaciais, como as realidades latino-americanas, europeias, norte-americanas, e ex-colônias britânicas na Oceania. Mas não é preciso uma comparação internacional para compreender a multiplicidade de realidades que constituem coetaneamente um mesmo país, estado, província ou município. Ou ainda podemos pensar nas multiplicidades existentes por uma compreensão multiescalar geográfica: as multiplicidades coetâneas dentro e entre os espaços, os/dos territórios, das regiões, das redes, das paisagens, e dos lugares.

Nesta perspectiva, podemos realizar alguns questionamentos, como: o que se aprende para tornar-se mulher (e homem) em um lugar, é o mesmo que se aprende em outro? Ou ainda, o que é tornar-se mulher em um lugar, é o mesmo que tornar-se mulher em outro? Buscando a aproximação com as concepções de Butler (2020), poderíamos questionar: o padrão de performatividade de gênero que estabelece o que é ser (para tornar-se) mulher ou homem, é minuciosamente idêntico em todos os lugares? Os lugares possuem um padrão de

performatividade ocidental hegemônico e homogêneo, ou possuem coetaneamente uma multiplicidade multiescalar relacional de padrões e discursos?

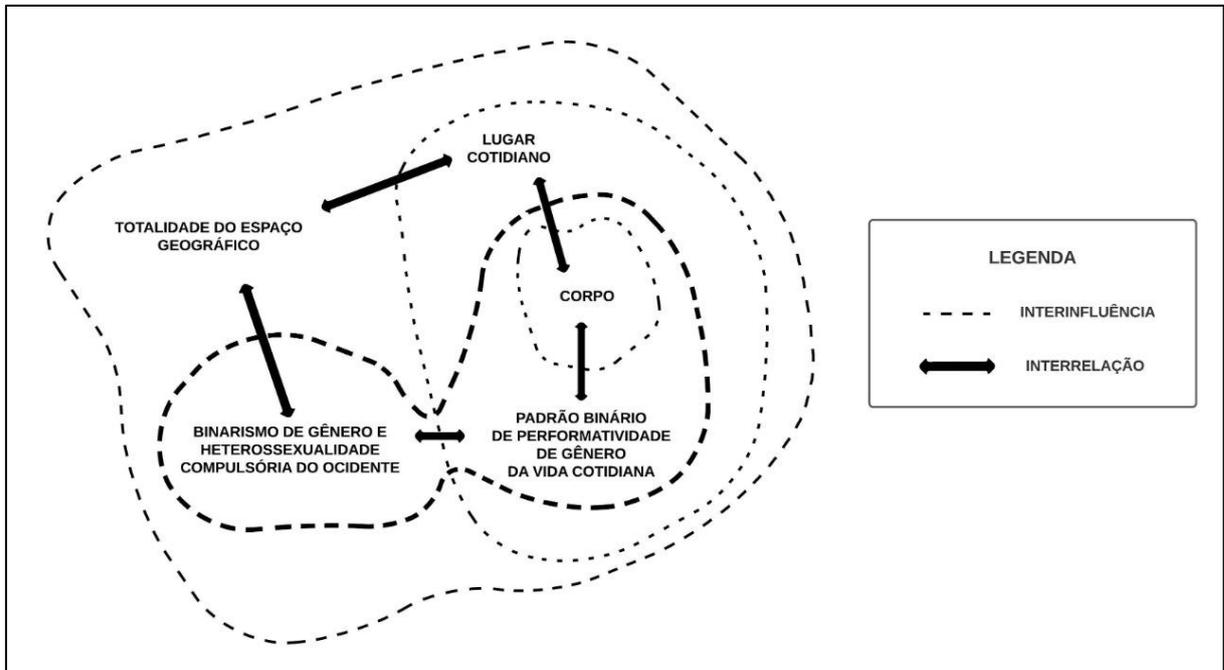
Certamente, não há como negarmos que a noção padrão de gênero ocidental, concebida por Butler (2020), se impõe nessa parcela espacial compreendida como sociedade ocidental. Contudo, também não há como negarmos que esta mesma parcela espacial é repleta de singularidades e especificidades que coexistem de modo relacional. Logo, já que não podemos assimilar os lugares como iguais, mas sim singulares, as pressões sociais que delimitam o que é ser homem ou ser mulher, também são específicas, pois carregam uma cotidianidade e historicidade única que construiu essas concepções. Contudo, também não há como concebermos este lugar como isolado, ou delimitado por fronteiras culturais intransponíveis. Ele possui um sentido global, pois se conecta por meio das redes a outros lugares e sujeitos constituindo neste complexo a totalidade do espaço. Portanto, não podemos pensar que o lugar teria uma imposição de um padrão exótico ao seu contexto. Pois, não existe uma descontinuidade entre os lugares, mas sim uma inter-relação intensa, que é justamente o que torna o lugar singular, já que os confrontos do lugar globalizado são múltiplos e multiescalares, mas se realizam de modo específico em cada lugar em consonância com a realidade.

Temos de considerar ainda que diferentes espaços de um mesmo lugar também possuem especificidades. Basta nos questionarmos, a performatividade de gênero e sexualidade empenhada em uma boate LGBT é a mesma que em uma escola, ou igreja? Certamente as tensões que rodeiam estes distintos espaços são em algum grau semelhantes e têm uma mesma gênese, o binarismo e o patriarcalismo, mas ainda assim o que é permitido aos corpos em cada lugar é distinto. Vislumbrarmos estas distinções de performatividade dos corpos em distintos espaços de suas vidas cotidianas explicita ainda mais a interinfluência inerente entre espaço e gênero, pois, ao mesmo tempo que a realidade espacial percebida e concebida influencia as ações performativas dos corpos (que são permanentemente performativos), ela influencia todas as demais ações de produção deste espaço. A realidade espacial percebida sobre o gênero e a sexualidade é concebida, influenciando a ação performativa humana e a produção do espaço na vida cotidiana, e este espaço remodelado e ressignificado, por sua vez, é novamente percebido e concebido, em uma ciclicidade permanente.

Não se trata, portanto, de uma lógica positivista de categorizar cada lugar como um padrão de gênero distinto, mas sim reconhecer que sendo cada lugar distinto, esse padrão de gênero ocidental encontra especificidades nos lugares que significam o gênero e os padrões de

modo distinto. Na figura 2, buscamos imagear esse confronto constitutivo do padrão de gênero no lugar.

Figura 2 – Confronto constitutivo do padrão de performatividade de gênero no lugar



Fonte: elaborado pelo autor, 2021.

A imagem 2 demonstra a abstração da totalidade do espaço, na qual podemos observar serem componentes o corpo, o lugar cotidiano, e o binarismo de gênero do ocidente, bem como sua manifestação como padrão de performatividade no lugar. As setas, demonstram as inter-relações estabelecidas entre estes elementos geográficos que são interinfluenciáveis, o que é demonstrado por meio das linhas tracejadas. As formas geográficas irregulares que representam cada um dos elementos que compõem a imagem buscam demonstrar o devir, já que nenhum destes elementos é, mas sim está, trata-se de algo em constante (des/re) construção.

Podemos abstrair da imagem 2, em relação com as discussões teóricas até aqui apresentadas, alguns elementos importantes: 1) o padrão de performatividade de gênero se constitui, tanto como ação quanto como imposição, no encontro da lógica binária de sexo e gênero do ocidente com a realidade vivida cotidianamente pelo corpo no lugar; 2) este padrão de performatividade de gênero do lugar não é alheio ao seu contexto, pois este se realiza no lugar, que é ligado ao mundo, e logo ao binarismo ocidental; 3) o padrão de gênero é percebido e vivido pelo corpo principalmente no lugar; 4) o sujeito corporificado performa gênero de acordo com o que percebe e concebe na vivência cotidiana (seja assimilando ou subvertendo),

e, portanto, os padrões de gênero que constituem o lugar dos corpos (que são influenciados pelo binarismo ocidental), influenciam a ação performativa dos sujeitos e as demais ações na produção de seus espaços de vivência cotidiana; e, considerando esses elementos, 5) que o “[...] espaço não é neutro do ponto de vista do gênero [...]” e, assim, o gênero é “[...] uma categoria útil de análise geográfica” (SILVA, 1998, p. 108).

Inspirando-se em Massey (2008), Butler (2020) e nas dialéticas de Lefebvre (2006) – espaço percebido e espaço concebido –, e Foucault (1999) – poder e saber –, poderíamos sugerir que a performatividade de gênero e a sexualidade humana, por uma ótica geográfica, são produtos sociais em devir em uma esfera de multiplicidades e singularidades inter-relacionais que são historicamente produzidos em uma triplicidade dialética: os padrões de gênero e sexualidade percebidos cotidianamente por meio das discursividades históricas, enunciadas e não enunciadas, são instrumentalizados estrategicamente em concepções de gênero e sexualidade (significações e representações na produção dos saberes da sexualidade e dos padrões de gênero) que na forma de dispositivos históricos interseccionais incidem em efeitos na sexualidade e na performatividade de gênero da vida cotidiana dos corpos (práticas discursivas e não discursivas no espaço de representação) dominando, assim, estes corpos socialmente e individualmente pelas “verdades” da vida (patriarcalismo e binarismo de gênero), influenciando a ação humana na produção do espaço, o que realimenta esse ciclo virtuoso.

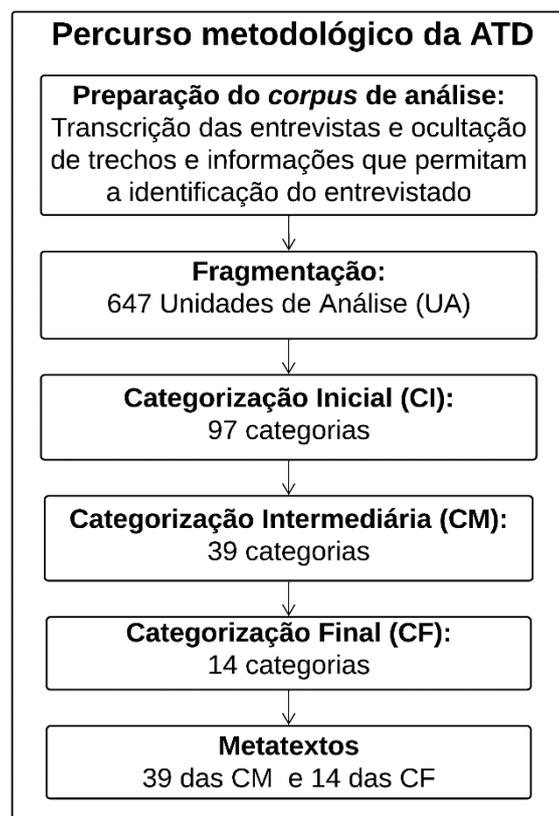
Como subproduto desta autoprodução do poder pelo saber, que surge a repressão, o uso das verdades do saber de um determinado tempo-espaço na administração e controle dos corpos. Observe que aqui não tentamos dotar o dispositivo histórico da sexualidade de uma materialidade, ideia que Foucault rejeita veementemente (afinal o poder é ação), mas buscamos demonstrar como esse dispositivo é instrumentalizado na vida cotidiana pelo discurso nas interações humanas no lugar, o qual como tratamos em Lefebvre, se produz em uma triplicidade dialética. O percebido se constitui, portanto, no discurso enunciado e nas influências destes discursos nas coerções não enunciadas, mas ainda assim historicamente produzidas e sempre percebidas.

Considerando estes debates teóricos, na sequência apresentamos os metatextos resultantes da ATD e da análise dos *relief maps*, para que possamos compreender como o binarismo de gênero é percebido e concebido no lugar cotidiano pelos corpos LGBT em Chapecó, e como ele influencia as ações e vivências desses corpos na produção do espaço.

6 METATEXTOS DA ATD E ANÁLISE DOS *RELIEF MAPS*

Nesta seção apresentamos as análises dos dados coletados por meio das entrevistas e dos *relief maps* que foram produzidos e realizados, como supracitado, por videoconferência com o uso das plataformas *Skype* e *Google Meeting* com 12 pessoas LGBT residentes em Chapecó pelo menos a partir de 2019. Os 14 metatextos presentes nesta seção são o resultado do percurso da análise das entrevistas (Figura 3 e Apêndice C), realizada com base na ATD de acordo com as orientações de Moraes e Galiazzi (2011), em diálogo com a análise dos *relief maps* (Apêndice B) que foram produzidos com as orientações de Rodó-de-Zárate (2014) com recurso de geração digital de mapas disponibilizado no site da Universidade Aberta da Catalunha.

Figura 3 – Síntese das etapas realizadas na ATD



Fonte: elaborado pelo autor, 2022.

Buscamos demonstrar por meio destes metatextos os elementos mais marcantes e frequentes nas narrativas dos entrevistados, identificando como estes relatam que percebem e concebem o binarismo de gênero e outras estruturas de poder nos diversos lugares da vida

cotidiana, e quais são as consequências e os resultados destas estruturas nas ações e vivências destas pessoas. Cabe ressaltarmos, contudo, que não buscamos padronizar as experiências das pessoas LGBT nos diversos lugares da vida cotidiana por meio destas análises, tratam de vivências específicas das pessoas entrevistadas, e podem, ou não, corresponder a vivências de outras pessoas com perfil semelhante, mas mesmo assim, sempre singulares e com vivências únicas.

Ainda assim, as narrativas dos entrevistados revelam experiências que estes tiveram em seus lugares cotidianos em Chapecó²⁶. Ademais, permitem que compreendamos o que perceberam nos diversos espaços deste lugar em relação ao gênero, orientação sexual, raça, renda e idade. Também, como que a partir das experiências e percepções nestes diversos espaços os entrevistados concebem estes lugares a respeito destas estruturas de poder (lugares de alívio, neutros, controversos ou de opressão – bem-estar ou mal-estar, medo, insegurança, conforto e outros) e como suas ações e vivências são influenciadas por essas percepções e concepções do lugar no cotidiano.

A seguir apresentaremos a análise em 14 subitens: 6.1 - Espaços Domésticos, 6.2 – Espaços das Passagem, 6.3 – Espaços Profissionais, 6.4 - Espaços de Lazer, 6.5 – Espaços Educativos, 6.6 – Espaços de Saúde, 6.7 - Espaços de Segurança Pública e Judiciário, 6.8 – Espaços Religiosos, 6.9 - Espaços de Atuação Política, 6.10 – Espaços Comerciais, 6.11 – Transportes, 6.12 – Corpo, 6.13 – Redes Sociais e 6.14 – Cidade.

6.1 ESPAÇOS DOMÉSTICOS

A Categoria Final (CF) “espaços domésticos” é composta por quatro Categorias Intermediárias (CM) que são: “residência do entrevistado”, “residência de familiares do entrevistado”, “residência de amigos do entrevistado” e “residência do companheiro do entrevistado”. Essa categorização foi definida considerando a similaridade de relações e funções que se estabelecem nestes espaços, pois são espaços com função de residência, de propriedade e uso privado, onde as sociabilidades se dão de modo intenso e principalmente com pessoas conhecidas, com as quais o corpo transgressor possui algum tipo de elo afetivo, como por exemplo, com familiares, amigos, companheiros etc.

²⁶ Algumas narrativas são relacionadas a outros lugares como municípios da região do oeste catarinense, Florianópolis (SC), Porto Alegre (RS), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e cidades do Maranhão (MA). Quando as narrativas forem relacionadas a outros lugares mencionaremos no metatexto de onde se trata.

A partir da análise dos *relief maps* foi possível identificar que dentre os espaços domésticos, o lugar “residência de familiares” é o mais descrito como controverso e opressivo, sendo um espaço em que a maior parte dos entrevistados representaram sentir algum mal-estar, sobretudo acerca das dimensões sociais gênero, orientação sexual e raça. Já os lugares “residência do entrevistado”, “residência de amigos do entrevistado” e “residência do companheiro do entrevistado” são representados nos *relief maps* como espaços neutros e de alívio, e embora sejam representados assim, alguns mapas expressam algum tipo de mal-estar, dentre os quais destacam-se os relacionados às dimensões sociais renda e raça.

Com base nas narrativas dos entrevistados podemos perceber que as causas destes mal-estares representados nos *relief maps* no lugar “residência de familiares” são distintas para cada entrevistado e estão relacionadas a diferentes dimensões sociais, mas envolvem principalmente violências correlatas aos padrões de performatividade de gênero e sexualidade do binarismo e também do racismo. Os relatos expressam ainda que a relação que se tenha com os familiares acerca destes temas pode ditar como este corpo irá sentir-se nestes espaços. A religiosidade cristã e questões políticas, como o apoio ao presidente Jair Bolsonaro, são alguns elementos expressos nas narrativas como causadores deste mal-estar na residência de familiares.

As vivências negativas na residência de familiares relacionadas ao binarismo de gênero e à orientação sexual foram relatadas tendo como principais causas de mal-estar: a rejeição, negação e invisibilização da performatividade transgressora por parte da família; a inibição de conversas e assuntos que envolvam a sexualidade ou os relacionamentos afetivos do corpo transgressor; abuso sexual infantil; o constrangimento com a própria sexualidade nas interações familiares; a proibição de convidar companheiros para a residência de familiares; as tentativas familiares de controlar a performatividade de gênero dos entrevistados tanto na infância quanto na adolescência e na vida adulta, como por exemplo no uso de roupas, corte de cabelo, prática de dança e teatro, modo de andar, falar, agir e se expressar; as limitações nas relações de masculinidade entre homens; a expulsão/fuga de casa na adolescência pela não aceitação da transgeneridade por parte da família; o desrespeito ao nome, referindo-se a pessoas trans por seus nomes de registro de nascimento (masculino); e o desrespeito às roupas e à performatividade feminina, pedindo para que pessoas trans se portem e usem roupas relacionadas ao gênero designado no nascimento em encontros familiares.

Como consequências dessas violências de gênero e sexualidade vividas na residência de familiares os entrevistados relatam que deixaram de frequentar a residência de alguns familiares devido ao desrespeito; que não revelaram, ou que retardaram a revelação da sua sexualidade,

transgeneridade e relacionamento dissidente para a família, visando evitar violências e incômodos; que mudaram de município por se sentirem constrangidos com a própria sexualidade perante a família; que não possuem relações afetuosas e transparentes com homens na família, mesmo com o pai; que conformaram-se ao gênero designado no nascimento por influência dessas pressões familiares, mesmo que não se sintam totalmente confortáveis com ele atualmente; a impossibilidade de ocupar espaços familiares, mesmo que em datas importantes, como aniversários, festividades de final de ano e velórios; violências no decorrer da vida provenientes da falta de estrutura familiar, como dificuldades financeiras e o trabalho na prostituição para a “sobrevivência”; e que têm a necessidade de resistir ao desrespeito e às tentativas de controle constantemente, mesmo que isso signifique afastar-se ou confrontar os agressores.

Já acerca do mal-estar racial nestes lugares, uma narrativa de uma pessoa preta expressa discursos de sua avó que pregam o branqueamento da família, com incentivos para que os integrantes da família busquem relacionar-se com pessoas brancas. Como consequência destes discursos, a entrevistada destaca que todas as mulheres da família se casaram com homens brancos, o que promoveu um apagamento cultural na família por meio da substituição das religiões de matriz africana por religiões cristãs evangélicas. Outra entrevistada ainda destaca um recorte, de modo que relata sentir mal-estar somente na parcela da família com ascendência europeia (italiana).

Alguns entrevistados homossexuais (gays e lésbicas) narraram ter relações positivas de aceitação da sexualidade dissidente pela família, inclusive com intervenções de familiares em defesa do entrevistado, e que por este motivo sentem bem-estar nestes espaços. Para estes entrevistados, a residência de familiares é um lugar “tranquilo” e “seguro”, onde sentem liberdade de abordar a própria sexualidade e seus relacionamentos.

O lugar “residência do entrevistado” foi relatado por todos os entrevistados como um lugar de refúgio, onde esses corpos buscam segurança e liberdade para a sua performatividade de gênero e sexualidade dissidente. Os entrevistados relataram residir com pais, avós, amigos, irmãos ou sozinhos, e considerando a relação positiva que tem com estas pessoas atualmente consideram este um espaço de alívio. Mesmo que tenham considerado este um espaço de alívio, os relatos expressam que isso ocorre de maneira fluida no cotidiano, podendo passar a ser um lugar opressivo dependendo das variáveis envolvidas neste espaço, como a presença de pessoas estranhas ou visitas. A presença de pessoas que não residem com os entrevistados na própria residência, como visitas, pode fazer com que estes corpos contêm sua performatividade

neste espaço que consideram livre para a performatividade transgressora. Os relatos demonstram ainda que o binarismo de gênero pode influenciar (e por vezes determinar) o local de residência de um corpo transgressor: como “em qual cidade?”, “em qual bairro?” e até “em qual rua?”. Neste sentido podemos notar pelos relatos a necessidade destes corpos buscarem por um local de moradia que lhes forneça segurança contra violências de gênero e sexualidade, tendo inclusive que pensar nos trajetos noturnos até a residência, ou o afastamento da família para viver plenamente a própria sexualidade.

Do mesmo modo, a “residência de amigos” pode ser um espaço em que estas pessoas buscam alívio, amparo e segurança. Isto está relacionado ao fato de que estes corpos buscam se aproximar de outros corpos transgressores ou pessoas que tenham uma vivência semelhante e/ou com aceitação de suas performatividades. Contudo, mesmo na residência de amigos, os corpos transgressores estão sujeitos a variáveis como a presença de pessoas que não necessariamente sejam o amigo visitado, como companheiros ou outras visitas do amigo, o que pode gerar algum desconforto ou violência. Também se destaca dentre as narrativas a da criação de uma “*house*” por uma das entrevistadas. Este relato expressa a necessidade que esta comunidade tem de estabelecer redes de apoio entre pessoas LGBTQIA+, de modo que se auxiliam mutuamente em uma estrutura familiar, mesmo que remotamente, na tentativa de possibilitar espaços de acolhimento para os corpos transgressores que são socialmente marginalizados e violentados.

A partir das narrativas dos entrevistados podemos perceber que no lugar “residência do companheiro” também existe uma fluidez das sensações, pois, mesmo sendo um espaço considerado seguro para a afetividade e performatividade transgressora pelos entrevistados, podem ocorrer violências a depender das pessoas com quem o companheiro reside. Falas preconceituosas naturalizadas também puderam ser percebidas nos relatos acerca destes espaços, assim como violência doméstica, estupro e tentativa de feminicídio. Outro ponto que chama a atenção é que mesmo em um relacionamento homossexual entre homens, um dos companheiros pode ser opressor frente a performatividade de gênero do namorado, o que demonstra a internalização cristalizada do binarismo mesmo dentre pessoas LGBTQIA+.

6.2 ESPAÇOS DE PASSAGEM

A Categoria Final (CF) “espaços de passagem” é composta pelas Categorias Intermediárias (CM) “rua”, “praça”, “parque” “terminal de transporte público coletivo urbano”

e “banheiro público”. Para essa categorização, consideramos se tratar de espaços de uso público, podendo ser de propriedade privada ou pública (como por exemplo, o banheiro de um shopping, de uma boate ou de uma praça) onde os corpos transgressores podem interagir com pessoas conhecidas, considerando que alguns destes espaços podem servir para a sociabilidade com amigos e familiares (como a rua), ou com pessoas desconhecidas, considerando tratar-se de espaços de uso público. Ainda, pois, em geral, as interações interpessoais nestes espaços são breves e pontuais, sendo que o período de permanência fixa dos corpos transgressores nestes espaços é relativamente curto, estando geralmente em movimento.

A partir da análise dos *relief maps* podemos observar que os espaços de passagem foram representados na maioria dos mapas como lugares causadores de sensações de mal-estar em distintas dimensões sociais, sobretudo gênero, orientação sexual e raça, sendo classificados majoritariamente como lugares de opressão e controversos. Em alguns mapas os espaços de passagem são classificados como lugares neutros, contudo, mesmo nestes, são representados com significativas sensações de mal-estar em relação ao gênero e à orientação sexual. A dimensão geográfica “rua” destaca-se como sendo o lugar com mais representações de mal-estar e classificações de lugar controverso e de opressão.

Com base nas narrativas dos entrevistados podemos identificar que este significativo mal-estar representados nos *relief maps* nos espaços de passagem estão relacionados aos padrões de performatividade de gênero e sexualidade do binarismo, bem como ao racismo. Os relatos negativos nestes lugares que ajudam a compreender essas representações de mal-estar dos mapas, descrevem sete principais causas: assédio, abuso sexual, sexualização do corpo feminino, violências verbais e/ou físicas, “olhares/encaradas” repressivos à performatividade e/ou sexualidade transgressora, insegurança para demonstração de afeto em público e violência institucional por meio da atuação policial.

No lugar “rua” foram relatadas violências físicas e verbais, assédio e/ou abuso sexual, “olhares/encaradas” e violência institucional por meio da atuação policial. Os entrevistados relataram ouvir ofensas na rua como “bicha”, “viado”, “bichinha”, e comentários como “Jesus ama vocês” (com intuito de repreender, com um discurso religioso, a performatividade transgressora), “virou viado porque não comeu uma buceta de verdade” e “virou sapatão porque não foi comida direito”. Também foi relatado um caso de violência física com o corte forçado do cabelo de um homem gay. As violências relatadas foram com os próprios entrevistados ou com amigos, familiares e companheiros, e em geral, as vítimas dos relatos de violências físicas e verbais eram homens gays.

Já episódios de assédios e/ou abusos sexuais no lugar “rua” são relatados em maioria por mulheres, tendo ocorrido com as entrevistadas ou com outras mulheres, e envolvem olhares/encaradas, perseguições, assovios, comentários e estupro. Do mesmo modo, olhares sexualizando o corpo feminino, e de casais lésbicos, foram expressos como motivações das sensações negativas de mulheres na rua. Um homem cisgênero gay também relatou um episódio de assédio que se iniciou no transporte público e continuou na rua com perseguição.

Outra forma de repressão da performatividade de gênero transgressora e das sexualidades dissidentes relatada no lugar “rua”, são olhares/encaradas”. Os relatos expressam que esses “olhares/encaradas” eram direcionados aos entrevistados devido a estranheza com o corpo transgressor, ou com o intuito de repreender demonstrações públicas de afeto entre homens e mulheres homossexuais e pessoas não binárias, gerando desconforto e intimidação nestas pessoas. As pessoas que direcionam esses olhares, segundo os relatos, são em maioria homens.

Os relatos de coação policial no lugar “rua” foram relacionados sobretudo à raça, mas também ao gênero, à renda e à sexualidade. A coação policial em “rolês” foi mencionada pelos entrevistados como sendo direcionada a pessoas pretas, LGBTQIA+ e que não tinham poder aquisitivo para frequentar espaços comerciais da cidade, utilizando-se da rua como um espaço de sociabilidade e lazer, sobretudo à noite e em ruas nas proximidades de boates. Segundo esses relatos, essas violências envolviam a proibição de uso da rua para essas sociabilidades noturnas entre jovens LGBTQIA+, pretos, pardos e pessoas com baixo poder aquisitivo; o impedimento de performance artística de uma mulher trans seminua no carnaval; episódio com abuso de força, com o policial “apontando o fuzil” para o entrevistado; coação com motivação em discriminação racial; e agressões físicas e verbais.

Como consequências destas múltiplas violências no lugar “rua”, os entrevistados relatam: mudança no comportamento, como modo de andar e falar; a não demonstração de afeto entre homossexuais, comportando-se como “amigo” com o companheiro; a insegurança de ocupar este espaço à noite, principalmente por parte de mulheres, com a necessidade de estar sempre acompanhada por alguém de confiança, preferencialmente homens amigos e familiares; ter parado de frequentar os “rolês”, e a necessidade de resistência e confronto diante destas violências. Ainda cabe destaque que alguns entrevistados consideraram as ruas do centro de Chapecó seguras para a demonstração pública de afeto, já outros relataram terem sido violentados e constrangidos justamente nas ruas do centro da cidade quando tiveram afeição com companheiros.

As problemáticas relatadas acerca do lugar “praça” em muito se assemelham às narradas acerca da rua, assim como as consequências. Envolvem assédio sexual, desconforto e estranhamento com a presença do corpo transgressor, coação policial, medo e insegurança para a demonstração pública de afeto, sendo que as principais dimensões sociais mencionadas como causadoras desse mal-estar pelos entrevistados foram gênero, sexualidade e raça. Entretanto um elemento se destaca que é o assédio sexual, que além de ser mencionado por uma mulher cisgênero, foi relatado por um homem cisgênero, inclusive com oferta de dinheiro para prática sexual.

O lugar “banheiro público” é mencionado em três entrevistas e demonstra-se como um lugar de conflito e tensões, sobretudo para pessoas travestis e não binárias. Os relatos expressam angústias de mulheres trans e travestis, como a insegurança em utilizar este espaço ou a necessidade de resistência para este uso. Ainda foram relatados episódios de abuso e assédio sexual por um homem cisgênero no banheiro de uma praça e também de uma boate. Os entrevistados discorrem que considerando essas vivências, sentem medo de utilizar estes espaços e evitam utilizar banheiros públicos para prevenir-se de violências, e também, que quando utilizam, já estão preparados para resistir caso seja necessário.

Os lugares “parque” e “praça” foram pouco mencionados nas entrevistas. O lugar “parque” foi mencionado em uma única narrativa, na qual a entrevistada expressa uma postura de resistência para a demonstração de afeto neste espaço. O lugar “terminal de transporte público coletivo urbano” também foi mencionado em um único relato, no qual a entrevistada descreve um episódio de violência homofóbica com cunho religioso, e o desconforto sentido nesta experiência.

6.3 ESPAÇOS PROFISSIONAIS

A Categoria Final (CF) “espaços profissionais” é composta por uma única Categoria Intermediária (CM) de mesmo nome. Essa categoria abrange diversos espaços com funções e características distintas, como escolas, universidades, lojas, escritórios, a própria residência e outros. O elemento comum a todos estes espaços considerado para a categorização foi a identificação de relações de trabalho narradas pelo entrevistado em determinado lugar. Deste modo, identificamos nas entrevistas e nos *relief maps* como espaços profissionais: escola (HCGPd29, NBLBr25 e HCGPt29), universidade (HCGBr28), loja de shopping (MTHPd45), pizzaria (NBLPt24), boate (TRHPt24), escritório de arquitetura e engenharia (HCGBr57),

escritório de tecnologia da informação (HCGBr28), escritório de administração e logística (HCIPt28), Unidade Básica de Saúde (UBS) (MCLBr23) e própria residência para atendimento de petshop (MTHPd45).

A partir da análise dos *relief maps* podemos perceber que dois entrevistados classificaram o ambiente de trabalho como um lugar controverso, dois como lugar neutro e um como lugar de opressão, sendo que se destacam nos *relief maps* como dimensões sociais causadoras de mal-estar nos espaços profissionais orientação sexual, gênero, renda e raça.

Com base nos relatos dos entrevistados, podemos perceber que as causas de mal-estar nos espaços profissionais estão relacionadas aos padrões de performatividade de gênero e de sexualidade do binarismo e o racismo. Os relatos que expressam este mal-estar nos espaços profissionais envolvem a necessidade de revelar a sexualidade nestes lugares, visando evitar “descobertas”, bem como outra causa de mal-estar, que são as violências verbais, veladas e explícitas. Essas violências verbais relatadas foram promovidas principalmente por homens em cargos de chefia, mas também por homens colegas de trabalho, e tiveram como vítimas mulheres em posição de liderança e homens gays e bissexuais. O fato de alguns dos agressores serem pessoas em cargos de chefia, causou, segundo relatado, a dificuldade em denunciar essas violências que ocorrem de modo implícito, gerando impunidade e perpetuação da violência.

Ainda, foram mencionadas como causas de mal-estar a predileção pelo trabalho de pessoas heterossexuais; a sexualização do corpo de mulheres trans e das relações profissionais e pessoais destas pessoas; a necessidade de pessoas trans trabalharem com a prostituição por “sobrevivência”; as pressões escolares sobre a performatividade de corpos infantis; comentários racistas de colegas de trabalho; e episódios de discriminação racial com uma pessoa não-binária preta que é natural de Chapecó mas é frequentemente questionada se é paulista, por ser “despojada”.

Os entrevistados apontam como consequências dessas violências e repressões a sexualidade e gênero no ambiente de trabalho, a mudança na performatividade, como modo de se portar, falar, gesticular e se expressar. Também expressam a insegurança com novos locais de trabalho no futuro por não saber como será a relação nestes ambientes, o que gera preocupação e a insegurança em migrar em busca de melhores condições por conta do gênero e da sexualidade. Outro detalhe que chama a atenção são as menções de que no ambiente de trabalho os entrevistados fossem uma “outra pessoa”, com “outra personalidade”, e que isso se deva às exigências da profissão ou da empresa como a adequação ao padrão binário de performatividade, e alisamento/corte capilar. Também a dificuldade de acesso ao mercado

formal de trabalho por pessoas trans, e que quando consegue acessar ao mercado formal trata-se de um emprego com “preferência por gays”, mas intermitente e sem estabilidade, com baixa remuneração, e que é desgastante e com elevada carga horária. E ainda, podemos citar as posturas de resistência que se fazem necessárias diante das violências, como a repreensão de falas e atitudes discriminatórias e violentas e a persistência na performatividade transgressora, mesmo frente a confrontos.

6.4 ESPAÇOS DE LAZER

A Categoria Final (CF) “espaços de lazer” é integrada pelas Categorias Intermediárias (CM): “boate”, “bar”, “espaços esportivos”, “festa de comunidade” e “restaurante/lanchonete/pizzaria”. Essa categoria foi criada visando o agrupamento de lugares representados nos *relief maps* e/ou narrados nas entrevistas e que tenham como principal função para o entrevistado o de lazer, e onde os entrevistados interagem tanto com pessoas conhecidas, considerando que são espaços de sociabilidade, e também com pessoas desconhecidas.

Com base na análise dos *relief maps* podemos observar que dentre os espaços de lazer, o lugar “boate” é o que possui mais representações de mal-estar, sendo classificado majoritariamente como um lugar controverso. As dimensões sociais representadas que se destacam como causadoras de mal-estar no lugar “boate” são raça, renda e orientação sexual, e com menos frequência, idade e gênero. Também, que o lugar “bar” foi representado em três mapas como lugar controverso sendo que a orientação sexual é representada como a origem desse mal-estar em todos, já as dimensões sociais raça e idade em um cada. Os lugares “restaurante/lanchonete/pizzaria” são representados em três mapas como lugares neutros, mas em dois são representadas sensações de mal-estar. Em um dos mapas que classificam os lugares “restaurante/lanchonete/pizzaria” como neutro, todas as dimensões sociais são apresentadas como causadoras de mal-estar nestes espaços, e em outro (MCLBr23) a orientação sexual e o gênero.

Os entrevistados relataram alguns elementos causadores destas sensações de mal-estar no lugar “boate” que foram representados nos *relief maps*, como violências de gênero e sexualidade, que envolvem a discriminação homotransfóbica por parte de pessoas responsáveis pela segurança de uma boate voltada ao público LGBTQIA+; assédio sexual, com homens e mulheres, sendo mais mencionado por mulheres e o homicídio de um homem gay conhecido, por conta da sexualidade, em uma boate no estado do Maranhão. Uma entrevistada também

relata como problemática o desrespeito ao gênero de pessoas trans, pois, quando boates têm a questionável estratégia sexista de ofertar gratuidade de entrada para mulheres, mulheres trans não são consideradas mulheres, não podendo acessar essa gratuidade da entrada ofertada restritamente para mulheres cisgênero. O mal-estar racial no lugar “boate” também foi relatado por entrevistados pretos. Ambos os entrevistados que mencionam esse mal-estar, o atribuem à rejeição de seus corpos nas boates, mesmo nas destinadas ao público LGBTQIA+, e que entendem que pessoas brancas e “padrão” são mais “procuradas” e “solicitadas” nestes espaços.

Outra questão que se destaca dentre as narrativas dos entrevistados acerca do lugar “boate/balada” foi a preferência por baladas frequentadas por pessoas LGBTQIA+ e a rejeição a espaços que sejam frequentados por muitas pessoas descritas nas entrevistas como “homens”, “homens héteros”, “hétero” e “heterotop”, ou ainda lugares com “cara de hétero”. Grande parte desta preferência é relacionada nas entrevistas ao fato de os corpos transgressores sentirem mais conforto e segurança para a demonstração de afeto em boates frequentadas por pessoas LGBTQIA+, inclusive sendo mencionado em algumas entrevistas como o único espaço não doméstico em que isso ocorra. Ainda, por serem espaços onde os entrevistados se encontram com outros corpos transgressores. Os entrevistados também consideram que nestes espaços os riscos de violências ou de “olhares” são menores, e por isso sentem mais bem-estar para a performatividade transgressora e demonstrações de afeto nas boates voltadas ao público LGBTQIA+.

Ainda foram mencionadas pelas mulheres entrevistadas como motivação para a predileção por boates voltadas ao público LGBTQIA+ o conforto que sentem em relação a não serem assediadas nestas boates, e que o desconforto nas boates frequentadas por homens héteros está relacionado justamente ao assédio sexual. Outro elemento narrado como motivador para a escolha de boates voltadas ao público LGBTQIA+ é a existência de poucos espaços destinados a este público na cidade e que mesmo estes poucos espaços existentes seriam “comandados” por pessoas cisgêneros e heterossexuais, problemática essa que uma entrevistada atribui ao “mercado”. A presença de performers como drag queens, bem como os estilos musicais que são reproduzidos nestes espaços, também são elementos que influenciam a escolha por boates voltadas ao público LGBTQIA+. Um dos entrevistados ainda relaciona os estilos musicais “samba” e “rock” como atrativos para pessoas gays e “sertanejo” para pessoas heterossexuais cisgêneros, de modo que sabendo o estilo musical que é reproduzido em determinado espaço, o entrevistado pressupõe o perfil das pessoas que frequentam esse local.

Outro elemento que se destaca é que o lugar “boate” é mencionado como um espaço de oportunidades de trabalhos artísticos como performer drag queen e DJ para pessoas trans e travestis. Uma entrevistada ainda menciona a dificuldade financeira em ocupar estes espaços, e que por meio do trabalho como drag queen e DJ conseguia acessá-los. Outra entrevistada ainda expressa a criação de um grupo de drags em Chapecó que se originou na década de 90 justamente nos encontros destas pessoas nas boates onde performavam.

Do mesmo modo que o lugar “boate”, o lugar “bar” é mencionado como um espaço em que os entrevistados consideram a presença de outros corpos LBTQIA+ para frequentar. Contudo, alguns entrevistados indicam que consideram este um espaço frequentado por muitos “homens” e “pessoas heterossexuais” e que por isso, e por terem “preconceitos” com estes lugares, não os frequentam. Os que dizem frequentar informam que procuram por bares que “respeitam a diversidade” ou que “sejam abertos à diversidade”, em que se sintam confortáveis com sua performatividade transgressora ou demonstração de afeto por homossexuais. Ainda, alguns entrevistados indicam a necessidade de estar acompanhado por alguém de confiança para se sentirem seguros nestes espaços, sobretudo mulheres.

Três relatos abordam a motivação do mal-estar que sentem no lugar “bar”. Um entrevistado refere a uma experiência em um bar em que percebeu olhares e comentários de pessoas presentes no lugar quando deu um beijo em seu companheiro. Outra entrevistada menciona falas racistas que associam pessoas pretas à criminalidade e pobreza, e questionando o fato destas pessoas acessarem espaços de lazer como bar. Outro entrevistado atribui esse mal-estar à renda, considerando uma experiência vivida em um bar em que percebeu que as pessoas que estavam no ambiente “se portavam, conversavam e se vestiam” de um modo diferente. A entrevistada MTHPd45 destaca que no passado considerava que pessoas trans eram mais respeitadas em Chapecó, e cita que frequentava bares “montada” de drag queen com amigas e não era violentada. Atualmente a entrevistada considera que é mais oprimida em relação ao gênero nestes espaços e problematiza acerca da intensificação da violência que percebeu, relacionando essa violência ao atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro.

A entrevistada MTHPd45 relata uma experiência positiva em uma “festa de comunidade” de uma associação de haitianos em Chapecó, mas menciona que talvez tenha sido respeitada e acolhida por não terem percebido se tratar de uma mulher trans, pois a entrevistada concebe a cultura haitiana como “complicada” em relação ao preconceito contra pessoas trans. Já a entrevistada MCBPd25 relata experiências em uma festa de comunidade rural que envolveram assédio sexual por parte de um homem mais velho, a não aceitação do “não” por

um homem na festa, o que relata ser frequente, e os olhares e comentários sobre duas mulheres dançando juntas.

Os “espaços esportivos” foram relatados de modo positivo como um lugar de acolhimento, bem-estar e sociabilidade LBTQIA+ por três entrevistados. Os entrevistados relatam que procuram por pessoas LBTQIA+ para a prática de vôlei e futebol, e que por este motivo sentem bem-estar nestes espaços.

Nos lugares “pizzaria/restaurante/lanchonete” os entrevistados relatam “olhares” como um fator de incômodo. A entrevistada TRHPt24 relata olhares quando estava “montada” de drag queen em uma lanchonete, já a entrevistada MCLBr23 sobre uma experiência de desconforto de uma atendente de pizzaria sobre sua performatividade “não feminina” e relaciona isso a religiosidade cristã. A entrevistada NBLPt24 explica sentir desconforto com olhares quando está acompanhada de uma companheira nestes espaços, e seleciona “pizzaria/restaurante/lanchonete” que irá frequentar de acordo com o modo que é atendida, reparando em olhares e comentários de pessoas que trabalham nestes espaços, bem como indicações de amigos. A mesma entrevistada também cita que percebe que o modo de atendimento nestes lugares está relacionado ao modo como o corpo está vestido, sendo que pessoas com roupas que explicitem um maior poder aquisitivo são mais bem atendidas e recebidas nestes espaços.

6.5 ESPAÇOS EDUCATIVOS

Integram a Categoria Final (CF) “espaços educativos” as Categorias Intermediárias (CM) “escola de educação básica”, “universidade”, “instituição de curso preparatório pré-vestibular” e “instituição de ensino profissionalizante”. Para esta categorização consideramos todos os espaços que têm como principal função para os entrevistados o ensino e a aprendizagem, tanto da iniciativa privada quanto pública. Os relatos são em maioria dos entrevistados narrando sua relação com estes espaços na infância e juventude. Contudo, três entrevistados são atualmente professores de Escola de Educação Básica (EEB), e por este motivo, alguns relatos são sobre como perceber a repressão sobre os estudantes nas experiências como docentes em escolas.

Observando os *relief maps* podemos identificar que o lugar “escola de educação básica” é representado em dois mapas, e em um deles todas as dimensões sociais são expressas com mal-estar, e em outro somente a da renda. O lugar “universidade” é representado em dois mapas

como um espaço causador de sensações de bem-estar, e em três como de mal-estar, destacando-se negativamente nestes mapas as dimensões sociais renda, raça, orientação sexual, gênero e idade. Um único mapa representa o lugar “escola de idiomas”, e é com bem-estar em todas as dimensões sociais. O lugar “instituição de ensino profissionalizante” também é representado em somente um mapa, no qual destaca-se negativamente somente a dimensão social renda.

Com base nas entrevistas podemos notar que acerca do lugar “Escola de Educação Básica” (EEB) são narradas como causas de mal-estar questões relacionadas ao binarismo de gênero e ao racismo, como a invalidação de pronunciamentos de estudantes mulheres, e a exaltação das falas com o mesmo teor de estudantes homens; a destinação de cargos de professores da educação infantil para mulheres; episódios de violências verbais homofóbicas que envolveram o entrevistado como aluno e também um professor homossexual da turma, com ofensas como “bichinha” e “viadinho”; repreensão por profissionais escolares a performatividades transgressoras; a dificuldade, e necessidade, de debates sobre a diversidade nas escolas e experiências de falas racistas, como professor (por parte de docentes colegas de trabalho) e como estudante (por parte de professores e colegas de turma). Um relato destaca um ponto positivo, que é a boa relação que tinha com os colegas “na quadra” jogando vôlei, considerando este o único espaço da escola em que era respeitado, sendo que em outros ambientes da escola a relação era homofóbica, violenta e repressiva.

Como consequências destas vivências negativas no lugar “EEB”, os entrevistados destacam a inexistência ou insuficiência de conversas, debates e informações sobre diversidade nas aulas, de modo que quando estes assuntos são abordados, faz-se necessário um acordo entre profissionais escolares e estudantes para o secretamento das conversas. Ainda, que alunas mulheres evitam falar, considerando que já esperam ser invalidadas e por isso se calam para evitar frustrações e consequências emocionais. Também, o afastamento ou a expulsão de pessoas transgênero da escola, já que é um espaço que remete à violência e ao mal-estar para estas pessoas. E por fim, a necessidade de postura de resistência, entrando em confrontos com estudantes e profissionais escolares para ser respeitado.

O lugar “universidade” é mencionado em diversas narrativas como um lugar de bem-estar que acolhe as diversidades por ser um espaço destinado ao conhecimento, onde os entrevistados indicam sentir segurança e acolhimento. Outro elemento que os entrevistados destacam é a abertura para debates sobre o tema na universidade, e atribuem isso aos “governos progressistas”. Contudo, os entrevistados também narram diversos episódios em que sentiram mal-estar no lugar “universidade” relacionados a gênero, sexualidade, raça e renda. Dentre estas

vivências negativas destacam-se violências verbais homotransfóbicas, tendo estudantes homens como agressores; sexualização de casais lésbicos; “olhares/encaradas” para homens gays; assédio sexual de um estudante contra diversas colegas de programa universitário de ensino, e impunidade diante da morosidade do docente coordenador homem do projeto em resolver a situação; percepção de pessoas desconfortáveis como colegas e professores à performatividade de gênero transgressora; desconforto por conta da renda, principalmente em universidades privadas; e a percepção de que as universidades públicas são o local destinados às pessoas pretas pela ausência destas pessoas nas universidades privadas.

Os entrevistados descrevem que buscam ter relações de amizade na universidade com pessoas parecidas consigo, como pessoas LGBTQIA+ ou pessoas pretas, por se sentirem mais confortáveis na presença destas pessoas. Também, relataram conhecer colegas, homens gays efeminados, que mudam a performatividade de gênero para que as pessoas “não percebam”. Ainda, que os casos de assédio faziam com que as estudantes mulheres tivessem crises de pânico e ansiedade, o que fazia com que muitas faltassem ou abandonassem o programa de ensino que participavam. Ademais, são diversos os relatos de posturas de resistência diante destas repressões e violências.

O lugar “instituição de curso preparatório pré-vestibular” é mencionado em uma entrevista, na qual a entrevistada relata um episódio em que se sentiu ofendida com “falas infundadas” da palestrante psicóloga que havia sido convidada para falar acerca de gravidez na adolescência. Segundo a entrevistada MTHPd24 as falas da palestrante tinham cunho transfóbico e por isso teve de assumir uma postura de resistência confrontando a palestrante, mas que se tornou o “assunto” da sala tendo que ouvir logo em seguida comentários como “macho que é macho tem que honrar o que tem no meio das pernas”.

O lugar “instituição de ensino profissionalizante” é mencionado em uma única narrativa, na qual o entrevistado relata ter vivido um episódio de xenofobia, com piadas sobre pessoas nordestinas. O entrevistado descreve ter tido uma postura de resistência exigindo ações da direção da instituição.

6.6 ESPAÇOS DE SAÚDE

As Categorias Intermediárias (CM) que integram a Categoria Final (CF) “espaços de saúde” são: “Hospital Regional do Oeste (HRO)”, “Unidade de Pronto Atendimento (UPA)”, “Rede feminina de combate ao câncer”, “consultório de psicologia” e “clínicas”. Para essa

categorização, consideramos todas as narrativas que referiam a lugares cuja principal função é o atendimento de serviços de saúde, tanto públicos quanto privados. Os espaços de saúde foram representados em quatro *relief maps* de modo geral como “estabelecimentos de saúde” e “UPA/UBS/HRO”, e com exceção de um mapa que representa bem-estar e alívio nestes espaços, os demais expressam mal-estar em todas as dimensões sociais, com destaque para a dimensão social gênero.

Uma entrevistada menciona o lugar “HRO” como um espaço em que teve muitas vivências negativas que envolveram violências de gênero, com interseções com raça, idade e orientação sexual. A entrevistada relata violência obstétrica antes, durante e após o parto de seu primeiro filho. As violências relatadas na entrevista foram verbais, como ofensas e insultos, além do descumprimento de protocolos como o contato pele a pele após o parto. Além disso, a entrevistada atribui que parte desta violência era por questões raciais, devido ao seu companheiro ser um homem negro e haitiano, bem como pela idade, por considerar ter sido tratada como “adolescente”. Outro elemento destacado pela entrevistada foi a negligência do sistema de saúde de parte de sua sexualidade, já que é bissexual e considera que o sistema de saúde é voltado para pessoas heterossexuais. A entrevistada relata que como consequência dessas violências tem vários traumas e que assume uma postura de resistência no ato de acionar judicialmente o hospital.

A mesma entrevistada relata violências que ocorreram em espaços de saúde, como na “UPA” e em uma “clínica”. Na “UPA” a entrevistada relata que quando precisou utilizar os serviços neste espaço após uma tentativa de suicídio ouviu do médico que “iria para o inferno”. No lugar “clínica”, relata não ter se sentido bem tratada, e que por isso solicitou retornar o acompanhamento com a Unidade Básica de Saúde (UBS), quando foi ofendida com a fala “não está preocupada com o filho”. Também sobre o lugar “clínica”, um entrevistado relata ter sido olhado “de cima a baixo” na recepção, o que ele atribui ao fato de ser um homem preto. O entrevistado relata que no momento confrontou a profissional que o encarou e após trocou de clínica.

Os lugares “rede feminina de combate ao câncer” e “consultório de psicologia” são os únicos espaços em que as narrativas são de experiências positivas. No lugar “rede feminina de combate ao câncer” uma entrevistada expressa ter se sentido bem e tem sua performatividade transgressora respeitada, e ainda, considera que isso se deve ao fato de que “nesses espaços as pessoas já adquiriram um determinado nível de conhecimento”. O lugar “consultório de psicologia” também é relatado em somente uma entrevista como um espaço que a entrevistada

se sente bem, onde consegue se conhecer melhor, e que esse conforto se deve ao fato de procurar por psicólogos e psicólogas com que se identifique, sobretudo pessoas LGBTQIA+ e pretas.

6.7 ESPAÇOS DE SEGURANÇA PÚBLICA E JUDICIÁRIO

A Categoria Final (CF) “espaços de segurança pública e judiciário” é composta por duas Categorias Intermediárias (CM): “delegacias” e “ministério público”. Ambas CM referem a lugares que possuem como função principal o acesso aos serviços de segurança pública e do judiciário. Estes lugares não foram representados em nenhum dos *relief maps*.

As narrativas acerca do lugar “delegacia” são negativas e expressam episódios de violência e de ineficiência do estado na garantia da segurança de mulheres e pessoas LGBTQIA+, sobretudo transgêneros, sendo adjetivado como um lugar causador de sensações de “insegurança”, “medo”, “desconfiança” e “violência”. A entrevistada MTHPd45 narra uma experiência em que, quando foi conduzida à delegacia por estar fazendo uma performance artística na rua durante o carnaval, com o corpo seminu e por isso acusada de atentado ao pudor (no carnaval), foi ofendida pelo delegado e por policiais com falas como “mas eu nunca vi viado pelado e achando que é buceta”. Ela ainda relata que a justificativa da proibição da apresentação artística era que “a sociedade de Chapecó” não aceitaria. Assim, a entrevistada afirma que “aquele que é pago pra nos assegurar, pra nos proteger, ele nos violenta de novo”, e atribui parte desta intolerância a falas do atual presidente do Brasil Jair Bolsonaro.

Outro fator narrado é a ineficiência do estado na proteção de mulheres e pessoas LGBTQIA+ considerando que os entrevistados relataram que quando procuraram a delegacia para acessar os serviços de segurança, após uma ameaça de morte misógina no ambiente de trabalho por um cliente, não teve apoio da polícia nem para a própria segurança, e nem para o andamento de alguma investigação contra o agressor. O mesmo é relatado acerca do “ministério público” em uma entrevista, pois, quando a entrevistada precisou acionar a justiça por conta de violências verbais transfóbicas em redes sociais, não foi auxiliada pelo ministério público, tendo que se expor para identificar e fornecer o endereço do agressor ao ministério público, para que somente então o processo tivesse em toda sua morosidade algum andamento. Com isso, os entrevistados alegam sentir-se desamparados e inseguros em relação à polícia, sobretudo a militar, e ao judiciário, e que por isso, por vezes evitam procurar acessar estes serviços, inclusive desconsiderando violências, o que age na manutenção da impunidade dos agressores e na perpetuação das violências.

6.8 ESPAÇOS RELIGIOSOS

A Categoria Final (CF) “espaços religiosos” é composta por uma única Categoria Intermediária (CM), “igreja cristã”, sendo que este lugar foi relatado em uma única entrevista (MTHPd45) e em três *relief maps*. A partir da análise dos *relief maps*, podemos perceber que os lugares representados como “igrejas” mapas, portanto, lugares ligados a religiões cristãs, foram representados com significativo mal-estar, principalmente nas dimensões sociais orientação sexual, gênero e raça. Um mapa representa um lugar relacionado à religião de matriz africana e o representa com bem-estar em todas as dimensões sociais.

Todos os relatos acerca de vivências no lugar “igreja cristã”, narrados pela entrevistada MTHPd45, expressam experiências negativas e violentas relacionadas ao gênero. Dentre estas vivências, destacamos exclusão da entrevistada por parte das pessoas cisgêneros que frequentavam a igreja; tortura, com o corte forçado do cabelo; expulsão por não ser bem-vinda; negação de cesta básica, pois foi informada pelo pastor que se ele fornecesse uma cesta básica para a entrevistada que estava “passando fome”, teria “que deixar de dar uma cesta básica para uma família que precisa”. A entrevistada relata que não frequenta mais igrejas por conta destas vivências, e que hoje exerce sua espiritualidade em casa, expressando significativa repulsa por igrejas cristãs. Ainda relata uma hipocrisia em ter seu corpo rejeitado na igreja, mas requisitado por inúmeros pastores na época em que trabalhava com a prostituição.

6.9 ESPAÇOS DE ATUAÇÃO POLÍTICA

A Categoria Final (CF) “Espaços de atuação política” é integrada por duas Categorias Intermediárias (CM), sendo “movimentos sociais” e “partidos políticos” e os lugares ligados a estas CM são diversos, mas em todos, a principal função atribuída pelo entrevistado ao lugar em determinado momento foi a atuação política. Assim, os “movimentos sociais” mencionados eram ligados à causa LGBTQIA+, e os encontros destes movimentos foram em locais diversos, como em boates, casa de integrantes do movimento, e em atos públicos. Já os lugares mencionados como ligados ao “partido político” eram em reuniões e encontros na casa de dirigentes do partido e sede do partido. Um único partido político foi mencionado, o qual não informaremos o nome para resguardar o anonimato da entrevista, mas a entrevistada o classificou como sendo “um partido de esquerda” e “progressista”. Os lugares relacionados ao “partido político” são representados em somente um *relief maps* como sendo causador de mal-

estar significativo em todas as dimensões sociais, já os lugares relativos aos “movimentos sociais” foram representados também em um mapa, expressando um pouco de mal-estar racial.

Com base nas narrativas dos entrevistados, podemos perceber que a maior parte dos relatos acerca dos lugares ligados aos “movimentos sociais”, que foram mencionados por dois entrevistados, são causadores de bem-estar com vivências positivas. Já os espaços relacionados ao “partido político” são mencionados em uma única entrevista como sendo lugares opressivos e causadores de sensações de mal-estar, principalmente acerca do gênero, mas também de raça, renda, orientação sexual e idade.

Nos lugares dos “movimentos sociais” as menções pela entrevistada MTHPd45 expressam bem-estar, e como lugares que relaciona ao “crescimento pessoal”, “amadurecimento psicológico”, “militância”, “aprendizado” e criação de redes de contatos pessoais e profissionais. Já o entrevistado HCGBr57 expressa sentir-se muito bem nos lugares ligados ao movimento, mas narra um episódio em que foi “paquerado” por uma senhora que não sabia que ele era homossexual e que sentiu que a situação foi constrangedora.

Já os lugares correlatos ao “partido político” foram mencionados pela entrevistada MCBPd25 e as narrativas expressam extremo mal-estar em relação a estes lugares. Esse mal-estar é relacionado pela entrevistada principalmente ao gênero, mas também à orientação sexual, raça e renda, e envolve o silenciamento de mulheres e pessoas jovens no partido, bem como a dificuldade em conquistar um espaço comandado por homens, tendo a maior parte mais de 30 anos; e episódios com questionamentos sobre a sexualidade de uma integrante do partido e comentários racistas e aporofóbicos. A entrevistada relata com consequências destas vivências negativas o afastamento do partido e considera que estas experiências foram o “pontapé pra tentativa de suicídio”.

6.10 ESPAÇOS COMERCIAIS

As Categorias Intermediárias (CM) “supermercado”, “shopping”, “feira” e “lojas” integram a Categoria Final (CF) “espaços comerciais”. Para esta categorização consideramos que a principal função que os entrevistados atribuem a estes lugares são relações de compra e venda. Cabe destacar que o lugar “shopping”, a depender do contexto, poderia ser considerado um espaço de lazer, contudo optamos por considerá-lo um espaço comercial nesta categorização.

Nos *relief maps*, o lugar “supermercado” foi representado em somente um mapa como causador de mal-estar em relação à raça, gênero, orientação sexual e renda. Já o lugar “shopping” foi representado em dois mapas, sendo como bem-estar em todas as dimensões sociais em um e causador de significativo mal-estar acerca da renda, orientação sexual e gênero.

Todas as menções ao lugar “supermercado” nas entrevistas são de episódios negativos e este mal-estar é relacionado principalmente ao gênero e à raça, mas também à renda. Acerca do gênero, uma entrevistada descreve episódio de “olhares/encaradas” que eram direcionados a ela por conta de sua performatividade de gênero transgressora, e que para se blindar não reparava nestes olhares. Já em relação à raça, dois entrevistados relatam episódio de serem seguidos por seguranças no mercado, de serem questionados se efetuaram o pagamento das compras, de serem revistados quando estavam com pessoas brancas que não foram revistadas, e de terem seus documentos de identificação requisitados pela segurança. Ainda, relataram que os funcionários dos supermercados desconfiam das pessoas de acordo com as roupas que vestem, sendo que as pessoas que estes funcionários considerem ter uma renda baixa, por meio das vestimentas, são suspeitas.

As menções ao lugar “Shopping” são em geral positivas, sendo inclusive considerado o lugar não doméstico mais seguro para a demonstração de afeto entre homossexuais por um entrevistado. Os entrevistados relatam que veem casais homossexuais demonstrando afeto com liberdade no shopping, e que por esse motivo sentem bem-estar neste espaço e também demonstram. Contudo, uma entrevistada (TRHPt24) relata que em um shopping próximo a sua casa repara nas câmeras a seguindo e pessoas “olhando/encarando” e atribui isso ao gênero e a raça.

O lugar “loja” é mencionado por um entrevistado em duas narrativas envolvendo experiências negativas com estes lugares. O entrevistado afirma que deixou de frequentar duas lojas, sendo uma, em uma rede especializada em vendas de roupas em que soube de um episódio de racismo, e outra, sendo uma rede de lojas de departamento em que o proprietário da rede se pronunciou publicamente de forma xenofóbica contra nordestinos.

Por fim, o lugar “feira” foi mencionado em uma única narrativa, em que a entrevistada relata que as pessoas nestes espaços ficam inseguras quanto ao seu gênero, não sabendo se se referem a ela com pronomes masculinos ou femininos.

6.11 TRANSPORTES

Esta Categoria Final (CF) é composta pelas Categorias Intermediárias (CM) “transporte público rodoviário urbano/ônibus”, “carro de aplicativo” e “veículo próprio” e têm como semelhança o caráter de serem modos distintos de locomoção por meio de transportes rodoviários urbanos na vida cotidiana.

Tanto o “transporte público rodoviário urbano/ônibus” quanto os “carros por aplicativo” foram representados pelos entrevistados em seus *relief maps* com significativos mal-estar, principalmente por mulheres e sobretudo nas dimensões sociais gênero, orientação sexual e raça.

As narrativas dos entrevistados acerca dos espaços relacionados a transportes em seus cotidianos são em maioria negativas, e expressam sensações de mal-estar como “medo” e “insegurança”. No lugar “transporte público rodoviário urbano” as narrativas negativas estão relacionadas a assédio sexual, tanto com mulheres quanto com homens, de modo que dois entrevistados (um homem e uma mulher) relataram episódios que vivenciaram com homens desconhecidos no ônibus à noite, os quais estavam “esfregando o pênis” nos entrevistados ou se masturbando. Considerando estas vivências e riscos de assédio e abuso sexual no transporte público rodoviário urbano, as entrevistadas mulheres expressam evitar utilizar destes serviços à noite, e que quando tem a necessidade de utilizá-los, faz-se necessário o acompanhamento por um homem conhecido para se sentirem seguras. Um entrevistado ainda relata que notou “olhares/encaradas” repressivos a uma mulher transgênero que estava no ônibus. Esses “olhares/encaradas” também foram percebidos por mulheres homossexuais demonstrando afeto nos transportes públicos.

Os serviços de transporte por “carro por aplicativo” são descritos como um “luxo” em que alguns dos entrevistados não têm condições financeiras de acessar. Acerca dos “carros por aplicativo”, alguns entrevistados expressaram a preferência por motoristas mulheres ou homens gays, por ser mais difícil de serem assediados ou reprimidos com olhares e comentários por trabalhadores com esse perfil, o que indicam que por vezes ocorre com motoristas homens cisgêneros e heterossexuais. Uma entrevistada diz ser respeitada mesmo por motoristas homens por não performar feminilidade e que por isso não é atraente para estes motoristas. E ainda, uma entrevistada relata que não demonstra afeto com a companheira em carros por aplicativo por não se sentir segura.

O transporte por meio de “veículo próprio” foi narrado como uma necessidade para a garantia de segurança contra assaltos e crimes de ódio por gênero e sexualidade, como estupros, homicídios e latrocínios motivados pela aparência da pessoa assaltada.

6.12 CORPO

A Categoria Final (CF) “corpo” é composta por uma única Categoria Intermediária (CM) com mesmo nome, e agrupa todas as narrativas relativas ao próprio corpo do entrevistado ou ao corpo de outras pessoas. Todos os entrevistados representaram o corpo em seus mapas, e somente dois representaram significativo mal-estar em relação ao gênero nesta dimensão geográfica, os demais representam bem-estar sobre todas as dimensões sociais em seus corpos.

Com base nas narrativas dos entrevistados, podemos notar que o gênero é construído ao longo da vida com influência da família e de outras pessoas do convívio cotidiano, sejam conhecidos ou desconhecidos. Essa influência por vezes é descrita como repressiva e ocorre na infância, adolescência e na vida adulta. Neste sentido, destacamos que algumas narrativas que expressam como os entrevistados foram constituindo o seu gênero, seja conformando-se ao gênero designado no nascimento por pressões sociais, ou transgredindo esses padrões binários e realizando uma transição de gênero. Alguns entrevistados expressam que não se sentiam confortáveis com seu gênero no momento da entrevista, bem como não se sentiam confortáveis a respeito do nome, pensando em alterar o nome e até realizar modificações corporais como a mastectomia. Cabe ressaltar que uma entrevistada, que na entrevista se autoidentificou como uma pessoa não binária, havia se disponibilizado informando ser uma mulher cisgênero no formulário, o que a mesma frisou durante a entrevista e disse estar em um processo de construção do próprio gênero.

Os relatos de entrevistados que adjetivam o corpo do homem o caracterizam como: “grotesco”, “bruto”, “viril”, “forte”, “grosseiro”, “insensível”, “cabelo curto”, “com barba”, “roupa larga”, “guerreiro”, batalhador” e “duro na queda”. Já as caracterizações de como os entrevistados compreendem corpos femininos foram “meiga”, “delicada”, “fraca”, “emotiva”, “cabelo longo”, “peitão”, “bundão”, “depilada”, bem como foram associados alguns objetos aos corpos femininos como “calça apertada”, “batom”, “maquiagem” e “saia”. Também foram expressas palavras específicas para descrever o corpo de trans e travesti, como “siliconada”, “turbina”, “cabelão”, “coisa”, “confusa”, “violenta”, “prostituta” e “mulherão”. Essas palavras foram utilizadas pelos entrevistados para caracterizar como compreendem que o corpo

em cada categoria de gênero se comporta, ou o que percebem que a sociedade exige de cada corpo e de cada gênero.

Os entrevistados também mencionam a passabilidade em suas narrativas, relatando que essa mudança de comportamentos para adequar-se ao que é exigido de seu corpo de acordo com seu gênero designado no nascimento, como modo de falar, andar, gesticular e se expressar pode ser intencional e em momentos específicos, buscando acessar privilégios ou evitar violências e constrangimentos, ou ainda se apresentar de forma involuntária e naturalizada, quando, ao longo do tempo, seja por pressão familiar ou outros motivos, essa passabilidade é cristalizada como natural na performatividade dos corpos. Uma entrevistada não binária relata que por ter o cabelo curto e usar roupas largas, durante a pandemia com o uso de máscara era considerada e por vezes referida como um homem. Outra entrevistada mulher cisgênero e lésbica relata que também é confundida e referida como um homem em vários lugares do dia a dia e que isso não a incomoda. Alguns entrevistados homens gays relataram que sentem que sofrem menos violências por serem mais “passáveis” e não performarem feminilidade.

Os padrões estéticos, principalmente impostos a mulheres e pessoas transgêneros, também foram mencionados como causas de mal-estar em relação ao corpo, como a necessidade de depilação e de ter que destinar muito tempo para os cuidados estéticos, bem como as formas e comportamentos esperados dos corpos femininos. Uma entrevistada travesti narra que percebe que o imaginário social sobre a travesti e as mulheres trans estão associados a performatividades femininas e à pornografia, associando a trans e a travesti a um corpo alto, com seios e glúteos avantajados, cabelos longos, corpo definido e um pênis grande, e que isso a incomoda, pois não é uma imagem que a represente.

Também foram relatados nas entrevistas os modos como os participantes identificam outros corpos transgressores, referindo a um “gaydar”²⁷. Ainda que notando o modo como a pessoa fala, anda, gesticula, e se tem trejeitos, conseguem perceber se é homossexual ou transgênero. Os entrevistados destacam ainda a necessidade da presença de corpos transgressores nos mais distintos espaços para naturalizar e visibilizar a existência destes corpos, o que os entrevistados compreendem que pode ajudar na aceitação social das performatividades transgressoras.

Alguns outros pontos negativos sobre o corpo foram relatados, como: a sensação de rejeição afetiva com corpos pretos e de transgêneros e travestis, com interesse somente em

²⁷ “Radar gay”.

relações sexuais; violações do corpo, tanto por meio de agressões como por estupros “corretivos” de lésbicas; mal-estar com olhares/encaradas e comentários sobre seus corpos.

A dimensão social raça também foi mencionada acerca do corpo, como: sobre a consciência da existência do colorismo racial e de fenótipos raciais; a descoberta da própria raça como preta ou parda após migrar de estados como Maranhão, Rio de Janeiro e Paraná para Chapecó e conviver com muitas pessoas brancas, de modo que eram “sempre a pessoa mais preta de qualquer ambiente” e sentiam que eram tratadas de modo diferente; a pressuposição de que um corpo preto não seja natural de Chapecó e sim de São Paulo; estereótipos raciais, classificando corpos pretos como corpos de “traficantes”; rejeição afetiva com pessoas pretas e sexualização e objetificação de seus corpos, tendo dificuldades de se relacionar, e as pressões estéticas com a imposição de ações como o alisamento do cabelo.

A dimensão social idade foi mencionada por um entrevistado acerca da dificuldade em ter relações de amizade com outros homens gays com a sua idade (57 anos), e que por isso se sente excluído. Também relatou que sente que a violência foi mais intensa na juventude, sendo menos intensa atualmente.

6.13 REDES SOCIAIS

Essa categoria foi definida considerando a quantidade e importância das menções acerca de experiências e vivências relacionadas a redes sociais como “*Tinder*”, “*Grindr*”, “*Chat UOL*”, “*Facebook*” e “*Instagram*”. Não propomos uma análise desta categoria como um lugar, mas sim como uma forma de interação remota presente na vida cotidiana destes corpos. As menções acerca desta categoria foram de vivências negativas e envolvem gênero e raça. As redes sociais não foram representadas nos *relief maps*.

As violências relatadas nas redes sociais a respeito do gênero e raça foram: ofensas transfóbicas, como “ah é, porque gente que nem vocês têm que ser exterminada do mundo” e classificando corpos transgêneros como doentes; rejeição de uma entrevistada após “dar match” em aplicativo de relacionamento e descobrir que era uma travesti, não sendo mais considerada uma mulher após iniciar a conversa, tendo a necessidade de informar antes de um encontro; sexualização de corpos de travestis com interesse somente no órgão genital; suspensão de conta em um aplicativo de relacionamento com acusação de falsidade ideológica por “informar ser quem não é”, devido definir-se como mulher na rede social. As redes sociais também foram

mencionadas de modo positivo, sendo uma ferramenta utilizada como um primeiro contato de paqueras.

6.14 CIDADE

A Categoria Final (CF) “cidade” foi definida considerando as narrativas generalistas dos entrevistados como “em Chapecó”, “o pessoal aqui de Chapecó”, ou ainda, relatos que expressam vivências e concepções de bairros ou áreas da cidade. Nos *relief maps* esta categoria foi representada como município por um erro no preenchimento do projeto no site. Somente dois mapas representam bem-estar em todas as dimensões sociais na cidade. Todos os demais representam algum significativo mal-estar, mas as dimensões sociais que são representadas dessa forma com mais frequência são gênero, orientação sexual e raça.

Algumas palavras que os entrevistados utilizam para se referir a Chapecó são “moralista”, “conservadora”, “homofóbica”, “cidade de pessoas frias”, “pessoas que se importam com a vida alheia”, “cidade de pessoas brancas”, “coronelistas”, “paraíso”, “segura”, “tranquila”. Alguns entrevistados expressam que consideram Chapecó uma cidade em que se sentem mais seguras, sobretudo contra violências físicas, para demonstrar afeto e ter uma performatividade transgressora do que em comparação a cidades com população inferior da região, bem como em comparação com grandes centros urbanos.

Essa sensação de segurança é relatada pelos entrevistados como sendo principalmente no centro da cidade, de modo que se sentem mais inseguros em bairros periféricos. Contudo, muitos destacaram que percebem muitos preconceitos e discriminações veladas, mesmo no centro da cidade. Os entrevistados também mencionam que consideram que Chapecó teve um crescimento econômico, industrial e populacional muito abrupto, e que isso, somado à abertura de universidade pública em Chapecó tornaram a cidade mais tolerante, e atraíram pessoas LGBTQIA+. Também foram relatados desconfortos em relação à raça por pessoas pretas e pardas na cidade, como sentimento de perseguição; coação policial e rejeição de corpos pretos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formas de repressão aos corpos que não se adequam aos padrões de performatividade de gênero e sexualidade são por muitas vezes violentas e visam o extermínio destas pessoas por serem considerados corpos anormais, sendo o Brasil o país com o maior número de mortes violentas de pessoas LGBTQIA+ no mundo. Contudo, após muitas décadas de resistência e luta da comunidade LGBTQIA+, alguns direitos foram conquistados para a proteção dessas pessoas, e, mesmo que por vezes esses direitos lhes sejam negligenciados, atuam minimamente na segurança da integridade física e vida destes corpos. Ainda assim, inúmeras são as violências não letais as quais esses corpos são submetidos diariamente e nos mais diversos espaços do lugar cotidiano.

Neste sentido, essa pesquisa tem como uma de suas principais contribuições a de demonstrar que embora não existam registros de mortes violentas de pessoas LGBT em Chapecó nas últimas décadas, a ideia de que esta seja uma cidade em que pessoas com performatividade de gênero e sexualidade transgressoras, mulheres cisgêneros e pessoas pretas e pardas possam viver em plenitude e segurança seu gênero, sexualidade e raça, não é verdadeira. Tampouco que as garantias de igualdade de direitos de acesso e uso dos mais diversos espaços públicos e privados do lugar cotidiano para todos seja efetivamente uma realidade, em contradição ao que assegura a CF de 1988.

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender como os padrões de performatividade do binarismo de gênero influenciam a produção do espaço e as vivências dos corpos transgressores nos seus lugares cotidianos em Chapecó (SC), e consideramos que foi possível atender parcialmente a este objetivo. Isto pois, demonstrou-se que é significativa a quantidade de lugares cotidianamente vividos e as múltiplas variáveis envolvidas em cada vivência e experiência, de cada corpo em suas interseccionalidades, o que demanda um aprofundamento maior acerca de cada lugar e de cada dimensão social.

Contudo, foi possível compreender que os corpos transgressores percebem o binarismo de gênero no seu lugar cotidiano por meio das discursividades enunciadas e dos resultados dessas discursividades na materialidade e nas ações dos corpos de modo interseccional. As percepções do binarismo na vida por estas pessoas são em geral negativas, e podem ser a partir de vivências de violências físicas, verbais, sexuais, psicológicas e outras possibilidades que ocorrem consigo e com pessoas próximas, se apresentando na vida cotidiana de forma explícita, como em falas ofensivas, assédios, abusos, suicídios e agressões, ou veladas, como

“olhadas/encaradas”, invisibilização de suas performatividades, impunidade estrutural aos agressores, descaso e/ou coação do Estado, ou ainda verbalizações subliminares discriminatórias. A partir dessas percepções, que mudam constantemente com a influência de inúmeras variáveis, os corpos transgressores concebem os espaços em dado momento como seguros ou inseguros para a sua performatividade, como sendo de alívio ou de opressão (naquele momento). Essa conjunção dialética na vida cotidiana resulta em consequências nas ações dos corpos transgressores como sua ausência em lugares que considerem opressivos a suas performatividades, seja por iniciativa própria ou por impossibilidade, a privação/adequação da própria performatividade para a garantia de segurança e/ou privilégios, a necessidade por parte de mulheres do acompanhamento de homens no período noturno em espaços de uso público.

Outros aspectos constatados, foram a impossibilidade/insegurança de demonstração de afeto homossexual, ou heterossexual no caso de pessoas trans, em público, a preferência por relações com outros corpos transgressores, bem como a preferência por espaços ocupados por pessoas parecidas consigo e a repulsa por espaços com presença intensiva de pessoas heterossexuais e cisgêneros, sobretudo homens, por medo, entre outras.

Essa observação, somada aos principais produtos do percurso metodológico da pesquisa, que são os mapas de relevo da experiência e os metatextos das entrevistas, também se relacionam aos objetivos específicos desta pesquisa, os quais consideramos que do mesmo modo que o objetivo geral, e pelos mesmos motivos, foram parcialmente alcançados. Retomamos que os objetivos gerais da pesquisa foram: 1) entender como a lógica binária de gênero influencia a produção do espaço geográfico em Chapecó (SC); 2) identificar se os padrões de performatividade de gênero estabelecem espaços de alívio, de opressão, controversos e neutros aos corpos transgressores da heterocisnormatividade em Chapecó (SC); 3) compreender se a realidade espacial do lugar cotidiano dos corpos dissidentes do binarismo de gênero influencia a forma como estes performam gênero e sexualidade em Chapecó (SC); e 4) espacializar as experiências cotidianas no lugar dos corpos LGBT em Chapecó (SC) para a identificação de possíveis espaços de alívio, opressão, controversos e neutros.

As metodologias de coleta e análise de dados qualitativos empenhadas no estudo, como as entrevistas semiestruturadas, a ATD e os *relief maps* demonstraram-se adequadas aos objetivos pré-estabelecidos. Contudo, cabe destacarmos algumas limitações identificadas.

Nas entrevistas semiestruturadas com quatorze perguntas e que foram realizadas por videoconferência por meio das plataformas *Skype* e *Google Meeting* com doze pessoas LGBT

residentes em Chapecó, identificamos a importância da realização das entrevistas com a presença de alguém apoiando, de modo prático, com anotações, o entrevistador. Isto pois, como se trata de entrevistas que demandam perguntas que também são elaboradas no momento da entrevista, e que os lugares relatados durante as narrativas têm suma importância para a produção dos *relief maps*, alguns erros de preenchimento dos mapas ocorreram. Como exemplo, mencionamos que lugares que não foram mencionados em alguns mapas foram abordados nas entrevistas, e vice-versa, ou ainda a falta de padronização no preenchimento descritivo dos nomes dos lugares.

No método de levantamento de dados por meio dos *relief maps*, destacamos que embora tenha se demonstrado uma técnica muito útil na representação imagética do lugar cotidiano, correlacionando as dimensões geográficas com as dimensões das estruturas sociais de poder, essa representação é estática e não expressa a fluidez das sensações e concepções dos distintos lugares no dia a dia, ou ao mesmo no decorrer de um mesmo dia. Entretanto, ainda consideramos essa uma ferramenta de estudo e representação muito potente, mas como Rodó-de-Zárate destaca, sempre se faz necessária para a interpretação destes mapas, a dimensão psicológica, isto é, a análise deve ser realizada com integração às narrativas das entrevistas, para que seja possível compreender como, quando, e que variáveis explicam o mal-estar representado nos mapas.

Ainda, como em toda pesquisa, podemos citar algumas limitações que existem neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como o fato de a coleta de dados ter sido realizada durante o período com necessidade de distanciamento social da pandemia da Covid-19, de modo que as narrativas são por vezes de vivências com mais de dois anos, pois os entrevistados estavam frequentando menos lugares do que comumente frequentavam. Também que, por conta do tempo disponível para a realização do estudo, impossibilitou o aprofundamento teórico e prático a respeito das dimensões sociais raça, renda e idade, tendo o trabalho um direcionamento maior para as dimensões gênero e orientação sexual. Outra limitação foi a generalização demandada pelo fato de se tratar de um grupo focal de pesquisa amplo, com pessoas com perfis e vivências específicas, em lugares distintos e em suas interseccionalidades.

Por fim, destacamos algumas questões que o trabalho permite identificar como possibilidades de estudos futuros e complementares, como pesquisas que objetivem analisar as dimensões sociais adotadas nesta pesquisa ou outras, como local de origem para estrangeiros ou migrantes de outros municípios ou estados, individualmente, bem como acerca de lugares ou categorias espaciais específicas, o que permitiria um maior aprofundamento e detalhamento

de cada um dos espaços de vivência cotidiana e em cada uma das dimensões sociais. E ainda, estudos que correlacionem outras categorias analíticas espaciais como por exemplo território e paisagem com gênero e sexualidade em Chapecó.

REFERÊNCIAS

- ANDREIS, Adriana Maria. **Da informação ao conhecimento: cotidiano, lugar e paisagem na significação das aprendizagens geográficas na educação básica**. 2009. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Unijuí, Ijuí, RS, 2009. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/398>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- ANDREIS, Adriana Maria. A aula: um território produto-produtor de espaço. *In: XIII Colóquio Internacional de Geocrítica El control del espacio y los espacios de control* Barcelona, 2014, Barcelona. **Anais [...]**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2014, 13 p. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2014/Adriana%20M%20Andreis.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- ANTRA. Relatório Completo de Assassinatos de Travestis e Transexuais da Antra. **Antra – Associação Nacional de Travestis e Transexuais**, 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.org/assassinatos>. Acesso em: 10 mar. 2022.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ABGLT). Secretaria de Educação. **Pesquisa nacional sobre o ambiente escolar no Brasil 2016: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais**. Curitiba: ABGLT, 2016.
- BARRA, Brígida Gabriele Albuquerque; DANTAS, Fernando Henrique Ferreira (org.). **SAÚDE LGBT+**: Pluralidade, Acolhimento e Diretos. Caicó: Escola Multicampi de Ciências Médicas do Rio Grande do Norte – EMCM/UFRN, 2021. 84 f. (Atenção à Saúde da População LGBT). Disponível em: http://emcm.ufrn.br/site/docs/Livro_Sa%C3%BAde_LGBT+.pdf. Acesso em: 22 mar. 2022.
- BATISTA, Eraldo Carlos; MATOS, Luís Alberto Lourenço de; NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v. 11, n. 3, p. 23-38, 2017. Disponível em: <https://rica.unibes.com.br/rica/article/view/768>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo**. *In: LOURO, Guacira Lopes (org.). Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora: 2016.

CADERNO Globo 12. **Corpo: artigo indefinido**. São Paulo: Globo Comunicação e Participantes S.A., 2017.

CARVALHO, Claudio Oliveira; JÚNIOR, Gilson Santiago Macedo. ‘Isto é um lugar de respeito!’: a construção heteronormativa da cidade-armário através da invisibilidade e violência no cotidiano urbano. **Revista de Direito da Cidade**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 103-116, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdc/article/view/26356>. Acesso em: 15 jun. 2021.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; DA SILVA, Lorena Bernadete. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. Disponível em: https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/unesco/juventudes_e_sexualidade_2004.pdf. Acesso em: 05 nov. 2021.

CATALÃO, Igor. **Brasília, metropolização e espaço vivido**: práticas especiais e vida cotidiana na periferia goiana da metrópole. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. *E-book* (153 p.). ISBN 978-85-7983-105-8. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/jbt6b/pdf/catalao-9788579831058.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

COLASANTI, Marina. *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: **Rocco**, 1996.

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS (CIDH). **Violência contra pessoas LGBTI nas Américas**. OAS, série L, V, II, doc. 36, 15 rev. 1. nov. 2015. Disponível em: <http://www.cidh.org>. Acesso em: 10 nov. 2017.

CONSTANTINO, Clarice Klann; KRAEMER, Celso. Homossexualidade e homofobia: a heteronormatividade é mais correta que a homossexualidade? *In*: SEFFNER, Fernando; CAETANO, Marcio (org.). **Discurso, discursos e contra-discursos latino-americanos sobre a diversidade sexual e de gênero**. Rio Grande: Realize, 2016. p. 338-350. Disponível em: https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/producao_docente/paula_pinhal_de_carlos/artigos/Discurso-discursos-e-contra-discursos-latino-americanos-sobre-a-diversidade-sexual-e-de-g%88nero.pdf. Acesso em: 19 mar. 2022.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa.; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mBTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 set. 2021.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 54-81, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/41/466>. Acesso em: 03 out. 2021.

DUQUE, Tiago. **Gêneros incríveis**: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/6475338/G%C3%AAneros_Incr%C3%ADveis_identifica%C3%A7%C3%A3o_diferencia%C3%A7%C3%A3o_e_reconhecimento_no_ato_de_passar_por. Acesso em: 22 mar. 2022.

FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão; COELHO, Fernanda Marina Feitosa; DIAS, Tainah Biela. “Fake news acima de tudo, fake news acima de todos”: Bolsonaro e o “kit gay”, “ideologia de gênero” e fim da “família tradicional. **Correlatio**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 65-90, dez. 2018. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/9299>. Acesso em: 12 set. 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 306-316. (Ditos & Escritos IV).

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Edição XIII. São Paulo, 2019.

GASTALDI, Alexandre Bogas Fraga *et al.* (org.). **Observatório de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil – 2020**: Relatório da Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia. Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2021/05/observatorio-de-mortes-violentas-de-lgbti-no-brasil-relatorio-2020.-acontece-lgbti-e-ggb.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GOMES, José Vitor Lemes; FILHO, Jairo Barduni. Comportamento político e questão de gênero na eleição presidencial de 2018. **Agenda Política**, Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 80–107, 2019. DOI: 10.31990/10.31990/agenda.ano.volume.numero. Disponível em: <https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/251>. Acesso em: 19 jul. 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Atlas da violência 2020**. 2020.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas: Papyrus, 2003. 240 p.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Título original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000. Primeira versão início – fev. 2006.

LIMA, Maria do Socorro Bezerra; MOREIRA, Erika Vanessa. A pesquisa qualitativa em Geografia. **Caderno Prudentino de Geografia**, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 27-55, ago./dez. 2015. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/4708>. Acesso em: 10 fev. 2022.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 151-172.

MASSEY, Doreen. **Um sentido global do lugar**. O espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000. p. 176-185.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

MASSEY, Doreen; KEYNES, Milton. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 12, p. 7-23, 2004. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13477>. Acesso em: 15 out. 2021.

MICHELS, Eduardo; MOTT, Luiz. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – Relatório 2018**. 2018. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2020/03/relatorio-2018.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2020.

MICHELS, Eduardo; MOTT, Luiz. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – Relatório 2019**. 2019. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2020/03/relatorio-2019.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2022.

MICHELS, Eduardo; MOTT, Luiz. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil–Relatório 2020**. 2020. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2020/03/relatorio-2020.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2022.

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS. Equipe da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos. **Disque Direitos Humanos: Relatório 2018**. Brasília, 2019. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/acao-a-informacao/ouvidoria/Disque_Direitos_Humanos.pdf. Acesso em: 19 mar. 2022.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação (Bauru)**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/SJKF5m97DHykhL5pM5tXzdj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 jul. 2021.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação (Bauru)**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 117-128, abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/wvLhSxkz3JRgv3mcXHBWSXB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 07 out. 2021.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

MOORE, Henriqueta. **Compreendendo sexo e gênero**. Companion Enciclopédia de Antropologia. Londres: Routledge, 1997.

PNUD, OIT, UNAIDS. **Promoção dos direitos humanos das pessoas LGBT no mundo do trabalho**. Projeto “Construindo a Igualdade de oportunidades no mundo do trabalho: combatendo a homo-lesbo-transfobia”. 2. ed. Brasília, 2015. Disponível em: https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2016/01/2015_ManualPromocaoDireitosLGBTTrabalho_PT_V2.pdf. Acesso em: 03 set. 2021.

PREUSS, Lislei Teresinha; MARTINS, Dilermando Aparecido Borges. Reflexões acerca da Política Nacional de Saúde Integral LGBT nas regiões de fronteiras. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 20, n. 3, p. 933-946, jul./set. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/8nhhRXNZgbfpQmkHybxXwdq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 04 ago. 2021.

REIS, Toni (org.). **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2. ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018. ISBN 978-85-66278-11-8. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2022.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **Revista internacional de direitos humanos**, São Paulo, v. 13, n. 24, p. 99-104, dez. 2016. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2022.

RIBEIRO, Tatiane. **O percebido, concebido e vivido: possibilidades metodológicas à educação geográfica**. 2019. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade da Fronteira Sul, Chapecó, SC, 2019. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3141/1/RIBEIRO.pdf>. Acesso em: 05 out. 2021.

RIOS, Flávia; PEREZ, Olívia; RICOLDI, Arlene. Interseccionalidade nas mobilizações do Brasil contemporâneo. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 40, p. 36-51, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ls/article/view/46648>. Acesso em: 03 fev. 2022.

ROCON, Pablo Cardozo et al. Dificuldades vividas por pessoas trans no acesso ao Sistema Único de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 8, p. 2517-2526, ago. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/zGJyVqQ6WGjygRzLqfd8vRD/?lang=pt>. Acesso em: 04 ago. 2021.

RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. Developing geographies of intersectionality with Relief Maps: reflections from youth research in Manresa, Catalonia. **Gender, place & culture**, v. 21, n. 8, p. 925-944, 2014.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de geografia**, São Paulo, n. 54, p. 81-100, 1977.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997. v. 5.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2020.

SILVA, Susana Maria Veleda da. Geografia e gênero / geografia feminista - o que é isto? **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 105-110, mar. 1998. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38385>. Acesso em: 03 abr. 2021.

SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima e. **Patriarcado e teoria política feminista: possibilidades na ciência política**. 2019. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/31963/4/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Bruna%20Camilo%20-%20Vers%C3%A3o%20Final%20encadernada.pdf>. Acesso em: 04 set. 2021.

SILVA, Juniele Martins; MENDES, Estevane de Paula Pontes. Abordagem qualitativa e geografia: pesquisa documental, entrevista e observação. *In*: MARAFON, Gláucio José *et al.* (org.). **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013. p. 207-221. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/hvsdh/pdf/marafon-9788575114438-13.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2021.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento

Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó
 Curso de Graduação em Geografia - Licenciatura
 Trabalho de Conclusão de Curso

TERMO DE CONSENTIMENTO

O BINARISMO DE GÊNERO NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO: lugar cotidiano de corpos LGBT em Chapecó – SC

Pesquisador: Eduardo Cesar da Costa, contato: eduardo.costa@estudante.uffs.edu.br.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Paula Lindo, contato: paula.lindo@uffs.edu.br

Caro(a) _____

Agradecemos por ter aceitado participar como entrevistado/a dessa pesquisa que se refere a um trabalho de conclusão do curso de graduação em Geografia, licenciatura, na Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Chapecó, e que está sendo desenvolvida pelo estudante/pesquisador Eduardo Cesar da Costa com orientação da Prof^ª. Dr^ª. Paula Lindo. A pesquisa tem como objetivo geral compreender como os padrões de performatividade de gênero do binarismo influenciam a produção do espaço e as vivências dos corpos transgressores nos seus lugares cotidianos em Chapecó - SC. Reiteramos que sua participação é individual, voluntária e anônima. Todas as informações mencionadas na entrevista que permitam sua identificação, como nomes e lugares, serão ocultadas para a preservação do anonimato. Caso não se sinta confortável, emocionalmente seguro ou disposto a responder qualquer uma das perguntas basta informar, pois, suas respostas são voluntárias. A entrevista, que será realizada por videoconferência, será gravada para posterior transcrição, mas nem o vídeo e nem o áudio serão de nenhum modo divulgados, sendo definitivamente excluídos logo após o término das transcrições pelo pesquisador. As transcrições serão publicadas em fragmentos, conjuntamente ao trabalho, após passarem por um tratamento que visará a exclusão de informações de identificação. Juntamente com a entrevista, realizaremos o preenchimento de informações acerca de seus lugares de vivência para a produção de um mapa de relevo da experiência cotidiana no site <<https://reliefmaps.cat/ca/>>. Agradecemos desde já a sua atenção e estamos à disposição para maiores esclarecimentos.

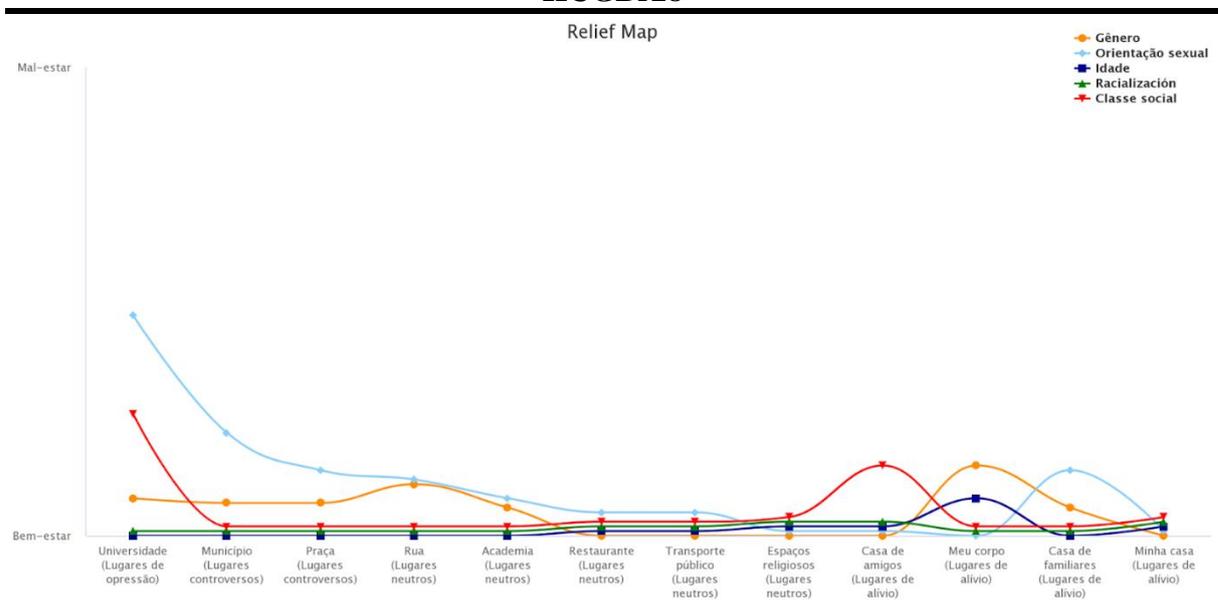
Eu, _____, confirmo que o pesquisador Eduardo Cesar da Costa me informou os objetivos desta pesquisa, bem como acerca do anonimato e da voluntariedade de minha participação. Li e compreendi este termo de consentimento, e me disponho a participar na entrevista e no preenchimento do *relief maps* e autorizo o uso e publicação das informações prestadas.

Chapecó, _____ de _____ de 2021

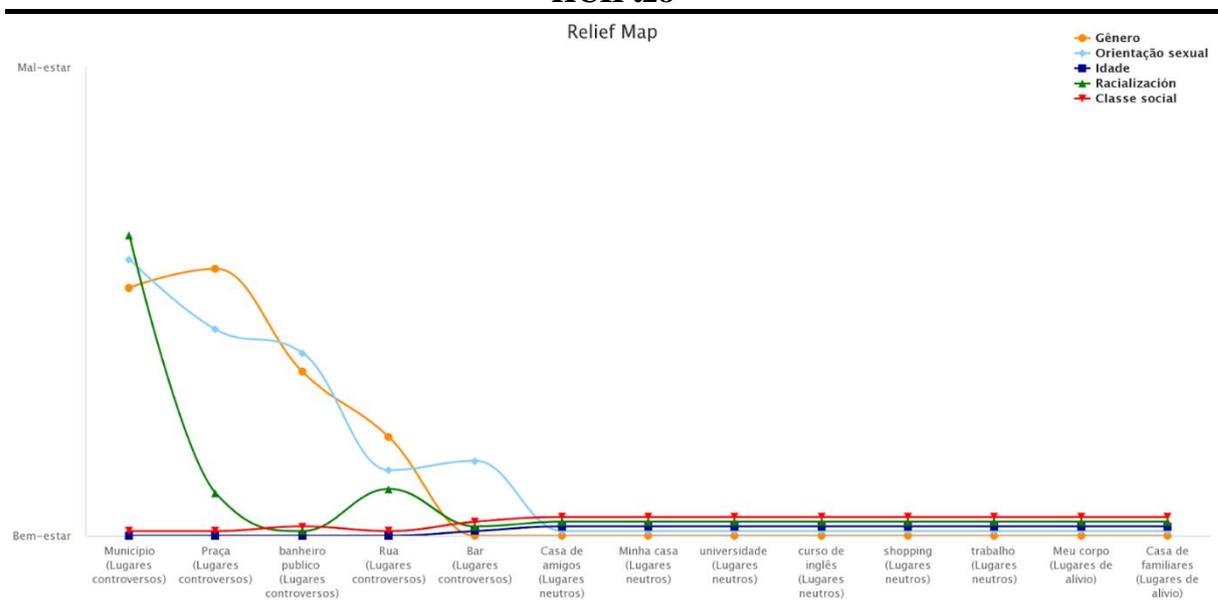
 Assinatura

APÊNDICE B – Relief maps

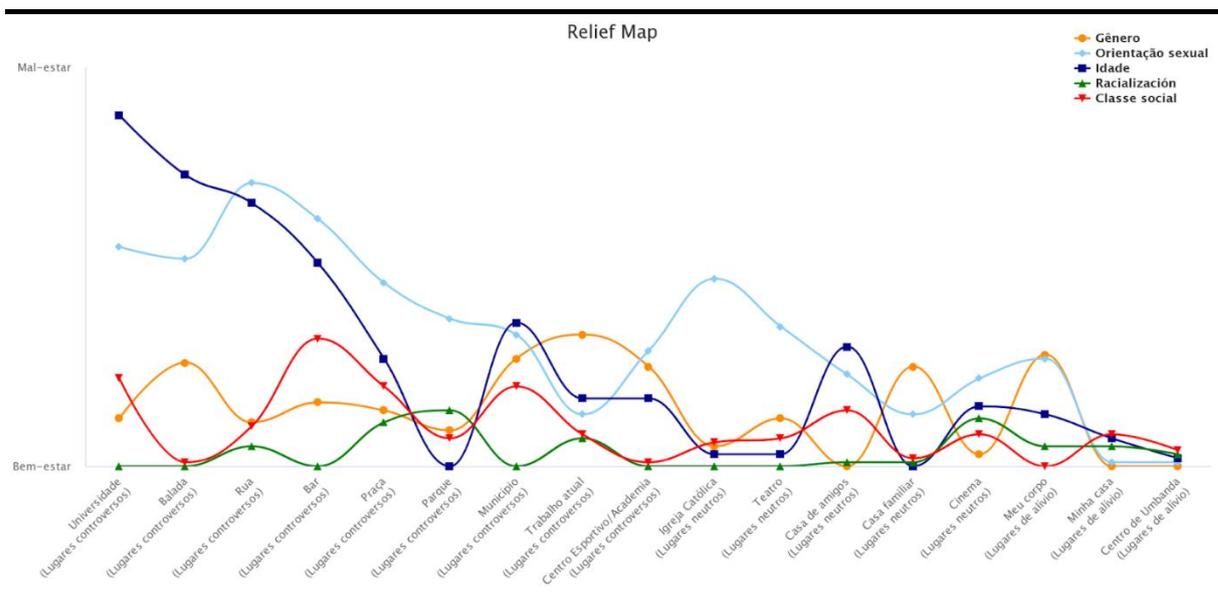
HCGBr28



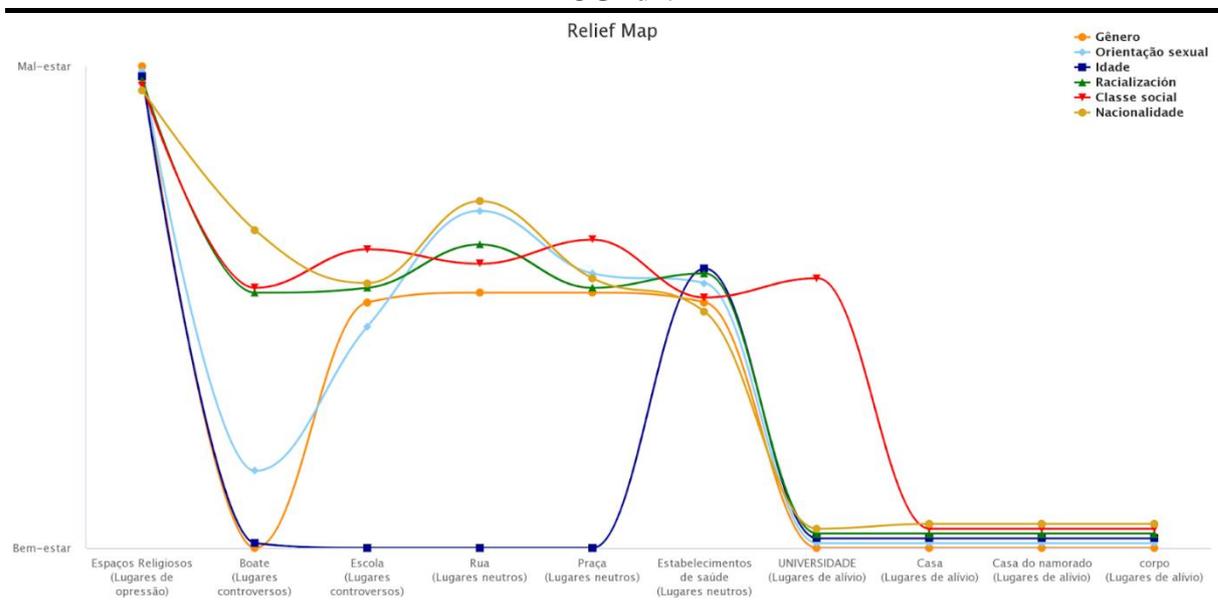
HCIPt28



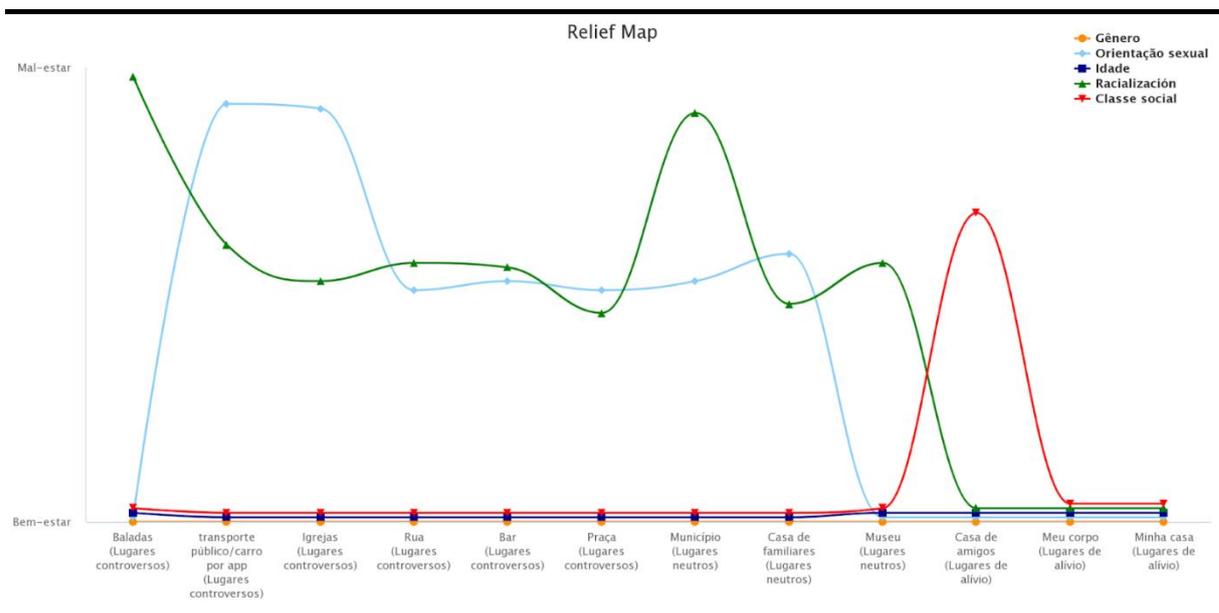
HCGBr57



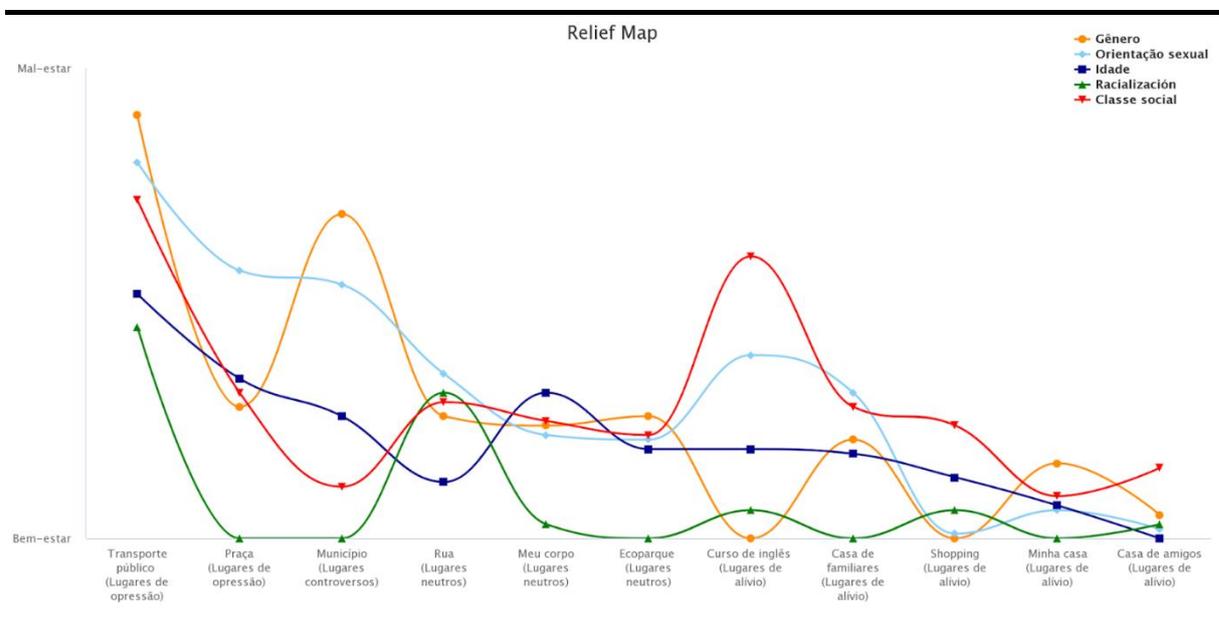
HCGPd29



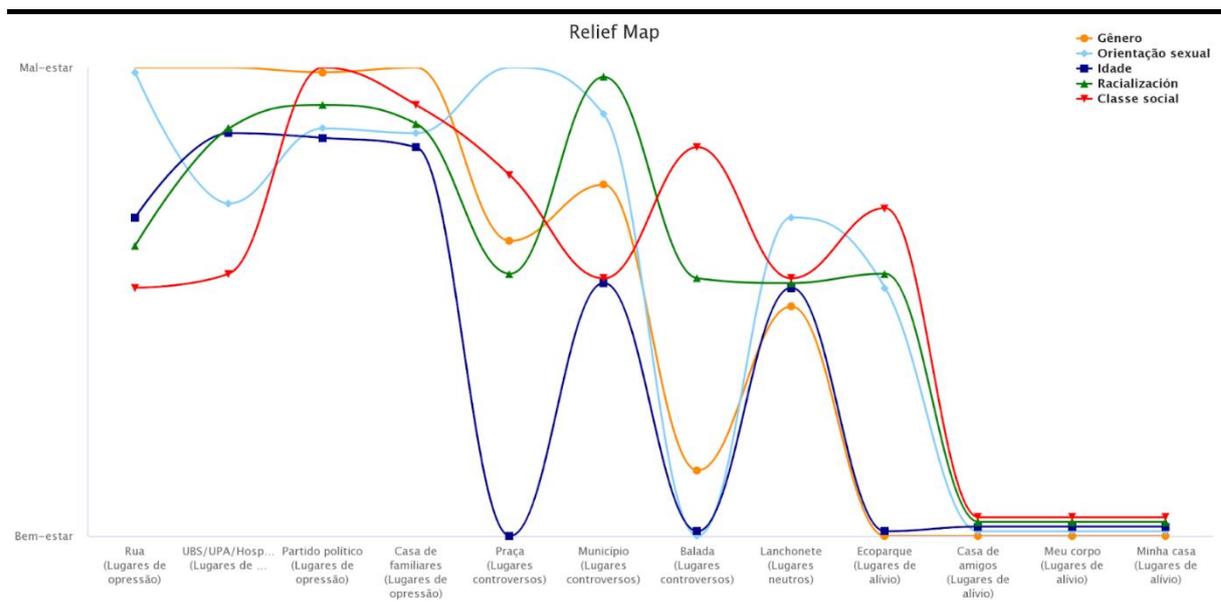
HCGPt29



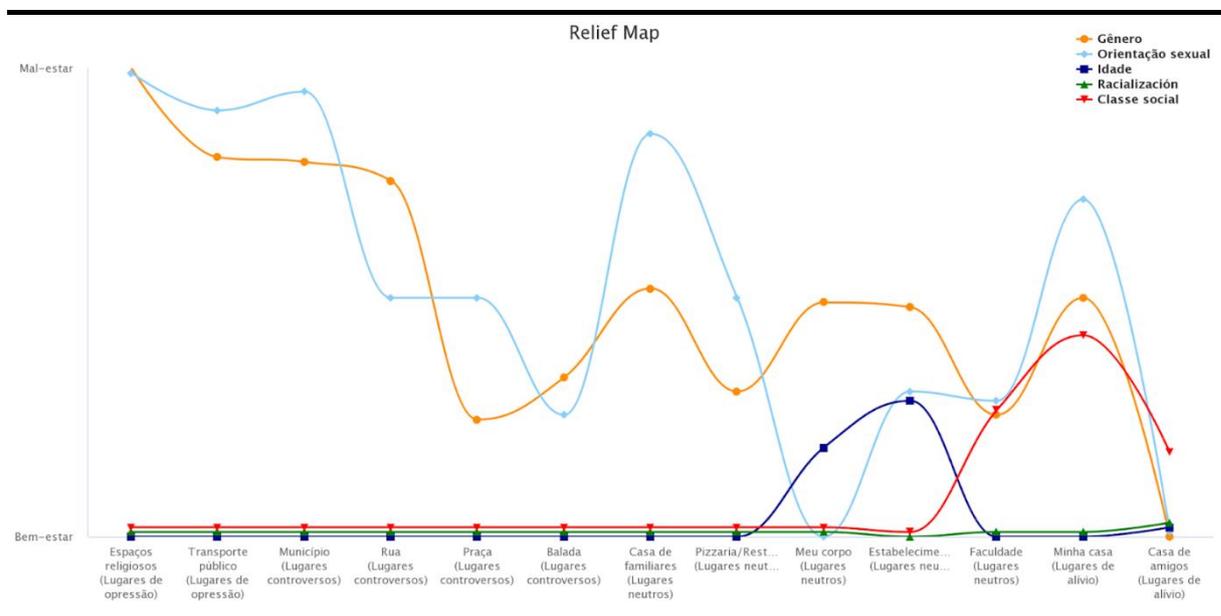
MCBBr18

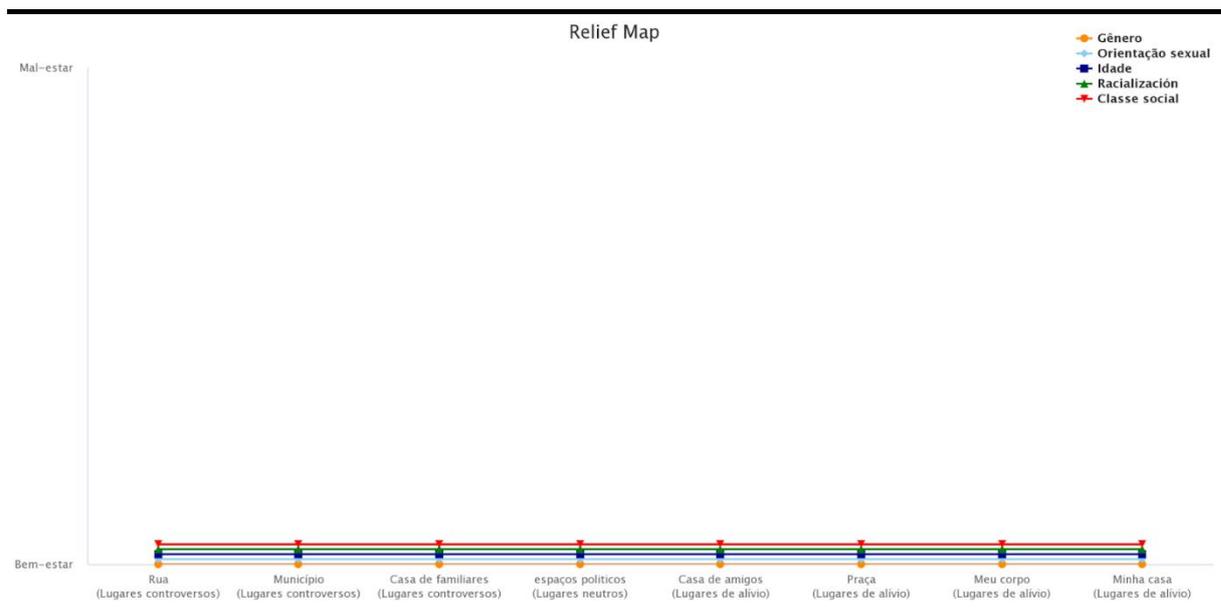


MCBPd25

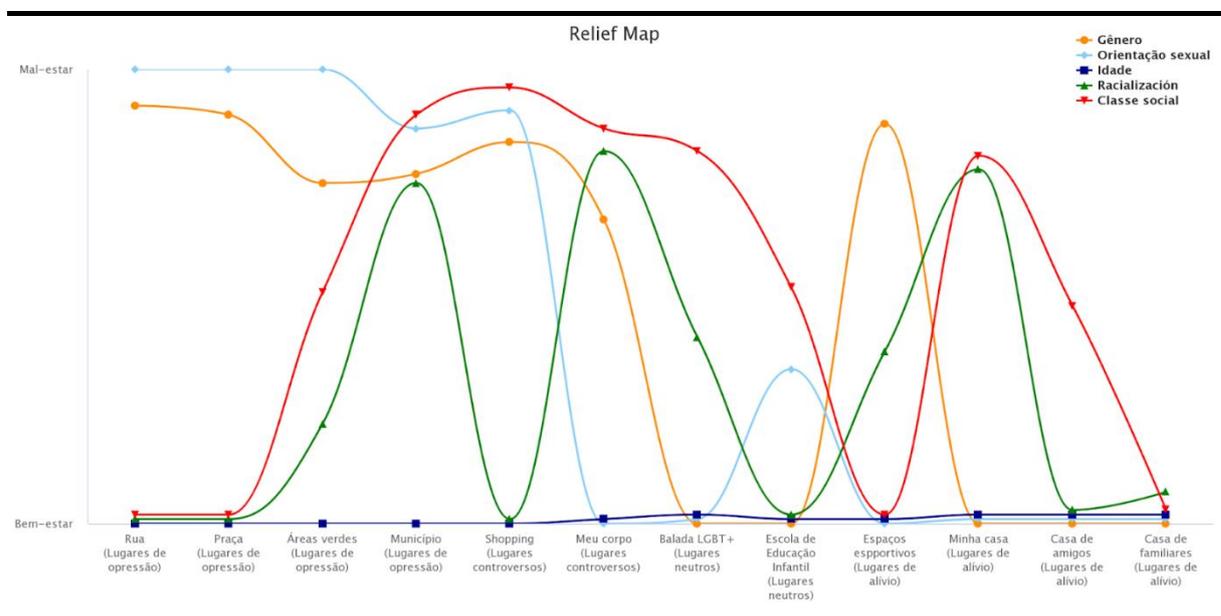


MCLBr23



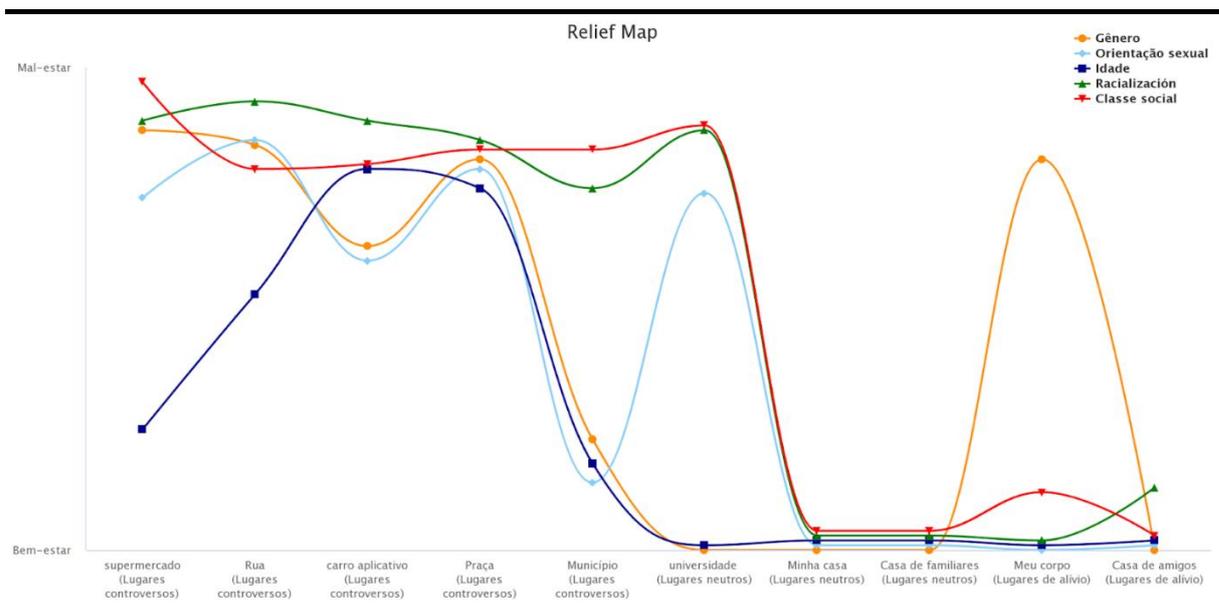
MTHPd45²⁸

NBLBr25

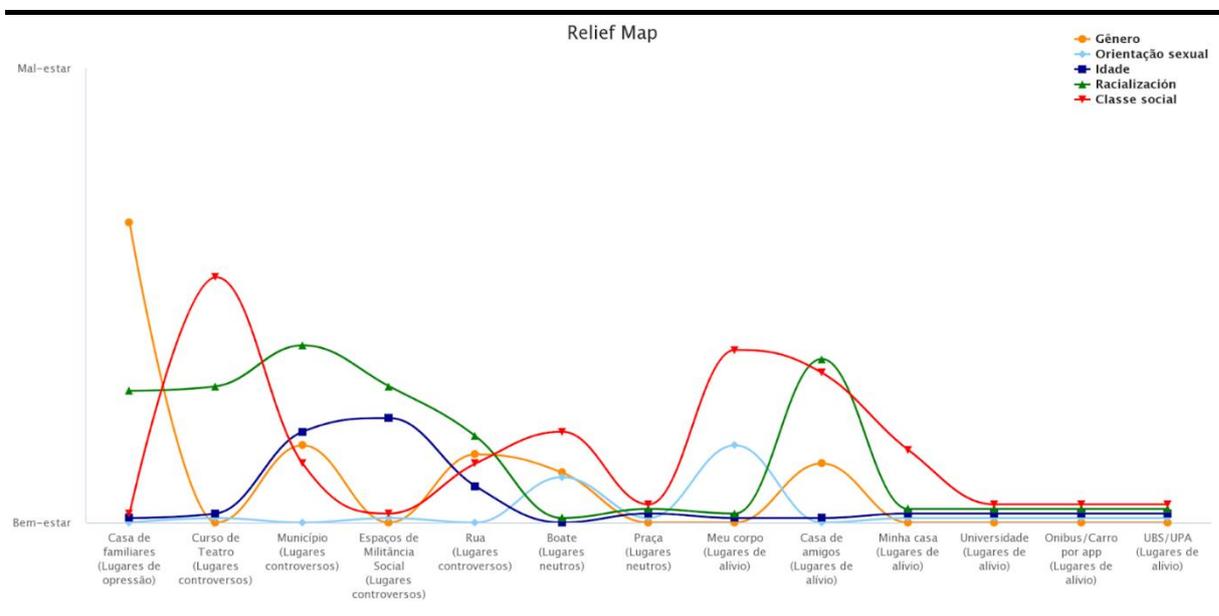


²⁸ As linhas do *relief maps* da entrevistada MTHPd45 apresentam bem-estar pleno, contudo, quando no momento do preenchimento ao ser questionada se havia compreendido como funcionava o site, a entrevistada relatou que “Sim, eu entendi, e que eu já vivi tanta merda nessa minha vida, eu já passei por tanta merda, que eu não olho nem reparo mais nos outros, nos lugares que eu vou, por isso não sinto mais mal-estar, eu me acostumei”.

NBLPt24



TRHPt24



APÊNDICE C –Quadro de categorização da análise textual discursiva - ATD

CF ²⁹	CM ₃₀	CI ³¹	Unidades de Análise (UA)
Espaços domésticos	Residência do entrevistado	Gênero na residência do entrevistado	<p>MCBPD25:17 - “Então, em lugar nenhum assim a gente se sente tão bem, mesmo a gente estando em casa, dependendo com quem você mora, você também sofre violência psicológica, as vezes nem é física, mas psicológica, e várias situações assim, e não existem muitos espaços em que você vá se sentir confortável.”</p> <p>TRHPt24:12 - “Aqui em São Paulo uso também muito ônibus e metrô, mas principalmente ônibus, porque onde eu moro é em um ponto cego, é um bairro muito bom aqui de São Paulo, e não tô nesse bairro muito bom por ser rica, a meta é essa e quem sabe um dia, mas é porque é perto do teatro, do curso, e então aí foi uma combinação de somar realmente valores, e eu ver que eu poderia morar aqui em outro bairro que ia dar tipo umas duas horas de distância, e eu ia pagar tipo, sei lá, 600 reais mais barato do que eu pago, mas aí tipo, aí ter deslocamento, ia ter alimentação, ia ser duas horas pra ir, ia ser duas horas pra voltar, e eu sou uma pessoa trans sabe, travesti, chegar em casa 11 horas da noite, meia noite, e o dia que estivesse chovendo e o dia que estivesse complicado então somando todos esses fatores é um ganho muito grande de onde eu tô morando, que já tem tudo mobiliado, que já é pertinho, é um bairro bom com tudo pertinho, muito bacana [...]”</p> <p>TRHPt24:13 – “Olha, eu sempre converso e tô falando muito disso, eu moro com um menino cis hétero branco padrão rico, mas muito desconstruído, claro porque senão eu já tinha dado uma facada nele. E aí, é muito bom assim, tipo a gente tá sempre conversando, ontem a gente tava problematizando isso, falando sobre questões de beleza e gênero, pessoas não binárias e pessoas trans e sempre são conversas muito boas.”</p> <p>TRHPt24:47 – “[...] de ter que morar num lugar que é melhor só pra poder se sentir mais segura entendeu, e acho que é isso.”</p>

²⁹ Categoria Final.

³⁰ Categoria Intermediária.

³¹ Categoria Inicial.

			<p>TRHPt24:74 – “[...] A minha casa é ok, é de boa, super em paz, final de semana a gente faz um churrasquinho e é maravilhoso, ascendo as minhas velinhas e me cuido, e tenho aprendido isso, amo as pessoas, amo os meus amigos, amo família, mas me amo mais, e por isso amo meu espaço, porque como diz a poeta contemporânea Ana Maria Braga “ao menor sinal de não correspondência retribua, suma”, e é o que eu tô fazendo, sumindo.”</p>
--	--	--	--

		Sexualidade na residência do entrevistado	<p>HCGPd29:04 – “Não vejo problema, apesar de, quando tem alguns eventos aqui nas casas né, às vezes quando tem uma festa um churrasco ou alguma coisa sim, eu me sinto um pouco desconfortável né, não consigo ficar muito à vontade por ter outras pessoas que não são daquele mesmo ambiente que eu frequento, e também, por estar em um outro momento né, sem ser o local de trabalho, de certa forma, de estar em outro momento, também, de não poder ficar à vontade demais né.”</p> <p>HCGPd29:26 – “Aqui em casa, onde eu moro não vejo problema, não tenho problema.”</p> <p>MCLBr23:29 - “Na minha casa é tranquilo porque sou só eu né”</p> <p>MCBBr18:13 “Em casa e na casa de amigos e família é tranquilo assim, eu me sinto segura nesses lugares, no meu caso, por eu ter uma relação bem boa com essas pessoas eu me sinto bem.”</p> <p>MCBPd25:62 - “Então, eu acho que em um relacionamento hétero qualquer lugar é tranquilo, com meu ex eu andava de mão dada no ônibus, na rua, agora em um relacionamento com uma mulher eu acho que não é todo lugar que é tranquilo, só dentro de casa, bem escondido, bem fechado.”</p> <p>HCGPt29:10 - “[...] embora eu moro com meus avós, então não é um diálogo que a gente tenha frequentemente, mas por exemplo a pessoa que eu tô saindo vem aqui em casa, enfim, então é bem tranquilo.”</p> <p>HCIPt28:48 - “Na minha casa não tem problema [...]”</p> <p>HCGBr57:1 - “Bom, eu tenho 57 anos e isso sempre foi, sempre, na juventude isso foi um problema, tanto que quando eu completei 18 anos eu fui embora pra uma outra cidade, justamente para poupar a minha família porque sempre foi um tabu, talvez tu não tenha idade o bastante, mas talvez a literatura ela te mostre como era no passado.”</p>
--	--	---	---

	Residência de familiares do entrevistado	Gênero na residência de familiares do entrevistado	<p>HCGBr28:9 - “Dentro da minha família assim, se, é, vamos dizer assim, quando eu, eu lembro que quando eu era criança teve algumas, meio que represálias assim, tipo “ah não aja dessa forma, não fala dessa forma” e tudo mais, [...]”</p> <p>HCGBr28:11 – “[...] o meu pai ele tem a forma dele de enxergar o mundo, e quando eu digo a forma dele de enxergar o mundo é uma coisa bem própria, assim, tipo, ele tem dificuldade de socialização, de algumas interações, a nossa relação sempre foi uma relação bem bruta e tal, sem muito carinho e tal, e aí eu nunca mais conversei sobre isso com o meu pai.”</p> <p>MCLBr23:14 – “É que assim, o meu pai não fala nada, mas a minha mãe ela sempre, depois que eu vim pra Chapecó, e daí eu comecei a mudar o meu jeito de me vestir, cortei o meu cabelo curtinho tal, ela ficava pegando no meu pé sabe, mas, e aí eu ficava meio desconfortável, ficava meio assim de fazer as coisas, mas eu vou e faço do mesmo jeito, sabe. Mesmo que demore um tempo, mas eu faço igual, porque uma hora ela vai ter que aceitar que não é ela mais quem decide mais as coisas pela gente, porque a minha mãe ela é muito controladora sabe, aí, mas uma hora ela vai ter que aceitar e é isso. Se ela não quer deixar, vai ter que ser na marra.”</p> <p>MTHPd45:19 – “A minha mãe faleceu em dezembro de 2019, e então ela foi atropelada na faixa e tal, foi acidente, e como mora longe, mesmo que, eu fui avisada pela família muito tarde, então nem de avião eu chegaria lá a ponto de chegar pro velório e coisa assim, até porque, não, não, não, foram muitos anos longe de casa e sem presença familiar nenhuma né, então ainda tem muita coisa interna pra resolver sabe. Porque eu fui expulsa de casa com 16 anos, a minha mãe ela só aceitava o dinheiro, menos eu (risos), então eu acho que se minha família tivesse me acolhido que é o papel da família de fato, eu acho que mais da metade das violências que eu passei teriam sido evitadas. Primeiro eu sai de casa, porque eu já sabia que eu ia ser expulsa se eu contasse [...]”</p> <p>NBLPt24:2 – “Na verdade pra mim é bem tranquilo na parte de mãe assim, é tranquilo.”</p> <p>TRHPt24:15 - “Ontem inclusive foi aniversário de casamento dos meus avós, e aí colocaram o convite lá no grupo há uns dias</p>
--	--	--	---

		<p>atrás, e chamei os meus avós e mandei um áudio de quatro minutos pra minha avó, e de três minutos pro meu avô, falando sobre isso sabe “olha eu tô aqui, eu quero participar da vida de vocês, mas eu não quero constranger vocês”, eu não sinto que a minha sexualidade e meu gênero constroem as pessoas, elas ficam constrangidas por elas, enfim. Eu lido muito bem com isso, e aí minha vó até falou “olha, pela gente tudo bem, mas e você vai ficar bem, as pessoas vão ficar olhando e a gente não quer que você fique desconfortável”, eu falei pra eles “se meus avós não tiver desconfortável, pode me olhar o papa de cara torta que eu vou dizer gente são eles quem tá fazendo aniversário são eles tão bem e eu tô ótima, problema é de vocês que não tão bem com isso”. E pra minha vó eu vi que era muito de boa, mas pro meu avô não era uma questão tão bem assim e eu resolvi não ir. Eu sinto que eu não fui porque eu sou uma pessoa travesti, entendeu.”</p> <p>TRHPt24:17 - “E todo mundo percebia, eu usava sutiã na casa dos meus avós, eu usava saia na casa dos meus avós, mas é isso, você ainda performa uma coisa masculina, então “ah ele é meio artista, meio aviado, meio aboiado, ele é gay, ele gosta de usar saia, ele é drag queen, faz essas coisas aí igual a Pablo Vittar”, mas até aí tudo bem, você ainda tá na caixa da masculinidade, mas quando você rompe a masculinidade [...]”</p> <p>TRHPt24:19 – “E aí eu começo a refletir porque tá vindo natal e ano novo, minha família [inaudível - queda no sinal 05’] e eu não vou. E não é porque eu não quero, eu sempre fico na dicotomia de “ai que saco, vou passar o natal com a minha família”, mas a minha avó tem 82 anos e meu avô tem 79, eu não sei até quando eu vou ter eles e eu quero aproveitar ao máximo. E agora alguém vai dizer “ah é por você ser trans?”, Não! É porque pessoas não sabem lidar com a minha travestilidade e transexualidade que eu não posso passar o natal e o ano novo com a minha família.”</p> <p>TRHPt24:20 - “Mas eu lido muito bem com isso sabe, tipo, sei lá, por mais que eu passe os próximos dois ou três anos sem ver a minha família e a próxima vez que eu aparecer seja quando os meus avós morrerem, porque queiram eles ou não, quando eles morrerem eu vou tá lá, trans gatinha e bonitinha, linda no enterro, vou até cantar música evangélica porque a gente é bem afrontosa mesmo. Eu não vou chegar com nenhum remorso de</p>
--	--	---

		<p>tipo “ai tem três anos que eu não apareço aqui”, não “gata eu tô aqui pra aparecer sempre, agora se eu não sou convidada num lugar a minha educação e o modo como eu fui criada me diz não apareça”. E aí eu lido muito bem com isso, com tudo.”</p> <p>TRHPt24:35 - “A vida da trans é uma loucura sabe, 24 horas por dia isso, tava amando chega fim de ano, época de festas e a gente começa a reviver tudo isso de família, e como eu disse pro meu boy, talvez eu passe meu natal com a minha garrafa de vinho de treze reais e com o meu corote, fique bem bêbada e bem louca e vá dormir, é dentro do que a gente tem, é dentro do que a gente pode né.”</p> <p>TRHPt24:37 – “Aí aos 9 anos e aos 11 eu passei por dois abusos físicos sexuais diferentes, e os dois causados por pessoas com vínculo parentesco e tudo mais. Aí quanto eu tinha, acho que sei lá, 13 ou 14 anos, eu falei com a minha mãe, que aí também falou com o meu pai, porque uma pessoa era da família de mãe e a outra pessoa era de família de pai, e aí ambos souberam e conversei com os dois e tal, tudo mais. Foi muito bom principalmente ter falado pra minha mãe, porque ela conseguiu identificar comportamentos no meu irmão mais novo que tinham em mim, e a pessoa também tava se aproximando do meu irmão mais novo, e já tinha tentado alguma coisa embora não tinha conseguido. E aí a minha mãe levou pra família que fez um cancelamento muito grande assim dessa pessoa. E aí embora fosse um familiar muito próximo a pessoa deixou de frequentar tipo festas, ciclos, lugares que a gente tava, e tudo mais, por uns 8 anos. E a nossa família tava começando a nascer muitas crianças, então no geral foi muito bom. E aí a irmã desse abusador, que é uma prima que eu tenho muita proximidade, ela sempre fala pra mim que ela admira o quanto eu fui forte, porque tipo, eu falei e não foi fácil assim, e tudo mais, mas você fica com esse estigma de a abusada ou o abusado que fez ou que sofreu, que isso e aquilo, mas era isso eu precisava encarar as minhas lutas desde muito nova. Na família de pai, o meu pai chamou a gente e conversou e tal tudo mais, falou assim que era errado, não por ter acontecido, porque o meu pai é muito pisciano e meio sem saber é anarquista, tipo, “quer casar com teu irmão casa, mas tipo lide com as consequências disso” sabe, então tipo pelos modos que as coisas aconteceram e tal e tudo mais. Na infância foi isso”</p>
--	--	--

		<p>TRHPt24:46 – “[...] esses lugares de não poder acessar os espaços de família [...]”</p> <p>TRHPt24:61 - “O meu avô mesmo que não me aceite na casa dele, mas ele tem muito amor, porque me ajuda, ajuda a me manter porque sem ele eu não conseguiria manter nem meu aluguel, então são privilégios, porque se não, eu não teria opção, não poderia morar aqui onde eu moro, teria que morar lá em Osasco, e bora 2 horas que é o que tem [...]”</p> <p>TRHPt24:69 - “É agora nesse momento da transexualidade tem sido isso, vários não lugares. Por exemplo eu tenho uma tia que mora em Osasco, ela não mora aqui, eu posso visitar a casa dela, mas toda vez que eu vou lá, ela, os dois filhos, o meu tio, e o meu irmão mais novo que mora com ela acabam me chamando de [informação ocultada - nome de registro de nascimento da entrevistada], o meu irmão sempre me chamou de [informação ocultada - nome da entrevistada], mas ele sempre ouve tanto [informação ocultada - nome de registro de nascimento da entrevistada] que chama de [informação ocultada - nome de registro de nascimento da entrevistada]. E aí que eu decidi não frequentar mais, inclusive por isso não tô passando o fim do ano, pra não estragar o fim de ano de ninguém, porque eu quero sentar com a minha tia e falar “olha gata, essa daqui é a filha da minha vida, o limite, se você quiser entrar pra dentro e participar você vai ter que entender que não existe mais [informação ocultada - nome de registro de nascimento da entrevistada], o [informação ocultada - nome de registro de nascimento da entrevistada] foi-se, respeito muito ele e pra mim não é um nome morto, continuo falando porque até os 24 anos quem me trouxe até aqui foi ele, mas não, se a tua religião não permite que você chame a pessoa pelo nome dela pra mim não dá”, mas eu entendo pra caramba de bíblia né, então eu tenho uma caixa de argumentos pra contrapor as coisas que ela vai dizer. É minha tia? É. É minha segunda mãe? É. Me criou? Me criou. “Mas gata tu não tá fazendo parte da vida da “[informação ocultada - nome da entrevistada], tu tá querendo fazer parte da vida do “[informação ocultada - nome de registro de nascimento da entrevistada] e não existe mais “[informação ocultada - nome de registro de nascimento da entrevistada].”</p>
--	--	--

		<p>TRHPt24:70 – “A minha vó mandou mensagem, que eu sei que foi mensagem que o meu avô mandou perguntar, mas ela me disse “olha, você pode vim, mas o que você acha de usar uma bermuda ou um bermudão, ou você só tem roupas femininas no seu armário?”. Eu disse “Claro que eu só tenho roupas femininas no meu armário porque eu sou um caralho de uma mulher”, entendeu, então tipo não deveria ter roupas masculinas no meu armário, mas não tem problema nenhum se eu quisesse usar, aliás roupa não deveria ter gênero né pra começar, mas se um homem quisesse aparecer de saia ou de salto não devia ter problema. Eu perguntei pra minha avó que “as minhas tias não receberiam a mesma pergunta, você tem uma bermuda no seu armário? Porque elas são mulheres e essa é a grande questão que vocês não e veem como mulher, e vocês sempre vão querer que eu apareça como um menino e eu não sou menino”.”</p> <p>TRHPt24:71 - “Então casas de familiares eu perdi muitas, muitas, tem familiares que mesmo os mais tradicionais diziam que “se um dia você chegar na minha casa de saia eu vou te dar uma bermuda”, e eu nem vou, pra mim essas pessoas nem existem mais, e eram pessoas próximas.”</p> <p>NBLBr25:5 - “Em relação a minha família né, como eu estava casada até 2017, então foi a coisa que mais me assustou assim né, o medo, todo tipo de medo, tinha medo da minha família não me aceitar [...]”</p> <p>NBLBr25:10 - “No segundo momento foi a minha família, então falei para algumas pessoas isoladas, pra minha mãe biológica que entendeu, mas disse que era uma fase, que tava tudo bem e que a minha família não ia deixar de me amar porquê de repente eu tinha deixado de corresponder aquilo que era conhecido como a realidade da feminilidade. E a minha mãe não biológica também entendeu tranquilamente, então eu percebi que talvez para eles aquilo tava um pouco, que era muita informação pra todo mundo né, porque eu tinha vivido esses 22 anos entendendo que eu era uma pessoa, uma mulher, e tinha uma tradição de que a mulher ela tem algumas características femininas, ditas femininas, então eles me receberam bem, me acolheram assim como as minhas amigas.”</p>
--	--	--

		<p>NBLBr25:14 - “Como eu mencionei, eu tinha muito medo, em 2017 e 2018 eu tinha medo, tinha medo primeiro pela minha família né, que era o centro da minha convivência, e segundo, assim com qualquer tipo de agressão.”</p> <p>HCGBr57:54 – “Mas aí vamos falar, talvez eu fuja um pouquinho do assunto, mas eu quero falar um pouco sobre profissionais do sexo, sobre pessoas trans. sobre travestis. Então olha só, hoje a sociedade diz que aceita todo mundo, e de fato ela aceita, aceita, a gente sabe com quais restrições. Vamos fazer de conta que eu seja uma pessoa trans e eu chego na minha família, não tem mais como esconder, uma pessoa trans ela tem um sexo masculino e ela tem todas as características femininas, e a família não aceita, a família acha que é uma aberração, acaba expulsando, acaba largando essa pessoa na rua, ou mesmo quem não expulsa, ela é maltratada, então o que que ela faz? Ela tem que ir sair pra sobrevivência dela, então ela sai para rua.”</p> <p>HCGBr57:58 - “[...] a maioria das pessoas que estão trabalhando na rua, elas têm uma história triste, é uma história de falta de estrutura familiar.”</p> <p>HCGBr57:60 – “[...] muitas das vezes, nesse trabalho, muitas vezes eu chorei porque como é que um ser humano consegue suportar tanta dor, tanta falsidade, tanta falta de amor assim, da própria família, da mãe. Eu jamais imaginaria a minha mãe tendo uma reação como teve a mãe de uma dessas criaturas, então é muito cruel, é muito ruim quando tu tá nesse ambiente ouvindo essas histórias, eu vi histórias assim, histórias assim, meu Deus, histórias que eu contava, mesmo, para minha família assim, e que eu chorava para contar, eu chorava pra contar.”</p> <p>HCGBr57:61 - “Então tu imagina como, como que se cria um ser humano num ambiente desses? É lógico que o ambiente é violento, é lógico que os presídios estão cheios, mas tu pensa, quem é responsável por isso? É a própria sociedade.</p>
--	--	--

		<p>Sexualidade na residência de familiares do entrevistado</p>	<p>HCGBr28:10 - “[...] mas sobre a minha sexualidade especificamente, é que eu me assumi pros meus pais em 2012, e aí eu não tinha ainda uma independência financeira, e as coisas foram bem difíceis, a minha mãe ameaçou me tirar do trabalho, querendo me levar de volta pra casa, pra que eu não me relacionasse com ninguém, e foi um estresse muito grande. Meu pai, tipo, falou que se eu era pra eu ser gay ele não queria um filho gay. Aí então a gente nunca mais falou, eu nunca mais falei com o meu pai, assim, a gente tem as nossas barreiras [...]”</p> <p>HCGBr28:12 - “Com a minha mãe teve alguns outros episódios, que ela me jogou na cara em outro momento da vida, de determinadas situações.”</p> <p>HCGBr28:13 - “É, e aí em 2018 eu, 2018 ou 2017, eu acho que foi 2017, eu contei pra minha mãe que eu tava namorando o [informação ocultada - nome do companheiro], ela sabe que eu e o [informação ocultada - nome do companheiro] temos um relacionamento. O meu pai, eu nunca toquei nesse assunto, eu já levei o [informação ocultada - nome do companheiro] lá em casa mais de uma vez. Meu pai nunca perguntou nada, eu acho que ele desconfia. Ele gosta do [informação ocultada - nome do companheiro], mas hã, é um assunto, é um peso, um elefante branco que tá na sala, e a gente tá desviando, ele tá ali e a gente tá desviando. Às vezes é desconfortável, as vezes eu gostaria que as pessoas soubessem, as vezes eu gostaria que as coisas fossem bem as claras. Mas aí por outro lado também, pra não passar o estresse de falar, ter que explicar, ou aturar certas coisas, ou ter que lidar com certas situações acabo deixando as coisas como elas estão sabe, só vou empurrando”.</p> <p>HCGPd29:27 - “Em casa de familiares, os que eu tinha, vamos colocar, os que eu tinha problema não tenho mais porque não frequento, então frequento só que aqueles que para mim, só aqueles que de certa forma me respeitam né, vamos dizer assim.”</p> <p>MCLBr23:4 - “Em relação as pessoas, a minha família não sabe da minha sexualidade, tipo assim, eu não cheguei a falar para eles né, sabe, mas eles desconfiam né, porque eu não sou uma mulher que performa feminilidade, e como meu irmão também</p>
--	--	--	---

		<p>é gay, eles já ficam meio que ok com essa situação, mas a gente nunca chegou a conversar sobre. É uma coisa muito desconfortável em casa ainda, porque meus pais preferem ignorar essa parte da minha vida e da vida do meu irmão, é, mas não é, assim, não é ruim pra mim, porque mesmo sendo desconfortável, eles não fazem nenhum tipo de violência mais séria comigo e com meu irmão. Então é desconfortável, mas é ok, dá pra conviver com isso.”</p> <p>MCLBr23:30 - “No meu irmão também é tranquilo, mas na casa de familiares é aquilo que eu te falei a gente não fala sobre o assunto.”</p> <p>MCBBr18:1 - “Acho que é tranquilo, a minha família super me aceitou, ficou de boas sabe, o que a gente sabe que é uma vitória porque nem todo LGBT é aceito, [4 minutos de gravação perdidos].”</p> <p>MCBBr18:13 - “Em casa e na casa de amigos e família é tranquilo assim, eu me sinto segura nesses lugares, no meu caso, por eu ter uma relação bem boa com essas pessoas eu me sinto bem.”</p> <p>MCBPd25:59 - “Eu não tenho familiares aqui, só no Paraná, mas a minha relação com a minha família é uma bosta, então não é confortável lá também, e tem a ver com violência de gênero também, e um pouco com sexualidade, as pessoas mais bolsominion assim.”</p> <p>HCGPt29:9 - “Com a minha família também é bem tranquilo [...]”</p> <p>HCGPt29:11 - “Geralmente procuro estar com pessoas que, por exemplo, fiz minha mudança aqui pra Iporã e já me aproximei de pessoas que eu sabia que teriam essa compatibilidade né, no sentido de que não necessariamente sejam pessoas homossexuais ou lésbicas, enfim, mas que não tenham problema, e que não tenham a mente tão fechada em relação a isso.”</p> <p>TRHPt24:36 - “Eu acho que a vivência da pessoa LGBT no geral, a não ser que seja uma família muito pós-moderna e desconstruída, ela começa com violência, por mais que essa</p>
--	--	---

		<p> pessoa nunca tenha apanhado na escola, eu consigo lembrar que desde os 7 ou 8 anos de idade eu sabia que era uma pessoa gay, e só esperar pra dizer isso pra minha família aos 18 anos, porque foi quando eu senti que eu tinha estrutura pra fazer isso, e mesmo assim ainda foi meio complicadinho, na família de pai nem tanto mas na família de mãe foi bem complicado. Então já começa aí uma violência, você sabe o que você quer ser e você não pode falar, “opa tem algo!”. Se fosse tudo bem você tinha dito “olha quero fazer tal curso, quero usar tal roupa, quero beijar tal boca”. Aí ser e não pode levar ninguém em casa, pra mim já começa daí a violência sabe, de ouvir determinadas coisas de parentes, de ouvir determinadas coisas de familiares, de mãe, pai não, de mãe.” </p> <p> TRHPt24:38 - “[...] aí tiveram algumas relações sexuais que eram consensuais, mas de certa forma eram abusivas. Em 2018 quando eu fui passar as férias na casa da minha vó, eu sai com um cara, e que virou um abuso sim, porque quando cheguei lá nem queria ficar mais com um cara, e aí foi aquela coisa vamo dá uma e depois vamos embora. E o cara depois da primeira, “não eu quero outra, eu quero outra, eu quero outra”, aí fui lá e vai, e aí depois a pessoa “ai eu quero outra”, aí você vai e “ai eu quero outra” e a pessoa nem conseguindo ter ereção, não por impotência nem nada, mas é que o corpo não é uma máquina, cansa, já foi duas, e ele já tinha trinta e poucos anos, e aí a pessoa vai e toma um viagra e te submete a uns tipos de coisa, sei lá, tem coisas que você não gosta no seu corpo e no seu rosto e tal, e foi um/ lugar muito difícil poque eu não podia chegar na casa da minha avó olha eu fui abusada sabe. Aí eu louca pra chegar em Chapecó, isso era no Rio de Janeiro, tomar um coquetel, e nem isso eu pude fazer porque já tinha passado dos três dias, tudo bem que era de camisinha, mas “e aí se eu pegar alguma coisa, meus Deus o que eu faço da minha vida agora”, enfim.” </p> <p> HCIPt28:10 - “Já aconteceu sim que eu presenciei algo com um amigo, não melhor amigo, mas um colega meu que a gente estudou junto só, questão de agressão física mesmo. Os pais dele não sabiam e acabaram descobrindo de uma forma que não ficou muito legal, que foi um terceiro que veio e contou a situação, e o pai espancou a pessoa, agrediu, botou ela pra fora de casa né.” </p>
--	--	---

		<p>HCIPt28:11 - “Na época eu tinha acho que 10 ou 12 anos mais ou menos, era um vizinho nosso inclusive, e eu não fiz nada na época porque eu era uma criança, mais geralmente, foi bem criticado, mesmo morando no interior, digamos, é um município de dois mil habitantes, e as pessoas não concordam com a violência, independente do tipo, não se concorda com nenhum tipo de violência. E foi reprimido no momento, e tanto que a família que aconteceu isso, não sei se por vergonha da situação ou pela forma que foi tratada pela comunidade, eles se mudaram do local.”</p> <p>HCIPt28:49 - “[...] e na dos meus pais eles são bem tranquilos.”</p> <p>HCIPt28:51 - “Meu irmão já tentou fazer isso também algumas vezes e eu ameacei logo de meter a mão na cara dele e ele não faz mais.”</p> <p>HCGBr57:2 - “Mas a minha relação com a minha família ela sempre foi boa, minha família sempre foi aberta, embora seja de pessoas do interior, de cinco pessoas simples, então com a minha família eu sempre tive esse respeito, não é que eu faltasse com respeito, não é isso, mas assim, eu sempre evitava de falar, até mesmo porque eu particularmente me constrangia.”</p> <p>HCGBr57:21 - “Vou te contar outro que foi o contrário né, foi muito positiva. Quando vim morar aqui na cidade, eu tinha um namorado e nós tínhamos filhos, e nós vivíamos em quatro pessoas, e depois que vim para cá nós adotamos um menino pequeno. Mas o fato é que quando vim morar aqui na cidade, meu irmão faz uma festa e convidou os amigos dele, minha família, então estávamos todos reunidos na festa, bem bacana, e aí então um deles lá do outro lado ele “e aí, tu é lá de Porto Alegre, teu irmão falou de ti, mas cadê a mulher e os filhos?”, aí o meu irmão disse assim, “olha, os filhos deles são esses daqui, mas ele não tem mulher não, esse aqui é o companheiro dele”, então assim, se fez um momento assim de muito silêncio, absurdo família, amigos, todo mundo junto, e até que esse mesmo que gritou lá, de cadê a família, ele veio e me abraçou e disse “cara, te admiro muito”, e não sei o que. Acontece de algumas pessoas me cumprimentaram pela coragem de ta ali diante de um meio totalmente hétero, outro normal.”</p>
--	--	---

		Raça na residência de familiares do entrevistado	<p>TRHPt24:43 - “[...] nascer preto é destino casar com preto é burrice, a gente tem que clarear a família, não pode dar um passo pra trás”. E na minha família, todas as mulheres da geração da minha mãe casaram com homem branco, todas, e todos os meus primos são mais claros, e a gente começa a ver um apagamento na minha família, um apagamento racial, um apagamento étnico, porque tipo, minhas bisavós, avós e até a trisavó que eu cheguei a conhecer eram todas de religião de matriz africana e a geração da minha mãe todas passam a ser evangélicas entende, essas coisas vão se perdendo.”</p> <p>MCBPd25:RM14 - “Na minha família materna, de descendência italiana, o mal estar é grande, mas na família paterna é o extremo oposto.”</p>
		Renda na residência de familiares do entrevistado	<p>MCBPd25:RM15 - “Na minha família materna a posição social determina o tipo de tratamento que você vai receber. Também na minha família paterna é o oposto.”</p>
Residência do companheiro do entrevistado		Gênero na residência do companheiro do entrevistado	<p>HCGBr28:8 - “Com relação ao [informação ocultada - nome do companheiro] se eu ajo de uma forma mais feminina as vezes ele critica.”</p> <p>MCBPd25:33 - “[...] Ah, teve uma vez que foi bem forte assim, que quando eu comecei a namorar, tinha uma venezuelana que morava com o meu ex, porque assim ele quer ajudar todo mundo sabe, e todo mundo morava com ele. Ela vivia uma situação de violência no relacionamento dela, e depois acabou que ele acabou voltando a morar lá, e enfim eu tava dormindo lá de vez em quando, e numa dessas eu tava lá, e a situação de violência ficou explicita pra mim, e era uma situação bem complexa porque ela era bem mentirosa, e minha maneira de me posicionar em relação a isso é, ok você acorda, se a mulher tiver mentindo não perdeu nada com isso, agora se não tiver. E</p>

		<p>daí assim, na verdade se tornou uma amiga, posso dizer que se tornou uma amiga, a amizade não durou muito tempo por que já vou contar (risos) o desfecho. Aí geralmente assim, eu sempre peito os caras, e ela, teve um dia que ela tava lá, e ela disse “ai ele me bateu”, isso e aquilo, e ele dizendo que não que ela era mentirosa, então, o meu ex conversou com os dois dizendo não pode fazer isso, não pode fazer aquilo né, e conversando e tals. Mas aí quando ele ia conversar com ela eu colocava ele contra a parede “e aí, ela disse que tu bateu nela o que que tu fez”, e ele “ah não eu não fiz nada”, e fui, e fui, perguntei sei lá quantas vezes, mas eu fui apertando ele, até que teve uma hora ele disse assim, “bati mesmo e se eu tivesse na Venezuela eu tinha picado ela”. Aí eu falei eu não vou ficar nesse lugar com esse cara, aí eu queria ir embora e me fizeram ficar, mas puta assim. Eu mal dormi porque eu tava esperando alguma coisa acontecer.”</p> <p>MCBPd25:34 - “Ai eu conversei bastante com ela, disse pra ela “olha, tem a casa dele aqui em Chapecó, se quiser voltar lá com a tua mãe lá em Curitiba, a gente pega o meu cartão, sei lá, dá um jeito”, ai eu falei assim pra ela, ai ele passou e ela foi lá falar com ele que tava indo embora, e não sei o que, pra fazer uma cena sabe, começou a ficar tão deprimente, e eu fiquei esperando alguma coisa, e aí realmente dali a pouco começou a gritaria, ai o meu ex foi lá intervir, arrombou a porta, o cara tava estuprando ela.”</p> <p>MCBPd25:35 - “Depois ele pegou um negócio lá, sei lá, era uma tábua, do guarda roupa sabe, uma, uma, prateleira, pra dar na cabeça dela sabe, ela com uma menina de um ano e pouco, pegou uma faca, aí meu ex segurando ele, aí em uma situação, que ele entrou e quase matou ela, ai meu ex tirou a faca dele, daí ele me ameaçou de morte porque eu tava defendendo ela começou a falar pro meu ex que se eu tava defendendo ela era porque eu traia, e ela traia, então se eu tava defendendo ela era porque eu traia, ai chegou a polícia, ele até apanhou do meu ex porque ele queria conversar, mas como conversa com um cara que tá na faca te ameaçando de morte. Acabou que eles mentiram que tinham ido embora, depois eu enxerguei eles na rua mais umas duas vezes, ela me cumprimentou, mas como vai ficar perto dessa situação, e aí eles foram embora, ela foi junto sabe, escolheu ir junto, a gente tirou ela da situação dela, levou pra um lugar seguro e ela escolheu ir junto, escolheu voltar</p>
--	--	---

		<p>sabe, ela não queria denunciar ele, não deixava nem bater nele, porque ela se enfiava com a menina na frente. E aí acabaram indo embora, aí eu queria denunciar ele mas eles foram embora, e eu não tinha condição psicológica pra continuar com essa situação.”</p>
	<p>Sexualidade na residência de companheiro do entrevistado</p>	<p>MCBPd25:42 - “Várias vezes eu também ouvi, porque assim, meu ex é haitiano, esse com quem eu tive o nenê, e aí os haitianos tem muito de assim “ah <i>masisi, masisi</i>” [tradução do crioulo - bicha, efeminado], não só eles mas de brasileiros falando pra haitianos “<i>masisi, masisi</i>”, e eu fico assim. Porque, as vezes eu consigo conversar, tipo, com ele ou com o primo dele eu consigo conversar, mas quando não tem muita proximidade como que tu vai xingar o outro, foi o que eu mais ouvi assim.”</p> <p>NBLBr25:71 - “Em relação ao ser seguro ter essas práticas afetivas, é na nossa casa né, ambiente totalmente privado, mas a gente também é muito carinhosa uma com a outra, quando gente tá junta a gente pega na mão, faz um carinho, isso na casa dos meus pais, na casa dela também [...]”</p>
<p>Residência de amigos do entrevistado</p>	<p>Gênero na residência de amigos do entrevistado</p>	<p>NBLPt24:50 - “Enquanto aos meus amigos, não tenho nenhum problema né, é bem tranquilo.”</p> <p>TRHPt24:4 - “Nos anos 90, em Nova York, tipo, tinham várias travestis e transexuais que iam pra bailes, que eram ambientes onde a comunidade LGBT, principalmente trans, competia com danças, com roupas, enfim, categorias. E aí, a maioria dos jovens dessas houses, desses ambientes, geralmente chamadas de crianças, não tinham pra onde ir, podia ter 14 ou podia ter 30 e não tinham pra onde ir. Aí começaram a surgir as mães, que eram travestis e transexuais mais velhas, que tinham minimamente uma casa, porque a maioria se prostituía, e elas conseguiam dar uma casa pra essas crianças e daí surgiu o termo <i>house</i>.”</p> <p>TRHPt24:5 - “<i>House</i> criada em Chapecó de modo descentralizado funcionando como um rupo de apoio com pessoas em vários lugares do país (casa de amigos/gênero) “Eu abri a minha em Chapecó em 2020, e aí a maioria formada por pessoas da universidade, pessoas que “aí eu quero, eu quero, eu quero”, e quando eu vi já tinha 5 filhos, espalhados por vários</p>

		<p>lugares do Brasil, porque hoje em dia, nessa nossa modernidade as houses não são mais centradas em um único lugar, e é muito mais sobre você ser um referencial pra essas pessoas e dar um abrigo, um colo, uma atenção, e acho que é isso.”</p> <p>TRHPt24:6 - “Então eu sou a mãe dessa house, as houses como eu te disse começaram nos anos 90 no Estados Unidos, sobretudo nas periferias, no Bronks no Queens, em outro que eu esqueci, em lugares muito específicos. Era mais na periferia, e muito com a comunidade preta que viva muito a margem. Aí tinha uma transexual lindíssima chamada Crystal LaBeije, que ela tentava concorrer nos bailes, que tem até hoje, da elite, isso no mundo inteiro, e ela nunca ganhava, porque nesses bailes a beleza era branca, cisgênero e europeia, enfim, e aí a Crystal era uma mulher preta lindíssima, mas ela não ganhava. Aí ela resolveu criar os bailes dela, pra comunidade dela, e aí isso gerou os bailes Vogue, que as categorias geralmente era rosto, vestido, enfim. Nos bailes a grande ideia era você poder ser alguma coisa que na sociedade você não poderia ser, por uma noite. Então a categoria era sei lá, militares, sei lá, executivos, então pra uma comunidade que não tinha acesso a isso, aquilo era tudo, era tipo como o nosso carnaval, mas só que pra eles era toda semana. Aí nesse contexto iam muitos jovens, muitas pessoas que não tinham lugar pra ficar, eram expulsas de casa por serem LGBTs, e aí essas mulheres mais velhas, assim como Crystal, que abriu a House LaBeije inclusive, elas começaram adotar essas crianças, que não importava se tivesse 14 anos ou 30 anos, começavam a ser filhos e eram tratadas como tal. Cada house tinha a sua liturgia, cada house tinha a sua filosofia, enfim cada uma das mães tinham as suas regras tipo não pode roubar, não pode se prostituir, não pode fumar, não pode ficar em tal lugar. E aí o baile começou a virar inclusive uma competição de houses, ganhava-se medalhas e troféus pras houses, pra ter esse sentido do coletivismo. E aí depois disso, Paris Dupree que era uma mãe de house também, inventou o vogue dentro dos bailes, ela tava lendo a revista dela da Vogue, e começou a ver as poses todas que as modelos da Vogue faziam e ela começou a fazer isso ao som das músicas e começou a ter aqueles movimentos todos que a gente conhece hoje dentro do vogue.”</p> <p>TRHPt24:7 - “E aí passam-se sei lá, 30 anos, a gente ta aqui no Brasil atualmente, e no Brasil a gente tem um cenário recente</p>
--	--	---

		<p>de vogue mais forte, e aí no do vogue tem alguns títulos como Legendary, Pionner, ícone. E eu recebi recentemente o título de Pionner, que é pioneira, porque tirando Floripa não tem nenhuma outra house em Santa Catarina, que não seja a minha house em Chapecó, que é inclusive considerada uma house grande, que já somos quase 25 filhos, eu e o [informação ocultada - nome do father da house], que é o father da house também, que é um homem trans, artista plástico enfim.”</p> <p>TRHPt24:8 - “E aí é nesse contexto as houses hoje são descentralizadas, não funcionam numa única casa, meu sonho ter grana suficiente pra comprar uma casinha em Chapecó e falar morem aí, mas ainda não, e aí assim a gente ajuda como pode, é um grupo no WhatsApp, é uma palavra amiga, é um bom dia, um boa noite, ouvir e orientar, e aí dentro disso muitas experiências, é com os filhos.”</p> <p>TRHPt24:9 - “É um filho que te chama e te liga porque tem alguém dizendo que ele foi abusivo ou tão acusando ele de ser estuproador, e ele te dizer “olha eu juro que não ta acontecendo”, e aí vai lá ouve e ajuda como pode. Teve uma situação que eu tava na casa do meu pai fora do país e algum filho me ligar pedindo” se souber alguém que tem uma cesta básica” porque ta precisando, e aí você vai lá e dá um jeito. Do telefone tocar as duas e meia da manhã, e um filho de dezessete anos que tem pai e mãe vivos em Chapecó, e ele te liga dizendo “mãe, fui preso, preciso que você me ajude”, e aí você vai lá e tira a criança da cadeia entendeu. Ou como mais recentemente um filho que comete suicídio, e aí os outros filhos vão lá porque são chamados e tem alguma coisa acontecendo errado e ninguém sabe o que é, então os outros filhos e a primeira pessoa pra quem ligam é pra você dizendo “olha, o mano cometeu suicídio”, então é um espaço de família mesmo sabe.”</p> <p>TRHPt24:72 - “Casa de amigos é muito tranquilo, poucas vezes eu me sinto desconfortável, em Chapecó sabe, aconteceu algumas vezes, porque a gente sabe que é mais raro isso, porque quando eu era não <i>binarie</i>, eu fui na casa de uma amiga e era aniversário dela e eu cheguei na casa dela com um vestido preto coladinho lindo assim, e um saltão, e aí eu percebi, que eu era a travesti na sala, a gente tem uma gíria, um termo em drag que a gente fala a “drag queen na sala” porque nunca é confortável uma drag queem na sala de estar, nunca, e naquele momento eu</p>
--	--	--

		<p>percebi que eu era a drag queen na sala de estar, ela tava de boa, os meus amigos tavam de boa, mas o resto das pessoas não que era um problema, tipo essa mulher tem que sair daqui, mas era tipo “Meu Deus ela ta preparada”, e ok [...]”</p> <p>TRHPt24:RM1 - “Me sinto bem, bem tranquila”</p> <p>NBLBr25:9 - “O primeiro grupo com quem eu me comuniquei foram com os meus amigos, minhas amigas, e ali eu me senti segura, é um primeiro círculo que eu me senti verdadeiramente segura para poder falar isso em voz alta para que outras pessoas pudessem me ouvir né. Então esse foi o primeiro momento que eu me expressei.”</p>
	Sexualidade na residência de amigos do entrevistado	<p>HCGPd29:28 - “E amigos da mesma forma, eu sempre deixo muito bem claro, se eu sinto que não sou, não sô bem-vindo, se é um espaço que eu não fico confortável, eu, eu não vou eu não volto né.”</p> <p>MCLBr23:31 - “E na casa de amigos é tranquilo, até porque a maioria dos meus amigos é LGBT também né.”</p> <p>MCBBr18:13 - “Em casa e na casa de amigos e família é tranquilo assim, eu me sinto segura nesses lugares, no meu caso, por eu ter uma relação bem boa com essas pessoas eu me sinto bem.”</p> <p>MCBPd25:55 - “Na casa dos meus amigos também [me sinto confortável]”</p> <p>MCBPd25:60 - “Na casa dos meus amigos eu me sinto super bem, tanto por ser mulher quanto por tudo assim, não faço qualquer amizade então é um dos poucos espaços de segurança de se sentir à vontade.</p> <p>NBLPt24:5 - “Em relação aos espaços que eu frequento, geralmente eu frequento espaços que tenham assim, uma abertura né, eu não tenho aquele choque, sabe, de ter aquela pressão, eu não tô inserida nesses meios, eu não tenho vivido isso nos últimos tempo. Já passei por algumas situações, mas hoje em dia eu não frequento esses lugares assim. Com certeza tem pressões assim que passam despercebidas, mas não tem nada que me atinja tão forte assim. Por eu frequentar lugares</p>

		<p>que as pessoas já tem um entendimento de sexualidade, gênero, etnia e essas coisas, eu não tenho esses conflitos.”</p> <p>HCGPt29:5 - “Ou domingo à tarde, ir na casa de alguém, tomar um tererê, jogar alguma coisa, então coisas mais tranquilas assim.”</p> <p>HCGPt29:8 - “A minha relação se torna ótima com as pessoas que eu convivo, é claro que eu vou conviver com pessoas que tenham respeito enfim.”</p> <p>HCGPt29:58 - “[...] ou organiza na casa das pessoas, que aí sabe quem vai e é mais tranquilo assim. Acho que é isso.”</p> <p>HCIPt28:50 - “A casa dos meus amigos, uma vez só o marido da minha amiga veio me chamar de baitola e eu já falei para ele me respeitar porque eu não era da laia dele e não dei intimidade pra ele. Nunca mais ele fez esse tipo de brincadeira, me chama pelo meu nome, inclusive algumas vezes ele me chama de seu [informação ocultada - nome do entrevistado] e eu falo pra ele que não tem necessidade. Esse episódio que ocorreu e eu acredito que não vai correr mais porque eu nunca deixo a pessoa ter esse tipo de intimidade.”</p>
Espaços de passagem	Rua	<p>Gênero na rua</p> <p>HCGBr28:23 – “Sim acontece, acontece, as vezes é intencional, as vezes é sem querer, depende do humor, depende da disponibilidade. Já teve momentos que eu saí na rua assim, tipo, se alguém mexer comigo hoje vou encher de lixo, mas isso bem mais no passado assim, mas depende assim, ultimamente tem sido, acho que mais 158 e conheceu 158 sabe, ah quero agir de uma forma ou de outra. Quando, tipo, deve mudar um pouco a forma de falar, a forma de andar, de me expressar, e basicamente acho que é isso né.”</p> <p>MCLBr23:5 – “Agora, em relação as outras pessoas, eu acho que acontece muito de eu ser confundida com homem na rua, várias vezes já as pessoas me trataram no masculino, é, não que isso me incomode, é, eu entendo né, mas acontece.”</p> <p>MCLBr23:10 – “Já aconteceu algumas vezes quando eu tava com meu irmão, mas não foi, a violência não foi comigo foi com ele né, de homens passarem de carro chamarem ele de viado, ou de bicha, esse tipo de coisa sabe. Comigo nunca aconteceu alguma coisa mais violenta assim, sabe, só essas</p>

		<p>coisas que eu te contei. Eu acho que eu me senti mais mal do que o meu irmão quando aconteceu com ele sabe, porque, tipo, nunca aconteceu nada comigo sabe, e daí eu me sinto mal quando fazem alguma coisa com as pessoas que eu amo. Aí me deu uma vontade de jogar uma pedra no carro do cara, mas eu não ia fazer por medo dele parar e eu apanhar. Mas foi, foi, não foi legal, foi bem ruim, fiquei me sentindo mal depois, inclusive acho que foi uma vez que a gente tava voltando do <i>shopping</i> a pé, ali na Fernando foi. Essa foi a vez que eu me lembro mais nitidamente assim, que os cara passaram e chamaram ele de viado. E teve uma vez que uma pessoa passou e gritou “Jesus ama vocês”. Mas fora isso acho que não aconteceu nada demais.”</p> <p>MCLBr23:17 – “Assim, pra dizer bem a verdade eu sou uma pessoa bem avoadada, eu e meu irmão somos assim, a gente não fica prestando muita atenção nas coisas ao redor sabe, quando a gente tá andando no espaço público a gente meio que tá vivendo no nosso mundinho na nossa cabeça e não presta atenção ao redor.”</p> <p>MCLBr23:18 – “Mas, então assim, não me deixa desconfortável eu andar em espaço público, a não ser que tenha coisas que eu chamei a atenção, por exemplo os caras me assediando ou xingando meu irmão e esse tipo de coisa. Às vezes acontece de eu prestar atenção nas pessoas que eu passo pela rua e aí elas olharem meio desconfortável, quando tem um pai com uma criança sabe, eles ficam encarando e tals, mas isso não me incomoda, não fico desconfortável com isso.”</p> <p>MTHPd45:20 – “[...] e a minha aparência feminina tava muito evidente. Eu não fazia hormonioterapia, mas desde criança eu sempre tive cabelo comprido porque minha mãe gostava. Meu corpo eu nunca mexi com cirurgia plástica, a não ser implante de mama, mas o resto do corpo é tudo meu, e eu seria a coisa mais monstruosa né se eu fosse um homem cis hétero com essa voz maravilhosa de taquara rachada (risos), ia ser muito estranho. Acho que eles não queriam reconhecer de fato, a minha mãe queria, porque como ela era evangélica, ficava forçando pra ir pra igreja [...]”</p> <p>MTHPd45:36 – “Aconteceu uma vez de, não foi caso de, foi quando eu participei do carnaval, e o presidente do bloco pediu</p>
--	--	--

		<p>pra eu ir com o corpo pintado né. Tá, fiz o meu trabalho, tava no trio elétrico pintada de branco, a primeira peladona em público em Chapecó, isso foi no Carnaval de 2001, e acabou que um grupo de moralistas né, aqui da cidade, chamou a polícia pra mim [...]"</p> <p>MTHPd45:41 – “[...] na época eu fazia hormonioterapia, e a hormonioterapia ela mexe com a tua cabeça, ela mexe com os teus sentidos, ela faz uma bagunça na tua vida emocional, tu não tem noção. Se cai uma folha da árvore tu tá chorando, ela mexe com todas as tuas emoções. Eu era, nossa senhora, muito, eu [informação ocultada – nome da entrevistada] hoje, e [informação ocultada – nome da entrevistada] em 2002, ou quando cheguei aqui, eu era extremamente feminina naquela época, hoje eu sou um ogro. Se hoje alguém me acha feminina coitado, é porque não me conheceu em 2002. Daí, eu fiquei 10 anos em todo esse tratamento. Aí foi quando eu quase fui pra Porto Alegre pra fazer a redesignação sexual, mas quando eu fiz o psiquiatra eu desisti, porque foi ali que eu reconheci e percebi que pra ser mulher não precisa operar nada sabe.”</p> <p>MCBBr18:5 – “Deixa de sair na rua sozinha por ser mulher (rua/gênero) “Por causa do meu gênero, eu deixo de sair na rua sozinha sabe, esse tipo de coisa.”</p> <p>MCBBr18:7 – “Na rua assim eu me sinto bem”</p> <p>MCBPd25:4 – “Eu vim uma vez em um rolê no centro, mas aí o policial desceu do carro com um fuzil bem na minha cara, aí eu não tive mais coragem de vir, não tenho condição emocional pra ficar correndo de polícia.”</p> <p>MCBPd25:8 – “Na rua também, é ruim caminhar a noite, a gente evita à noite, porque aconteceu uma situação que eu fui caminhar a noite com a minha amiga, antes, faz um bom tempo, mas a gente já parou, porque aconteceu de um cara parar e ficar seguindo a gente, tipo, parar umas duas vezes na rua enquanto a gente tava caminhando.”</p> <p>MCBPd25:9 – “De dia é mais tranquilo, mas nem tanto, porque assim, eu já passei, já sai do mercado com o meu ex e aí um espaço mais estreito, eu passei na frente e o cara meio que deu uma cantada assim “ai que linda” e não sei o que.”</p>
--	--	---

		<p>MCBPd25:11 – “[...] e fui andando, tava perto, e fui assediada no caminho até chegar lá.”</p> <p>MCBPd25:44 – “Eu tava comentando hoje com um amigo meu, que as vezes eu saio na rua e é muito comum de as pessoas ficarem olhando pras minhas pernas, porque eu não depilo as pernas, eu fico foda-se, eu não quero depilar as pernas e vou sair na rua do mesmo jeito que eu fico em casa, com as pernas sem estar depilada.”</p> <p>MCBPd25:48 – “Com certeza, por exemplo sair na rua a noite assim, eu amo caminhar a noite, enfim, porque é mais fresco, enfim, amo, mas eu não vou por conta do meu gênero.”</p> <p>MCBPd25:57 – “Nas ruas e praças é aquilo né, a gente vai de dia, a gente não vai a noite, não é seguro pra sair na rua a noite. Lá na [informação ocultada – nome de bairro periférico de Chapecó], já aconteceu situações de lá mais perto da [informação ocultada – nome de avenida em periférico de Chapecó] que é um lugar mais central do bairro, e aconteceu estupro a noite. Então a relação com espaço aberto a noite é de medo, completamente de insegurança assim.”</p> <p>NBLPt24:21 – “Na rua o que mais me incomoda é aquele olhar passivo agressivo, que é um olhar que é muito intimidador, aquele olhar que você abaixa a cabeça ou olha pro lado. É um olhar que vem muitas vezes de homens, e homens que tem carro (risos), esses são os mais zoados, que fica dentro do carro e quer encarar todo mundo né.”</p> <p>NBLPt24:22 – “Tem também momentos assim bem pontuais de você estar na rua e ser perseguida, aquele sentimento de perseguição, que não é frequente, mas ele existe né.”</p> <p>NBLPt24:26 – “Então na rua eu não passo por esse tipo de situação, mas por exemplo, se eu fosse um homem gay afeminado aí já chama a atenção “olha lá, lá vem um afeminado”. Na rua se ver uma pessoa, um cara ou uma mina trans, ou se não consegue identificar, já é traveco.”</p> <p>HCGPt29:27 – “Ok eu tava chegando no meu ponto, eu descii, e um desses caras me seguiu, sempre fazendo sinais e me</p>
--	--	---

		<p>chamando assim “psiu, vem cá”, me seguiu até o prédio onde eu morava, mas eu segui andando, foi um momento bem nervoso a rua era escura, eu não era uma pessoa muito forte, não sabia me defender, então acho que esse foi, eu até apaguei isso da minha memória, poucas vezes eu contei que isso que aconteceu comigo, imagina eu tinha 17 anos tinha acabado de chegar na cidade e não sabia o que esperar.”</p> <p>TRHPt24:55 – “Mas por exemplo todo tempo que eu trabalhei no [Informação ocultada – nome de boate LGBT em Chapecó], que eu ia pro [Informação ocultada – nome de boate LGBT em Chapecó], na boate, que eu era Drag mas ainda não era remunerada, eu voltava andando pra casa, e a primeira vez a minha filha da house inclusive ela sempre conta essa história, que pra ela foi muito forte, que ela tava ficando lá em casa pra essa festa porque era mais perto, e eu falei “vamo embora?”, e ela disse “vamo, mas eu não tenho dinheiro pro Uber” e eu disse “nem eu”, ela perguntou “tu vai assim?” , eu tava com uma roupa azul totalmente fluorescente de paetê, um salto 15 cheio de spike, e ela disse “eu tô muito preocupada, por duas coisas, um, essa daqui é a rua das travestis, e segundo, os caras podem passar e fazer algo”, e eu disse “primeiro se as travesti me parar eu vou falar que elas podem me bater porque eu tô trabalhando, tô voltando pra minha casa do meu trabalho, sou trabalhadora e elas podem me bater mas eu não vou deixar de andar na rua”, e aconteceu que em 3 anos morando em Chapecó eu nunca fui parada ou abordada por travesti alguma, porque a minha consciência é essa “não tô aqui pra roubar o ponto de ninguém nem atrapalhar o programa de ninguém, só tô voltando do meu trabalho e eu faço arte, olhe pra isso aqui e por favor não sexualize isso aqui é arte.”</p> <p>TRHPt24:57 – “Quando eu cheguei em casa eu falei pra ela, é uma frase que eu guardei depois daquilo, eu disse “[informação ocultada – nome de uma filha da house] eu sei que eu posso sair e que pode acontecer muita coisa comigo, eu posso sair e pode me acontecer alguma coisa porque a gente sabe como é a violência, só que se eu for agredida na rua, vou chegar em casa e pegar um dinheiro que eu nem tenho, vou pegar um táxi, um Uber e vou até a delegacia fazer um B.O., porque o Estado ele é obrigado a me fornecer saúde, segurança e educação. Se eu apanho na rua não é culpa minha, o estado falhou, se eu não tenho segurança é culpa do estado, se não tem vaga na escola</p>
--	--	--

		<p>não é culpa minha é culpa do estado, eu não tenho que arrumar uma escola particular porque não tem vaga na pública. <i>Bitch</i>, trabalhem, criem mais escolas, criem mais vagas, aluguem um espaço, se virem, o problema é de vocês não é meu.”</p> <p>TRHPt24:59 – “Mas eu acho que nunca, eu acho que não tem nenhum lugar que eu deixei de frequentar por conta desses motivos não. Às vezes por orientação da pomba gira né, que ela diz pra não ir, e a pomba gira me deu uma indicação e orientou pra evitar as ruas das travestis aqui em São Paulo, mas quase aqui foi um problema, nunca chegou a acontecer nada grande de ser perseguida, mas eu percebia os olhares sabe “tipo o que ela ta fazendo aqui?”. Eu acredito ser uma pessoa de luxo, chamo a atenção, por onde eu passo as pessoas olham, e é uma trava muito bonita com sua boa bolsa andando na rua bem gata, e aquelas meninas ali não são polidinhas que nem eu, não vieram de universidade, não fazem teatro na escola de teatro mais cara do país, não, elas têm uma linguagem de rua entendeu.”</p> <p>TRHPt24:60 – “Então a gente evita porque nunca que eu estou em um ambiente público aberto que nem rua, e tem travestis é uma coisa muito tranquila entendeu, teve uma vez que eu tava no ponto de ônibus com o boy do meu lado e passou uma travesti assim, debochando da minha cara, uma travesti de rua, mas por conta desse lugar sabe, que pra elas é um lugar que é isso, acho que o amor fere muito mais do que o ódio, então acho que elas olham e talvez pra elas isso ali é o ideal tipo, “nossa queria ta ali no ponto com o meu boy, queria tá passeando com a minha bolsinha e não aqui trabalhando no ponto”, entendeu.”</p> <p>NBLBr25:6 – “[...] e tinha medo das violências externas né, agressões físicas e verbais na rua [...]”</p> <p>NBLBr25:55 – “[...] por exemplo, eu gostaria de poder andar de bicicleta, sei lá, ir pro trabalho de bicicleta né, mas eu não me sinto segura, não me sinto segura. Pela questão de acidente de trânsito, mas muito mais pela questão de gênero.”</p> <p>NBLBr25:60 – “Eu moro a uns 5 km da casa da minha mãe, talvez menos, tem a avenida depois da minha casa, dá uns 15 minutos e eu gostaria de poder ir para casa da minha mãe a pé, é um projeto que eu tenho a muito tempo em mente, desde que</p>
--	--	---

			<p>eu fui morar ali, faz uns 30 dias eu estou morando agora, e eu ainda não fiz, e isso por mais de um motivo. Eu tenho medo por exemplo de ir até ali, pra casa da minha mãe e ser assaltada, e ser agredida.”</p> <p>NBLBr25:62 – “Pra uma pessoa que vai assaltar também né, já tá ali pra te assaltar, porque ela não vai agredir uma pessoa que ela não admite como ser humano, que mereça ser respeitado.”</p> <p>NBLBr25:63 – “E outra, além de tudo eu sou uma mulher, eu posso ser uma pessoa não binária, mas eu sou de nascimento uma mulher. Então a gente que nasce mulher, a gente sempre, sempre, sempre, sempre, sempre tem medo. Então eu teria um medo como mulher? Teria. Eu tenho medo como LGBT? Maior talvez, mas o medo de agressões físicas e sexuais eles existem em todas as etapas da vida de uma mulher.”</p> <p>NBLBr25:68 – “Eu evito, evito lugares públicos o máximo. Não ando de bicicleta porque tenho medo, eu tenho muito medo de roubo e agressão [...]”</p> <p>NBLBr25:RM1 – “Insegura”</p>
		Sexualidade na rua	<p>HCGBr28:22 – “Volta e meia também têm alguém que mexe com a gente na rua. 2019 teve um caso aqui no [informação ocultada – nome de uma rede de supermercados] no [informação ocultada – nome de bairro periférico urbano de Chapecó], tava indo pro mercado, aconteceu na verdade mais de uma vez, dos cara mexer comigo e só seguir, uma vez quando eu me preparei pra dar resposta pra ele aí eu nunca mais vi ele pra dar a resposta pra ele.”</p> <p>HCGBr28:27 – “Então, Eduardo, o [informação ocultada – nome do companheiro] tem mais medo do que eu, e no começo do relacionamento ele era bem porra loca assim. Quando a gente começou a namorar ele quis sair de mão dada no centro de Chapecó num sábado de noite, a gente andou, todo mundo olhou pra gente assim, tipo, o foco era a gente, tipo todo mundo de todos os estabelecimentos olhando pra gente. Eu me senti muito desconfortável.com isso naquela época, e hoje a gente não demonstra carinho em público assim, é praticamente amigo sabe. Então, é uma coisa que acaba ficando só dentro de casa sabe. Às vezes eu percebo que isso parte mais dele, porque as vezes eu percebo que eu tenho alguns comportamentos, porque</p>

		<p>tipo se eu toco na mão dele, ou pego na mão dele ele tira a mão, então ele sabe, tem mais receio, mais medo.”</p> <p>HCGPd29:19 – “Na rua, ao andar, ando bem confortável, bem tranquilo posso me sentir inseguro ao andar à noite, mas depende muito da situação porque às vezes andando à noite eu me sinto mais seguro do que de dia ou dependendo de onde eu estou, é, porque sei que a noite ninguém vai mexer comigo né, porque é mais eu ser bandido do que o outro, então é bem tranquilo na verdade. Hoje não tenho frequentado muitos esses espaços, mas quando eu frequentava também não frequentava sozinho, mas sempre procurava ter uma companhia, então isso sempre ajudou bastante.”</p> <p>HCGPd29:32 – “Na verdade quem vai delimitando esses espaços geralmente é ele [companheiro], porque eu passo muito despercebido, então vou demonstrando afeto aonde passar né, vai sendo assim, mas, a gente consegue perceber né, porque se a gente tá em uma via pública né, andando numa calçada, um espaço aberto, é, não tem essas demonstrações né.</p> <p>MCLBr23:11 – “Eu até quando eu tô namorando eu até ando de mão dada com a pessoa que eu tô e tal. Mas eu ando e eu percebo que as pessoas não se incomodam tanto. Na verdade, a maioria das vezes são homens né, que se incomodam com esse tipo de coisa, as mulheres não falam nada. Mas, aí tem essa questão dos homens sexualizarem, e daí tá tudo bem duas mulheres né. Inclusive eu e minha ex, a gente já foi assediada uma vez, dois caras passaram numa moto pela gente e assobiaram esses negócios assim sabe. Mas de ser agredida nunca, só assediada.”</p> <p>MCLBr23:12 – “O meu irmão e o [informação ocultada – nome do cunhado], eles não fazem isso, porque eles se sentem mais desconfortáveis.”</p> <p>MCLBr23:32 – “Olha, eu costumo demonstrar afeto em espaços públicos sem problemas sabe, a não ser que seja um lugar muito lotado, ou que seja um lugar que tenha muito homem, e principalmente em lugares assim que são muito hétero, aí eu fico meio desconfortável e evito demonstrar carinho.”</p>
--	--	---

		<p>MCLBr23:33 - “Mas eu faço isso com muita mais frequência em lugares muito mais abertos do que homens gays, por exemplo o meu irmão não costuma demonstrar carinho com meu cunhado em espaço público nenhum, como eu disse, eles nem andam de mãos dadas nada. Mas um pouco é por essa questão de eu ser abusada, e tô nem aí pras pessoas, e vou fazer o que eu quero sabe. O meu irmão tem muito mais medo, e ele tem medo por mim inclusive, do que eu tenho medo por mim, sabe. Mas, inclusive na rua assim eu beijo as pessoas, não tenho problema com isso.”</p> <p>MTHPd45:32 – “Na minha frente ninguém fala, porque se falar eu pulo em cima, então, daí assim, nunca né. O que já aconteceu foi piadinha né, porque a piadinha ela é o início da violência, ela é pra te provocar, pra normalizar a violência, ele te provoca com uma piadinha, aí se você não se pronuncia né, então aquela piadinha fica, e isso perpetua isso continua, porque toda vez vai ter essas piadinha né, por exemplo “virou viado porque não comeu uma buceta de verdade” “virou sapatão porque não foi comida direito”, sabe, entre outras. É foda porque principalmente assim como tem muita piada de português. tem muita piada de viado”</p> <p>MTHPd45:43 – “Mas esse negócio de aparecer na rua de mão dada, só aconteceu por causa do carnaval, agora que eu lembrei, porque eu saí de mão dada no carnaval que na época era na frente que agora é a Havan, [...] era bem legal. E daí, eu fui pro carnaval, fiz o que eu tinha que fazer, e aí eu fui pra casa, e disse, “você não quer sair, beber alguma coisa nada”, ai ele disse que não e eu disse pra ele ir se divertir um pouco, mas sozinho, não comigo né, eu disse vai que eu vou levar a Sasha pra fazer xixi, que é a minha cadela, ai eu fui seguindo na praça sentido a Havan, mas sabe quando o coração fala “[informação ocultada – nome da entrevistada], vá por ali”, resumindo, beijando a boca de outra mulher, não fiz barraco nem nada, eu acabo com um calada”</p> <p>MCBBr18:11 – “Os lugares que eu acho mais problemáticos são os lugares públicos, como rua, praças e coisas do tipo, que você vai ouvir um comentário, notar um olhar, ou ouvir piadinhas sabe.”</p>
--	--	--

		<p>MCBPd25:18 – “Esse desconforto é mais relacionado ao gênero, mas também em relação à sexualidade, porque eu já passei uns conflitos assim, porque eu sou bissexual, mas eu não sinto coragem de sair com uma mina na rua de casazinho.”</p> <p>MCBPd25:41 – “Teve aquela situação que eu comentei que eu tava com a minha <i>crush</i> no momento, e aí ela ficou assim, tipo, “ai não vamos andar de mão dada nem ficar muito perto” porque era noite e a gente saiu pra dar uma volta, e teve essa que aconteceu comigo.”</p> <p>MCBPd25:63 – “[...] mas no mais eu não me sentiria tranquila em outro lugar, eu já ia ver quem tá ao redor, como tá reagindo, assim, então não é em lugares públicos e rua, eu não me sentiria tranquila pra um relacionamento com uma mulher, sabe, acontece demonstração de afeto assim, se eu tivesse em algumas situações eu ia ser bem foda-se, vamo, mas depende de como a pessoa quer lidar com isso, não dá pra impor sozinha, não é uma escolha só minha, então é bem complexo.”</p> <p>NBLPt24:36 – “Sim, sim, eu tenho esse receio, então na rua geralmente quando eu tô acompanhada né, inclusive quando eu tô me relacionando com alguém, eu não costumo ter essa tranquilidade que a heterossexualidade permite né, que é andar de mão dada em lugar público. Eu evito trocar carinho em lugares públicos pra não chamar a atenção.”</p> <p>NBLPt24:37 – “O pessoal fica vendo, fica cuidando, como se nunca tivesse visto alguém se beijar né. Eu não me sinto à vontade, vontade eu tenho, mas eu não me sinto segura, então eu não ando de mão dada na rua, já andei, mas bem esporadicamente, poucas vezes mesmo, tanto que eu nem lembro, eu não tenho esse hábito né.”</p> <p>HCGPt29:21 – “E claro, olhares, andar na cidade, aqui né, com o menino que eu tô ficando é comum você receber olhares, mas enfim, nada nenhum comentário até hoje, nenhuma intromissão forte que tenha gerado alguma coisa.”</p> <p>HCGPt29:23 – “Na verdade uma vez eu tava andando na rua, e um cara, isso era domingo e Chapecó tem pouco movimento de carro na rua no domingo, e eu tava ali no centro atravessando a rua, e eu tava usando uma roupa diferente do que se espera de</p>
--	--	---

		<p>um homem hoje use né, gênero acabou né, mas enfim, tem essa questão, e eu lembro que tinha 4 homens num carro vermelho, eu até lembro a cor do carro e eles gritaram “bichinha” e falaram mais alguma coisa, ai eu sei que eu mostrei o dedo do meio e ele foram embora.”</p> <p>HCGPt29:29 – “Claro né, tipo as vezes você tá andando na rua num grupinho de pessoas, passa carro e xinga com coisas hostis, e isso é grave também mas é algo que acaba infelizmente naturalizando né, isso não gerou com nós e com outras pessoas, talvez gere, mas com nós nenhuma agressão física, que é quando a gente lembra mais, mas assim, eu não consigo me lembrar de algo com pessoas do meu dia a dia né, do meu cotidiano né, isso que disse foi o mais marcante.”</p> <p>HCGPt29:65 – “Mas eu tenho muito isso do contato, andando na rua tenho contato [...]”</p> <p>HCGPt29:67 – “Mas a gente evita muita coisa, beijar na boca, dá um beijinho ali na mão, andar de mão dada, deitar no ombro, fazer um carinho, as vezes até acontece, mas expressar mais, algo íntimo como beijar na boca é mais difícil. Não tanto da minha parte, mais da parte dele né que eu até entendo porque é uma precaução porque aqui o ambiente e tal.”</p> <p>HCGPt29:68 - “Mas quando a gente foi pra Chapecó juntos, não senti muito isso né, vamos andar de mão dada na rua, porque sei lá, em Chapecó eu me sinto mais seguro, não sei se é porque eu acho que é mais difícil, ou se de fato é porque nunca aconteceu nenhuma intromissão mais incisiva.”</p> <p>HCIPt28:21 – “Não eu, eu exatamente não, mas eu já convivi, eu já entrei, não num relacionamento, mas eu passei um tempo com uma pessoa que ela tinha esse estigma. Ela acreditava que se ela fosse vista com outro rapaz ela seria agredida.”</p> <p>HCIPt28:22 – “Pra mim não é problema, posso sair com um rapaz de mão dada aqui no bairro, no centro, em qualquer outro lugar, eu posso entrar sem problema nenhum. Não sei se é porque as pessoas olham o meu porte físico e tenham um pouco de receio de querer vim falar algo comigo, mas para mim não é problema.”</p>
--	--	---

		<p>HCIPt28:23 – “Eu já estive com uma pessoa que sim, pra ela era problema e não queria que outras pessoas soubessem, mas eu não, da mesma forma que eu falo, falo no trabalho, falo em casa, falo com os meus amigos.”</p> <p>HCIPt28:52 – “Aqui em Chapecó eu acredito que no centro, pra pessoas gays, lésbicas, eu acredito que não tem problema, mas em alguns bairros eu acredito que seja um problema ainda.”</p> <p>HCIPt28:54 – “Eu diria que um espaço que eu não considero seguros aqui em Chapecó, eu diria que são os bairros mais afastados, que tem uma comunidade que não tem conhecimento a mais, das pessoas como diz que o povo são mais chucas, elas tendem a ter um pouco mais de preconceito. Esses locais eu não acho que é muito seguro.”</p> <p>HCIPt28:55 – “Ano passado, eu vi um cara falando que ele vinha com o namorado dele na rua e acabaram gritando, chamando de viado alguma coisa para corrigir essa situação.”</p> <p>HCGBr57:9 – “Então se eu tô andando na rua eu geralmente não saio de mão dada, porque podia ser com mulher ou outra pessoa, mas eu não saio porque eu não acho que é necessário. Aquilo que as vezes é bom pra ti pode ser agressivo pra outras pessoas. E como a gente sabe, que a hipocrisia anda solta ali fora pra que provocar discussões? Ou pra que provocar xingamentos? Mesmo que eles não tenham razão, mas se eu quero paz de espírito, eu evito de fazer e se alguém fizer eu não me importo [...]”</p> <p>HCGBr57:16 – “Olha, são vários assim (risos), ao longo da vida são muitos, são muitas os fatos, mas eu vou te citar só um exemplo. Num evento, eu tava eu tava fazendo um trabalho pra [informação ocultada – nome de uma emissora comercial de televisão aberta] em Porto Alegre, e naquele trabalho eu fazia assim, como eu sempre fui projetista, sempre trabalhei nessa área em que hoje eu sou formado arquiteto, e eu tava fazendo o palco, toda essa parte de estrutura e tudo mais. Então naquele dia eu acabei o trabalho mais tarde, era umas 3 horas da manhã, tava voltando pra casa e tava um amigo meu junto comigo, que casualmente ele trabalhava na TV. Quando eu tava voltando, alguém, era um bar que tava aberto e começaram a gritar né, “ai cara, ta na rua essa hora, ou é macho que tá bebendo ou é</p>
--	--	--

		<p>viado”, e eu não aceitei isso, eu posso não ser ne, um macho que tá bebendo nem um viado, eu posso ta na rua. Casualmente eu era um gay sim, que estava na rua, mas isso não dá o direito de ninguém tá gritando e tá me rebaixando, qualquer outra coisa. É lógico que eu não posso entrar num bar onde tem um monte de macho lá, para me defender, que com certeza eu sei que eu vou apanhar ou eu sei que o soco me leva longe, mas eu não fiquei quieto não, eu não aceito calado, não sei que esse tipo de situação. Com certeza eu também gritei, não entrei no bar, com certeza não fiz isso, até mesmo porque eu precisava de espaço pra correr se necessário, mas eu não aceito.”</p> <p>HCGBr57:23 – “Agora eu vou te contar uma outra, esse é bem triste, aconteceu comigo e com namorado que eu tinha na ocasião. Nós estávamos voltando de uma boate, isso era umas 4:30 da manhã em Porto Alegre, no bairro [informação ocultada – nome de bairro de Porto Alegre] onde eu morava, e nós estávamos voltando, e um grupo de gurizada que estava em uma praça, que tinha uma praça próxima, veio todos pro nosso lado e eu já pensei “pronto, estamos sendo assaltados!”, né. E assim, ou se drogados ou não, um deles tinha um canivete cortou o cabelo do meu parceiro, que tinha um cabelo mais comprido, cortou o cabelo dele com um canivete, e dizia “esses viados, esses putos”, e assim, aquilo foi assustador.”</p> <p>HCGBr57:24 – “Assim como num outro momento também, voltando de uma boate com mais pessoas, nós estávamos numa turminha assim, eu acho que nós estávamos em cinco, mais ou menos, a polícia também nos atacou, até que um dos policiais, me reconheceu, nós tínhamos trabalhado juntos num banco, e ele me reconheceu e pediu desculpa, me deu um abraço, pediu desculpa, chamou o pessoal deles, e foi embora. Não tinha nenhum delinquente, não tinha ninguém,</p> <p>HCGBr57:26 – “Então assim, não era a questão, estávamos todos bem vestidos, estávamos todos voltando alegres e tudo mais, e a polícia teve essa ação, só polícia, então assim, se eu não tivesse sido reconhecido estávamos todos lá, sendo agredidos, como isso acontecia com muita frequência.”</p> <p>HCGBr57:33 – “Se tu anda na rua com a mão dada, de alguns anos atrás, se tu andasse na rua com a mão dada com alguém,</p>
--	--	--

		<p>tu era apedrejado e mesmo assim a sociedade dizia que tava certo, tinha que se apedrejado. Hoje já é diferente [...]”</p> <p>HCGBr57:34 - “[...] aqui mesmo em Chapecó sendo uma cidade pequena, é muito comum tu ver uma cena de carinho na rua, tu vê pessoas andarem de mão dada, aquele beijo carinhoso.”</p> <p>HCGBr57:36 - “Eu não vejo problema algum se necessário for, eu tenho gestos de carinho com meu namorado na rua, da gente se tocar e tudo mais, e de trocar de comida, “ah, a minha comida tá boa”, e assim, se eu se tô no restaurante, se eu tô na rua, eu não tenho esse problema, eu faço isso.”</p> <p>HCGBr57:37 - “Mas eu faço isso e eu já fico meio preocupado com como tá reagindo quem tá vendo isso, então eu trago isso, porque hoje eu tenho 57 anos de idade, então eu sei como era, eu sei, fiquei sabendo de muitos casos, de muitos, nossa, era muito frequente das pessoas serem agredidas por simplesmente um gesto de carinho [...]”</p> <p>MCBPd25:RM12 - “Medo, insegurança, desconfiança”</p> <p>NBLBr25:RM2 - “Muito insegura”</p>
	Raça na rua	<p>NBLPt24:17 - “Espaços que eu frequentei e frequento, geralmente assim, em determinados espaços têm conflitos né, principalmente no rolê. Ontem mesmo eu sai comprar uma cerveja, que eu tenho o costume de sair comprar uma cerveja e voltar pra casa, e na rua mesmo tava tendo repressão policial, na frente de uma boate LGBT, muitas pessoas ali apanhando gratuitamente, isso foi um negócio que me incomodou na hora. Não foi comigo, mas foi com pessoas iguais a mim, pessoas com o mesmo tom de pele, pessoas pretas [...]”</p> <p>HCGPt29:47 - “[...] e começo a procurar muito mais rolê na rua do que uma festa.”</p>
	Renda na rua	<p>NBLPt24:18 - “[...] pessoas que você percebe que não estão frequentando os bares do centro da cidade, são pessoas que não tem tanto dinheiro e que tão ali pela diversão também né, então a polícia reprime lá, na rua mesmo, quem tá na rua é reprimido.</p>

		<p>E quem tá na rua é que não tem dinheiro pra frequentar espaços que tem um custo.”</p> <p>NBLPt24:19 - “Eu por exemplo não tenho dinheiro, eu ganho 1200 reais, então dificilmente eu vô tá inserida em um ambiente em que a polícia não vai estar. Se eu tô onde a polícia tá é porque é onde eu posso ir. Já sofri repressão policial assim.”</p>
	Idade na rua	MCBPd25:RM13 - “Idade também relacionada ao gênero, por conta do assédio.”
	Gênero na praça	<p>MCBPd25:28 - “A minha postura, a não ser que eu não sinta segura da situação, porque eu contei que já fui assediada no centro, na praça, voltei e xinguei o cara, mas a sensação assim, é que se não tivesse em um lugar assim que todo mundo tivesse vendo alí de dia, ele teria me estuprado assim, do ódio que ele me olhou quando eu falei com ele.”</p> <p>NBLPt24:48 - “Em relação as praças eu tento não, eu não tenho muito contato com outras pessoas, eu fico distante assim sabe, eu fico no meu círculo, e por tá no meu círculo de amizades, eu me distancio do resto, não fico cuidando como os outros me veem, mas geralmente gera um estranhamento ficam meio “e essa galera ai?”.”</p>
	Sexualidade na praça	MTHPd45:42 - “Mas aí eu via que com ele [ex-companheiro] tinha alguma coisa errada, porque ele tinha mulher em casa, mas não passeia na rua de mão dada, sabe. Até que chegou um dia que na praça, na época tinha a loja “Maica”, perto da catedral, e aquela loja ficou muitos anos ali, e daí por causalidade, não foi combinado, ele tava subindo a praça, e eu tava na travessa com essa loja, a travessa ali da praça, pra virar na avenida, e ele tava subindo, e a gente se chocou bem na esquina. Aí eu falei e agora, qual e a reação a tomar, na praça, pega na mão e beija no rosto ou na boca logo. Cara foi a pior experiência da minha vida pra ser bem sincera sabe, porque daí ele ficou sem ação sabe, porque ele queria me abraçar, me agarrar ali e me dar um beijo na boca, e até então os valores familiares falavam mais alto. E também o medo que algum amigo ou parente visse ali e taxasse ele de homossexual ou de gay e tal. Então foi uma coisa muito desagradável pros dois.

		<p>Mas aí quando a gente chegou em casa, foi pra casa, a gente sentou e conversou e ele falou “eu não tô preparado”.”</p> <p>HCGPt29:56 - “Tinha o [informação ocultada - nome de evento de exposição comercial popular em praças] que era um lugar que eu me sentia confortável assim em Chapecó.”</p> <p>HCIPt28:34 - “Praças públicas pelo que eu sinto, pra mim não tem nenhum problema, a não ser o assédio que ocorre às vezes, porque tipo assim, eu sou muito a favor da comunidade LGBT, mas eu acho que alguns aspectos deveriam ser melhorados.”</p> <p>HCIPt28:35 - “A gente precisa melhorar primeiro pra depois exigir mais coisas. Já fui na praça aqui em Chapecó e às vezes acabou ocorrendo da pessoa chegar e me assediar, mesmo, cara a cara, um me ofereceu dinheiro já, então eu acho isso desnecessário.”</p> <p>HCIPt28:38 - “Não tive nenhum problema em relação aos espaços públicos até o momento. Na praça, o assédio foi de um homem, inclusive uma pessoa já com um pouco mais de idade, na casa dos seus 45, 50 e tantos anos. Não sei ele de fato, se fazia parte da comunidade, pela forma que ele chegou e se apresentou, ele veio com assunto, depois que ele chegou e tocou nesse assunto, então pode ser que não faça parte da comunidade LGBT, pode ser até um cara casado inclusive, pela fisionomia dele, pela forma que ele se apresentou.”</p> <p>HCIPt28:40 - “Quando o cara me ofereceu dinheiro, ele chegou, a princípio ele me pediu informação, de onde era, onde ficava tal rua, falei para ele, daí quando eu ia retornar ele falou “ah tu não quer ir ali comigo?”, aí eu falei “ir ali contigo o que cara, eu nem te conheço!”, daí ele falou “ah não, é que eu tô precisando de um negócio ali”, e daí ele chegou e falou bem na cara dura que “ah eu te pago se tu for ali comigo e deixar só eu te chupar”, aí eu falei “não cara, não, não vai rolar, primeiro porque eu não gosto desse tipo de coisa, se eu tiver de ficar com alguém eu vou ficar por livre e espontânea vontade e não por pagamento, em nenhum momento, e me respeite, porque se tu continuar eu vou chamar a polícia”, aí ele se afastou.”</p> <p>HCIPt28:56 - “Comigo não tô correndo, mas eu acredito que no centro da cidade não seja um problema, tanto a praça [...]”</p>
--	--	--

	Raça na praça	TRHPt24:44 - “Tive um caso bem específico que foi quando eu viajei pra Saudades, de onde não tenho saudade nenhuma, porque lá eu fui submetida a dormir na praça porque o único hotel que tem na cidade não quis me receber, e aí aparece o segurança da cidade com polícia e revistaram as minhas coisas me deram uma dura e tudo mais, e a gente dá a sorte de ser uma preta um pouquinho burguesa e um pouquinho nojentinha sabe, e as pessoas vem esperando uma coisa e você fala “não esse é o documento da universidade pública, eu trabalho em dois empregos, aqui tá meu notebook e as minhas coisas, e você não deveriam mexer com preto nenhum mas mexeram com a preta errada” sabe.”
	Sexualidade no parque	TRHPt24:77 - “Agora se eu tô num parque e tem crianças e tem senhoras, e os hétero tão ali se beijando, eu sou hétero também, sou uma mulher também, ainda mais agora, quanto gay talvez tivesse até mais, mas não tinha não, mas pego na mão, dou selinho, dou beijo sabe, o que o outro vai pensar é problema do outro e ele não tem direito de intervir na minha vida.”
	Gênero no terminal de transporte público coletivo urbano	MCLBr23:7- “Aconteceu uma vez de eu tá no terminal do ônibus aqui em Chapecó, tava eu e um grupinho de amigos né, a gente tinha voltado do estágio, a gente tava esperando um ônibus pra ir pra [informação ocultada - nome da universidade], e ai não sei se tu sabe mas sempre tem uma senhorinha que fica distribuindo panfletinho de igreja, sei lá se ela é evangélica ou o que, mas ela tava ali, é, e daí ela chegou no meu grupinho e ela distribuiu o panfletinho para todo mundo e eu era, a pessoa que, assim, no grupinho todo mundo era LGBT mas claramente eu era a pessoa que dava para ser diferenciada né pela minha aparência, ou meus outros amigos todos dava para passar como hétero sabe. E aí ela parou no nosso grupinho, ela distribui o panfleto para todo mundo, e aí ela virou pra mim e começou a fazer o discursinho dela de religião né, que eu ainda poderia ser salva e esse tipo de coisa. Foi assim a situação mais, acho que a mais violenta dá para dizer assim que eu já passei sabe, mas é uma coisa que a gente já meio que tá acostumado sabe, então

			<p>ainda bem nunca aconteceu nada mais sério comigo, ninguém nunca me fez nada mais sério do que isso. Foi desconfortável, mas a gente já tá acostumado.”</p>
		<p>Gênero em banheiro público</p>	<p>TRHPt24:67 - “Em banheiro público, é muito tranquilo assim nesses espaços, inclusive desde a época que eu era não <i>binarie</i> eu já ia em banheiro feminino e tô nem aí, “gata quero que você venha e diga que eu não posso usar esse banheiro, quero que você venha e prove que eu não sou mulher”, eu vou arrumar um barraco sabe, e nunca foi um problema, eu sempre entrei, as vezes reparo um estranhamento as vezes reparo não estranhamento.”</p> <p>TRHPt24:68 - “Teve um caso muito engraçado que eu tava na França em um shoppingzinho desses de beira de estrada, e tinha várias coisas tipo starbucks e tava tudo lotado cheio de viajante, e eu falei pro meu pai “eu vou no banheiro com a [informação ocultada - nome feminino]” aí o meu pai “tá bom”, e foi junto com a gente, e falei “tá tô indo”, e ele me chamava pelo nome de nascimento ainda, aí ele me gritou “[informação ocultada - nome de registro de nascimento da entrevistada]!” e eu já entrei o banheiro feminino, fui lá com a [informação ocultada - nome feminino], fiz o meu bom xixi, saí, e quando eu saí o meu pai só me disse assim “a gata ta corajosa né”, e eu digo assim “não tô nem aí”, ia discutir em outro idioma e a pessoa nem ia me entender, mas eu vou dizer “gata eu vou usar o banheiro que eu quiser”.”</p> <p>NBLBr25:43 - “Atualmente eu vejo as questões dos banheiros né, vou mencionar coisas que, que é muito latente assim, que é muito fácil de acontecer, porque como eu falei, você saiu dos teus espaços de segurança, pode, podem acontecer N (<i>ene</i>) situações. Eu percebi, acompanho né, isso nas redes sociais, nas mídias, de pessoas transexuais que não são permitidas a ocuparem banheiros porque “ah a mulher trans é um homem entre mulheres”, eu acho isso um absurdo, não é um homem, não é, a pessoa nunca se identificou como um homem, como ela é um homem.”</p> <p>NBLBr25:44 “Também isso que me incomoda em relação a, vamos dizer que eu faça a transição, porque eu nasci mulher, eu por 26 anos, digamos que começasse agora, eu fui uma mulher, então eu não posso negar a minha sensibilidade de ser</p>

		<p>mulher, tá ocupando o banheiro masculino, eu tenho medo sim, eu tenho muito medo dos tipos de violências que eu posso vir a sofrer, entendeu.”</p> <p>NBLBr25:47 - “Então não tenho problema porque o banheiro dos professores é um banheiro só, então [...]”</p> <p>NBLBr25:49 - “Em relação ao uso do banheiro, não tenho problema de usar, o feminino, mas assim é uma coisa que me preocupa muito enquanto pessoa não binária, mas enquanto pessoa também que pode virar transicionar. O banheiro para mim é a coisa mais preocupante que tem por essas questões.”</p> <p>NBLBr25:50 - “Interessante que eu fiz o ENADE né, fiz a prova do ENADE recentemente e eu precisei no banheiro durante a prova, alguém, a pessoa que me acompanhou até o banheiro me perguntou super educadamente, foi super, até gostei muito da equipe que tava ali, a pessoa que ficou na sala, era um homem até super gentil. Do começo ao final sempre me atendeu assim, com muito respeito, e eu gosto de salientar isso porque não é sempre assim né. Mesmo que fosse uma mulher cisgênero, não é, a questão é que a pessoa foi respeitosa. Mas enfim, quando eu fui no banheiro a pessoa que me acompanhou me perguntou “banheiro feminino ou masculino?”, eu achei muito legal essa pergunta, até quando eu respondi, ela pediu desculpa pela pergunta, só que eu não acho que ela precisasse, porque eu acho que foi a atitude mais correta, pensando democraticamente né, respeitando as pessoas.”</p> <p>NBLBr25:51 - “Então acho que isso do se eu me incomodo nos lugares sim, eu tenho medo, tenho medo de às vezes vou no shopping, vou ocupar um banheiro feminino e sabe, as pessoas ficarem me olhando torto. Eu sei que, tenho certeza que elas olham, eu não olho para elas, eu ignoro.”</p> <p>NBLBr25:52 - “Mas eu tenho medo no banheiro, é uma coisa que eu mais tenho medo mesmo.”</p>
	Sexualidade em banheiro	<p>HCIPt28:39 - “Acredito que esse seria um pouco dos problemas que ainda existem de Chapecó. Tu não pode frequentar um banheiro público, inclusive eu não frequento banheiro público em Chapecó, não vou no banheiro da praça, posso ta me</p>

		<p>mijando ou me cagando mas não vou, porque eu já ouvi relato de alguns amigos meus entraram e já foram assediados nesse ambiente, então eu não vou.”</p> <p>HCIPt28:46 - “A primeira foi no ano que eu me mudei pra cá, que eu fui numa festa do [informação ocultada - nome de boate LGBT em Chapecó] e fui no banheiro, entrei no banheiro e o mictório tava os dois ocupados, tinha um banheiro livre e eu entrei, e quando eu entrei invadiu um cara e disse “ah deixa eu ver”. E aí já fiquei incomodado, eu já quis ir pra cima do cara, empurrei ele, tirei ele pra fora do banheiro e ia dar um soco nele mas aí chegou gente na hora e eu disse “não é educação cara, não faz isso não cara, se quisesse alguma coisa comigo, que viesse falar comigo quando eu não tivesse no meu momento de intimidade, e fala “ah, eu quero ficar com você, você quer ou não?”, mas não invadir o espaço das outras pessoas.”</p> <p>HCIPt28:47 - “E outro momento foi agora no Halloween, na última festa que eu fui no [informação ocultada - nome de boate LGBT em Chapecó], desde o início da pandemia foi a primeira que eu fui. Fui no mictório e tinha dois rapazes lá, um inclusive eu já conversei com ele em algum momento no aplicativo, e eu tava mijando e ele falou pro colega e ele falou “ah deixa eu pegar” e já veio querendo pegar nas minhas partes íntimas, daí eu falei “cara, não porque a gente tá num ambiente LGBT, não é porque a gente tá dentro do banheiro que você vai ter direito de chegar e pegar nas minhas partes íntimas. Você só pode fazer r isso a partir do momento que eu te der liberdade para fazer isso, se eu não te der nenhum tipo de liberdade você não vai tá me assediando, e não é legal, você não ia gostar que eu fosse fazer isso com você”, ele não gostou e eu só sai. Tava num dia que eu queria me divertir e deixei quieto, mas eu não gosto desse tipo de atitude.”</p>
Espaços Educativos	Curso pré-vestibular	<p>Gênero no curso pré-vestibular</p> <p>MTHPd45:15 - “Eu estudei aqui em Chapecó, fiz meu pré-vestibular aqui em Chapecó, tudo bem né que eu divergia das professoras com algumas professoras, quando vinha com alguma estatística, principalmente estatística dentro daquilo que eu vivencio. O que a gente mais tem hoje é gente formada que não faz parte da comunidade e vem com estatística infundada, né. Isso aí eu sempre batia de frente com elas, não sido expulsa, mas de ir para a secretaria, tipo “vai dar uma palavrinha com a diretora”. Tem bastante né, aqui tem muito, vamos dizer assim, pessoas que tem estatística infundada. Uma</p>

		<p>formanda em psicologia foi dar uma palestra pra nós cujo o tema era falar de precocidade na adolescência e gravidez na adolescência, aí era de chorar. Eu falei pra ela na cara dela “oh pessoa”, assim, eu nem tinha noção, eu tinha noção daquilo que eu vivenciava, mas questões assim exatas pra falar como eu tenho hoje, eu não tinha. Eu falei “oh pessoa, quando você tiver estatísticas e dados comprovados, dentro daquilo que eu conheço, que não é isso que você está me mostrando, por favor você me mostra, até lá eu vou me retirar da sala por educação e vou deixar você passar essas coisas erradas e esses dados infundados pra quem quiser escutar, tá, porque eu não vou ouvir isso, tá!”, aí ela falou “quem que você pensa que é?”, aí eu falei “eu não tô pensando nada, é você que tá pensando que tem adolescente aqui filha, na sala de aula, tenho 30 anos nas costas, 30 anos no lombo” falei pra ela, daí ela, daí eu falei “sim, sou uma mulher trans filha, você quer falar de uma coisa que não te diz respeito em sala de aula, sabe que aqui tem homofóbico e aqui tem filhinho de papai?”, sim porque eu fazia particular e só tinha filhinho de papai e filhinho de vereador que desviava verba, que depois eu descobri que era garota (risos). [...] Aí eu falei pra psicóloga “oh pessoa, você só tá reforçando o preconceito em sala de aula, e a homofobia de alguns que você já está, só tá dando voz a pseudos aqui dentro que acham que ali na esquina vão poder me bater”.</p> <p>MTHPd45:16 - “Aí eu já ouvi de lá de traz, “ah, um macho que é macho tem que honrar o que tem no meio das pernas”, aí eu falei pra ele, “um macho em cima de outro macho continua macho, não muda nada, e aí”, pronto, fui a piada da sala, acabou. Mas Eduardo foram pouquíssimas vezes que eu vivi coisas desagradáveis de pessoas de fora que não conhece e não vivencia e querem soltar aquele leque de coisa e querem que a gente aceite como se fosse real, sendo que a gente sabe que não é.”</p>
Universidade	Gênero na universidade	<p>HCGPd29:09 - “Vivenciar diretamente não. Não vivenciei diretamente, a não ser situações que ocorreram comigo mesmo ali, mas vivenciar de forma direta, é, aqui ainda, ainda não, mas, é, vivenciei no sentido de que não estava ainda em determinado espaço quando estava acontecendo, mas foi algo que aconteceu, foi chamada atenção, então me aproximei logo depois né, então nesse, nesse sentido sim né, questão de xenofobia, a questão de transfobia né, principalmente no momento que nós fizemos</p>

		<p>aqui um [informação ocultada - nome de movimento social estudantil em Chapecó], que teve né, na universidade, então, ali foram, tiveram alguns momentos também, então onde uma colega nossa né, uma colega nossa trans, passou por uma situação ali, por uma outra mulher né, que teve algumas falas preconceituosas e discriminatórias com ela ali, não respeitando o espaço e ela né, em si e tudo mais, mas algo que eu estivesse ali no ato, aconteceu e foi necessário intervir, ou fazer algo, não diretamente nesse sentido.”</p> <p>MCLBr23:20 - “Às vezes acontece de colegas meus de trabalho ficarem meio desconfortáveis né, os professores as vezes ficam meio desconfortáveis, acho que aconteceu uma vez de um professor que é psiquiatra que pessoas trans são um desvio de sexualidade. Mas ele nunca chegou a falar nada pra mim, até pelo fato de eu ser lésbica. Mas quando eu tava na enfermagem sim, as vezes eu sentia que os pacientes ficavam meio desconfortáveis por eu ser uma mulher que não é bem feminina né, mas assim, eu acho que agora eles me respeitam mais, pela questão de eu estar na medicina.”</p> <p>MCLBr23:23 - “[...] tem alguns LGBT, mas são poucos, tem um guri que é viado e ele é afeminado, mas ele disfarça bem e você as vezes não percebe.”</p> <p>MTHPd45:3 - “[...] porque eu conheci muita gente da área acadêmica né, na época, pessoal de jornalismo, pessoal da área da enfermagem, e até então, isso eu digo há 18, 20 anos atrás, algum LGBT se dispôr de aceitar um bate papo em uma universidade pra falar sobre orientação, sexualidade e tudo mais, gênero, ninguém ia, assim como hoje é difícil conseguir alguns debates nessa área né. Então, e há 18, 20 anos atrás era pior ainda, eu não sei se eu sou pioneira nisso, né, mas eu, digamos que foi aí o começo, não só da minha parte, mas também de outros LGBT, da inserção de um número maior de LGBT nas universidades. Nos últimos 20 anos foi um bum, isso claro também se dá pelas questões ligadas a políticas de esquerda, as progressistas, então, tirando esse governo (risos), nós tivemos 16 anos de pura inserção de LGBT e minorias no ensino superior né, nas universidades, fazendo né, os acadêmicos nos seus mestrados e doutorados, coisa que nós nunca vimos historicamente uma quantidade absurda né,</p>
--	--	---

		<p>entrando em uma universidade como foi nesses 16 anos de gestão progressista.”</p> <p>MTHPd45:5 – “Voltando a questão acadêmica né, eu passei de uma mulher trans que participava de debates, então nós tivemos também muitos outros LGBT dando suas contribuições, mas como aluno, aluna e não só como entrevistado.”</p> <p>MTHPd45:39 - “Eu participei da [informação ocultada - nome de evento universitário de moda], a [informação ocultada - nome de universidade privada em Chapecó] me chamou pra desfilhar, um dos alunos de moda me chamou pra desfilhar pra eles. Falei “ah meu deus do céu, jesus, maria, josé, tô fodida agora, mas vou”, e fui. só sei que teve uma muvuca lá por alguma coisa relacionada a preconceito, só que eu não entendi direito o que era, aí eu falei assim pra professora “prof., não dá pra entender, são tantas universidades, são tantos acadêmicos, e esse povo vem pra universidade pra fazer o que, pra se tornar mais homofóbico do que já era? Até parece que homofobia se aprende na faculdade”, aí ela falou assim “[informação ocultada - nome da entrevistada], bom se fosse, bom se nós tivéssemos essa autonomia de impor ou não impor, mas a faculdade está para transformar, no que, aí cabe ao aluno”. Foi a resposta que ela me deu, então tá né, a gente fica aqui com o meu desfile (risos). Foi um evento muito lindo, mas realmente, o ensino tem a capacidade de transformar o ser humano em qualquer coisa né, coisa boa ou coisa ruim.”</p> <p>MCBPD25:16 - “Na universidade também aconteceu, não comigo porque eu já sou bem mais dura em relação a isso assim, [...] mas na universidade acontecia, não diretamente comigo, mas me intrometi e tive que dar nos dedos dos professor, porque tinha um cara no [informação ocultada - nome de programa universitário de ensino] que estava assediando todas as minas do curso, tinha mina que nem ia mais pra universidade por crise de ansiedade e pânico, e não tiravam ele do [informação ocultada - nome de programa universitário de ensino] sabe.”</p> <p>MCBPD25:27 - “[...] Teve essa situação da universidade, que tinha um cara que tava no [informação ocultada - nome de programa universitário de ensino], e assim, a professora tava monitorando ele, levando ele junto pra que ele não fizesse nada</p>
--	--	---

		<p>com as alunas da escola e tals, e o prof. do [informação ocultada - nome de programa universitário de ensino] tava assim, “ahhh coitado, ele tem problemas psicológicos”, enquanto isso centenas de mulheres praticamente deprimidas, causando problemas pra mulheres, causando problema pra todo mundo. Aí foi feita uma reunião com, sei lá, com umas 20 ou 30 meninas, que tavam bem desconfortáveis com essa situação. E eu tinha acabado de voltar, não tinha acontecido nada comigo, e eu fui lá só pra dar nos dedos do professor, e dei nos dedos do professor, eu falei “cara, machismo é um problema social, você acha que não tem responsabilidade nisso, mas tem”. Aí deu uma mudada de postura, tirou o guri do [informação ocultada - nome de programa universitário de ensino], e várias outras meninas falaram, mas enfim foi resolvida a situação.”</p> <p>MCBPd25:29 - “Teve uma situação que eu acho bem engraçada inclusive, não sei se alguém percebe que, se o cara percebeu, mas eu participei do processo eleitoral da [informação ocultada - nome de órgão governamental], e aí tinha um professor assim, que eu tava junto com ele aqui da chapa que eu tava apoiando, e assim, geralmente o homem é muito acostumado a ser o centro, não tá preocupado se existem outras questões, e a minha postura é tirar isso assim na marra, mas não assim vou fazer um escândalo, vou agir naturalmente como se ele não fosse o centro do universo e ver como ele reage, e é sempre muito engraçado. Eu tava na universidade, tinha várias pessoas falando com uma amiga, com uma colega de curso, tava com ele assim nessa coisa da campanha, aí ele veio falar comigo, e eu falei “da licença eu tô conversando aqui”, e ele ficou esperando, eu não vou me apurar, eu vou conversar e ele que espere, não interessa se ele é professor, ele não é o centro do universo e não vai me interromper, então esse é o tipo de postura que eu tenho.”</p> <p>NBLBr25:3 - “Então ali, quando comecei com essa bissexualidade né, que eu já tava entendendo que aquela cultura que eu vinha produzindo não tava mais me dizendo muitas coisas, assim como a universidade também vinha me oportunizando repensar alguns conceitos. Então, comecei a frequentar também o [informação ocultada - nome de grupo de estudos acadêmicos sobre gênero]. Então foram esses dois movimentos, conviver com as pessoas, que nem eram da universidade, eram do meu trabalho, e o grupo de estudos, e isso em mim foi causando muito, assim, essa realidade que eu</p>
--	--	---

			<p>vinha produzindo não tava mais me identificando com uma existência.”</p> <p>NBLBr25:17 - “Quanto aos olhares de outras pessoas, por exemplo na universidade, eu posso dizer que que foi tranquilo. O grupo de professores assim, claro que o meu corte definitivo no corpo ele foi em dois mil e dezenove né, o ano da pandemia, mas eu me lembro que eu tive um encontro, na universidade quando, quando eu apareci assim com essa mudança né, tão repentina, eu tive um comentário de uma professora minha que me disse “olha só, agora você ta sendo um gurizinho!”. Aquilo meio que me causou um espanto né, eu fiquei assim “o que ela tá me dizendo?”, né. Só que eu acho que até depois ela entendeu que foi um comentário que talvez não ficou assim, muito, que poderia não pegar bem dado a nossa relação de cultura né. Aí foi assim uma situação aleatória que posteriormente a gente convive super bem, bem, foi mesmo uma observação da parte dela.”</p> <p>NBLBr25:18 - “Em relação aos meus colegas, eu me senti acolhida, não percebi assim que tivesse algum tipo de preconceito pelo menos.”</p> <p>MCBPd25:RM1 - “Sofri muita violência de gênero, o que me levou ao risco de suicídio.”</p>
		Sexualidade na universidade	<p>HCGPd29:06 - “Na universidade né, as pessoas que eu acabo convivendo né, são pessoas que, são pessoas, são pessoas que, que tem de certa forma um laço né, uma relação com a gente, não seria essa palavra, que tem algo parecido com a gente né, vamos dizer assim.”</p> <p>HCGPd29:24 - “Lá me sinto bem confortável. É um espaço que de certa forma tem acolhido né, nossas diferenças, e tem nos deixado mais confortável. Então, lá, e junto com as pessoas que tem lá, mas independente também se tendo ou não tendo né, muita gente, ou não tendo, eu sei que se eu chegar lá eu vou poder, de certa forma, ficar mais tranquilo, mais à vontade né.”</p> <p>MCLBr23:8 - “Às vezes eu acho tranquilo e as vezes não. Eu percebo que tem alguns estudantes, homens, héteros né, ou que</p>

		<p>pelo menos que se identificam como héteros, normalmente caras da Agronomia que dá pra perceber que eles ficam sexualizando os casais lésbicos e ficam olhando torto pros homens gays da universidade. Mas lá eu acho que era o lugar que eu me sentia mais confortável, sabe. Até porque tem, eu acho que tem bastante LGBT lá né, na enfermagem também tinha bastante, então era, acho que era o lugar mais confortável aqui de Chapecó, pelo que eu sentia.”</p> <p>MCLBr23:24 - “E de lésbica eu acho que tem eu e essa minha colega só, mas a gente nunca foi tratada diferente por isso.”</p> <p>MCBPd25:54 - “Na universidade é um lugar que eu me sinto confortável assim”</p> <p>NBLPt24:14 - “Lá na [informação ocultada - nome de universidade privada de Chapecó], gênero e sexualidade era tranquilo assim, nunca tive um grande conflito né, foi de boas, até porque eu não me misturava com quem não é dos nossos né, eu ia com a galera viadona mesmo e aí já dá uma amenizada né.”</p> <p>NBLBr25:19 - “Até teve outra professora que me, que me disse assim, eu já tava né só uma moda cabelo tudo, ela me disse “aí você namora?”, eu falei, deixa eu ver, na época eu não sei se eu estava namorando, mas aí ela falou assim “menino ou menina?”, aí eu nem tive tempo de responder ela falou “não me importa”, e a gente continuou a conversa. Foi uma coisa que marcou muito porque eu achei incrível a fala dessa pessoa, porque para ela não importava como eu estava me sentindo, se eu era uma pessoa LGBT ou não, e tava tudo bem, como eu me sentisse confortável para ocupar espaços.”</p> <p>HCIPt28:31 - “Na universidade é bem tranquilo. Frequentei também o [informação ocultada - nome de instituição particular de ensino profissionalizante], frequentei a [informação ocultada - nome de universidade pública em Chapecó], não tive nenhum problema nos dois ambientes, com pessoas não ligadas ao ambiente em si, mas pessoas que também frequentavam aquele espaço.”</p> <p>HCIPt28:33 - “Na [informação ocultada - nome de universidade pública em Chapecó] nunca tive problema</p>
--	--	--

		<p>relacionado a isso, até mesmo porque eu acredito que hoje o grande diferencial entre as universidades públicas e as universidades privadas, é que é um ambiente mais seguro para comunidade LGBT. Hoje em dia eu vejo que esse ambiente é muito mais seguro para quem faz parte dessas comunidades, negra inclusive, do que a universidade privada.”</p> <p>HCGBr57:52 – “Eu sinto, não vejo, não vejo isso tão hoje, não vejo mais essa restrição. Houve um tempo que sim, e que isso é só o fato por exemplo, de um gay tá numa sala de aula ele era muito hostilizado, e óbvio que ele ia sair fora, então assim, era muito difícil, um gay se formar, ter um gay juiz, ter um gay médico, entendeu, era difícil, e hoje, isso é muito, acontece com muita frequência.”</p>
	Renda na universidade	<p>HCGBr57:53 - “Então assim, tem uma questão que é a questão do dinheiro, então assim, se a pessoa tem dinheiro ela faz e estuda, se ela não tem ela não faz.”</p>
	Curso profissionalizante	<p>Naturalidade no curso profissionalizante</p> <p>HCIPt28:32 - “Tive um certo desconforto uma vez no [informação ocultada - nome de instituição particular de ensino profissionalizante], que fizeram uma piada sobre nordestinos. Já chamei imediatamente a diretoria, comuniquei, falei que se voltasse a ocorrer ia processar tanto a pessoa quanto a instituição, e nunca voltou a ocorrer.”</p>
Escola de Educação Básica	Gênero na escola	<p>MTHPd45:40 - “Eu fui professora, por um dia no [informação ocultada - nome de escola pública de ensino médio], cara, falar de sexualidade pra alunos adolescentes né, e eles eram obrigados porque contava nota pra eles, aí eu falei “gente por onde eu começo”, mas tinha uma pessoa lá me orientando, aí eu falei pros alunos, os macho ficam tudo lá atrás né, são os último, adoro. Ai eu falei “vocês aí de trás, vem pra frente, eu quero vocês na primeira fila” , pronto, foi pedir pra cutucar o cão com a vara curta, uns falaram “não vou”, ai eu perguntei se queria ficar sem nota, e disse “eu garanto que você vai adorar a aula, só senta aqui na frente, tô te pedindo com educação, te peço 5 minutos pra ouvir o que eu vou falar e se você não gostar você pode ir embora, porque falar de sexo sempre é bom e te garanto que você vai amar”. Acho que foi uma das melhores experiencias que eu já tive, eu mostrei pra eles as coisas da</p>

		<p>diversidade, do que é o que, de que, de quem, como que é, como que não é, a questão do respeito, a questão do tratamento, enfim, eu falei “eu sei que aqui a gente tá conversando com toda essa troca de diálogo legal, eu sei que aqui é uma coisa, agora eu sei que se vocês forem levar isso pra casa, para os pais, eles não vão gostar, eu sei que não vão, ainda mais, com o filho deles tendo uma aula com uma trans, porque vocês são os filhos macho”. As bicha tava em peso tudo na frente. Eu falei assim “eu, se eu fosse um de vocês eu não contaria o que eu contei aqui hoje, o que eu ensinei aqui hoje, e outra, isso é uma particularidade de vocês. Os pais de vocês olham no caderno de vocês/? Não, então pra que contar. Só estuda, só se divirta, e olha isso é coisa séria, vocês tem 15, 16, 17 anos, mas vocês vão chegar até os 30, 40, 50 anos, e até lá vocês vão passar por tudo isso que eu tô falando agora, mas é bom que que lá na frente vocês não tenham o problema da questão do tratamento, de tratar as pessoas sem respeito, e tratem as pessoas como querem e devem ser tratadas, porque é só e não custa, não vai te fazer mais macho nem menos macho tratar bem as pessoas, como você trata bem seu pai, sua mãe, seu pai, suas tias, a professora, se tratar bem muda alguma coisa? Não, então é a mesma coisa que tratar uma pessoa que vocês acham que é diferente, mas não é porra nenhuma”.</p> <p>MCBBr18:3 - “Vivi sim, por causa do meu gênero, foi em um debate na escola, quando eu tava no meu ensino médio, eu senti que a minha opinião não foi tão bem aceita por eu ser mulher, meio que foi um descaso sabe, como se não importasse, e um menino falou literalmente a mesma coisa que eu e todo mundo aplaudiu sabe, eu me senti bem desconfortável.”</p> <p>MCBBr18:8 - “Em escola eu sempre fui meio traumatizada e relação a isso, justamente por causa da invalidação das coisas que eu falava.”</p> <p>MCBBr18:8 - “Em escola eu sempre fui meio traumatizada e relação a isso, justamente por causa da invalidação das coisas que eu falava.”</p> <p>NBLBr25:45 - “E o mais chocante, porque eu sempre na oportunidade de falar sobre isso eu evito falar, mas quando surge a oportunidade de falar eu falo “a gente tá numa escola” né, falando, se referindo “a gente tá numa escola, se a gente não</p>
--	--	--

			<p>puder problematizar as coisas aqui, aonde a gente vai poder?” [...]”</p> <p>NBLBr25:48 - “[...] mas não tem professor homem, nunca teve pelo que eu entendi, ali na educação infantil, naquele espaço.”</p> <p>HCGBr57:56 - “[...] ela não tem, assim, para começar ela é expulsa da aula ou se não foi expulsa ela acaba saindo por causa da pressão, por causa do preconceito, então assim, eu acho que não tem muito estudo, poucos conseguem suportar isso e seguir até o final”</p>
		Sexualidade na escola	<p>MCBBr18:4 - “Também teve um amigo meu na escola que tentaram ofender ele, falando, tentaram ofender ele por causa da sexualidade.”</p> <p>HCGPt29:14 - “As primeiras e as mais frequentes [violências] eram na época de escola, então desde muito pequeno, desde que eu entrei na escola, com 5 ou 6 anos, a gente ouvia comentários “ah, bichinha” e coisas assim pejorativas. Pejorativas assim, pra quem esteja xingando né, mas uma criança de 6 anos que mora no interior é algo que soa como pejorativo. E isso continuou até meus 10 ou 12 anos continuou, eu ouvia muito, de no sentido mais psicológico assim.”</p> <p>HCGPt29:15 - “Depois quando eu era maior na adolescência, também continuava com comentários, sempre de meninos, geralmente direcionados por meninos em relação a sexualidade, também, continuava os mesmos comentários.”</p> <p>HCGPt29:16 - “No ensino médio que ficou mais pesada a situação, teve um caso específico, que eu tinha um orientador de leitura que era gay, ele era uma figura estranha (sinal de aspas com as mãos na palavra estranha) na escola, ao que a gente estava acostumada no dia a dia, e era começo de ano, então a gente tava conhecendo os professores, e um garoto que estudava comigo a muito anos, ele escreveu na minha borracha né, [informação ocultada - nome do entrevistado], aí um coração e o nome do professor.”</p> <p>HCGPt29:17 - “Antes disso acontecer, mas assim na mesma semana que isso aconteceu né, a gente teve uma aula de sociologia e um professor novo, um professor hétero, enfim, totalmente padrão, totalmente diferente daquilo que a gente tá</p>

		<p>acostumado a ver em sociologia, e aí ele pediu pra gente quantos meninos e quantas meninas tinha na sala, e esse mesmo garoto mencionou o meu nome como se fosse uma menina, e aí gerou aquele constrangimento, risadinha na sala de aula [...]"</p> <p>HCGPt29:18 - “[...] e sei que naquela mesma semana aconteceu isso da borracha. Ai eu levantei peguei a borracha, levei na direção e falei “olha, eu não vou aceitar mais esse tipo de situação, eu estudo nessa escola a 10 anos e eu passo por isso em silêncio mas agora isso não dá mais”, inclusive foi esse o ano que eu me assumi né de fato.”</p> <p>HCGPt29:19 - “Aí gerou toda uma discussão da escola, o que eu achei muito legal, teve todo um debate, temas da redação do ENEM foram sobre isso. E a gente fica com muita vergonha, com medo do que as pessoas possam dizer, que isso possa piorar se você se colocar possa piorar a situação, mas aí quando eu vi que melhorou de fato eu passo a mudar a minha postura quanto a isso.”</p> <p>HCGPt29:20 - “Esse foi o último episódio assim que me marcou de homofobia.”</p> <p>HCGPt29:25 - “É isso, homofobia eu sofri muito na época de escola, mas ao momento que eu vou pra faculdade e estou Chapecó eu não me recordo de ter sofrido algo tão forte e incisivo que tenha me marcado como na época escola né.”</p> <p>HCGPt29:70 - “Olha vou te dizer que eu sempre joguei vôlei né, campeonato escolar e esse tipo de coisa, 10, 11 anos que é a idade que pode começar a competir, e era o único ambiente em que os meus colegas héteros me respeitavam, dentro da quadra.”</p> <p>HCGPt29:71 - “Digo dentro da quadra no sentido esportivo assim, porque tipo “ah vamos alojar em outra cidade”, por exemplo, era o único, não que eu me sentia incluído, muito diferente, porque alojar em outra cidade era uma dificuldade porque eu não ia no rolê com eles, não fazia o que eles faziam, não compartilhava das brincadeiras que eles brincavam. Mas nunca aconteceu coisas que aconteceram na escola, tipo, homofobia explicita, então o vôlei sempre foi um ambiente que eu me sentia seguro, sempre foi um ambiente que me</p>
--	--	---

			proporcionava uma interação maior com as pessoas, não que eu quisesse de fato interagir com as pessoas que faziam isso comigo, mas era um local de respeito [...]"
		Raça na escola	<p>HCGPt29:31 - “Por questões étnicas também muito na escola, eu lembro que de forma incisiva falaram “aí pretinho senta aqui”, isso aconteceu na primeira série, nunca me esqueço.”</p> <p>HCGPt29:32 - “Na segunda série fui recusado pro time de futebol porque eu era negro e os meninos não queriam que eu estivesse, mas o professor fez uma abordagem na hora, ele interveio na hora.”</p> <p>HCGPt29:33 - “Aqui em Iporã isso acontece muito de forma velada muito assim, comentários, por exemplo, eu tinha uma professora que insistia em dizer que gostaria de ter a minha cor porque não se queimava no sol. Na época de escola eu nem dava bola pra isso [...]"</p>
Espaços de Lazer	Boate	Gênero na boate	<p>MTHPd45:9 - “Nesse sentido desses 22 anos em Chapecó, no início eu não dava tanta importância né, porque eu não sabia se eu ia ficar aqui ou ia pra outro lugar, porque eu era muito cigana, porque eu fazia muito show de drag. Quando eu comecei a fazer show foi em festa hétero, porque drag queen aqui não tinha, e tinha muita festa rave aqui na época, muita, e um dos nomes da cena rave de Chapecó era o [informação ocultada - apelido de homem], [...] ele que dominava essa cena em Chapecó. Então, na época tinha o República, eu acho que você nem era nascido ainda, quantos anos você tem? [entrevistador: 25 anos]. Tu tinha três aninhos então (risos). Então daí tinha o República, que era um inferno aquilo, mas era gostoso. Aí depois fechou o República e veio o Rep, só mudou o nome e deram uma ampliada, aí começou, mas assim né, diziam que era tudo hétero, mas tu já sabe né (risos), a comunidade gritava lá dentro. Então foi ali que eu comecei a fazer show, fazia na Rep e fazia as festas eletrônicas para o [informação ocultada - apelido de homem], que era nas sedes e nas chácaras a fora. Também tinha nas sedes de cooperativa aqui da cidade. Foi aí que eu comecei a fazer o grupinho das primeiras drags da cidade né.”</p> <p>MTHPd45:11 - “Eu acho que era de quinta a domingo, tinha o “Arena”, tinha a Rep no caso, e não lembro o que mais tinha de</p>

		<p>boate na época, e todas pagavam ingresso feminino, e ninguém chegava com aquela grosseria sabe, “oh meu o que que macho vai pagar entrada de mulher, não sabe que tu é macho”, não! (Risos)”</p> <p>MCBPd25:7 - “Quase sempre existe algum tipo de conflito assim, se você vai pra balada você tem medo de ser encoxada. Talvez pra muitas pessoas uma balada cheia só é chata, pra uma mulher, assim, você tem que ficar se esquivando das pessoas e achar um canto em que você não precise encostar tanto nelas, porque é muito provável que vai acontecer alguma situação constrangedora.”</p> <p>MCBPd25:50 - “Mas em relação a gênero eu acho que tem acontece bastante assim, por exemplo, se eu vou sair pra um lugar, eu nunca vou ir numa balada sozinha, nunca, nunca, nunca, não sei eu não me sinto confortável.” MCBPd25:RM6 - Prefere boates em que não precise de preocupar com o assédio (boate/gênero) “Frequento somente baladas em que me sinto bem”</p> <p>MCBPd25:RM7 - “Frequento baladas cujo público é LGBT+”</p> <p>TRHPt24:63 - “Se eu vou numa boate que só tem gay padrão eu sei que não vão olhar pra mim, mas eu sempre me lembrando e tentando na maioria do tempo lembrar que o problema não tá em mim sabe.”</p>
	Sexualidade na boate	<p>HCGPd29:01 - “Tem ali algumas casas noturnas também, as boates ali também, que eram no início ali, também costumava frequentar né, geralmente. Não todas, não cheguei a conhecer todas, não consegui conhecer todas, mas fui na [informação ocultada - nome de danceteria eletrônica em Chapecó], fui na [informação ocultada - nome de danceteria sertaneja em Chapecó], e também [...] fui na [informação ocultada - nome de danceteria voltada ao público LGBT em Chapecó], que foi onde eu me senti, das que eu fui, a [informação ocultada - nome de danceteria voltada ao público LGBT em Chapecó] foi onde eu me senti mais confortável de certa forma né. Gostei bastante daquele espaço da [informação ocultada - nome de danceteria voltada ao público LGBT em Chapecó]. O [informação ocultada - nome de bar da região central de Chapecó] também proporciona isso. [...]”</p>

		<p>HCGBr28:16 - “Uma porque eu quase não saio assim, eu não frequento lugares, eu não gosto de ir em show, eu não gosto de ir em casa noturna, principalmente se forem casas consideradas heterossexuais, eu me sinto desconfortável as vezes no próprio [informação ocultada - nome de danceteria voltada ao público LGBT], não por violência no [informação ocultada - nome de danceteria voltada ao público LGBT], é mais uma questão de estímulo pra mim, eu fico muito perdido.”</p> <p>HCGBr28:24 - “Sim, festa, eu não gosto de festa hétero, então acho que isso em primeiro lugar. Na verdade, eu não tenho vontade, por motivo da música e das pessoas, sei lá, é diferente. Então as festas gay, eu acho melhor a questão da música, dançar e tal e não vai ficar ninguém te enchendo o saco, é diferente.”</p> <p>HCGPd29:20 - “Nas boates de certa forma é mais confortável né, nas boates eu consigo me sentir mais confortável porque eu também não vou sozinho, então, sei que se eu fosse sozinho por não conhecer ninguém, também ficaria um pouco ali inibido de certa forma. [...] Boate a preferência é público LGBT. Se eu sei que é uma balada hétero ou alguma coisa assim eu não vou, prefiro nem ir. Então, eu vejo ali o que que pode ter né, tipo assim, a vai ter um samba, eu sei que tem gay em samba, então eu vou num samba, entendeu. A tem um “pubzinho” de rock, de certa forma, aqui não fui, mas os pubs de rock de lá né, é só LGBT, então assim, é, ambientes né, bem frequentáveis lá, e outros lugares, mas também vai para essa questão da música né que a gente sabe também, a é um trem sertanejo, não vou, porque eu sei que já...”</p> <p>HCGPd29:33 - “Agora, se nós vamos para um lugar, até vamos colocar, privado né, uma boate ou um bar de certa forma, eu acho que a gente mesmo estando né, não estando em casa ou estando em um ambiente diferente a gente consegue ter certas demonstrações. Pode ser né, que elas não escancaradas e tudo mais, mas ainda consegue algumas sim. Mas não é todo lugar, não é todo espaço, não é numa calçada, não é na rua né, não é em qualquer bar, não é em qualquer boate de certa forma, no espaço que eu estiver parar e beijar né, um outro homem, não é bem-visto, você dá um beijo aqui e já vem alguém e te taca um troço dali.”</p>
--	--	---

		<p>MCLBr23:15 - “Eu não vou em balada hétero, ou se eu vou, por exemplo, acho que eu fui uma vez no [informação ocultada - nome de danceteria de música sertaneja em Chapecó] por causa que tinha uma festa da enfermagem lá, tinha um evento da saúde da [informação ocultada - nome de universidade], aí a enfermagem fez uma festa no [informação ocultada - nome de danceteria de música sertaneja em Chapecó] e eu fui. Mas aí eu me senti desconfortável porque eu fui assediada lá inclusive, naquele dia. Não é um ambiente que me deixa ok, porque eu não vou em balada que tem muito hétero, heterotop, né, eu não vou. Se é pra eu ir numa balada eu vou na [informação ocultada - nome de danceteria voltada ao público LGBT em Chapecó] porque lá eu me sinto confortável.”</p> <p>MTHPd45:12 - “Inclusive, o pessoal passava o rodo geral nas boates né, porque tinha cara que tava com a namorada e ia ficar com as drag, ficar com as drag, ficar com as meninas, e sabia que era tudo montaria né, e sim, beijava na boca no meio de todo mundo e tudo mais, não tava nem aí. Mas o que que houve? O que aconteceu né, que ao invés de melhorar com todo esse avanço do século XXI e estamos andando de ré?”</p> <p>MCBpd25:45 - “Mas eu evito muito de não me sentir bem, porque se eu for na [informação ocultada - nome de boate destinada ao público LGBT] e quiser beijar uma menina não tem problema, eu já fiz isso inclusive, mas sei lá, em outros lugares eu evito.”</p> <p>MCBpd25:61 - “Até na [informação ocultada - nome de balada destinada ao público LGBT Chapecó] eu me sinto à vontade, não sempre quando tinha gente que eu não gostava, gostava mais quando tinha uma pegada mais LGBT de drag assim, aí o negócio era bom, mas se parece um espaço muito hetero eu também não me sinto muito tranquila assim.” MCBpd25:62 - Se sente confortável para demonstrar afeto com uma mulher na boate LGBT (boate/sexualidade) “O único lugar que eu fiquei com uma mulher fora de casa ou fora da casa da pessoa, foi lá no [informação ocultada - nome de balada destinada ao público LGBT Chapecó], lá eu me sinto bem confortável assim [...]”</p> <p>NBLPt24:56 - “O próprio [informação ocultada - nome de boate LGBT em Chapecó], o fato de ser um casal heterossexual</p>
--	--	---

		<p>ali comandando todo aquele universo LGBT não faz o mínimo sentido. Ali eu acho que já tem uma influência sabe.”</p> <p>NBLPt24:57 - “Muitos frequentam ali por não ter outro lugar, é uma coisa muito do mercado mesmo né.”</p> <p>NBLPt24:58 - “Lá no [informação ocultada - nome de bar em Chapecó], ali no centro, o negócio é mais simples. Ele é hetero, ele faz aquelas piadinhas de não sei o que nem sei o que, mas ele não é violento assim, se você beijar um cara ou uma mina, ele nunca vai falar nada, pelo menos eu nunca vi, nem sexualizando as nossas relações assim. Isso eu acho legal, então tem que ter essa distinção que outros lugares em Chapecó não têm né.”</p> <p>HCGPt29:2 - “Diversão eu ia bastante, bastante assim, frequentemente, uma vez por mês mais ou menos, eu ia na [informação ocultada - nome de boate voltada ao público LGBT em Chapecó], que era um espaço onde a gente se sentia confortável.”</p> <p>HCGPt29:55 - “Quando eu digo que em Chapecó, que eu sei que na [informação ocultada - nome de boate voltada ao público LGBT em Chapecó], eu sabia, na verdade nem sei se tanto assim porque teve caso de segurança que foram muito homofóbico ou transfóbico, mas enfim, é um lugar que eu me sentia mais confortável, tipo os rolê de rua.”</p> <p>HCIPt28:12 - “Um período depois, eu acho que já tava saindo da adolescência, já tinha 18 anos, a gente soube que esse mesmo rapaz, ele chegou a falecer, ele foi agredido no horário da festa por conta da sexualidade dele. Mas isso já em outro local, em outro estado, depois que ele já tinha se mudado de lá, tava na casa dos 20, quase 30 anos quando ocorreu.”</p> <p>HCIPt28:45 - “Eu gosto muito de ir no [informação ocultada - nome de boate LGBT em Chapecó], mas eu já tive duas situações que eu fiquei P (pê) da vida.”</p> <p>HCGBr57:42 - “Hoje não, assim, em Chapecó tem o [informação ocultada - nome de boate LGBT em Chapecó] que é um espaço onde o LGBT não é violentado.”</p>
--	--	--

		<p>HCGBr57:43 - “Em Chapecó, não é que eu prefira o [informação ocultada - nome de boate LGBT em Chapecó], lá eu encontro mais conhecidos, mas amigos [...]”</p>
	<p>Raça na boate</p>	<p>HCGPt29:46 - “[...] esse é inclusive um momento que eu deixo de frequentar certos espaços, como a [informação ocultada - nome de boate voltada ao público LGBT em Chapecó] [...]”</p> <p>HCGPt29:48 - “Em 2019, a última vez que eu fui na [informação ocultada - nome de boate voltada ao público LGBT em Chapecó], foi em março de 2019, então olha só um ano antes da pandemia se a gente for vê, porque esses ambientes me faziam mal, eu me sentia mais rejeitado do que aceito. E porque eu acho que isso acontece, porque eu via outras pessoas, que eram brancas e eram mais afeminadas ou não, tendo aquele padrãozinho da barba ou não, elas eram requisitadas, solicitadas, as pessoas chegavam nelas, e isso não acontecia comigo. Então de fato, naquele momento isso tenha me afetado de algum jeito então eu mudo nessa questão.”</p>
	<p>Renda na boate</p>	<p>TRHPt24:10 - “Era bem difícil frequentar outros espaços de lazer porque a minha renda em Chapecó era tão apertada quanto é hoje, então quando eu ia era na boate pagava a entrada, entrava e depois lá dentro a gente se virava, dava um jeito. Depois quando eu comecei a tocar como Dj, e drag performer, além da entrada, ganhava a entrada do acompanhante e ganhava tipo, coisa pra bebida, então era mesmo esse espaço, em Chapecó que é um lugar bem mais restrito, interiorano, então não tem o tipo de lazer que eu gosto.”</p>
<p>Festa de comunidade</p>	<p>Gênero na festa de comunidade</p>	<p>MTHPd45:14 - “Então, é, eu participei de muitos eventos assim, tipo, desde comunidades, agora né, conheci ali o problema ali do Haiti, que veio muito haitiano pra cá, né, participei de uma festa da comunidade deles, foram bem receptivos, e tal. Talvez porque não conseguiram identificar que é a [informação ocultada - nome da entrevistada] né (risos), que é uma trans no caso, não sei, mas eu sei que a cultura deles é bem complicada, a cultura deles em questão de preconceito né, eles não aceitam.”</p> <p>MCBPD25:25 - “[...] eu dancei com um cara em uma dessas festas que eu fui, e aconteceu algumas situações de assédio e desconforto assim, um senhor de uma certa idade veio falar</p>

		<p>comigo querendo flertar e coisa assim, e aí eu saí de perto dele e ele veio, por sorte eu tava sentada perto de onde tava vendendo lanche, e ele me enxergou lá e jogou um cartão com o número dele no meu colo, passou, e aí não sei o que e jogou um cartão no meu colo.”</p> <p>MCBPd25:26 – “E teve outra festa que eu fui dançar com um guri e fiquei observando o gênero naquele espaço né, e ele também foi querer flertar comigo e eu falei “olha, eu não tô afim”, e ele “ah você não tem namorado?”, eu disse “não, só não tô afim”, e o cara já começou a falar “você é chata! Ninguém quer namorar com você!”. Os caras não sabem levar negativa, a maioria, alguns fingem, mas a maioria não aceita um não.”</p>
	Sexualidade na festa de comunidade	<p>MCBPd25:24 - “Nas festas de comunidade, que eu fui em algumas, é um lugar que tem muito a ver com gênero e sexualidade. Eu fui pra fazer trabalho da faculdade, eu fiz o trabalho, mas tu observa muito bem as performances de gênero ali. Eu já chamei uma amiga fazendo o trabalho, e eu fui dançar com ela lá, porque eu amo dançar, e o pessoal estranha muito ver uma mulher dançando com outra, sempre. Homem, um dançando com outro nunca tem né, jamais, mas mulher chama a atenção quando dança. Uma mulher dançando com outra virava o centro das atenções, “como assim essa mulher não tem um homem?”, ficavam olhando e as vezes acontecia de falar alguma coisa [...]”</p>
Bar	Gênero no bar	<p>HCGPd29:10 - “Com certeza. A resposta é sim, com certeza. Cada espaço vai exigir alguma coisa da gente né. Seu eu tô na boate eu vou estar bem mais livre e solto de certa forma né, do que eu vou estar na porta de um, na porta de, vamos colocar, de um bar né, no [informação ocultada - nome de bar da região central de Chapecó], não é um bar, mas a gente fica na porta dele para beber. O [informação ocultada - nome de bar da região central de Chapecó] também é um lugar aonde a gente consegue de certa forma se sentir mais à vontade, mas não é o espaço em si na verdade né. O conforto no meu caso vem pelas pessoas que estão né. Porque eu posso estar no [informação ocultada - nome de bar da região central de Chapecó], mas se eu tiver sozinho ali, eu vou me sentir desconfortável dependendo do jeito que eu estiver, com a roupa que eu estiver né, e agora se eu tiver com mais alguém, ou com pessoas,</p>

		<p>grupos tudo mais, vai ser bem mais confortável né, meio que no sentido de que, estou acompanhado, estou protegido, nada vai acontecer de certa forma seria isso.”</p> <p>HCGPd29:16 - “E hétero, foi um local aonde só tinha hétero né, não conseguia identificar né, nenhuma pessoa LGBT ali né, no momento eu fiquei, e eu fiquei um bom tempo ali né, que ainda insistimos, nós ainda insistimos em tentar aproveitar, mas foi um espaço que eu não vou, não gostei, não voltaria por essa questão. Então aonde de fato, eu não me sinto confortável, e que eu perceba que as pessoas que estão ali, ou seja, não tem pessoas da minha família né, do meu grupo, nem eu, não um é um espaço para mim.”</p> <p>MTHPd45:10 - “E daí a gente ia pro [...] Companhia do chopp, que ficava lá onde é [...] o Getúlio, sei lá, aí a gente ficava de bodega em bodega, entrando e saindo. É engraçado, é estranho, porque a gente se reúne até hoje né, essa galera da época a gente é amiga até hoje, e a gente tem o nosso grupo e tá sempre em discussão que a gente não sofria tanto preconceito ou violência como é hoje, não dá pra entender. As pessoas hoje são tão esclarecidas, tem aceso a via internet, um mundo pra você aprender, a pra você melhorar, pra você socializar com todas as orientações, com todas as pessoas desse planeta, e a violência hoje é maior do que na época. Tanto que a gente ia montada no Companhia do chopp”</p> <p>MCBPd25:52 - “Eu não vou sozinha em balada nem bar, se eu for sozinha, no máximo assim eu vou tomar um sorvete, pro bar eu não vou sozinha, pra uma balada eu não vou sozinha. Tomar sorvete sim, mas balada, bar, coisa mais noturna assim eu não vou e isso é uma questão de gênero com certeza.”</p> <p>NBLBr25:66 - “[...] bares. que não frequento bar, não frequento também pra evitar pra ser bem sincera, quando frequento assim, sei lá, com pessoas do meu círculo de segurança, no meu entendimento, que vão né, que a gente vai ter no círculo de segurança, isso é muito importante falar que LGBT tem que estar sempre seguro.”</p>
	Sexualidade no bar	<p>HCGPd29:13 - “Na verdade, os ambientes vai muito do gosto né. Igual, eu não gosto de barzinhos, pegar, sentar na porta de barzinho, beirada de calçadas, essas coisas assim, ficar bebendo. Então eu já sei que ali é um ambiente que vou me</p>

		<p>sentir mais desconfortável, por saber que nesses espaços têm mais hétero né, as pessoas são, são, são pessoas com perfis né, pensamentos, completamente tudo diferente né, daquilo com, daquilo de certa forma que eu acredito né, e daquilo que eu espero, que eu venho representar ou apresentar ser ali de certa forma.”</p> <p>HCGPd29:21 - “Bares não frequento, bares, não por oportunidade, mas sim por uma questão, meio de um preconceito já determinado do que eu vejo né, quando passa na calçada né, do que eu vejo, do que eu escuto, do que eu tenho essa percepção.”</p> <p>MCLBr23:16 - “Agora outros lugares, como eu disse, barzinho eu não vou ir em lugar que tem muito heterotop. Mas tirando isso, não tem nenhum lugar que me deixa desconfortável pra ir.”</p> <p>MCBBr18:6 - “Agora por causa da minha sexualidade eu evito ir em lugares onde tem muito homem se eu estiver acompanhada de uma mulher. Quando acontece isso, é meio que sem pensar sabe, de começar a agir como uma amiga e eu não sei porque disso. Tem um bar ali no centro que eu esqueci o nome, fica ali na avenida e tá sempre lotado de gente, e eu não vou lá pela grande concentração de homens heterossexuais que tem lá. Isso e na maioria dos bairros que tem na cidade né, eu não frequento.”</p> <p>NBLPt24:41 - “Lugares assim que eu vou pra tomar uma cerveja, tele beer, enfim, na rua, né, também, né, não me exponho muito assim, então é isso.”</p> <p>NBLPt24:54 - “Uma ótima pergunta. Eu geralmente aqui na cidade, fazendo esse recorte, tem um ou outro espaço bem pontual que o meu critério é de atendimento. Por exemplo, eu vou num lugar e a pessoa me atende bem. O que é atender bem né, tu percebe na postura corporal, você percebe no sorriso, no olhar de quem tá te atendendo né, então a partir disso, eu já me sinto mais à vontade nesse determinado espaço. O que complementa pra eu me sentir mais a vontade ainda, é, e eu trazer alguém, pra flertar e paquerar, é quando mais pessoas LGBT frequentam esse mesmo espaço, ou pessoas assim que não são tão preconceituosas.”</p>
--	--	--

		<p>NBLPt24:55 - “Então é isso, se eu vô em um lugar e sou muito bem atendida, eu volto e frequento esse lugar. No momento tem o bar do [informação ocultada - nome de bar em Chapecó], que até o momento sempre que eu fui lá eu fui bem atendida, me senti respeitada né, vi que não era tratada diferente ou de qualquer jeito né. E isso é muito loco porque tem lugares que a proposta é LGBT mas tu vai no lugar e se sente desconfortável, tem algo ali que não tá funcionando.”</p> <p>HCGPt29:4 - “[...] tem um bar que a gente costuma frequentar que é mais aberto a diversidade, digamos assim.”</p> <p>HCGPt29:51 - “Eu evito muito frequentar ambientes que são muito frequentado por muitas pessoas héteros porque ninguém é obrigado (risos). Mas isso também por questão de segurança claro, as também por afinidade, gosto também, porque eu não vou lá num canto que eu não gosto, que tenha um tipo de música que eu não queira ouvir, ou que tenha performances de pessoas que eu não queira ver.”</p> <p>HCGPt29:52 - “Geralmente tem barzinho que é um lugar mais propenso a heterossexualidade padrão por exemplo, que eu evito frequentar tanto aqui e nem em Chapecó. Eu não vou num barzinho ou um espaço que me gere uma restrição ou um medo que a gente tem, sei lá, um feeling, sei lá como dá pra classificar isso.”</p> <p>HCGPt29:57 - “Aqui em Iporã acontece a mesma coisa, tem um barzinho específico no caso [...]”</p> <p>HCGPt29:66 - “[...] no barzinho tenho contato físico, passar a mão e beijar, tãããã.”</p> <p>HCIPt28:44 - “E aconteceu, em um bar aconteceu um momento, que eu não sei se a pessoa tava me encarando, é, por questão de preconceito ou simplesmente porque é algo que ela não tá habituada a ver diariamente. Eu fui com o menino que eu tava saindo, num bar pra comemorar o aniversário dele, num bar pra tomar um chopp, e daí a gente tava no espaço e ele me pediu um beijo, e eu não tenho problema com isso, daí eu beijei ele, e eu vi que tinha duas senhoras que tava sentada na mesa do lado e ela olharam, elas comentaram, e desde esse momento</p>
--	--	---

			<p>até o momento da gente sair elas não pararam mais de olhar. Elas não chegaram a falar nada, mas ficava só olhando e eu fiquei um pouco desconfortável, eu quase que eu fui lá tirar satisfação com ela, mas aí ele pediu para deixar quieto e aí não fala nada.”</p> <p>HCIPt28:57 - “[...] quanto bares, as pessoas respeitam [...]”</p>
		Raça no bar	<p>NBLPt24:60 - “Ou pessoas de pele retinta em um lugar, em um barzinho tomando chopp, “ué, ou são rico ou são traficante” né, as pessoas olham assim, com esse olhar, desconfiados né, então esses espaços eu já não frequento porque eu sinto né, a gente já percebe.”</p>
		Renda no bar	<p>HCGPd29:15 - “Teve um lugar que eu fui aqui, que é perto da Arena Condá. É um lugar aonde tem samba eu acho, ou pagode, esqueci o nome da casa lá. Fui lá logo que eu cheguei aqui, foi eu com uns colegas de sala né, que nós fomos lá conhecer e tudo mais. Foi um espaço que eu não gostei, não me senti confortável, não me senti à vontade, porque eu já não gosto muito de, era pagode na verdade né, isso, eu já não gosto, eu não gosto muito de pagode, então chegamos lá, as pessoas que estavam lá, eu já sentia que elas eram de um, vamos colocar, de uma outra classe social né, porque isso também traz uma, é uma diferença bem grande para gente aqui né, os espaços que a gente frequenta né, quem são né, da nossa, da mesma, vamos colocar assim, da mesma classe social, em que eu estou, ou tem uma outra, e nesse espaço também, ele era diferente, aonde eu sentia que as pessoas que estavam ali né, ela se portavam diferente, elas conversavam de forma diferente, elas. Eu tinha ido para curtir um pagode e tomar uma cerveja litrão, simplesmente isso, então quando eu cheguei lá não era isso basicamente né, era um espaço ali como se fosse um repiauer né, uma social, a galera toda vestida e tudo mais.”</p>
Espaços esportivos	Gênero nos espaços esportivos		<p>NBLBr25:21 - “Aliás eu não mencionei, mas eu frequentava, sempre joguei bola com as meninas do meu trabalho mas naquele círculo são pessoas, essas meninas do meu trabalho, como eu sou uma universitária, isso já de algum modo traz uma compreensão de que, de que essa coisa né, de tá na universidade, as pessoas já tem um pouco mais de, eu diria</p>

			<p>respeito, respeito, porque eu sou muito respeitosa com as pessoas, então nunca tive problema para estar com as meninas, até eu tinha parado quando chegamos a pandemia e atualmente me convidaram novamente, e tem meninas LGBT ali.”</p>
		Sexualidade nos espaços esportivos	<p>HCGBr28:26 - “Na academia era bem tranquilo, nunca ninguém me falou nada, também nunca senti olhares de julgamento no espaço que eu frequentei aqui na [informação ocultada - nome de bairro periférico urbano de Chapecó], mas foi bem bom.”</p> <p>HCGPt29:3 - “E agora na cidade que eu estou eu saio aqui com o pessoal LGBTQIA+ que eu tenho contato, a gente joga bastante vôlei, sai, faz alguma coisa, porque não tem muito espaço de sociabilidade [...]”</p> <p>HCGPt29:72 - “[...] e hoje a gente tem um time que tem a maioria LGBTQIA+, então a coisa é mais tranquila né, mas assim, é curioso isso de o esporte não ser um espaço de exclusão, mas de inclusão, porque geralmente você ouve e vê as coisas que você vê no esporte nacional é mais exclusivo do que inclusivo, mas pra mim sempre foi um espaço de respeito.”</p>
Restaurante/Lanchonete/ Pizzaria		Gênero em Restaurante/Lanchonete/	<p>TRHPt24:56 - “E aí nesse dia voltando com a minha filha eu disse “você tá com fome meu anjo?” e ela disse “tô”, falei “vamo ali na avenida comer”, e ela falou “mas vai tá cheio de gente”, e lá foi a drag queen com seu um metro e noventa e cinco sentou lá e comeu com todo mundo olhando com sua filha, falei “vamo embora?” e fomos embora.”</p>
		Sexualidade em Restaurante/Lanchonete/	<p>HCGPd29:22 - “Em restaurantes e pizzarias, nesses espaços de certa forma foram bem tranquilos, apesar do atendimento né, porque que o atendimento foi muito bom não, mas isso é no geral mesmo, mas sempre fui bem tranquilo, não conheço muito lugar na verdade, mas sempre foi bem tranquilo dos que eu fui assim.”</p> <p>MCLBr23:9 - “Eu nunca fui tratada mal, nunca, em nenhum lugar, mas, é, e também nunca teve nada assim muito escancarado de as pessoas olharem torto ou não gostarem do</p>

			<p>meu jeito assim, mas dá para perceber sutilezas sabe, sempre dá pra perceber, que as pessoas ficam meio desconfortáveis. Por exemplo, sábado de noite eu fui buscar uma pizza numa pizzaria e aí, eles eram os donos né, o pessoal que tava atendendo no balcão, claramente eram evangélicos sabe, até porque tinha uma bíblia no balcão e uns cartõezinhos com uns negócios, eram salmos eu acho, e aí a atendente, a moça lá, não me tratou mal, mas eu senti que ela ficou desconfortável sabe. Mas de chegar a falar alguma coisa de me tratar mal, de eu me sentir desconfortável ao ponto de eu querer sair do ambiente nunca aconteceu.”</p> <p>MCBBr18:10 - “Em lugares como pizzarias, restaurantes, lojas e mercados eu me sinto bem assim, eu me sinto acolhida assim.”</p> <p>NBLPt24:61 - “Sim, sim, acontece. Cê vai na lanchonete e não se sente bem, aconteceu, parecia que era uma coisa assim, nunca viu na frente, vou ter que ver, não vou conseguir comer o lanche porque tem que cuidar da mesa do lado, ai não vou me sentir bem. Mas como eu não frequento muitos lugares, já aconteceu, mas é bem pontual essas situações né.”</p>
		Raça em Restaurant	<p>NBLPt24:59 - “Tipo um haitiano não pode frequentar uma pizzaria que já é estranho daí né.”</p>
		Renda em Restaurante/Lanchonete/ Pizzaria	<p>NBLPt24:32 - “Tem também o que a gente sente em relação a renda e classe social, pode se dizer assim né, principalmente bares, restaurantes, se tu vai de chinelo comer num lugar as pessoas já identificam, duas opções, ou é de fora, ou é pobre comendo, e já incomoda. Isso é muito daqui, o pessoal se arruma pra ir pro mercado, se arruma pra comer, não que a gente não se arrume pra ir no mercado, claro que não né, muito pelo contrário, mas as vezes tem alguém trabalhando no restaurante que tá na mesma que eu, ou um vendedor, e nós tá na mesma classe social né, é pobre que nem eu, ganha ali fudido igual eu seus 1.200, 1.300, e não quer te atender.”</p> <p>NBLPt24:33 - “Eles vão atender quem tá mais bem vestido porque dá a entender que a pessoa bem vestida tem dinheiro, e é ao contrário né, porque geralmente que vai lá pra gastar e vai dar a comissão boa é aquele cara de chinelo, a mina de chinelo,</p>

			<p>aquela pessoa que tá simplinha, entende. Eu já trabalhei com vendas e reparava muito nisso, eu vendia muito bem pra gente simples, muito mais do que quem vinha de tenissão, roupona e tal. O pessoal vinha com vontade de comprar e ter as coisas.”</p>
/	Shopping	Sexualidade no shopping	<p>NBLBr25:72 - “[...] a única vez que eu fui lá, no shopping também a gente anda de mãos dadas.”</p> <p>HCIPt28:53 - “Eu nunca tive problema em beijar alguém, mas acredito que um local que seja bem seguro que não ocorreria nenhum tipo de agressão física ou talvez até verbal seria o shopping por ser um espaço de socialização, eu acredito que é m dos espaços mais seguros aqui de Chapecó.”</p> <p>HCIPt28:59 - “Eu acho mais seguro hoje é o shopping, o shopping não tem nenhum relato de acontecimentos, tanto que a gente vê casais hétero lá, dois ou duas mulheres e nunca ouvi nenhum relato referente a isso, por isso pra mim é um dos espaços mais seguro hoje em Chapecó.”</p> <p>NBLBr25:RM10 - “Olhares preconceituosos.”</p>
		Raça no shopping	<p>TRHPt24:62 - “Caro que são lugares sensíveis, como eu moro em um bairro muito bom, moro perto de um dos melhores shoppings de São Paulo, e quando eu vou no shopping eu já nem tento olhar tanto, mas eu sei que talvez a câmera me filmou, talvez o segurança olhou, mas tipo eu sei quem eu sou sabe.”</p>
	Lojas	Raça em lojas	<p>HCIPt28:26 - “Em relação a cor, tem uma loja que eu comprava, inclusive a minha irmã trabalha nessa loja, hoje eu não compro porque houve um episódio, não aqui em Chapecó, mas em uma das lojas da rede e eu não compro mais na loja por conta disso.”</p>
		Naturalidade em lojas	<p>HCIPt28:27 - “Tem também uma outra loja aqui em Chapecó, inclusive não é segredo, é a [informação ocultada - nome de rede de loja de departamentos], eu não compro na [informação ocultada - nome de rede de loja de departamentos], eu não compro e nem é por questão de cor, mais por conta da minha cidade, por conta do que houve nos episódios de 2018, quando o proprietário da loja acabou desferindo quanto aos</p>

		<p>nordestinos. Eu não compro nesses dois ambientes, um por questão de cor e outro por questão de naturalidade. Se ofendeu não diretamente a mim, mas a população do meu estado, eu não compro mais nesses lugares.”</p>
Feira	Gênero na feira	<p>NBLBr25:64 - Relativamente tranquilo. Às vezes as pessoas que me atendem né, eu frequento muita a feira por exemplo, é um lugar que atualmente frequento com bastante regularidade. As pessoas às vezes elas ficam um pouco inseguras se elas me chamam de menino ou menina, mas são questões bem pontuais.</p>
Supermercado	Gênero no supermercado	<p>NBLBr25:22 - “Quanto aos olhares, a minha irmã já comentou comigo que no momento que a gente entrou no supermercado me olharam de um jeito estranho e eu ignoro, vou ser muito sincera, eu realmente quando digo que não percebo é porque eu não deixo que a sociedade com todo preconceito que tem e são muitos né, me afetem, então, a minha irmã disse que percebeu e fez cara feia pra pessoa que me lançou um olhar, mas eu não percebi, porque realmente eu tava ali ocupada com outra assunto e ignorei.”</p> <p>NBLBr25:67 - “Supermercado olha, até que certo modo sou bem recebida, então é mais assim, como eu disse mesmo dos olhares, às vezes, às vezes as pessoas ficam alguns momentos da minha vida que até minha irmã comentou comigo a gente foi no mercado e um senhor idoso ele ficou me olhando, ele ficou assim, como se ele estivesse vendo algo que ele não nunca viu, ele ficou me olhando assim cara (risos), ficou me olhando.”</p>
	Raça no supermercado	<p>NBLPt24:51 - “Lojas eu também parei de frequentar porque eu compro online, mas mercado eu frequento. Mercado também, é uma relação assim muito fechada né, as vezes o funcionário não tá nem aí pra quem tu é. Mas eu já sofri repressão em mercado sim, de entrar no mercado e ser questionada se eu já paguei. No [informação ocultada - nome de rede de supermercados de Chapecó] já aconteceu isso duas vezes, né.”</p> <p>NBLPt24:52 - “Uma vez me questionaram se eu já tinha pagado, eu fui usar o caixa rápido, aí eu passei duas cervejas e saí, e o cara me abordou, verificou a minha sacola queria ver o que eu tinha na sacola, queria ver o cupom fiscal, sorte que eu não joguei fora né. Fiquei bem mal assim, fiquei “meu cara se</p>

			<p>viu que eu tava ali, viu eu passando o cartão, isso não aconteceu com as outras pessoas, porque aconteceu comigo, foi a escolhida porque?”.”</p> <p>NBLPt24:53 - “Na segunda situação pediram minha identidade, mostrei minha identidade, verificaram ali, daí falaram que era a minha idade, que ficaram em dúvida da minha idade, mas eu acho que não (risos), não sei qual foi. Daí cara puxa a identidade, eu dei “e daí, qual que foi? Quer ver a mochila?”. Até deixei o cara constrangido, ele “ah não precisa não”, e eu “não, vê a mochila”, e ele “não é só pela tua idade”, aí eu disse “então, eu tenho 23 anos”, e ele disse que era porque tinha muito de menor, aí virei as costas e fui embora. Falta do que fazer as vezes né, 8 horas trabalhando e não tem nada pra fazer, aí arruma o que fazer né.”</p> <p>HCGPt29:36 - “E teve uma vez em Chapecó e eu tava no [informação ocultada - nome de rede de supermercados em Chapecó], e sabe que tem esses alarmes que tem na porta quando você entra. Enfim, eu tava saindo do mercado com a minha amiga branca, e tínhamos pago e estávamos saindo com a sacolinha, e quando a gente passou apitou, e tinha um segurança negro e um branco, e apitou, mas isso acontece, as vezes acontece de apita, e a minha amiga, nós saímos juntos, e não tinha como dizer pra quem apitou porque nós passamos juntos, e a minha amiga pode ir, e eu tive que voltar pra ser revistado. Isso me chocou porque eu sempre ouvia isso, mas nunca tinha acontecido comigo [...]”</p> <p>HCGPt29:38 - “Mas aconteceu isso naquele dia e isso foi uma coisa que me machucou um pouco né, um pouco não, muito.”</p>
		Renda no supermercado	<p>NBLPt24:34 - “Então interfere muito as coisas nisso né, tá de chinelo na rua e quer entrar num [informação ocultada - nome de rede de supermercados de Chapecó] da vida? É porque vai roubar, não vai querer comprar, enquanto tem boy que vai de roupa de marca, tênis e rouba pra caralho, e dos cara roubar Rexona e colocar dentro do filho e ficar com o filho no colo e ninguém fala nada. Agora, o cara de chinelo, os cara já fica de</p>
Transportes	Veículo Próprio	Gênero em	<p>NBLBr25:61 - “Então eu mencionei né, que estou sempre de veículo próprio, e é um meio que eu tenho de estar segura. A gasolina tá absurdamente cara, seria legal poder fazer exercício,</p>

		<p>uma caminhada seria muito legal, mas aí tem essas questões, medo de ser agredida e assaltada por exemplo.”</p>
	<p>Transporte Público/ Carro por app</p>	<p>HCGPd29:25 - “Não. Eu me sinto mais confortável quando é com mulher né, com mulher eu me sinto mais confortável. Com homem tem certas coisas que nós somos obrigados a ouvir, e não podemos, as vezes, responder de fato, ter o direito a resposta. Então isso tem, isso é uma diferença, algo bem, bem gritante em muitos lugares mesmo, porque motoristas, bem, vamos colocar no sentido ignorante mesmo, é o que mais tem. É algo mais geral né, não aconteceu algo diretamente a mim, mas a gente consegue perceber se estamos conversando sobre certo assunto né, as olhadas que os motoristas dão ali, até mesmo pelo retrovisor ali. Se fosse um motorista gay eu acho que seria confortável, mas se fosse um gay assumido, não um gay que, de certa forma, que tá ali todo né, porque ele ainda teria algumas coisas dentro dele a se trabalhar, agora quando já é alguém, então acaba ficando mais confortável, e eles até entram no assunto né, até conversam, já peguei motoristas assim, então sempre foi bem de boa.”</p> <p>MCLBr23:25 - “No transporte público eu me sinto desconfortável de pegar a noite né, quando o ônibus tá mais vazio assim, é sempre um pouco mais desconfortável, mas, é, eu também, nunca me aconteceu nada, assim, né, me aconteceu no transporte público de eu ser assediada, [...]”</p> <p>MCLBr23:26 – “aconteceu uma vez quando eu tava voltando da [informação ocultada - nome da universidade] eu tava de um lado do ônibus e eu tava com uma amiga minha e do outro lado do ônibus tinha um cara se masturbando. Aconteceu de um cara ficar esfregando o pênis dele no meu braço quando eu tava sentada no banco do corredor assim sabe, e aí eu meio que dei um chega pra lá no cara e ele parou.”</p> <p>MTHPd45:4 - “Eu digo assim, não de esquerda, mas progressista, então isso foi muito importante pra nós LGBT, não só a questão acadêmica, mas de brechas, que nós conquistamos, não portas, mas brechas, no mercado de trabalho, então as pessoas passaram a ser um pouco mais tolerantes com a comunidade LGBT, passaram vamos dizer assim, com um olhar mais humano [...]”</p>
	<p>Gênero em Transporte Público/ Carro por app (DIVIDIR)</p>	

		<p>MCBBr18:12 - “Em lotação e carro de aplicativo eu não me sinto tranquila, mas eu nunca tive nenhuma situação desagradável, mas eu evito pegar sozinha, quando eu pego, eu procuro estar acompanhada de algum amigo, algum parente ou outra pessoa do sexo masculino.”</p> <p>MCBPd25:10 - “Já aconteceu de eu usar um carro de aplicativo, em um motorista de aplicativo, no carro, eu tava grávida, e eu falei pra ele se eu te avisar, qualquer coisa tu para aqui pra mim porque eu tô começando a sentir um enjoo, e ele só falou pra mim assim “sai do carro pra não sujar meu carro”. Aí eu falei pra ele “para pra eu ver um lugar com calma”, aí eu ele disse “sai do carro”, aí eu sai do carro [...]”</p> <p>MCBPd25:53 - “Ônibus na verdade a noite, um trabalho a noite né você já pensa “opa, mas eu sou mulher, que horas eu vou voltar, como eu vou voltar” então.”</p> <p>NBLPt24:43 - “Em carro por app, eu troco muita ideia assim, os cara não meche muito comigo [...]”</p> <p>HCGPt29:26 - “Agora eu lembrei, logo no começo quando eu cheguei em Chapecó eu morava no bairro [informação ocultada - nome de bairro periférico de Chapecó] [...], então eu tinha que pegar duas lotações da volta da faculdade pra ir pra casa, e nessas lotações, a última eu pegava entre as onze e meia e a meia noite, e o bairro [informação ocultada - nome de bairro periférico de Chapecó] é um bairro mais afastado, tem umas ruas mais escuras e tal. E aí só tinha dois homens no ônibus, um segurança e o outro um jovem, e os dois sentaram junto e só tava eu no ônibus e esses dois caras, e foi um episódio inédito assim porque geralmente tem alguma mulher ou outras pessoas no ônibus. Eu tava sentado mais no fundo e tinha um colega da faculdade que também é gay e desceu um pouco antes de mim. E esses homens estavam assediando os dois, a gente assim, eles estavam sentados paralelos a nós nos dois bancos de trás, mas dava pra ver o reflexo do vidro da janela e tal. Só que quando ele, o meu colega desceu, esses dois caras começaram a se masturbar, eu lembro que foi um choque pra mim.”</p> <p>HCGPt29:30 - “Isso do cara se masturbando aconteceu logo em fevereiro ou março quando eu cheguei, ou abril, então assim, eu não sei, foi uma coisa grave, se você for olhar é uma coisa</p>
--	--	--

			<p>extremamente grave mas nunca pensei em denunciar ou ter feito alguma coisa, ou em tomar alguma postura, nunca mencionei com ninguém, e é algo que eu quase nem lembro, eu quase esqueci de comentar. Eu sei que isso acontece bastante com mulheres, mas eu nunca ouvi de outro homem gay né, então me chocou bastante.”</p> <p>HCIPt28:41 - “Em transporte público eu nunca tive problema mas esses dias, como eu pego lotação todo dia para ir pro trabalho, eu observei que uma moça trans, que a gente, ela sempre vai com a gente, ela embarca aqui no [informação ocultada - nome de bairro periférico de Chapecó] e vai até o centro, e tinha uma senhora que ficava olhando pra ela, é bem preconceituosa, você, a gente percebe né, aquilo me deixou um pouco enraivecido inclusive, e eu quase chamei a atenção da pessoa, mas como eu já prometi para mim mesmo que eu vou não vou mais tá lutando as batalhas dos outros, então consegui manter o controle.”</p>
		Renda Transporte Público/ Carro por app	<p>TRHPt24:11 - “Na época que eu trabalhei no shopping eu usava transporte público e depois exclusivamente eu usava carro por app, por que eu tinha o meu salário e meu avô me mandava dinheiro, porque o ônibus me deixava num horário que ou eu pegava muito perto de entrar e chegava atrasada, ou chegava muito antes. E aí eu tava patroa nessa época porque nessa época eu tinha o meu salário, o dinheiro do avô e o auxílio emergencial, e aí eu ia e voltava do meu trabalho todos os dias de Uber. Eu tentei voltar andando, mas eu fiz uma hora e vinte do shopping até a minha casa e aí eu disse não, não, não.”</p>
Município/Cidade	Município/Cidade	Gênero em Chapecó	<p>MTHPd45:13 - “Mas eu [informação ocultada - nome da entrevistada], mulher trans, eu entrei em todos os espaços dessa cidade, eu frequentei todos os espaços dessa cidade, nesses 22 anos vivendo aqui. Posso até ter sofrido aquele preconceito velado que as pessoas falam depois que você sai, mas na cara, na cara nunca, ninguém nunca falou nada pra mim. Até porque eu sou muito discreta, ou tentava ser né (risos), mas eu sempre respeitei todos os espaços, respeitei todas as pessoas e da mesma forma eu exigia, né, e não interessava o que a [informação ocultada - nome da entrevistada] era, só interessava o caráter da pessoa [informação ocultada - nome da entrevistada]. A revolução dessa cidade foi muito rápida, né,</p>

		<p>porque Chapecó teve um bum assim muito grande e muito rápido, né, na questão econômica e empresarial da cidade.”</p> <p>MTHPd45:18 - “Hoje eu digo assim que Chapecó ao início do que era a 22 anos assim, Chapecó é um paraíso comparando com outras cidades brasileiras, onde os índices de violência e assassinatos LGBT estão nas alturas, eu digo que Chapecó é um paraíso. Olha se algum LGBT morre por preconceito a gente não sabe. E Chapecó acho que o que mais tem na população são LGBT, isso os assumidos né, os que saíram do armário. [...]. Mas tem muito sim, que na verdade é cultura né, é questão religiosa, é questão familiar, é tudo um pouco, e não podia se assumir, não podia ser o que quisesse ser, constituía família de mentira, casamento de fachada e é assim.”</p> <p>NBLBr25:54 - “Navegar nessas culturas, tanto que eu gostaria de estudar Florianópolis porque na minha concepção cultural, eles já avançaram em coisas que Chapecó não avançou.”</p> <p>NBLBr25:RM6 - “Homofônico. Conservador.”</p>
	Sexualidade em Chapecó	<p>HCGPd29:05 - “Eu, na verdade eu me surpreendi bastante né, com o pensamento de certo, de algumas pessoas daqui. [...] A gente, tudo, tudo nós construímos e pensamos a partir dos nossos preconceitos né, as nossas concepções que nós, que nós vamos formando aí, e quando eu cheguei aqui eu tinha sim né, os preconceitos, eu tinha sim aquela, os meus, os meus já pensamentos formados ali, pré-formados quanto ao que eu deveria esperar daqui de certa forma. Então, algumas coisas sim, foi até demais né, ou seja, algo que eu não esperava aconteceu, como algo também, tipo assim, eu esperava que acontecesse e não aconteceu, mas, mas eu acho que foi mais essa questão mesmo né, dessa, de ter tipo assim, preconcebido né, naquilo que é, que nos é passado por que, mesmo não sendo daqui sempre tive contato com pessoas que já passaram por aqui né, quanto também, é, quanto notícias né, falas, falas, falas populares né, discurso de pessoas e tudo mais né, referentes a, ao local, mas quando eu cheguei aqui eu me deparei de certa forma com algo que era um pouco diferente, não dizendo que não é né, mas que sim tem os seus lados, e que foi um pouco diferente comigo em alguns pontos.”</p>

		<p>MTHPd45:38 - “Isso são situações assim que em Chapecó é tudo assim, tudo moralista, esse que é o problema sabe.”</p> <p>HCGPt29:1 - “Eu cresci aqui, então comecei minha vida, enfim, todas as experiências que eu passo eu começo em Iporã, e ir pra Chapecó, foi um momento em que eu consegui de fato me assumir, ter relacionamentos homoafetivos enfim, e agora voltando pra uma cidade menor, mas com uma consciência maior.”</p> <p>HCGPt29:69 - “Mas eu me sinto mais confortável em Chapecó do que em Iporã por certas coisas né, mas aí tem essas questões, quando a gente tá só entre nós entre os amigos né, aí é outra questão né.”</p> <p>HCIPt28:17 - “Por raça, não tive problema específico. No mais eu já notei que algumas pessoas têm reações diferentes, não na minha cidade natal, mas aqui por exemplo.”</p> <p>HCIPt28:29 - “A questão de sexualidade na minha cidade, as pessoas não se importam muito com isso, apesar de ser uma cidade pequena, “ah o fulano é gay!”, não interessa, desde que a pessoa pague suas contas não é problema. Aqui que eu vejo que, não que seja um problema de todos, mas uma grande parcela da sociedade se incomoda muito com isso, principalmente alguns espaços que eu já frequentei, de ouvir algumas pessoas comentado “ah porque tá ali o cara com o namorado! Ah aquele outro ali no sabe se é homem ou se é mulher!”, é uma coisa que eu já percebi que a gente não percebe muito na minha cidade. Lá as pessoas não são tão interessadas em saber isso, elas querem saber o que tu faz entre quatro paredes porque não é problema delas. Elas querem saber de pagar as contas delas e viver a vida delas, o que eu acho que é o correto. Aqui em Chapecó ainda existe muito isso.</p> <p>HCIPt28:30 - “Eu acredito que seja por causa da cidade, ou estado, que tem muito descendência europeia e as pessoas têm mais esse estigma de ser frio com os outros e se importar mais com os outros, ou melhor, com a vida alheia, com o que o outro faz ou deixa de fazer. Não evoluíram o quanto as pessoas realmente na Europa, em algumas partes da Europa, hoje em dia fazem. Aqui tem os descendentes, mas eles ficaram enraizados com a cultura colonial do país”</p>
--	--	--

		<p>HCIPt28:36 - “É um problema que acontece em todo lugar, não é só aqui Chapecó, acontece em São Paulo, acontece em Curitiba, acontece em Florianópolis, e acredito então que isso é um problema das pessoas mesmo em si.”</p> <p>HCGBr57:5 - “Então assim, quando digo que Chapecó, ela me fez com que eu mostrasse isso, eu falo que eu não me escondo de ninguém, eu não preciso me esconder da família, eu não preciso me esconder dos amigos, e não é da sociedade.”</p> <p>HCGBr57:27 - “Hoje, estamos em 2021, a sociedade, ela meio que reagiu a isso, a própria polícia, embora aconteçam muitas coisas negativas, que tu ouve, por exemplo, talvez nem tanto na nossa cidade que ela é pequena, mas em grandes centros tu ouve muito da polícia, ações da polícia contra pessoas LGBTQIA+, contra negros, e assim, então é dessa violência que eu me refiro, ela acontecia com muita frequência.”</p> <p>HCGBr57:32 - “Hoje, eu vou citar o exemplo de Chapecó, Chapecó hoje uma cidade que cresce muito, uma cidade universitária, muitos meninos, muitos adolescentes jovens vem de outras cidades e o fato deles estarem longe dos pais, eles têm uma aceitação melhor, eles têm uma libertação maior, eles convivem com os amigos, com os colegas, professores abrem muito a cabeça. Então assim, Chapecó hoje tá mudando em função dessas universidades, em função desses alunos que vêm de fora.”</p> <p>HCGBr57:38 - “[...] então quando eu falo que Chapecó é uma cidade que cresce muito, mas a juventude que faz a cidade crescer são estudantes, geralmente a educação abre a cabeça das pessoas. Ao contrário da religião né, que eles interpretam a Bíblia de uma maneira, e a educação não, a educação não, ela explica, ela ensina, então as pessoas, os adolescentes, ele já não tem mais tanto esse preconceito, elas já ajudam [...]”</p> <p>NBLBr25:RM7 - “Vulnerável.”</p>
	Raça em Chapecó	<p>TRHPt24:42 - “Hoje eu problematizo porque eu entendo que isso tinha o fator raça aí, porque em Chapecó uma coisa é você chegar na casa da família e falar “olha, sou gay”, ainda mais e uma cidade coronelista, e você chega com uma bicha branca do</p>

		<p>lado bonitinho, de olho claro, de família com nome que lembra alguma coisa alemã ou italiana, é mais fácil do que sei lá, do que você chegar com uma bicha preta afeminada do lado, entendeu, e aí essas pessoas por um instinto defensivo “nossa não posso, não vou”, e aí elas não conseguem nem cogitar na cabeça delas que esse era por isso o motivo, e eu também não entendia, tive que depois ir juntando os caquinhos que eram coisas que não apareciam. Talvez e só talvez seja porque me apresentaram um monte de motivos, motivo que nem aparece, porque ninguém quer se ver ou se pensar racista, Deus o livre, mas inconscientemente isso acontece.”</p> <p>HCIPt28:20 - “Então essa foi a primeira experiência em Chapecó e o que observei foi que aqui em Chapecó, não em todos os ambientes, mas geralmente dependendo do tipo de ambiente que você entra, as pessoas ficam te observando, ou as vezes na forma de observar, elas vêm te pedir se precisa de ajuda, se você encontrou o que queria, e eu acredito que não é necessário, quando tu vai no local se tu quer ajuda tu pede, tu não precisa de alguém vir ali pedir para tu, ou então ficar te observando do lado do caixa ou no final dos corredores Eu acho que isso é uma atitude bem desagradável aqui em Chapecó e que precisa ser melhorada.”</p> <p>HCIPt28:28 - “Eu sou do Maranhão, a minha cidade de nascimento é [informação ocultada - nome da cidade de nascimento do entrevistado], uma cidade pequena, acho que tem uns 30 mil habitantes. Eu percebo que tem algumas diferenças, por exemplo, de etnia, eu vejo o seguinte, que aqui as pessoas elas são muito, elas não têm o hábito de te dá um bom dia para as pessoas e querer saber como você está. De olhar no olho da pessoa, geralmente elas não olham na tua cara, elas não falam contigo e tão sempre desconfiada. Não tem aquela questão de ser receptivo com as pessoas. Aqui é muito estranho isso, mesmo eu morando aqui há quase 7 anos no estado, eu não me acostumei com isso. O que eu vejo diferente de lá na minha cidade é que geralmente quando chega alguém de fora, é muito bem recebido as pessoas querem ajudar, se prontificam.”</p> <p>HCIPt28:37 - “Fui esse ano pra Florianópolis também, não tem problema na praia, inclusive as pessoas super receptivas, completamente diferente daqui do oeste do estado.”</p>
--	--	---

			<p>NBLBr25:RM8 - “Município racista. Não me sinto confortável com todos os tipos de racismo.”</p>
		<p>Renda em Chapecó</p>	<p>NBLPt24:35 - “[...] então assim, a questão da classe é bem complicada também aqui em Chapecó.”</p> <p>NBLBr25:RM9 - “Compras, mercado, aluguel, hoje estão com valores que ultrapassam as minhas realidades financeiras.”</p>
<p>Espaços de atuação política</p>	<p>Movimentos sociais</p>	<p>Gênero nos movimentos sociais</p>	<p>MTHPd45:2 - “Eu, aí foi quando eu realmente conheci pessoas ligadas a política, movimentos sociais, que era uma coisa que até então eu não tinha, vamos dizer assim, eu militava e não sabia que tava militando”</p> <p>MTHPd45:7 - “Então, assim, eu tive muita mais visibilidade nesses espaços, depois, devido à eu ter sido 4 anos presidenta da [informação ocultada - nome de uma entidade do movimento social LGBT] aqui da cidade, que assim foi de um crescimento enorme pra mim, eu digo no sentido de crescer psicologicamente, amadurecer algumas questões pessoais, também a questão da militância, também assim. Eu acredito que eu cresci bastante, aprendi e melhorei, melhorei principalmente a questão da fala né. Então, quando a gente começa a conviver com determinadas pessoas que seguem esse mesmo propósito e a gente tá ali ouvindo e prestando atenção, a gente acaba assim, abrindo portas, abrindo a mente de uma certa forma que a gente acaba até com o tempo falando igual, pensando não igual, mas caminhando no mesmo propósito né. A [informação ocultada - nome de uma entidade do movimento social LGBT] pra mim foi um aprendizado enorme, na questão política, na questão da luta por direitos, na fala, de estar resistindo nos espaços debatendo questões voltadas a resistência, voltada vamos dizer assim, a ver um mundo mais humano, a ver um Brasil mais humano. As vezes a gente sabe que o Brasil é o campeão da desigualdade, das violências, do preconceito, do racismo, da violência contra mulher, então o Brasil é claro que é tudo isso, corrupção, o Brasil e o campeão também na corrupção (risos). Nesses 4 anos sendo presidenta da [informação ocultada - nome de uma entidade do movimento social LGBT] conheci mentes maravilhosas, professores acadêmicos brilhantíssimos, personalidades nacionais tive a oportunidade de conversar com algumas. [...] e a minha vida</p>

			<p>hoje é voltada a isso, é voltada as lutas, a solidariedade, ao bem estar do próximo, sempre tô pronta pra ajudar naquilo que eu posso, sendo LGBT ou não.”</p> <p>MTHPd45:8 - “Eu tenho meu projeto social próprio que eu desenvolvo aqui em casa mesmo, que já passaram várias pessoinhas LGBT né, e voltado a profissionalização de Pet, né, banho e tosa, então assim, tudo tá caminhando (risos).”</p>
		Sexualidade nos movimentos sociais	<p>HCGBr57:7 - “Eu vou te dar um exemplo então que não a muito tempo tava participando de uma palestra com grupo e uma senhora de idade, ela meio que tava se engraçando pra mim, aí o filho dela disse “óh mãe, o [informação ocultada - nome do entrevistado] gosta da mesma coisa que a senhora”, e assim, ficou uma coisa meio constrangedora, mas não pra mim porque pra mim não diz muito.”</p>
Partidos políticos		Gênero em partido político	<p>MCBPd25:15 - “No espaço político eu cheguei ao risco de suicídio, ali foi o pontapé pra tentativa de suicídio porque as piores violências eu sofri no espaço político mesmo, porque eu sou muito assim, de querer discutir e querer apontar as coisas e aí apontando as coisas você sofre mais violência. Aconteceu assim de mesmo as mulheres, ou as pessoas que estão supostamente estão naquele partido contra as violências ficaram passando pano assim, e depois de muito tempo disseram “ahh você tinha razão”, sim, eu tinha razão e quase morri com ela, com a razão, mas sendo violentada assim, mas fiquei quieta, porque tá incomodando. Foi o pior dos espaços assim.”</p> <p>MCBPd25:32 - “Aí assim, começaram com um discurso, tudo que eu discordava era porque eu queria chamar a atenção, isso e aquilo, e teve coisas que eu fiquei um ano propondo e sempre era ignorado. Aí o que aconteceu, quando eu tinha articulação, eu chamei as mulheres e a gente fez uma votação de uma coisa que a gente estava em desacordo, e geralmente não se votava e nem fazia nada, eu ia lá pra assistir um monte de macho e perder o meu tempo assim. Aí teve a votação, chamei as mina e ganhei a votação, aí eles partiram pra uma ignorância maior ainda, e aí isso foi super, passaram pano pra essa violência, e o espaço que eles queriam no partido eles ganharam por meio da violência, meio que expulsando as minas dali, e agora eles tem outras pessoas, porque todas as mulheres que eu chamei e tentei levar saíram dali e eu também saí por causa de tanta violência,</p>

			<p>completamente debilitada emocionalmente. E aí só tem as pessoas que seguem o discurso que eles querem, e assim, essa foi uma das piores situações que eu passei né.”</p> <p>MCBPd25:51 - “No partido, por exemplo, eu já frequentei bastante por uma questão de gênero assim, que as pessoas se impõem, um lugar violento pras mulheres que se impõe, então eu não tô mais participando.” MCBPd25:RM1 - Violência de gênero na universidade e suicídio (partido político/gênero) “Sofri muita violência de gênero, o que me levou ao risco de suicídio.”</p>
		Sexualidade em partido político	<p>MCBPd25:43 - “Ou como eu ouvi no partido, que a pessoa insinuando que a [informação ocultada - nome de uma mulher do partido], tinha inventado a bissexualidade pra angariar seguidores políticos, enfim, é uma nojeira assim, sabe a pessoa não deixa de ser bissexual porque ela tá com homens.”</p> <p>MCBPd25:RM2 - “Ouvi comentários constrangedores e por vezes acusatórios sobre a sexualidade de outras pessoas.”</p>
		Raça em partido	<p>MCBPd25:RM4 - “Ouvi comentários racistas e má vontade de boa parte das pessoas em debater a questão.”</p>
		Renda em partido político	<p>MCBPd25:RM5 - “Aconteceu junto com a violência de gênero de um homem que fazia parte do diretório me humilhar também em relação a minha situação econômica. Ele é professor na universidade.”</p>
		Idade em partido político	<p>MCBPd25:31 - “Eu participei do grupo de juventude do partido, mas assim, grupo da juventude criado por caras com mais de 30 anos, aí eu fui lá pra disputar um espaçozinho e construir alguma coisa porque parecia mais fácil, meu cu né, quase fui pro suicídio daí.”</p> <p>MCBPd25:RM3 - “Pessoas mais velhas acham que suas velhas práticas políticas são superiores ao conhecimento raso de vida que elas imaginam que jovens possuem.”</p>

	Sindicato	Gênero em sindicato	<p>MCBpd25:30 - “Mas teve várias, várias e várias situações assim, quando eu participei do processo eleitoral pro [informação ocultada - nome de sindicato] por exemplo, eu tava junto com um carinha assim, bem mais velho do que eu, a gente até conseguiu conversar tranquilo, felizmente ele não tinha uma postura muito extremamente machista, e quando eu dei nos dedo dele, ele riu e falou “é assim mesmo”. Aconteceu uma situação que cada um ia levar uma urna e mais algumas coisinhas, e quando chamaram a gente pra buscara as coisas e começar o trajeto, aí eu peguei a urna e deixei as outras coisas, aí ele disse “pegue aquilo ali que é mais leve, esse é pedado” e não sei o que, eu disse “pega você”, virei as costas e saí. Mas aí depois a gente até conseguiu conversar sobre gênero e sexualidade, ele disse que tinha dúvida por questão familiar e ele não queria ser um escroto com a família dele, ele queria aprender e a gente foi no trajeto conversando assim, então ali foi tranquilo, mas geralmente não é assim.”</p>
Corpo	Corpo	Gênero no corpo	<p>HCGBr28:1 - “Então, olha Eduardo eu nem sei, acho que abre um pequeno gap aí de algumas coisas e sensações. Assim, tipo, eu sempre fui um garoto feminino, eu era bem feminino, bem viadinho assim, dá pra se dizer quando eu era criança. Eu adorava usar batom, esmalte, saia e esse tipo de coisa, mas os meus pais sempre me reprimiram muito, então esse tipo de coisa acabou ficando pra traz, acabou acho que não desenvolvendo assim de certa forma. Hoje me considero um homem cis, mas aquela coisa também, tipo, não segue um estereótipo, aquele padrão sabe. Mas basicamente eu acho que um homem cis.”</p> <p>HCGBr28:14 - “Eu acho que assim, eu fui uma criança bem afeminada, hoje tipo tem momentos que eu ajo de uma forma às vezes se eu tô mais pintosa assim, tipo, se eu tô andando me achando gostosa e dando uma requebrada, percebo que as pessoas olham diferente, tem mulher que olha e julga, tem homem que olha e julga, tem homem que olha e julga, fala algumas coisas e depois com o tempo eu analiso e vejo que é desejo, tem vezes que as pessoas olham e desejam, no sentido de ai mulheres “quero ser amiga, quero conversar, quero interagir”, e caras “quero transar”, então tem reações diversas, se eu tô me comportando bem masculino assim é despercebido, as pessoas não percebem, não.”</p>

		<p>HCGPd29:08 - “Penso também de certa forma, porque, por não ter uma, por não representar, não é representar demais, não sei nem qual é a fala né, vamos colocar, a questão da, da minha sexualidade, por um lado mais feminino né, então acho que, pelo meu corpo, ou as minhas representações não serem feminilizadas ou femininas, vou usar essa palavra, não tive, não senti né, nos espaços tanto essa repressão, essa opressão de certa forma.”</p> <p>HCGPd29:12 - “[...] até o jeito de se vestir a gente muda né, de um lugar para o outro assim, então a gente muda nosso comportar com certeza. As pessoas que estão a volta é um grande fator influenciável a isso né. Elas que vão modificando, elas que vão refletindo ali o jeito que nós vamos nos comportar naqueles espaços.”</p> <p>HCGPd29:14 - “Então, eu sempre vou procurar espaços aonde tem a minha galera né, aonde tem pessoas LGBTs frequentando né, aonde eu consiga passar e ver que neste espaço, ou seja, nossa ali tem uma, tem uma boate né, deixa eu olhar aqui, então ao visualizar eu consiga ver né, as pessoas, como que é o espaço ali dentro, as pessoas que estão ali, e a gente já consegue ter uma ideia do público que frequenta aquele lugar pela né, pela, vamos colocar, pela cara do lugar. Então isso vai também, isso influencia muito né, e a gente também consegue ouvir né, um colega, óh tal espaço, óh vai em tal lugar, e assim a gente também vai conhecendo né, e adotando nossos espaços.”</p> <p>HCGPd29:17 - “Essa pergunta na verdade, como é que gente faz identificar, é estranho né, a gente tem um “gaydar” que parece que é acionado, a gente olha para pessoa e fala: é, entendeu? Mesmo não sabendo, mas é, de alguma forma. Mas o sentido que não tinha ali pessoas conhecidas que eram de certa forma né, e em pessoas também que tinha os trejeitos né, ou que apresentava, o que se vestia de alguma forma né, que chamasse, pudesse chamar atenção para isso né, para essa questão.”</p> <p>HCGPd29:34 - “É aquilo né, eu não apresento uma feminilidade né, com relação ao meu corpo, a forma que eu ando, a forma que eu falo, a forma que eu represento de certa forma. Então, isso acaba passando né, então, eles não vão olhar para mim e dizer: olha ele é viado e tudo mais. Então quando</p>
--	--	--

		<p>eu cheguei aqui, eu tinha uma, eu tinha certas características que hoje eu não tenho mais né, mudei o cabelo, mudei de certa forma o jeito de vestir, tirando porque aqui é muito frio também né, minha roupa já não dava mais também, então o jeito de vestir também né, para me encaixar, de certa forma.”</p> <p>HCGPd29:36 - “O homem é mais assim, caracterizado com a força né, aquilo da virilidade, da força. A mulher não, a mulher é algo delicado, algo mais gentil. O homem não, ele é mais bruto, mais grotesco, grosseiro e essas coisas assim. Então né, eu diria né, de certa forma nesse sentido né, ou seja, eu tenho que ser uma pessoa séria né, eu não posso demonstrar os meus sentimentos, eu não posso chorar, porque se eu chorar eu sou fraco, então não posso demonstrar fraqueza de certa forma né, quanto ao meu ser homem. E a questão da mulher é diferente né, a mulher vem pro emocional, a mulher vem né, vamos colocar nesse sentido né, ela mulher vem a demonstrar essas fraquezas né, da mulher e tudo mais. Então, isso também traz né, esse sentido de que se seu sou, qual é a palavra, se o menino né, se ele é meigo, vamos colocar isso né, se ele é delicado, se ele é meigo, se ele é carinhoso, como as mulheres tendem a ser, ele já vai estar representando algo que é diferente ali também, então não seria, então, é, são dois papéis diferentes a serem exercidos de certa forma”</p> <p>MCLBr23:1 - “Em relação de eu com o meu gênero é um pouco complicada assim, porque eu tenho fases sabe.”</p> <p>MCLBr23:3 - “[...] é, mas com o meu gênero, até sei lá, 2019 mais ou menos, eu não fiquei questionando sabe, mas depois de 2019 para cá eu comecei a pensar sobre coisas que eu não gostava em mim, é, questões por exemplo, de eu não me sentir cem por cento confortável com o meu nome por exemplo, ou com a ideia de ser mulher sabe, mas, é, eu acho que eu ainda me identifico como mulher sabe, não, não, não acho que eu seja um homem trans, mas talvez sei lá, depois de muita terapia eu descubra alguma coisa, mas por enquanto tá assim. Faz um tempo já, algumas semanas que eu não pensei mais sobre isso também.”</p> <p>MCLBr23:13 - “Olha, eu sou uma pessoa assim, que se eu quero fazer uma coisa eu vou lá e faço sabe, se eu quero tal coisa eu fico insistindo até conseguir, e eu não sou muito</p>
--	--	---

		<p>flexível. Então assim, eu nunca mudei meu jeito, ou meu jeito de vestir, o meu jeito de falar, ou sei lá, o meu corte de cabelo, sei lá, porque as pessoas me olham torto, sabe, nunca mudei isso. Porque eu penso assim, que o problema não tá em mim tá nelas né. E eu não vou fazer um negócio que me deixa desconfortável, pra que eles não fiquem desconfortáveis. Problema é deles, eu faço isso com a minha família e ainda olha lá, então com pessoas que eu não sei nem o nome eu não vou mudar pra que elas fiquem confortáveis, problema é delas, se elas não gostarem elas que saiam do mesmo ambiente que eu tô e é isso.”</p> <p>MTHPd45:6 - “Eu acho que a minha vida foi tanta merda, vamos dizer assim, foi tanta merda na minha vida, que pelo menos essas merdas eu uso pra alguma coisa, porque com certeza tem muitas pessoas que viveram muita merda, fez muita merda por aí, ou aconteceu tanta merda na vida da pessoa que ela não consegue falar as merdas que aconteceram, as violências que viveram e as agressões. Eu não me vejo inspiração, mas quando eu vou nos espaços fazer uma fala, então eu vejo que alguma coisa da minha vida do passado contribui para a melhora da vida dessa pessoa.”</p> <p>MCLBr23:5 - “Agora, em relação as outras pessoas, eu acho que acontece muito de eu ser confundida com homem na rua, várias vezes já as pessoas me trataram no masculino, é, não que isso me incomode, é, eu entendo né, mas acontece.”</p> <p>MTHPd45:17 - “E tudo que a gente vai fazer, a gente tem que fazer dez vezes mais pra provar que a gente é capaz. E não haveria necessidade disso né, se as pessoas e a educação familiar fosse diferente, porque tudo começa em casa, os primeiros preconceitos, as primeiras violências e assim por diante.”</p> <p>MTHPd45:25 - “A gente tem que se entender né. Até porque tem meios de esquisam e aquilo você vai de acordo com o que você pesquisa e pororó, você vê a categoria que você se encaixa, realmente com o que você se identifica, por exemplo, ou é queer, ou é bi, ou é assexual, enfim, né. Há uma vasta diversidade né, e as vezes a gente acha que é uma coisa e não é. Pesquisar com pessoas que se identificam com você, ou não como você. Então desde pequena eu sabia o que eu queria, eu</p>
--	--	--

		<p>só não sabia definir a palavra certa (risos). Eu sabia que eu era mulher desde criança. Nunca tive problemas com a minha aceitação, de chegar no espelho e ver a mulher que eu sou hoje, externar a mulher que eu sou hoje.</p> <p>MTHPd45:26 - “Tem gente que tem medo de externar, vive aquela mulher, mas não é posto pra fora, não e transposto pra fora, por várias questões. Mas uma hora ela vai ter que pôr isso pra fora, muito obstáculo próprio, e outra pra viver melhor pra ela.”</p> <p>MCBPd25:1 - “Eu sou uma mulher cis, o que é engraçado que como eu não depilo as pernas o pessoal acha que eu sou trans, mas não, meu gênero é feminino, mulher.”</p> <p>MCBPd25:2 - “Eu sou estudante e eu trabalho de maneira autônoma, vamos dizer assim, de modo intermitente, por causa da minha saúde mental que agora está melhorando. E os meus problemas de saúde mental tem muito a ver com violência de gênero, muito, muito, muito a ver, os meus gatilhos pelo menos tem.”</p> <p>MCBPd25:20 - “Assim, em relação ao meu gênero, pra mim é basicamente tranquilo sabe, comigo. Na adolescência eu passei, a adolescência eu passei por aquela de “ah quero ser homem”, mas com o tempo eu entendi que eu não quero ser um, eu quero ser tratada como um.”</p> <p>MCBPd25:21 - “E assim, eu sou mulher e já aconteceu de me perguntarem se eu sou trans porque eu não depilo as pernas e axilas. E porque que uma mulher precisa depilar as pernas? Sabe, padrão de performance de gênero que foda-se. Inclusive, eu escuto que é rude assim, uma mulher falar palavrão, mas eu falo. E assim, vários estereótipos de uma mulher eu não sigo e continuo dizendo eu sou uma mulher sabe.”</p> <p>MCBPd25:22 - “A minha relação de gênero é tranquilo, mas e uma relação que eu sei que eu vou ter que estar sempre resistindo assim, em todos os ambiente, mas eu sempre me posiciono assim, eu sempre me posiciono, sempre, sempre, sempre. Pra mim, assim, eu tô tranquila em relação a gênero, mas, tranquila no sentido, daqui comigo mesma, daqui pra fora é uma guerra diária.</p>
--	--	---

		<p>MCBPd25:46 - “E o que eu falei né, eu não vou andar na rua a noite, vou ficar na minha, se alguém me assediar a noite eu não vou me impor como eu faço durante o dia, enfim, se eu percebo a situação de risco assim, eu não vou agir assim, mas no geral eu me imponho bastante, então eu não mudo muito o comportamento, por isso eu recebo muita violência, porque eu não mudo essa postura, eu não fico me escondendo, “ah mas isso aqui tá errado”, pra quem querida, enfim eu me imponho bastante, eu exponho bastante as coisas também.”</p> <p>MCBPd25:47 - “Mas assim, eu já ouvi bastante gente que muda assim, que tentam assim parecer mais héteros. Tá certo que eu não sei como vou parecer, eu só não sei como parecer mais bissexual porque senão eu faria (risos), se eu pudesse assim, se eu pudesse escrever aqui na testa, só pra incomodar a homofobia, a LGBTfobia dos outros eu faria assim, porque geralmente dizem que eu pareço muito hétero, me falam muito que eu pareço hétero. Nem sei, pra mim aquela coisa, “ai sapatão tem que parecer homem”, foda-se se parece hetero.”</p> <p>NBLPt24:1 - “Sou mulher lésbica, na real, eu já vou mudar essa informação, porque quando eu me voluntariei eu disse que era uma mulher lésbica, mas eu tô no processo de me descobrir como não binária, então vamos considerar como não binária.”</p> <p>NBLPt24:3 - “Eu comigo mesma também sou bem resolvida.”</p> <p>NBLPt24:23 - “Por exemplo, agora que a gente usa máscara, com o cabelo curto, eu tive a impressão que isso ficou menos pior, porque aí o pessoal acha que eu sou homem e não mexe. O pessoal nem mexe, passa reto. Como eu uso roupa unissex, roupa larga, cabelo curto e tal, o pessoal acha que é um homem e nem mexe, e acaba que é mais tranquilo nesse sentido.”</p> <p>NBLPt24:24 - “Essa heterossexualidade compulsória dá isso, quando o cara vê que você não é um padrão de mulher específico, nem mexe. Tu não pode usar uma saia ou um calção curto que eles olham mesmo, deixam você atravessar, eles deixam você passar, e se passou no olhar deles, eles já olham, sexualizando o corpo.”</p>
--	--	--

		<p>NBLPt24:25 - “Como eu uso roupa larga, máscara, tenho cabelo curto, eu já não passo por esse tipo de situação, mas eu já fiquei cuidando, observei isso, de olhar pra onde se direciona o olhar do cara, e sempre vai pro peito da mulher, pra bunda da mulher, sexualizando o corpo da mulher, “ah tá com roupa curta que gostosa”, ou se tá com roupa curta não sei o que. É uma coisa muito louca isso, e até muitos homens hétero cis que se dizem desconstruídos, entendeu. Então, por isso que eu falo que o preconceito é um negócio muito louco porque você não pode falar que você não tem preconceito, ou ah, eu não sou machista, não, tá muito internalizado isso, então tem que identificar quem tem vontade de mudança, porque a maioria não tem.”</p> <p>NBLPt24:27 - “Eu não vejo muita mulher hetero cis nesses espaços se manifestando de forma tão eloquente, elas se manifestam mais de modo muito interno. Se elas veem uma mulher de roupa curta ela vai pensar “ah tá se oferecendo”, mas ela não vai falar isso, vai guardar. Assim, porque é ensinado, é induzido pra mulher hétero cis a não se manifestar, elas não têm espaço e não se manifestam, elas guardam.”</p> <p>NBLPt24:28 - “Muitas mulheres tá com o marido, tá ali com a criança do lado, nesse mundo deles, nessa monogamia muito louca deles, e passa uma mina, o cara tem que olhar, ele dá uma disfarçada, mas tem que olhar.”</p> <p>NBLPt24:29 - “Se vê um travesti tem que olhar porque gera curiosidade.”</p> <p>NBLPt24:30 - “Se vê um viado de salto na rua tem que parar pra ver.”</p> <p>NBLPt24:31 - “Eu não passo por isso porque eu tô encarnando um personagem pra eles de homem, então não chama a atenção e eu não passo por esse tipo de situação.”</p> <p>NBLPt24:39 - “[...] eles sabem que eu sou LGBT até porque não tem como esconder né [...]”,</p> <p>NBLPt24:44 - “[...] porque o que acontece né, como eu não represento aquela figura, aquela estética feminina né, cabelo longo, padrão estético, geralmente eles não mexem comigo né, não dão em cima né. Então isso é, não digo que seria uma</p>
--	--	--

		<p>vantagem né, mas nesse sentido eu não sofro tanto com isso, nunca passei perreco porque eu não represento aquela figura que eles veem de uma figura ideal de mulher né. Mas eles sabem que eu sou uma sapatona né, por isso que não mexem.”</p> <p>NBLPt24:49 - “E obviamente que uma mulher preta com o cabelo curto, já associa aquela ideia de “ah, é sapatona, machorrona” e não sei o que. E é só uma pessoa né, qual o problema.”</p> <p>HCGPt29:43 - “Então eu tinha uma postura muito mais sei lá, afeminada digamos assim. Eu sentia que isso restringia muito o contato com as pessoas de ficar afetivamente, enfim, até só de beijar em festa, afastava as pessoas.”</p> <p>HCGPt29:44 - “Então eu mudo, eu começo a deixar minha barba, a mudar o meu cabelo, a mudar o jeito que eu me visto também em alguns ambientes.”</p> <p>HCGPt29:50 - “Mas isso eu acho que vem com um processo de amadurecimento né, passei dois anos tendo dificuldade em relacionar essas questões de raça, gênero e sexualidade, e então quando eu entendo isso e percebo que “ah você que tem que ser, é quem você é, e as pessoas tem que aceitar”, e isso vem muito, eu retomo, vem muito de existir uma lei que coloca a homofobia como crime, e isso deixa de existir na minha vida assim, de ter que me controlar, de deixar de ser quem eu sou, enfim.”</p> <p>HCGPt29:53 - “Mas isso tá ligado ao gosto e tá ligado a sentir segurança, segurança que em alguns espaços eu teria que me limitar né, limitar os meus gestos, a minha fala, a forma de me expressar e enfim, isso não beneficia ninguém, né.”</p> <p>HCGPt29:59 - “Assim, eu acho que tem diferença nos espaços e tem diferença das pessoas que estão comigo né, porque em determinados espaços você evita quando, não sei, quando tem uma grande concentração de pessoas talvez, ou nem sei se esse é o ponto chave, mas tem espaços que você evita falar de certos assuntos, ou sei lá, se comportar talvez de certa maneira né.”</p> <p>HCGPt29:60 - “Teve a barreira com a roupa né, que eu usava, isso no tempo que eu tinha um pouco de conflito, mas hoje</p>
--	--	--

		<p>passou, enfim, se eu tenho vontade de usar isso eu vou usar isso e ficar do jeito que estou independente de onde eu estou.”</p> <p>HCGPt29:61 - “Mas em certos ambientes, até por uma questão ética, porque em uma reunião de pais eu não vou ter comportamentos que eu teria com meus amigos, enfim, com quem eu tenha uma certa intimidade.”</p> <p>HCGPt29:62 - “Mas no ambiente familiar quando eu estou com meus avós ou minha mãe eu tenho determinados assuntos, por isso que eu digo não é só o ambiente, depende também de com quem você ta. Eu acho que muda o comportamento dependendo de com quem você está, mas isso não quer dizer que eu deixe de ser eu, eu só adapto o meu comportamento com o ambiente e com quem eu estou.”</p> <p>TRHPt24:1- “Eu me considero uma trans travesti, mas prefiro o termo travesti porque é uma identidade política e me agrada mais.”</p> <p>TRHPt24:14 - “Eu me entendo muito bem quanto meu gênero e meu corpo, e o meu transgênero.”</p> <p>TRHPt24:16 - “Não sinto raiva da minha travestilidade, e eu tava parando pra olhar e eu falei pro meu amigo, “amigo é doloroso, porque eu sempre fui essa gayzinha, essa viadinha não binária”, e aí o Facebook começou a me lembrar, na verdade acho que foi o Instagram, stories, e passou umas fotos de 2018 assim, eu assim, nossa gente, 3 anos atrás e eu olhei assim e “isso é uma garota!” Calça jeans apertadinha, e aí blusinha preta assim por dentro, o casaquinho jeans jogado assim por cima o cabelinho cacheado até aqui (gesticulando com as mãos nas proximidades do ombro). Eu ficava “gente isso é uma menina”.”</p> <p>TRHPt24:18 - “[...] é por isso que eu acredito que as mulheres trans são as mais mortas, porque o maior privilégio que a nossa sociedade diz que você pode ter é ser homem, e uma mulher trans quebrou com isso, ela foi pra totalmente o oposto e eu não quero, uma lésbica é super respeitada muitas vezes pelos homens por isso “essa mulher é quase um homem, ela é bem masculina”, os elogios pra uma mulher hetero cis que é aguerrida que é esforçada “nossa ela é guerreira, ela é</p>
--	--	---

		<p>batalhadora, ela é forte, ela é dura na queda”, coisas que são associadas aos homens, então quando você nasce homem, quando te é imposto o gênero homem, e você rompe com ele, na cabeça dos homens é tipo “mano tu pegou o maior privilégio que tu podia ter e tá jogando pela janela”, e é meio assim que funciona.”</p> <p>TRHPt24:22 - “Eu não digo que eu transacionei, mas que eu transcendi.”</p> <p>TRHPt24:24 - “Mas é uma vida pautada na transexualidade sabe, assim como antes, é que as pessoas não problematizam a cisgeneridade ou a heterossexualidade, e assim como antes também era agora é pautada nisso.”</p> <p>TRHPt24:27 - “[...] aí vão lá dão like com você, aí começa a falar e já dizem “ai não, não, eu me confundi, não achei que era isso”, não gato você olhou pra essa carinha aqui e achou que eu era uma garota porque é o que eu sou, uma bonequinha, e agora você não sabe lidar com isso e acha que isso é demérito, aí vai lá e denuncia.”</p> <p>TRHPt24:32 - “Tem esse imaginário social de quem é trans, porque no Brasil os imaginários sexuais eles são criados a partir de pornografia, e aí a trans é praticamente a Graciane Barbosa, ela é gostosa, ela é bonitona, ela tem um cabelão até o meio da cintura, ela é siliconada, ela tem peitão, ela tem 23 centímetros.”</p> <p>TRHPt24:33 - “E isso não diz muito sobre mim, eu sou uma trans careca, eu sou uma trans que não sou hormonizada, eu sou uma trans que não fez modificações corporais porque eu sinto que eu não preciso de nada disso pra me sentir feminina sabe.”</p> <p>TRHPt24:34 - “E as pessoas não tem esse entendimento sabe, sinto que é como meu amigo que mora comigo fala, eu sou um movimento de vanguarda, acho que daqui a 10, 15 ou 20 anos isso aqui (gesticula apontando para si) vai ser muito comum, só que a gente precisa de pessoas pontas de lança que quebrem esse estereótipo, por isso inclusive eu quero sim me tornar uma pessoa conhecida, uma pessoa que faça sucesso, pra ser representativa porque quando eu raspei o meu cabelo eu olhei todo o referencial de trans que eu conhecia e vi que não</p>
--	--	---

		<p>conhecia nenhuma careca: Orias, Liniker, Ventura Profana, as gatas que são trans e fazem série internacional, sabe, artistas, as gata tem tudo cabelão até a cintura sabe, as gata tudo gostosa, as gata são tudo hormonizada, e não é demérito nenhum isso, mas eu posso ser feminina sendo do jeito que eu sou.”</p> <p>TRHPt24:49 - “[...] inclusive isso mexe muito com o ego na transexualidade, essa aprovação dos héteros, acaba mexendo muito “nossa sou passável, fui lida como uma garota, sou uma menininha”, entendeu.”</p> <p>TRHPt24:50 - “Nossa se eu abrisse o meu Tinder acho tinha entre 200 ou 300 likes, é muita coisa sabe, de gente que tipo olhou e pensou “nossa é uma mulher”, aí depois quando viam que você é uma travesti param de te ler como uma mulher e aí vinha toda a problemática.”</p> <p>TRHPt24:51 - “[...] mas é isso que eu digo de vivências, por exemplo em setembro do ano passado [2020], eu ainda era um menino, gay, preto, trabalhava na [informação ocultada - nome de rede de lojas] e eu devo ter transado em setembro com 25 pessoas diferentes, beleza, em 30 dias 25 pessoas era um por dia praticamente. Eu tô em São Paulo fazem 7 meses e eu transei 2 vezes, entendeu. Não tô em espaços de rolê e de conhecer pessoas e de convívio social porque tenho respeitado a pandemia, mas eu tava com aplicativo e com bate-papo, e em Chapecó eu sabia que eu ia sair com alguém no máximo no dia seguinte, mas hoje em dia não, mesmo em bate-papos específicos para pessoas trans, porque eu agora eu consigo me destoar mais ainda do grupo que eu era, “ah um menino gay, um menino preto afeminado”, mas agora “ah ela é uma trans, ah mas ela é preta, ah mas ela é careca, mas ela não é siliconada, mas ela não é turbinada”, é muitos poréns. E aí tem autoestima como? Serotonina como? A partir das suas próprias subjetividades.”</p> <p>TRHPt24:52 - “É muito difícil se olhar no espelho e ser ver linda e maravilhosa.”</p> <p>TRHPt24:53 - “Anteontem eu voltei pra um desses aplicativos de pegação, e foi muito bom quando pessoas que você julga bonitas dizem que você é linda, é muito bom, porque tem hora que você tem dúvida sabe, será que eu sou linda mesmo? Mas</p>
--	--	--

		<p>eu penso eu sou. Primeiro porque eu já acho que eu sou, pessoas próximas a mim dizem que eu sou, e outra a gata é modelo, a gata é atriz, a gata faz várias coisas, mas a gente é social, a gente depende do social, do outro sabe, é complexo.”</p> <p>TRHPt24:54 - “Acho que não porque eu nunca deixei de ser militante sabe, não quero que pareça uma coisa coach, “ah tem que ir lá e encarar”, mas eu sou essa pessoa, inclusive é um dos meus maiores defeitos, eu não sinto medo, eu não tenho medo, se a pessoa falar pula do 13º andar, digo pra pessoa “eu vou ter paraquedas?” “vai!”, pulei, eu não tenho medo de ir lá fazer as coisas.”</p> <p>TRHPt24:58 - “Então eu nunca me limitei por causa disso, eu não vou deixar de fazer algo por não sei o que e não sei o que.”</p> <p>TRHPt24:64 - “Uma coisa que eu não falo tão publicamente pra todo mundo entende, que socialmente a travesti é uma coisa, ela não é um homem nem uma mulher, a mulher trans é uma mulher, a travesti é uma coisa a pessoa não acha que a travesti é um homem nem uma mulher, como tem os dizeres a travesti ou o travesti é uma coisa no imaginário social, e eu gosto por vezes de ser essa coisa sabe, de chegar com o meu um metro de noventa no meu bom salto 12, com um bom vestido e as mulheres aqui na avenida paulista que estão em volta malucas, as senhoras, porque elas olham e pensam “nossa que mulherão”, aí já olha de novo e pensa “ah não, mas isso não é uma mulher, ah mas não é possível que não seja”, eu vejo todos os dilemas estampados na cara delas, “mas que alta, mas que bonita, mas olha esse vestido cheio de cor”. É gata, é isso, exatamente.”</p> <p>TRHPt24:65 - “Eu gosto desse lugar assim pra mim e é por isso que eu quero tanto ascender socialmente que eu seja uma pessoa conhecida, porque eu não quero ser conhecida por ser conhecida, eu quero que a minha vivência e o meu corpo sejam conhecidos, que a pessoa que passou pelo lugar de gay de não binária, de drag queen, nota né que drag queen não é gênero é arte mas é um lugar mais sensível ainda dentro da comunidade, de transexual que foi abusada, que passou pela prostituição e que passou por várias coisas, por violência sabe, e dizer gata, vim, vivi e venci. Não coisa meritocrática de dizer “ah se eu posso você também pode”, não coisa meritocrática, mas no</p>
--	--	---

		<p>sentido de força sabe. Então eu quero que outras pessoas, principalmente trans, possam olhar e pensar “ok, talvez eu não precise me harmonizar, talvez eu não precise, ou talvez essas coisas todas difíceis que eu passei não vão impedir que eu seja esta pessoa”, por que tem uma, é só uma né, porque como diz o Lázaro Ramos “história de exceção só favorece a regra”, mas pelo menos tem uma ali que cruzou.”</p> <p>TRHPt24:66 - “[...] o máximo que eu tenho é uma disforia em relação aos meus pelos, então se eu tô de barba e eu tô andando num espaço público mas eu sei que eu vô tá sem máscara aí eu vou fazer, se eu sei que os pelos da minha perna tão muito grande aí eu tiro, mas esses dias eu gravei um filme onde eu era atriz, no meu primeiro curta e com as pernas peludíssimas, com o set inteiro de filmagem na minha frente e eu assim tô nem ai gata, tô nem aí [...]”</p> <p>TRHPt24:73 - “naquela época eu não era travesti era de boa, mas hoje uma maldita travesti de 2 metros de altura, as pessoas acham que eu vou tirar uma navalha debaixo do céu da boca.”</p> <p>NBLBr25:1 - “Entendendo que eu fui uma mulher cis durante 22 anos da minha vida, são espaços de circulação bem diferentes né [...]”</p> <p>NBLBr25:2 - “Então, como eu mencionei eu vivi 22 anos da minha vida, é reconhecida como uma mulher cis heterossexual, então eu posso declarar que isso foi uma coisa muito sistematizada né, na minha família, então era muito natural que eu fosse uma mulher cis e tudo mais, família católica também. E durante um longo tempo também me considerei uma pessoa muito religiosa assim, pelo menos né respeitando as leis sagradas, mas desde 2018, quando eu me tornei uma pessoa bissexual, quando eu comecei a conviver com pessoas LGBTs, isso começou a provocar em mim uma ruptura com aquilo que eu vinha entendendo como essência e como minha cultura.”</p> <p>NBLBr25:4 - “Então comecei assim, aí comecei a me envolver com algumas meninas e isso foi ficando mais claro pra mim, quanto sexualidade, que aquele gênero que eu vinha, aquela cisgeneridade que eu vinha produzindo não tava funcionando muito bem pra mim.”</p>
--	--	--

		<p>NBLBr25:7 - “[...] então assim, foi o medo, tanto que até permaneci na bissexualidade no princípio porque era seguro, seguro ser uma pessoa cisgênero.”</p> <p>NBLBr25:8 - “Então fui um tempo assim, até que eu precisei falar com a minha família porque eu entendi.”</p> <p>NBLBr25:11 - “Um segundo ponto, aquele modo de vestir, que eu vinha me vestindo, não tava mais também, eu não me entendia mais com aquilo sabe, com aquele modo de produzir a minha moda.”</p> <p>NBLBr25:12 - “Então eu fui passando por algumas transições, a primeira foi com as roupas e posteriormente com corte de cabelo, até que nesse momento eu ainda não entendia muito sobre os diferentes gêneros, eu ainda não, embora eu tivesse frequentado o [informação ocultada - nome de grupo de estudos acadêmicos sobre gênero] eu ainda não tinha frequentado ao ponto de entender isso do gênero, o quanto ele pode ser diverso né, os gêneros.”</p> <p>NBLBr25:13 - “Então eu demorei muito para entender que eu estava me tornando uma pessoa não binária, por exemplo, agora eu tenho mais, durante um longo período já tinha mudado a moda, mas não entendia que eu era que eu sou uma pessoa não binária, então foram processos demorados, eu posso dizer assim.”</p> <p>NBLBr25:15 - “Então quando, por isso que foi também é um processo muito demorado, era porque eu não conseguia pensar como eu ia poder transicionar, sem que isso me trouxesse as agressões né.”</p> <p>NBLBr25:16 - “Então, quando eu comecei ali, por exemplo, a mudar com a roupa com a moda, o cabelo ainda tava cumprido né, que eu tinha cabelo cumprido, depois comecei um corte samurai né, que foi um, foram conquistas aparentemente pequenas, mas que para mim já começavam a ser um sair né, o dito sair do armário.”</p> <p>NBLBr25:30 - “Eu sempre me esquivei assim sabe, que eu penso que podia não gostar de mim, eu sempre penso que as pessoas tem o direito de não gostar de mim porque eu tenho</p>
--	--	--

		<p>direito de não gostar de algumas pessoas também, mas o que é inadmissível é a homofobia escancarada né, porque a gente é diferente em tudo, mesmo na comunidade LGBT, mesmo as pessoas não binárias enfim, a gente é diferente, mesmo pelas nossas famílias, que é o núcleo primeiro de nossa existência.”</p> <p>NBLBr25:33 - “Então eu posso dizer que preconceitos que eu tenho vivenciado foram muito velados, e até pelas pessoas perceberem o meu modo de produzir cultura, e como eu tenho me relacionado em relação ao campo científico e epistemológico, as pessoas se medem muito em como se direcionam e o que falam pra mim, porque elas entendem que eu tenho muita clareza do que eu tô fazendo, eu tenho muita clareza, respeito as pessoas, então é inadmissível né, e acaba as vezes se tornando né, porque eu tenho esse entendimento, isso dos olhares, isso do “ah não preciso de ajuda”.”</p> <p>NBLBr25:37 - “É uma coisa que eu tenho estudado muito inclusive, uma vez que, que me preocupa muito, isso do, do, dos espaços, me preocupa muito mesmo, me incomoda muito os olhares que as pessoas têm com o meu corpo por exemplo, porque “ah como assim? Não é isso, não é aquilo, não entendi”, parece que é uma coisa que me incomoda um pouco sabe, preocupante.”</p> <p>NBLBr25:38 - “Eu sinto que se fosse por mim, pelos meus círculos de segurança, porque a gente tem que ter, tem que ter sempre um círculo de segurança, tudo bem, eu ser como eu sou, para minha família tudo bem eu ser como eu sou, mesmo, mas até já falei para minha família que pode ser sim, que, que tem coisas, partes do meu corpo que eu não, não me sinto bem, e que talvez eu queira mudar, e também para eles tudo bem, é tão assim legal quanto ao meu círculo de segurança, minha família, minha parceira, pessoas quem eu convivo, tudo bem se em algum momento eu entender que o meu corpo do modo como ele tá hoje exposto, ele, ele não se sinta seguro, porque é a realidade.”</p> <p>NBLBr25:39 - “Não fui agredida, mas a gente vê o tempo todo agressões severas contra pessoas LGBT né, até semana, final de semana retrasado alguém me falou de um homem transexual que ia trabalhar todos os dias de a pé né, e ele sofreu uma agressão que quebraram todos os dentes dele. Então não tem</p>
--	--	--

		<p>como eu não ficar sensível a isso, não tem como eu dizer que tá tudo bem porque não tá. Não é porque as pessoas fazem preconceito velado comigo que, que o mundo é seguro por exemplo.”</p> <p>NBLBr25:42 - “Seria interessante que elas começassem a entender que o mundo, ele não é o mundo, não é como a gente gostaria que ele fosse porque se ele fosse como a gente gostaria, que fosse então, que bom que eu pudesse fazer parte de um grupo onde só existem pessoas como eu e que tá tudo bem, não é LGBT, mas tô de boa, tá legal né.”</p> <p>NBLBr25:53 - “Eu tô me formando agora né, metade do ano, em abril, eu quero acessar o programa de pós-graduação e tenho feito formações a respeito disso, tenho problematizado bastante, até família enquanto questão familiar. Fiz um programa de extensão na [informação ocultada - nome de universidade pública no Rio de Janeiro] e eu nunca imaginei isso, sair de Santa Catarina e aí parece que quando você faz esses cursos você começa a entender que a vida pode ser muito mais que ficar naquele estado né. É então, eu usei essa sala sair já falando de quem pensa planejando o futuro, parece, eu sinto que, que o meu corpo como ele está modelado hoje, eu vou sofrer muitos constrangimentos, pelo menos, pelo menos. Porque que eu mencionei isso de estudar aqui ou no Rio de Janeiro, é porque eu vou tá saindo do meu lugar de segurança pra ocupar espaços que pra mim, pro meu corpo, e eu, pode vir a ter todo tipo de consequência né.”</p> <p>NBLBr25:56 - “Então quando você faz essa pergunta né, e aí você tá falando com uma pessoa que é extremamente cautelosa e que tem relações de interpretações assim na cultura. Então é claro que eu evito muitos espaços pra não ter que enfrentar talvez alguns tipos de situações que eu não, não, inesperadas.”</p> <p>NBLBr25:58 - “É claro que como eu tenho estudado muito a respeito de gênero, agora mais ainda, eu tenho, eu tenho como lidar com pessoas que podem não concordar como eu me visto, como eu me comporto e produzo cultura, mas que estão abertas a dialogar. Esse tipo de vamos chamar de não conhecimento, mas podemos chamar de ignorância também. Com isso eu sei lidar, esse tipo de estranhamento, agora uma pessoa que não</p>
--	--	--

		<p>quer dialogar, uma pessoa que tá pronta para me agredir física ou verbalmente, quanto a isso não sei o que eu poderia fazer.”</p> <p>NBLBr25:59 - “Então tem muitos espaços que eu realmente não ocupo, evito pra evitar criar uma cena onde eu vá talvez correr riscos de todo tipo de natureza, violência de todo tipo de natureza.”</p> <p>HCIPt28:3 - “Olha, eu sou bem normal. Tipo assim eu sou o tipo de pessoa que eu expesso a forma que eu sou em casa e no caso no trabalho da mesma forma, com meus colegas, com meus amigos.”</p> <p>HCIPt28:24 - “Geralmente eu sou sempre sério, pouco rio, mas no momento de alegria eu sou da mesma forma geralmente, nunca mudo, minha fisionomia, nem minhas atitudes, são as mesmas no trabalho e em casa.”</p> <p>HCGBr57:29 - “Daí vamos voltar a falar de religião, que eu falava lá atrás, hoje as religiões, hoje principalmente das evangélicas, dessas de pastores, desses infames que estão na política fazendo um monte de coisa errada, o que eles pregam é o ódio, então, eles não pregam “amai ao próximo como a ti mesmo”, eles pregam assim ó “tu tem que andar de calça, tu tem que andar com cabelinho, tu tem que andar com a Bíblia abaixo do braço, tu tem a família acima de tudo”, mas é a família deles, não é a tua família, é a família heteronormativa, não é uma família gay, “mulher não pode abortar, homem não pode adotar”. Então assim, quem provoca toda essa situação é um sistema que eles tanto defendem”</p> <p>HCGBr57:31 - “Olha, eu falo que isso é a vida inteira, então não foi um tempo específico. Isso é uma questão quase que de sobrevivência.”</p> <p>HCGBr57:45 - “Então assim, eu não tenho essas restrições, eu frequento qualquer lugar que eu queira, mas tem lugares que eu sei que eu tenho que cuidar do meu comportamento, mas eu não tenho essas restrições, eu não tenho, lógico que eu tenho as minhas preferências sim, assim como qualquer pessoa tem, mas isso não depende do fato de ser LGBT ou não.”</p>
--	--	--

			<p>HCGBr57:59 - “Eu fiz um trabalho junto com o [informação ocultada - nome de grupo governamental da área da saúde em Chapecó], aonde nós distribuimos preservativos pra profissionais do sexo, e a gente conversava, assim, primeiro nós éramos recebidos assim com muita hostilidade, e depois, pelo simples fato de alguém, que tá ali de calça, alguém vestido feito homem e que não é um alvo de caça, se é que tu me entende, alguém que não é um alvo de caça, que tá ali e tá conversando como se fosse da família, como se fosse alguém que se importe com elas, tu ouve histórias assim, sórdidas [...]”</p> <p>NBLBr25:RM3 - “Não confortável”</p>
		Sexualidade no corpo	<p>HCGPd29:02 - “Eu não tenho problema com a minha identidade na verdade né, não quanto a minha sexualidade né. A minha sexualidade não, mas algumas questões identitárias sim, eu ainda tenho né, estou em um processo de construção. Mas, a sexualidade bem definida, não tendo problema e não me sentindo, e não me sentindo mal ou com medo de dizer, ou de se for preciso me impor ou me posicionar.”</p> <p>HCGBr28:15 - “Olha sempre tem alguma coisa, alguma situação de pessoas conhecidas, né, tipo, principalmente a violência verbal né. Violência física, de apanhar visualmente, assim, pessoalmente eu acho que nunca.”</p> <p>MCLBr23:2 - “Com a minha sexualidade eu nunca tive problema assim, depois dos 17 né, até os 17 eu ficava assim me questionando né, querendo negar o que eu era e tal, [...]”</p> <p>MCBBr18:2 - “Eu me rotulo, mas e uma coisa que eu não gosto muito de fazer sabe, porque as vezes eu fico tipo, “será que eu gosto mesmo dos dois gêneros?”. Quando se trata de relacionamento entre duas mulheres ainda é muito fetichizado, querendo ou não, é mais aceito por ser um fetiche.”</p> <p>MCBPd25:19 - “Também tem em relação a sexualidade, mas acho que é mais em relação a gênero mesmo assim, porque como eu sou bissexual, a minha vida é mais heteronormativa em muitos aspectos.”</p> <p>MCBPd25:23 - “Em relação a sexualidade, eu ainda me sinto assim, não é que eu me sinta, sei lá, podada, mas eu tenho um medo assim, em relação ao ambiente, a exposição assim, até</p>

		<p>porque eu tenho um certo receio, mas eu comigo mesma é tudo tranquilo, mas exteriormente é sempre meio complicado assim, e eu tô sempre me posicionando, e geralmente quando a gente se posiciona, essa pressão pra que você se cale ela é maior, vem outras formas de violência.”</p> <p>MCBPD25:49 - “Sexualidade eu não tenho muito a falar porque como eu falei a minha vida é muito heteronormativa, não que eu tenha escolhido isso, só porque foi, aconteceu assim.”</p> <p>NBLPt24:42 - “Acho que a gente vai se privando justamente pra procurar não chamar a atenção.”</p> <p>HCGPt29:6 - “A minha relação com o meu gênero e minha sexualidade é tranquila né, não tenho problema.”</p> <p>HCGPt29:7 - “No momento que eu me assumi, que eu tava com 17 anos e tava no meu último ano do ensino médio a partir desse momento que eu disse, que eu coloquei pra fora, que eu expressei pros meus amigos, enfim pra partes da minha família foi muito mais tranquilo essa questão, porque enfim, é como se sáísse um peso né, você tá dizendo né, por mais que não precise dizer, você está declarado em alto e bom tom.”</p> <p>HCGPt29:12 - “É uma relação boa, tranquila, não tenho problema, não tive, quer dizer tive ao longo da vida, como homofobia enfim.”</p> <p>HCGPt29:24 - “Mas justamente por isso, por eu me colocar em posição, por eu saber que hoje homofobia é crime né, desde 2019, então são coisas que te dão uma segurança, claro nunca uma segurança total, mas uma segurança de se impor de frente desse tipo de situação.” HCGPt29:28 - “Eu lembro que uma menina que tava ficando com uma garota que é minha amiga, e ela relatou abuso sexual por conta de que ela era lésbica e o cara queria provar que ela não era. Isso ela relatou e foi o que mais me chocou assim, mas de ver alguma coisa acontecer com pessoas próximas a mim eu não me recordo.”</p> <p>HCGPt29:54 - “Então há sim, tem lugar que eu evito frequentar por causa da sexualidade. Eu acho que tem lugar que eu frequento por causa da sexualidade também né, justamente porque você procura lugar pra se sentir mais confortável.”</p>
--	--	--

		<p>HCGPt29:64 - “Agora a pessoa com quem eu estou me relacionando agora por exemplo, ele é muito mais comedido que eu, eu, por mim qualquer lugar é lugar, mas é porque eu tenho essa visão né, de “olha, se acontecer alguma coisa tem a lei anti-homofobia, tu tem noção disso”, e eu tenho muito esse pensamento. Mas o problema, e é uma coisa que ele me alerta é que a gente não sabe quando que alguém vai chegar alguém e dar com um pau na tua cabeça, e não vai nem ter tempo de falar da homofobia.”</p> <p>TRHPt24:2 - “Sexualidade infelizmente eu me descobri hétero depois que eu transacionei. Eu me considero hétero, mas eu me sinto atraída por homens trans, homens cis, homens hétero, bissexuais, enfim, mas homens, porque pessoas travestis ou mulheres não me atraem, o aspecto feminino não me atrai. Pessoas não binaries eu também as vezes me sinto atraída.”</p> <p>TRHPt24:75 - “Pra mim qualquer lugar pode sabe, eu não vou deixar de exercer um direito que é meu e que tá na declaração universal dos direitos humanos, que todo ser humano é igual perante a lei.”</p> <p>TRHPt24:76 - “Mas claro que se eu tô num lugar que eu sei que há um risco, tipo, manifestação na paulista cheia de bolsominion e eu tô no metrô, gata eu não vou dar motivo entendeu, mas é só por uma situação de instinto, perigo latente, perigo eminente, eu tô falando com bicho então eu tenho que me cuidar.”</p> <p>TRHPt24:78 - “[...] Mas assim, não vou deixar de fazer, não consigo pensar em nenhum lugar que eu não deixaria, a não ser lugar que não é pra isso [...]”</p> <p>NBLBr25:20 - “Então eu vi outros comentários aleatórios, por exemplo, algumas pessoas, “aí, não sei o que, você e seu ex será que em algum momento não voltam?”, coisas desse gênero.”</p> <p>NBLBr25:73 - “A gente geralmente, os poucos espaços públicos que a gente ocupa, a gente meio que faz questão de demonstrar esse afeto, porque também né, como eu te expliquei, se de um lado eu entendo que muitas coisas não são seguras, por que não são, por outro, como é que vai se tornar</p>
--	--	--

		<p>seguro se a gente não trazer esse enfrentamento né? Esse estar nos espaços, como que eu vou querer que a escola seja um espaço seguro se eu não ocupo a escola? Se pessoas como eu não ocupam a escola? Então é uma via que todo tipo de ruptura, todo tipo de mudança, vai causar nas pessoas um estranhamento, mas é preciso que a gente em alguns momentos não tenha medo, porque como eu disse, se eu tivesse ficado com medo eu teria até ficado no relacionamento heterossexual cis que eu estava anteriormente.”</p> <p>NBLBr25:75 - “A primeira vez que eu beijei uma menina foi em um espaço público, mas geralmente são espaços privados mesmo. Eu não frequento muito espaço público, ainda mais com esse tipo de demonstração de afeto.”</p> <p>NBLBr25:75 - “A primeira vez que eu beijei uma menina foi em um espaço público, mas geralmente são espaços privados mesmo. Eu não frequento muito espaço público, ainda mais com esse tipo de demonstração de afeto.”</p> <p>HCIPt28:2 - “Eu me considero um homem cis, no entanto eu, digamos, eu não gosto muito de rótulos, eu, algumas pessoas dizem que eu sou bissexual, outras dizem que eu sou gay, mas eu sou do tipo que eu acho que eu prefiro ser feliz, independente se é com um homem ou com uma mulher com uma trans ou sei lá, com quem, com o raio que o parta, eu quero ser feliz, independente. Não gosto das pessoas ficar me rotulando, “ah tu é gay! Tu é bissexual!”, não, isso para mim não interessa, eu acredito que é essa particularidade e que todos nós deveríamos ter o poder de escolher, não ser rotulado por alguém. Se eu quero me identificar com um gay ótimo, se eu quero me identificar como um bissexual também, mas se eu não quero me identificar com nenhuma das classes, eu posso ser uma pessoa normal, um ser humano normal sem ter nenhum rótulo.”</p> <p>HCIPt28:4 - “Geralmente quando alguém faz algum comentário que me desagrade, eu falo pra pessoa “olha, não gostei disso”, e muitas vezes eu ignoro algumas pessoas.”</p> <p>HCIPt28:5 - “Mas eu acredito na questão do respeito tá, que eu acho que é uma coisa primordial, eu acho é essencial para qualquer convivência. Eu respeito ao outro e o outro também deve me respeitar. Se gosta ou não é problema dele, mas ele</p>
--	--	--

		<p>obrigatoriamente tem que me respeitar, o direito de eu ser e fazer aquilo que eu também desejar. “</p> <p>HCIPt28:6 - “Se alguém se acha no direito de vir lá e me julgar eu já, já vou dizer “não, baixa a bola que não é bem assim”, ou simplesmente ignoro a pessoa.”</p> <p>HCIPt28:7 - “Geralmente não acontece comigo, aconteceu uma vez só, eu coloquei a pessoa no devido lugar e hoje em dia não acontece mais. Algumas vezes alguém começa com querer fazer alguma brincadeira “ah baitola”, e eu já falo “olha, eu não te dou nenhum tipo de intimidade para a gente discutir esse assunto. Isso é uma coisa pessoal minha e se eu quiser um dia brincar contigo a gente brinca se não tu não tem nenhum direito de brincar sobre isso.”</p> <p>HCIPt28:9 - “Olha, comigo diretamente aconteceu esse momento. Não sei se a pessoa ficou com um pouco de receio, mas ela não repetiu o ato.”</p> <p>HCIPt28:25 - “Olha, por conta de sexualidade, deixa eu ver, geralmente eu não gosto de ir em locais que têm, digamos, uma má reputação referente à questões de gênero e sexualidade. O que a gente ouve nos grupos, nas rodas de conversa, as pessoas falando sobre esses assuntos, então quando eu sei que o local não é o local que eu gostaria de tá inserido, que já houve situações, eu não frequento.”</p> <p>HCGBr57:3 - “Mas com o tempo passando eu aprendi que as gerações futuras dependiam das nossas ações, do que nós fazíamos.”</p> <p>HCGBr57:4 - “Aí eu comecei assim, não me rebelar porque tu vê ainda muito caso de violência, ainda muita discriminação, pessoas vítimas de homofobia, de lesbofobia, de vários problemas relacionados à sexualidade e falo muito sobre isso, mas eu sinto muito que na nossa sociedade, como a gente tem, machista, patriarcal, ela se mostra muito violenta diante de uma de uma pessoa que não é heteronormativa entende.”</p> <p>HCGBr57:8 - “Se eu tiver andando na rua, o meu jeito de vestir e tudo mais, eu me comporto, não digo que é normal, mas eu me comporto do jeito que eu acho que é adequado pra mim, do</p>
--	--	--

		<p>jeito que eu gosto. Mas as pessoas não me identificam como um gay entende.”</p> <p>HCGBr57:10 - “[...] se alguém for agredido, com certeza eu vou me meter, não vou permitir.”</p> <p>HCGBr57:15 - “Eu só não deixo que as pessoas agridam outras pessoas em função disso, se houver de eu ta na rua e algum ser agredido em função disso, com certeza que eu vou ajudar, eu não vou deixar que ninguém use da força pra se mostrar superior a outra pessoa, porque a sociedade acha que o heteronormativo é superior, mas não tem diferença então é nesse sentido que eu falo.”</p> <p>HCGBr57:17 - “Lógico que se eu vejo um perigo, muito perigo, eu não vou me meter, mas assim, foi muito comum durante toda minha vida, foi muito comum.”</p> <p>HCGBr57:18 - “Em um grupo que tão conversando e a pessoa fala sobre isso, isso não tem que falar, e se tu defende dizem que tu é gay também, e aí sofre. Sabe, é uma situação que aconteceu realmente muitas vezes, eu nunca escondi de ninguém, mas as pessoas não sabem ao meu respeito, então parece que elas precisam que a gente diga pra elas rirem da tua cara, então foi muito comum.”</p> <p>HCGBr57:19 - “Mas comigo, como eu tenho assim, eu tenho um jeito de, como dizem normal, me visto feito um homem cis, trabalho me comporto, não tenho trejeitos, então assim, eu passo batido nessa questão.”</p> <p>HCGBr57:20 - “Mas assim, comigo muitas pessoas fazem comentários como “olha o viadão, olha a camisa, olha o jeito”, mesmo que não seja, e aí não faz nenhum sentido, e isso eu não perdo, eu não perdo e não fico quieto, e a minha resposta nem sempre é tão cordial assim. Eu mando estudar, se tratar porque tem um problema sério, e eu fiz isso com muita frequência, não digo que arrumei inimigos por causa disso, até mesmo porque uma pessoa que se comporta desse jeito ela não merece minha amizade, mas em muitas vezes eu interferi, aliás quase todas.”</p> <p>HCGBr57:30 - [...] Então quando eu digo, assim, eu tô me tornando ateu, é porque assim, os exemplos estão cada vez mais</p>
--	--	--

		<p>frequentes, estão cada vez piores. Hoje quando tu fala de religião, meu Deus, a gente vê aberrações, a gente vê por exemplo, um pastor lá defendendo leis absurdas, leis que tiram os poucos dos tantos direitos que teríamos. Tantas conquistas que nós tivemos e a gente tem que tá lá brigando por não perder, e geralmente quem tá lá provocando pra que a gente perca esses poucos direitos que nós adquirimos, é essa bancada evangélica.</p> <p>HCGBr57:39 - “[...] então quanto mais se fala sobre o assunto, como vamos falar, por exemplo, nós estamos falando de preconceito, se a gente fala muito sobre preconceito as pessoas aprendem o que é preconceito, porque tem muitas pessoas, principalmente os de mais idade, eles são preconceituosos e eles não sabem que estão sendo preconceituosos, eles acham que aquilo é correto, e não isso é preconceito [...]”</p> <p>HCGBr57:40 - “[...] então pelo fato de se falar muito, de se comportar, de se impor, e de fazer tudo que a gente faz hoje, a gente tá mudando a sociedade.”</p> <p>HCGBr57:44 - “[...] mas assim, eu, é lógico, se tu não é bem tratado no ambiente tu não volta. Quando tu tem um exemplo assim, alguém, alguém que é, independente de ser filiado, mas que é da sociedade, do grupo, grupo não é o termo adequado, mas que é LGBT, ser agredido por homofobia, por lesbofobia, ou qualquer outra situação no local, é lógico que eu não vou, talvez eu não tenha sido maltratado, mas eu acho que é uma resposta que a sociedade tem que dar, tem que parar de frequentar, porque se eles não conseguem ver que eles agiram errado, a sociedade tem que mostrar de alguma forma, assim não precisa ir lá depredar, não precisa gritar, não precisa, é só não frequentar.”</p> <p>HCGBr57:46 - “Tem lugares, ou pessoas, que tu conhece e tu sabe que elas são homofóbicas, você sabe que elas são, desculpa, eu sei que não é político né, mas quando o meio é bolsonarista tu já sabe que o ambiente é hostil. Lógico que eu isso eu tô dizendo que sou anti, sou contra, completamente contra essa aberração desse Presidente, mas que não vem ao caso, casa tu seja, tu seja bolsonarista ou não, mas essa, esse aspecto, é lógico que eu não vou me manifestar [...]”</p>
--	--	---

		<p>HCGBr57:47 - “[...] e assim, tô num espaço que não é um espaço gay, por exemplo, eu entendo assim ó, pra mim não precisava ter, antigamente a gente chamava de guetos, hoje são espaços próprios pra isso em Chapecó. Em Chapecó, tem o [informação ocultada - boate LGBT em Chapecó], todos os gays se encontram lá, mas porque que tem que ser lá? Eu discordo dessa filosofia de que tem que ter um canto. É lógico que a gente procura um espaço onde a gente sinta mais segurança, e lá é um espaço destinado para o público LGBT, então assim, se o espaço é destinado pro público LGBT, é lógico que eu vou poder dar um beijo na boca de alguém e outra pessoa não se sentir incomodada com isso, a menos que seja algo errado dessa pessoa que acabou de levar o beijo entende.”</p> <p>HCGBr57:48 - “Então assim, é só nesse sentido, mas eu penso assim, que o espaço público todo ele é meu por direito, a igreja, qualquer uma é minha por direito, eu tenho as minhas predileções, mas a sociedade ela não pode me impor um espaço que eu posso frequentar, quem decide qual espaço eu vou frequentar sou eu, e eu acredito muito nisso, e eu me comporto dessa maneira entende.”</p> <p>HCGBr57:49 - “É lógico que. por exemplo assim, eu vou preferir ir ao [informação ocultada - nome de boate LGBT em Chapecó], onde ninguém se importe se eu beijo na boca ou não, do que eu esteja no lugar, no ambiente que é considerado hétero e que alguém se importe de eu dar um beijo na boca de outro homem.”</p> <p>HCGBr57:50 - “E também tem a seguinte questão, o espaço que não é o espaço gay por exemplo, e tu é paquerado, é muito comum de ser paquerado e outros espaços. mas tu tem aquela dúvida, “ele tá me paquerando? É alguém que eu conheço? Alguém que me conhece?”, entendeu? Tu sempre fica com um pezinho atrás, e tu tem essa segurança quando espaço é gay [...]”</p> <p>HCGBr57:51 - “[...] mas essa ideia de segregação, ela não me abraça, eu não eu não gosto disso. É lógico que eu sinto essa segurança e todo mundo precisa dessa segurança porque o ambiente ali fora ele é muito hostil, as pessoas são agredidas, então assim, ainda precisa-se de espaço, “esse espaço aqui é para mulheres! Esses espaços são pra gays! Esses espaços aqui</p>
--	--	---

			<p>são só pra hétero! Esses espaços aqui são pra machão!”, então, a sociedade diz que isso é necessário, e a gente segue o que a sociedade pensa ou age porque a gente sabe que fora isso é a violência que pega.”</p> <p>HCGBr57:62 - “Se não é a educação mostrar dessa forma, olha eu tô sendo redundante, tô de novo voltando a falar de educação e falar da religiosidade. Mas se não é a escola abrir os olhos da sociedade, a educação mostrar pras pessoas, “Olha tá na hora de agir diferente”, nada vai mudar.”</p>
		Raça no corpo	<p>HCGPd29:35 - “O que é diferente com relação a raça né, porque nós temos fenótipos que é visível, e que não tem como a gente mascarar né, de certa forma. Então, já tive alguns momentos né, com a polícia também, não de ser preso e tudo mais, mas de nos bairros que eu morava né, sempre ter aquela “coaçãozinha” né, de te acompanhar, de te jogar uma lanterna né, tipo assim, essas coisas assim. Então acho que isso acaba, no meu ver né, acaba caracterizando mais né, acaba se destacando mais nesse ponto.”</p> <p>MCBPd25:3 - “Eu sou uma pessoa parda e isso eu fui descobrindo ao longo do tempo, porque eu não sou preta o suficiente pra ser lida como preta, e não sou branca o suficiente pra ser tratada assim também né, principalmente aqui no sul.”</p> <p>NBLPt24:8 - “Eu não me considero preta de pele retinta né, isso aí eu respeito por que tem preta de pele retinta, aos olhos dos pretos de pele retinta eu sou parda [...]”</p> <p>NBLPt24:45 - “Em relação a raça que aqui na cidade o pessoal acha que eu sou de fora, e eu sempre morei aqui, então acho importante ressaltar isso [...]”</p> <p>NBLPt24:47 - “Eu acho que tem a ver com a etnia né, porque a galera daqui é branca, então eles já estranha e acha que eu sou de São Paulo, mas sempre morei aqui (risos).</p> <p>HCGPt29:37 - “[...] primeiro porque eu não sou uma pessoa negra de pele retinta, e não tenho cabelo crespo, meus traços são afluídos, mas não são tanto, então assim acho que essas questões de colorismo afetam muito na hora da abordagem.”</p>

		<p>HCGPt29:39 - “Eu acho que o que acontece muito e que eu tenho percebido, e que é uma violência, é o fato da sexualização. Eu acredito que muitas vezes eu tive dificuldade em me relacionar, e de desenvolver ou seguir um relacionamento em Chapecó, um relacionamento homoafetivo, porque o que as pessoas querem de um homem negro é o sexo, é o tamanho do pau e isso, e mais nada entendeu.”</p> <p>HCGPt29:41 - “[...] tem um estereótipo racial que essa foi a violência que mais me afetou durante a minha vida assim, que mais me marcou nesse período em Chapecó digamos assim, de como as pessoas esperam alguma coisa, e só querem ficar com você por causa dessa expectativa sobre o que você é ou o que você pode oferecer. Isso é uma coisa que diversas vezes eu me interessava por alguém, eu queria seguir alguma coisa a mais, e não, “ah vamo transar”, e só transar, transar, transar, e não quero só isso sabe.”</p> <p>HCGPt29:42 - “Aconteceu, mas assim, deixa eu contextualizar. Olha só, o que acontece, quando eu tô em Chapecó, e eu tô chegando, meu Deus, eu era totalmente diferente, tinha um cabelo maior, eu alisava assim e tal, até por questão estética racial, meu cabelo não é cacheado, mas também não é um cabelo liso, mas eu alisava.”</p> <p>HCGPt29:45 - “Com o tempo que eu via que isso não mudava, e vi que era com a minha cor talvez né. Quando eu percebo isso, que leva uns dois anos até eu tomar consciência disso, e aí eu mudo, eu paro de procurar [...]”</p> <p>TRHPt24:3 - “Me declaro uma pessoa preta, mais especificamente como uma pessoa preta, preta, porque dentro do movimento né, a gente tem as pessoas pretas que se declaram pessoas preta retinta ou uma preta de pele clara, e eu sou uma pessoa preta, preta.”</p> <p>TRHPt24:39 - “Violências por gênero e por raça tiveram várias ao longo da vida assim, inclusive eu só comecei a me identificar como uma pessoa preta em Chapecó, porque no Rio de Janeiro tem uma paleta de colorismo muito grande né, e aí é isso ninguém quer ser preto porque a gente sabe o que as pessoas pretas passam mesmo quando você é preto, e aí você assume esse lugar e tipo a gente sabe o que que as pessoas pretas</p>
--	--	---

		<p>passam como por racismo e exclusão e tudo mais. E quando eu cheguei em Chapecó era um cenário que eu não tinha como fugir porque em qualquer lugar que eu chegasse eu era a pessoa mais escura.”</p> <p>TRHPt24:41 - “Muitas situações como ser deixada, isso um pouco acho que era por raça, porque eu como homem preto tinha dificuldades mas eu ainda ficava com muitos meninos em Chapecó e tudo mais e era sempre muito sensível o lugar da pessoa pra pessoa chegar pra você que era o que eu mais ouvia “ai você é muito legal, você é inteligente, você é muito sensível, é bom fazer amor com você, ficar com você”, sempre quando tava num rolê mais intenso, só que não dá.”</p> <p>HCIPt28:1 - “Eu me considero, digamos, eu sou descendente de negros, no entanto pelo tom de pele tá na minha documentação que eu sou pardo, mas eu me considero uma pessoa negra, obviamente por traços capilares, pele mais escura, então eu me considero assim, mas meus documentos de identificação estão lá que eu sou uma pessoa parda.”</p> <p>HCGBr57:25 - “[...] tá certo que bandido não tem cara de bandido, hoje as pessoas, ou a polícia, ou a sociedade, entende assim, que se for, for preto, ou que se tiver mal o vestido é o culpado, e isso acontece muito.”</p> <p>NBLBr25:RM4 - “Me sinto desconfortável. Pertencço ao grupo considerado privilegiado (branco). Mas não me sinto confortável em relação aos racismos.”</p>
	Renda no corpo	<p>NBLBr25:RM5 - “A relação de classe, acaba por limitar os espaços em que posso ou não circular”</p>
	Idade no corpo	<p>HCGBr57:11 - “Assim, eu não tenho problema com a minha sexualidade, mas o que começa aparecer hoje é a questão da idade dentro da sexualidade. Não digo guetos, mas pessoas gays da minha idade, ela fica muito, se ela não tem uma autonomia como eu acho que eu tenho, ela fica restrita, presa, ela não tem lá tantos amigos, ela não tem o social, entendeu.”</p> <p>HCGBr57:12 - “Então de novo, eu falo, eu falo comparando por exemplo, Porto Alegre ou São Paulo á Chapecó, em Chapecó se tu tem uma família e tem um grupo de héteros e</p>

		<p>tudo mais, tu acaba ficando isolado, tu acaba ficando sozinho, e isso é bem real. Eu sinto, parcialmente eu sinto isso na pele, não é isso funciona exatamente assim porque eu sei o lado que eu trabalho, mas é isso que acontece. Quando se tem acesso a outras pessoas com essa faixa etária, ela é, não digo excluída, mas de certa forma excluída sim.”</p> <p>HCGBr57:28 - “Só que assim, eu tenho 57 anos de idade, então assim, com 18 anos isso era muito frequente, então assim, conforme foi aumentando minha idade foi reduzindo isso, e é que eu falo, quando o preconceito ele reduz por um lado ele é mais acentuado por outro.”</p> <p>HCGBr57:35 - “Então, hoje tá ficando comum, mas ainda, eu falo da minha geração, a minha geração ela sempre aprendeu a nunca se manifestar carinhosamente, porque sabe que a reação, ela é negativa. No fundo, no fundo, não é que a gente aprendeu que era errado, não, amar não tem erro nenhum, mas tá errado pra sociedade, então assim, quando digo que a gente faz de tudo pra evitar confusão, pra evitar ser agredido, então é nesse sentido.”</p> <p>HCGBr57:41 - “Eu falo isso e eu percebo essa mudança, eu insisto de novo em dizer que tenho 57 anos, e eu não sei você, mas eu acredito que você tem uns 25, no máximo 30 anos, não sei se tu é LGBT ou não, mas se tu for, hoje tu tem uma condição de vida diferente da que eu tive quando eu tinha a tua idade, mas eu vivi naquela época por isso que eu trago essa bagagem de dizer assim, que naquela época funcionava assim, foi mudando e aconteceu, eu acompanhei essas mudanças todas né. Então para mim eu falo com propriedade porque eu vivi isso tudo.”</p>
Espaços de saúde	Unidade de Pronto Atendimento (UPA)	<p>Gênero na UPA</p> <p>MCBpd25:14 - “Eu já fui pra UPA com tentativa de suicídio e tive que ouvir o médico dizendo que eu ia ir pro inferno, sendo que como se isso fosse mudar alguma coisa, mas enfim.”</p>

	<p>Rede Feminina de Combate ao Câncer</p> <p>Gênero na Rede feminina de Combate ao Câncer</p>	<p>NBLBr25:65 - “Recentemente eu fui na rede feminina para fazer aquele exame né, anual preventivo, olha eu fui muito bem atendida pelas pessoas que estavam ali, eu achei muito bacana porque eu sinto que nesses espaços onde as pessoas adquiriram um determinado nível de conhecimento, parece que elas, parece que elas entendem isso, de ser uma pessoa, um corpo estranho nesses espaços.”</p>
	<p>Consultório de Psicologia</p> <p>Gênero no Consultório de Psicologia</p>	<p>TRHPt24:21 - “Tenho feito terapia, comecei a fazer terapia, e na segunda psicoterapia, eu me consultava com um rapaz assim de Chapecó que era um homem gordo gay preto, então era maravilhoso, me identifiquei em muitas coisas. Aí eu já falei, olha eu não sei, acho que a minha transexualidade tá aí, talvez demoro alguns anos e tenha que fazer algumas coisas, e aí demorou 8 meses.”</p> <p>TRHPt24:23 - “E agora eu me consulto com [informação ocultada - nome da psicóloga], uma mulher preta não binária psicóloga e baiana, tudo pra mim, e é maravilhoso, e sempre tenho problematizado essas vivências.”</p>
<p>Clínicas</p>	<p>Gênero em clínicas</p>	<p>MCBPd25:5 - “Quando eu tava grávida, eu fiz atendimento na clínica [informação ocultada - nome de clínica de saúde], [...] mas foi uma ou duas vezes, porque não me trataram bem, aí eu voltei pra UBS [inaudível - ruídos externos]”</p> <p>MCBPd25:13 - “Na clínica [informação ocultada - nome de clínica de saúde], que eu fui, me senti muito mal, pedi pra continuar o atendimento na UBS, e eles me trataram mais mal ainda sabe, falaram que eu não tava preocupada com o meu filho, e em nenhum momento quiseram saber porque eu não tava confortável de ir lá.</p>
	<p>Raça em clínicas</p>	<p>HCIPt28:18 - “O ano que eu me mudei para cá foi 2018 e eu sempre tive problemas alérgicos. Na época eu tinha marcado uma consulta numa clínica aqui em Chapecó, e como eu não tinha plano de saúde então eu fazia o pagamento em espécie ou com cartão, mas o pagamento direto né. Eu marquei a consulta na clínica e no dia da consulta, quando eu cheguei na clínica, daí eu pedi na recepção né, fui lá tava aguardando ser chamado, a moça chamou, a senhora inclusive nem moça, aparentando ali seus cinquenta e tantos anos, e daí eu falei para ela que eu tinha marcado uma consulta com dermatologista tal, e daí ela me</p>

		<p>olhou de cima a baixo. Nesse momento eu me senti ofendido porque eu acho que, eu não faço isso com ninguém, até porque é ofensivo, disse, eu só falei para ela, “moça eu tô pagando! Se eu marquei é porque eu tenho dinheiro para pagar!”, aí ela me pediu desculpa na mesma hora e eu pedi para ser atendido por outra pessoa porque eu não gostei da reação.” HClPt28:19 - Trocou de clínica por conta de discriminação racial e se sentiu identificado com a dermatologista negra (clínica de saúde/raça) “Foi a última, a única consulta que eu fiz nessa clínica, depois eu até troquei de médico, fui com outro dermatologista, tanto um que eu fui atendido por uma moça preta também, negra, ela ainda tem o tom de pele bem mais escuro que o meu, e foi um atendimento completamente diferente.”</p>
Hospital Regional do Oeste (HRO)	Gênero no HRO	<p>MCBPd25:6 - Quando eu tive meu filho também fui no HRO, eu sofri violência obstétrica, tô acionando a defensoria pra isso.”</p> <p>MCBPd25:12 - “Nos atendimentos também, de saúde, eu acho extremamente difícil assim, dificilmente chega em algum lugar você se sente tranquila, porque acho difícil que alguém vai tratar um homem dessa maneira, mas mulher né em qualquer lugar é maltratada.”</p> <p>MCBPd25:36 - “A situação do HRO foi uma situação que eu fui me consultar, e a médica falou quando a gente ouviu o batimento do nenê, deu uma parada, deu uma caída, aí ela mandou pra emergência pra fazer exame, pra ver se tava tudo bem, se ele não tava em sofrimento fetal. E aí começou com a bonita da médica assim que, eu ouvi ela falando mal de mim, quando eu tava esperando pra fazer o exame, que aí ela foi fazer o exame de toque e foi super desrespeitosa e ficou falando assim “ai porque se não quer fazer toque que não faça, porque ela deu um chilique porque tinha sangue ali no chão”, só que tipo, eu tava super nervosa, e quando eu me troquei pra ela me avaliar, eu voltei e tinha um sangue no chão, e ai enfim né, eu tava super nervosa, comentei “ah tem um sangue no chão e eu tô nervosa” sabe, aí depois ela falou que eu tinha dado um chilique, mas eu simplesmente falei “ah eu tô nervosa e tem um sangue ali”, e ela falando que era chilique.”</p> <p>MCBPd25:37 - “Aí no outro dia depois da meia noite a minha bolsa estourou e eu voltei pra lá, e aí foi uma coisa assim, de 4</p>

		<p>a 5 pessoas em volta, eu tava tranquila quando eu cheguei lá, tinha 4 ou 5 pessoas em volta de mim tudo ao mesmo tempo, uma queria medir pressão, a outra sei lá o que, e eu comecei a ficar nervosa sabe, e nem a médica falava comigo, nem uma falava comigo. Aí eu fico aqui ou o que que eu faço, “ah pode ser”, sabe, foda-se, enfim, aí eu tive crise de ansiedade quando eu comecei a entrar em trabalho de parto efetivo, me abandonaram lá, o meu ex ficou tipo me segurando, porque eu dava uma caída e ele me segurava, e enfim.”</p> <p>MCBPd25:38 - “Todas mulheres no atendimento, e praticamente todas me trataram muito mal, me abandonaram lá, eu tendo crise de ansiedade e gritando assim, sabe, “por favor me ajuda, eu tô em crise”, e elas só diziam “a médica depois vem”, e era a mesma médica de antes então. E situações do tipo, “ai eu preciso levantar”, e ela “fica aí que eu quero te ver fazendo força deitada”, sendo que qual o motivo disso sabe, o motivo e violência obstétrica porque tu tá vulnerável e não tem como reagir.”</p> <p>MCBPd25:39 - “Então foi bem complicado, enfim, depois que eu tive o [informação ocultada - nome do filho da entrevistada] e tiraram ele de mim, e mentiram no prontuário que existiu o contato pele a pele, que geralmente a melhor coisa é trazer o nenê pra perto da mãe pra se aquecer e mamar na primeira hora, e não aconteceu lá, e eles registram como se acontecesse sabe.”</p> <p>MCBPd25:40 - “Então é muita coisa, e depois as enfermeiras vieram me ajudar com a amamentação sabe, e o cansaço tamanho lá, e elas só pra estressar, “ah da teta senão não vai embora, a lata de Nan é 50 reais”, enfim, sabe.” E é isso basicamente, eu até tenho que passar lá buscar meu prontuário, porque eu marquei um horário na defensoria pra entregar os documentos e entrar com uma ação sabe.”</p> <p>MCBPd25:56 - “Estabelecimentos de saúde eu já falei que são violências de gênero né, “ah mas é uma violência obstétrica”, mas não, é uma violência de gênero, ninguém vai violentar um homem quando ele tá sendo atendido, então é violência de gênero.”</p> <p>MCBPd25:RM8 - “Sofri violência obstétrica e desconforto em inúmeras situações”</p>
--	--	--

		Sexualidade no HRO	MCBPd25:RM9 - “Relações heterossexuais são consideradas a regra, parte da minha sexualidade não existe para o sistema de saúde.”
		Raça no HRO	MCBPd25:RM11 - “Parte grande do problema de violência obstétrica estava relacionado a raça, já que o pai do meu filho é haitiano. O tratamento recebido por nós e por outras mulheres no mesmo local foi nitidamente diferente.”
		Idade no HRO	MCBPd25:RM10 - “Já fui tratada como "adolescente" em diversas situações. Quando tive meu filho falaram como se não existisse a possibilidade de eu saber cuidar dele (em função da idade).”
Espaços Profissionais	Ambiente de Trabalho	Gênero no ambiente de trabalho	<p>HCGBr28:18 - “Violência de gênero assim, não sei se cabe uma mulher cis ter sido ofendida, mas acabava acontecendo dentro da [informação ocultada - nome de universidade], que tinha a [informação ocultada - nome de uma ex colega de trabalho] que trabalhava comigo e acabava tendo algumas situações e acabava sendo bem desconfortável sabe”</p> <p>HCGBr28:21 - “Teve uma coisa específica que eu lembrei bem desagradável que foi muito escroto também lá na [informação ocultada - nome de universidade]. O chefe ele odiava todas as mulheres, era uma coisa que eu percebia assim, qualquer mulher que estivesse acima dele, se fosse reitora, fosse uma gerente de outro setor, ou qualquer outra pessoa chefe do outro setor, qualquer uma que ele tinha que interagir assim e tal, ele tinha que falar assim “ah setor tal é casa das prima” alusão ao bordel, porque “era uma bagunça e não sei o que”, mas sabe, sempre umas coisas assim de cunho muito machista. A pessoa só tinha valor pra ele se tivesse saco e fosse hétero, então assim, muito escroto, muito escroto.”</p> <p>HCGPd29:11 – “Mas, e, e, sim né, igual nos locais de trabalho é completamente diferente, o portar é algo mais sério, o jeito de se vestir da gente [...]”</p> <p>HCGPd29:18 - “As escolas já, já é um portar diferente né, ou seja, eu sou, é como se eu fosse um modelo né, então eu tenho</p>

		<p>um exemplo a dar né, então a gente acaba se portando diferente.”</p> <p>HCGPd29:23 - “O portar ali, é como que uma, uma personalidade né, vamos colocar uma segunda personalidade que eu tenho que ter ele né, o outro eu aonde eu tenho um padrão a seguir esse padrão é de acordo com o meu corpo a minha sexualidade. Então eu não posso representar, ou falar, ou gesticula, ou ser muito né, para não trazer esses exemplos ou trazer certas coisas para cabeça das crianças, então ser o mais, vamos colocar, eu não vou colocar nem normal porque isso nem ia ser normal, é ser o mais padronizado mecanizado daquilo com que é o seu sexo biológico ali possível. Isso é algo que escola demanda. Isso não é, nós não conseguimos de fato nos expressar por completo, porque em algum momento, é, nós vamos ser puxado ou chamado, vamos colocar, chamada atenção de certa forma né, como, como eu já fui né, em alguns momentos assim, pedido para que de certa forma fosse menos extravagante, falar muito alto, se expressar demais, tem coisas que não deve se dizer, então assim, é, é meio complicado.”</p> <p>HCGPd29:30 - “Ah, dos alunos, sim. É muita, é uma exigência de comportamento né, heteronormativa em cima das crianças ali muito grande, então o bullying né, ali, tá sempre nas crianças né.</p> <p>MCLBr23:6 - “Agora que eu tô fazendo medicina, eu sinto que as pessoas elas respeitam mais sabe, porque eu acho que tem essa questão dessa visão que as pessoas tem dos médicos sabe, o peso da profissão mesmo né, e aí as pessoas tendem a respeitar mais sabe, e fica assim, tenta não falar nada e tal, mas quando eu tava na enfermagem eu sentia que as pessoas me olhavam de um jeito mais diferente sabe, não era sempre, era algumas vezes, mas acontecia, das pessoas ficarem, nunca chegaram a falar nada pra mim mas já me olharam torto.</p> <p>MCLBr23:19 - “Eu acho que, na área da saúde, tem diversos tipos de pessoas e situações, por exemplo eu sou estudante de medicina né, um paciente vai me ver de um jeito, se eu fosse uma estudante de enfermagem ia me ver de outro, se eu fosse uma pessoa que já tá trabalhando lá ia ser outro, mas assim, eu enquanto estudante de medicina, eu percebo que os meus pacientes me respeitam bem, sabe”.</p>
--	--	---

		<p>MCLBr23:21 - “Às vezes acontece de pacientes idosos ficarem meio desconfortáveis, mas nada exagerado assim, e nunca aconteceu também de paciente se negar de ser atendido por mim, e nem nada desse tipo.”</p> <p>MTHPd45:1 – “[...] moro em Chapecó tem 22 anos, e nesses meus 22 anos né, além de, tipo, comecei né, claro, cheguei em Chapecó como garota de programa né, era garota de programa até por questão de sobrevivência. Depois fui fazendo amizades e tal, consegui um trabalho, comecei a trabalhar em um pet. Mas antes disso, eu também fazia shows como drag queen, trabalhei na arte a mais ou menos 30, 25 ou 28 anos, na arte drag, viajando tudo, e também conheço alguns outros países, da arte também, aquela coisa né de viajar o mundo e o meio ganha um pouquinho mais.”</p> <p>MTHPd45:29 - “No comércio, eu trabalhei dois fins de semana, eu falei eu vou inventar de trabalhar na [informação ocultada - nome de rede de lojas de confecções] no shopping. Tavam precisando de intermitente e eu fui lá. Paguei meus pecados naquela loja. Isso foi agora recente, eu acho que foi no máximo a dois meses. O dono da loja é apoiador do capiroto, então trabalhador lá é escravo. Era pra trabalhar 4 domingos só né, e eu não aguentei, trabalhei só dois, não aguentei. Eu comecei a trabalhar a uma e meia da tarde e parei as 11 e 15 da noite, 6 reais a hora trabalhada antecipado. Meu joelho estava do tamanho de um xis salada (risos), enorme o meu joelho né, porque ficar muito tempo em pé, eu não tenho mais 20, então ficar muito tempo de pé aqui a idosa não aguenta mais. Foi horrível sabe, mas é uma loja bem diversa, na questão de preconceito, olha, preconceito só se for pelos funcionários, mas não pela loja, e outra, o pré-requisito pra trabalhar lá, tem que ser viado, né, se for LGBT entra fácil, é prioridade, e, mas, agora, ficar lá que é complicado, não entrar mas se manter, eles tem assim, regras bem rígidas, e eu não aguentei, só não aguentei por causa do meu joelho, não por causa do meu desempenho, ao contrário o meu desempenho foi tão quanto o de muito funcionário da loja. Eu sou muito boa de papo, então eu pego o cliente e mostro tudo, tamanho p, m g, e tudo.”</p> <p>NBLPt24:6 - “No trabalho eu também não tenho esses conflitos, porque quando me contrataram pra trabalhar lá já me</p>
--	--	--

		<p>conheceram dessa forma, como eu sou hoje, então não tem nada diretamente ligado assim, ainda bem.”</p> <p>NBLPt24:15 - “Eu já tive problemas no trabalho em relação ao machismo né, isso também é recorrente, o que também diz respeito ao gênero né.”</p> <p>NBLPt24:40 - “[...] mas é uma outra relação que eu tenho no trabalho, é uma outra [informação ocultada - nome da entrevistada] que tem lá no trabalho.”</p> <p>HCGPt29:49 - “Mas em ambientes de trabalho, por exemplo quando eu vou dar aula agora, eu não mudo o meu jeito de me vestir, não mudo o meu jeito de me portar, porque essa é a pessoas que eu sou.”</p> <p>NBLBr25:23 - “Quando eu fui trabalhar nessa escola onde eu, e no trabalho também sempre foi muito tranquilo, sempre tive relações muito tranquilas com os meus líderes e com o pessoal do trabalho assim. Nessa escola que eu estou no momento eu tive muito receio de ir pra lá, eu tinha medo de como os pais iam se comportar comigo, as professoras e as crianças, medo de tudo assim, mas pro meu espanto, as crianças nunca se importaram com como eu me vestia, com o meu corte de cabelo.”</p> <p>NBLBr25:24 - “Às vezes vinha uma criança ou outra, até pouco tempo que a terceira criança me perguntou, foram muitas poucas crianças, foram três crianças, eu sou professora de crianças de 2 a 5 anos e trabalho com todas as turmas, sou volante, e a pergunta deles é muito simples “você é menino ou é menina?”, e depois que eu respondo, parece que nem importa, era só uma pergunta clichê para eles, e eles continuam normalmente, nada que altere a nossa relação, a nossa convivência. Muitos meninos, muitos menininhos diziam assim, aí eu lembro que era engraçado lá no começo, porque as meninas diziam “é uma menina!”, e os meninos diziam “é um menino!”, é como se, se eu fosse menino fosse muito legal, que eu fosse um deles. Então tinha essa coisa muito calorosa das crianças.”</p> <p>NBLBr25:25 - “Tem um filho de uma professora, ele tem quatro aninhos, e ela comentou comigo que no domingo, no</p>
--	--	---

		<p>almoço, o menino disse para família “eu gosto muito do professor [informação ocultada - nome da entrevistada], porque ele é muito legal, ele brinca com a gente e ele sempre brinca comigo, ele sempre é muito querido”, e aí diz que o pai dele falou “o professor [informação ocultada - nome da entrevistada]?”, e olhou para mãe, para professora né, a minha colega, e aí “como assim professor [informação ocultada - nome da entrevistada]? É um menino, um homem ou é uma mulher?”, aí ele falou “eu não sei, é o professor [informação ocultada - nome da entrevistada]”, aí a irmã dele falou “você tem que saber!”, e a mãe dele disse que, a [informação ocultada - nome da colega de trabalho/mãe da criança] né, a professora me disse “eu fiquei olhando e deixei o [informação ocultada - nome da criança] falar, eu não me meti”. Então assim, encurralaram o menino porque, “quem que é essa pessoa?”, e aí ele falou que não importava sabe. Então eu fico imaginando as conversas que as minhas, meus alunos têm em casa né. Essa foi uma história que eu ouvi porque a mãe é minha colega né.”</p> <p>NBLBr25:26 - “Essa semana ouvi novamente, na sexta, um outro menino né, o [informação ocultada - nome de um estudante], que a mãe dele também disse que o meu nome é muito mencionado na casa e que, aí eu falei “aí que bom né!”, porque a gente fica muito orgulhosa, aí ela falou “tomara que você esteja aqui esse ano que vem novamente porque o [informação ocultada - nome de um estudante], ele gosta muito de você”.”</p> <p>NBLBr25:27 - “Então eu posso dizer assim, que em relação as crianças, os meus alunos, não existe o menor problema em se eu sou um menino ou sou uma menina, para eles o que importa é como a gente tem se relacionado né, e é uma relação assim, de respeito mútuo.”</p> <p>NBLBr25:28 - “Em relação as professoras sim, eu percebi que teve olhares estranhos.”</p> <p>NBLBr25:29 - “São mulheres que trabalham há anos naquele espaço, então como eu círculo né, eu círculo em todas as turmas, em alguns momentos elas “Ah não precisa, não preciso de ajuda” e tal.”</p>
--	--	--

		<p>NBLBr25:31 - “Então eu percebi assim, e depois outras pessoas vieram comentar comigo que “ah [informação ocultada - nome da entrevistada] abre teu olho, algumas pessoas não gostam de você”, mas também por outro lado muitas pessoas sempre me acolheram.”</p> <p>NBLBr25:32 - “Uma vez uma pessoa veio, logo no começo, veio abertamente me perguntar “[informação ocultada - nome da entrevistada], você já sofreu algum tipo de violência quando você entrou em algum lugar, ou você percebeu que as pessoas não sabem se sentir bem com você no espaço e tal?”, aí tanto que foi no momento engraçado, que eu fui mostrar para ela, tava mostrando uma foto minha de quando eu tinha o cabelo comprido e tal, aí eu respondi para ela que, eu respondi, eu falei “eu sei que tem, eu sei, mas abertamente eu nunca sofri nenhuma agressão, nem verbal, nem física, mas sei que existe”. E num segundo ponto, veio uma professora logo em seguida e falou assim pra mim “aqui dentro você nunca vai sofrer esse tipo de violência”, sabe. Então assim é uma professora, é a primeira, primeira professora do espaço, então eu percebi que assim, que, que sim, que ia haver, mas que ali dentro algumas pessoas iriam me proteger como que fosse necessário.”</p> <p>NBLBr25:34 - “Eu sempre conversei a respeito disso no [informação ocultada - nome de programa universitário de ensino] com as professoras, porque a gente tem muita abertura para falar sobre isso, porque é falar da nossa existência né. Eu sou parte da minoria, então o nosso, nosso, nosso espaço de fala, ele às vezes tem sim essas interferências. Então é mais esse tipo.”</p> <p>NBLBr25:35 - “Em relação aos pais né, que seria outro grupo, eu posso dizer que, que sim, acho que no começo lá, tinha aqueles comportamentos também, só que velados né, porque são crianças de família de elite, são famílias de elite, é uma escola de elite, então as pessoas assim como eu, elas têm entendimento de que tudo aquilo que a gente faz vai ter que responder, inclusive legalmente pelos nossos atos. Então eu posso dizer que, que eles foram muito cuidadosos em como lidavam com isso de “olha só, uma pessoa não binária!”.”</p> <p>NBLBr25:36 - “Mas em outros aspectos também, atualmente né, que já faz esses nove meses que eu estou no espaço, e eu</p>
--	--	--

		<p>percebo que as pessoas já entenderam que é muito legal de eu estar naquele espaço, que tem coisas que não cabem mais. Você pode achar estranho, você pode não concordar, você pode N (ene) situações, mas você tem a obrigação legal constitucional de respeitar aquilo que é diferente de você. Além do mais eu sou professora dos filhos deles, e certamente eles dialogam muito a respeito do que a gente tem produzido lá dentro daquele espaço, e todos acho que entenderam que o fato de como eu me arrumo, como eu me visto, o fato de como eu me relaciono afetivamente com alguém, não lhes dá o direito de cometerem qualquer tipo de agressão contra mim, assim como eu não tenho feito a mesma coisa com os filhos deles.”</p> <p>NBLBr25:40 - “Eu percebi comentários, mas eu acho que foram, foram mais os olhares assim.”</p> <p>NBLBr25:41 - “A coordenação do espaço onde eu atuo sempre me atendeu muito bem, e como é a líder do grupo né, porque isso conta muito, se a coordenação depende do modo preconceituoso evidenciando isso, o grupo sem tirar bem porque o poder tá fazendo isso, então é legal fazer isso né, é naturalizado então vamos fazer isso, todo mundo odeia pessoas LGBT então vamos ser, vamos demonstrar isso. Como a coordenação se mostrou acolhedora, então eu acho, não sei, tô pressupondo, que também a própria coordenação teve a sensibilidade de deixar claro que a gente está lá para trabalhar e que assim, eu não eu não estou ali sem fazer nada, estou ali tenho muita coisa para ensinar, uma pessoa que estuda para caramba e então também tô ali para aprender.”</p> <p>NBLBr25:46 - “[...] eu falo isso para os professores, eu falo abertamente porque é isso, então por isso que no começo achavam estranho, tiveram que conviver comigo, alguma coisa vai ter que mudar ali né.”</p> <p>NBLBr25:57 - “Daí quando eu falei que estou para me formar, poxa eu vou me formar e vou provavelmente, a gente que é professor vai trabalhar em áreas, em lugares diferentes né, me preocupa muita essa situação.”</p> <p>HCGBr57:55 - “Eu tenho que trabalhar, eu tenho que sobreviver”, então ela vai num local pedir trabalho, numa padaria pedir, pedir trabalho, se essa padaria der um emprego</p>
--	--	---

		<p>pra ela, pra essa pessoa, vai ser um subemprego, vai ser um emprego que ela vai ficar escondida lá atrás, entendeu, fazendo aqueles serviços que ninguém quer fazer, ela não vai ser um cartão postal na vitrine, ela não vai ter contato direto com o cliente porque o cliente não aceita, porque o cliente pode achar feio. Então o que que acontece, quando uma pessoa trans ou um travesti, ela está no mercado, ela só está no mercado com subempregos [...]"</p> <p>HCGBr57:57 - “Então assim, quando tem gente que fala assim, no termo pejorativo, “esses viado é tudo prostituto”, não é essa regra, não é assim, mas pensa assim. O que uma pessoa com fome vai fazer se ela não serve para cortar grama da tua casa? Se ela não serve para cuidar da roupa do teu filho? Se ela não serve para cuidar da Educação do teu filho? Pra cuidar, enfim cuidar do teu lar, da tua vida? Se ela não serve pra isso, mas é uma pessoa que precisa comer, ela precisa sobreviver, então por isso que ela fica, a sociedade joga ela no ambiente da prostituição. Então, claro que a maioria das pessoas que estão se prostituindo na rua, são pessoas que estão trabalhando, tem pessoas que gostam de fazer e ganham muito dinheiro porque se profissionalizam nisso, mas isso é uma exceção à regra,</p>
	Sexualidade no ambiente de trabalho	<p>HCGPd29:03 - “Até então que nos ambientes de trabalho, eu já chego me posicionando né, eu falo, é, bom, sou professor fulano de tal, trabalho com qual turma, já passo meu perfil, e já falo que sou gay, né, ali já no ambiente. Porque eu penso que, é, não precisa daquele mimimi ou daquele sentido de descoberta das pessoas, mas como também eu não preciso de certa forma me assumir né, mas me posicionar, ou seja, falar né, falar ali no local e tudo mais.”</p> <p>HCGBr28:2 - “A minha relação com as pessoas em relação a isso, sei lá, tipo, acho que ok, todo mundo me reconhece dessa forma, é, mas acho que os momentos que são desagradáveis ou que tenha alguma coisa que causa algum, alguma piada, que já aconteceu de quando eu trabalhava na [informação ocultada - nome de universidade], ou coisas assim é com relação a sexualidade, sabe, acho que é isso assim.”</p> <p>HCGBr28:3 - “Quando eu trabalhei até início de 2021 na [informação ocultada - nome de universidade], era desagradável assim, porque não era claro pra todo mundo, assim, tipo, eu não cheguei e falei tipo</p>

		<p>HCGBr28:4 - “Era um ambiente bastante machista, e aí sempre rolavam piadinhas por parte do gestor, só que era sempre de uma forma tão sutil que assim, eu não conseguia pegar aquilo lá e colocar, “então, isso daqui tá me afetando, isso daqui é desagradável, essa pessoa é um baita de um escroto”, sabe. Mas ok, tipo, vai relevando, vai aceitando tal, e aí, tipo, quando surgiu a oportunidade de cair fora, eu tipo “óh, tô caindo fora vou ficar aí no máximo uma semana e tô vazando, não faço questão de ficar aqui” e tal e fui embora.”</p> <p>HCGBr28:5 - “Ai eu fui no outro trabalho, comecei a trabalhar na [informação ocultada - nome de empresa varejista do ramo de móveis, eletrodomésticos e eletroeletrônicos], trabalhei como programador lá durante 8 meses, quase 9 meses, e algumas pessoas sabiam que eu era gay e que eu tinha um relacionamento com o [informação ocultada - nome do companheiro] e tudo, e tinha outras pessoas que eu acho que não sabiam, que eu nunca contei nada assim, mas nunca houve piadas que me fizeram eu me sentir mal em relação a minha sexualidade ou a forma como eu me expressava, sabe. Sempre foi muito mais tranquilo nesse sentido, sempre foi muito mais, um ambiente muito mais amigável.”</p> <p>HCGBr28:6 - “Ai eu saí, e hoje eu trabalho remoto então a interação acaba sendo limitada, é, com essas outras pessoas, mas, hã, eu também não falei nada pra ninguém, e, e, também não acho que eu tenho que ficar, que eu tenha que expor isso [...]”</p> <p>HCGBr28:7 - “[...] por mais que a empresa seja uma empresa que é tipo <i>gayfriendly</i> e que tenha ações pra acabar com o racismo, com homofobia, com transfobia, com diversos tipos de preconceito, é, tem coisas que eu meio que aprendi assim já que as vezes o discurso é legal que nem na [informação ocultada - nome de universidade] era de assédio e tudo mais, mas ai tu vai na prática as pessoas sempre dão jeito de fazer o que elas querem de uma forma muitas vezes nem sejam pegadas sabe, então, basicamente acabo me resguardando. “</p> <p>HCGBr28:17 - “Olha Eduardo, pra te falar bem a verdade assim, eu falei isso meio que tipo de toda a minha vida, da violência verbal né, então, no trabalho tinha né, porque não</p>
--	--	---

		<p>deixa de ser uma forma de violência com essas piadinhas, ela são desconfortável e tal, e as vezes até eu sou meio lento pra captar as coisas assim, tem coisas que eu só percebi que tinha sido quando já tinha passado alguns segundo, alguns minutos, e aí não tava dentro do meu time.”</p> <p>HCGBr28:20 - “Nesses últimos anos acho que foi isso. Os episódios no trabalho era meio que rotineiro sabe, era desconfortável trabalhar lá, as coisas iam acontecendo e ia rolando sabe.”</p> <p>HCGBr28:25 - “Outros espaços assim eu acho que acaba meio que gerando um desconforto, mas eu encaro, tipo, ah eu gostava de trabalhar na [informação ocultada - nome de universidade] mas ia indo até que consegui um outro espaço, ah, vou começar a trabalhar na [informação ocultada - nome de empresa varejista do ramo de móveis, eletrodomésticos e eletroeletrônicos], não sei como que é, então vamo lá, vamos tentar, espera-se que nesses ambientes seja diferente assim também, o tratamento.”</p> <p>HCGPd29:29 - “No meu ambiente de trabalho atual eu não consigo dizer porque é remoto né, eu não tenho contato com o povo lá, mas nos que eu tive, é, foi bem tranquilo né, nos anteriores que eu tive aqui, não tive nada gritante demais. Era bem tranquilos né, me respeitavam e eu respeitava né, conversávamos de certa forma. Muitas professoras, como eu trabalho geralmente onde só tem professoras né, muitas tem certas curiosidades, então sempre foi muito tranquilo conversar com elas, e também me sinto mais à vontade né, quando são mulheres no local de trabalho, então para mim é mais, é mais fácil lidar, de certa forma.”</p> <p>HCGPd29:31 - “E principalmente em alguns professores também né, que professores também tem certas falas homofóbicas. Então, em cima das crianças sim.”</p> <p>MTHPd45:27 - “Tenho inclusive, né, um amigo que traz a cadela pra banho, ele é médico, e a mulher, então, e a gente conversa bastante, ele não tem necessidade de conversar comigo, ele tem o hall dele. Não tem nada a ver o fato dele ser médico e conversar comigo, porque as pessoas sempre generalizam né, se tá conversando vai pegar, ou já pegou, ou</p>
--	--	---

		<p>coisa assim e nada a ver sabe. É tanta merda assim, e enfim, e são ideias diferentes fora do meu convívio, fora do meu dia a dia, e também fora do meu círculo de amizade, e fora da diversidade que eu tanto trabalho, tanto tô ali em comunicação. Ele é hetero e não tem obrigação de conversar comigo não, e nem eu com ele. E são essas pessoas que conversam comigo”</p> <p>NBLPt24:4 - “Em determinados espaços eu nem comento muito sobre minha vida pessoal, não com detalhes. Principalmente no trabalho, no trabalho é um lugar que me respeitam, nunca questionaram a minha sexualidade, nunca tive essas pressões, só outras pressões no trabalho mesmo.”</p> <p>NBLPt24:38 - “No trabalho por outras questões eu não exponho a minha vida pessoal né [...]”</p> <p>HCGPt29:13 - “Enquanto professor também, me assumo, coloco essa postura em frente a sala de aula, em alguns momentos que, eu como homem negro e gay nunca tive nenhum problema com estudantes nem com o pessoal, com os profissionais da escola, não que tenha chegado até mim né, então sem problemas em relação ao gênero e sexualidade.”</p> <p>HCGPt29:22 - “Em Chapecó também não me recordo de ter sofrido algum episódio de homofobia, mas porque os ambientes que eu trabalhava, sempre tive a chance de trabalhar com chefes que eram homossexuais, então nenhum problema específico, nem ambiente de trabalho, nem na rua, nunca me ocorreu algo que eu tenha sofrido.”</p> <p>HCIPt28:8 - “No meu ambiente de trabalho também, eu deixei isso bem claro a partir do primeiro momento que eu assinei o contrato e a gente não tem esse tipo de brincadeira, nada que acabou gerando transtornos para as pessoas.”</p> <p>HCIPt28:13 - “Violência física comigo nunca aconteceu, foi só verbal que ocorreu no local de trabalho, foi em 2014. Nessa época, digamos assim, eu sempre soube que eu gostava de meninos e gostava de meninas, mas eu não tinha tido nenhuma relação até o momento. Então eu tinha um amigo que a gente era bem próximo e havia comentário das pessoas “ai que o cara é gay”, e não me afetava, até o momento que chegou uma pessoa, chegou para mim e falou assim “ah é porque tão falando</p>
--	--	---

		<p>aí que tu tá namorando fulano”, o nome do cara era [informação ocultada - nome do amigo], aí disse “tu tá namorando o [informação ocultada - nome do amigo], tu saiu lá da casa de seus pais, e teus pais sabem disso? Isso é feio viu”, aí eu falei pra ele né, eu falei “Olha, eu não tô namorando ninguém, e outra se eu tivesse namorando, não é da tua conta, eu não cuido da tua vida e você não cuide da minha. Dessa vez eu vou relevar, na próxima vez a gente vai ter que conversar melhor sobre isso, porque eu não me interesso por nenhum assunto pessoal teu, o que tu faz, ou deixa de fazer, quando tu faz, com quem faz, não me interessa é problema teu, e aliás, com que eu faço também, eu não tenho que te dar explicação, se eu tô namorando com ele é problema meu e dele e tu não tem nada a ver”.”</p> <p>HCIPt28:14 - “Foi no ambiente de trabalho inclusive, o meu chefe inclusive veio, de uma repressão também nesse outro funcionário e acabou dessa forma.”</p> <p>HCIPt28:15 - “Não ocorreu mais, não sei se ele não gostou, ele parou de falar comigo por um período, mas como eu disse eu não deixo essa pessoa criar asas para cima de mim, eu corto no momento, até por uma questão que a vida pessoal de ninguém não interessa pro outro. O que o terceiro faz não me interessa, o meu colega faz não me interessa.”</p> <p>HCIPt28:16 - “Hoje eu trabalho com duas meninas e mais um menino, e o que eles fazem fora do trabalho não é problema meu, então o que eles fazem da vida pessoal deles não me interessa, assim como o que eu faço também. Às vezes a gente conversa, aborda sobre alguns assuntos, mas nada que a pessoa de a pessoa a entender que ela pode interferir ou pode vim com pré-julgamentos sobre a minha sexualidade, sobre a minha vida pessoal, sobre a minha relação com outras pessoas, isso eu não admito em nenhum momento.”</p> <p>HCIPt28:42 - “No meu trabalho, meu relacionamento no trabalho é tranquilo, nunca tive problema.”</p> <p>HCGBr57:6 - “Mas eu sinto assim, por exemplo no meu trabalho, embora eu seja arquiteto eu tenho um escritório de engenharia, eu sinto essa predileção, por exemplo pelo meu irmão que é engenheiro, não é que ele seja mais simpático ou</p>
--	--	---

		<p>mais bonito, não se trata disso, mas quando o assunto é homossexualidade as pessoas se comportam diferente, então isso eu sinto, eu sinto isso realmente.”</p> <p>HCGBr57:13 - “Na juventude também foi complicado, eu vou citar um exemplo, eu trabalhei numa grande construtora, e tu sabe que é bobagem, mas existe essa rivalidade sim, entre arquiteto e engenheiro. Então eu trabalhava sozinho com praticamente 29 a 34 engenheiros, e estagiários de engenharia a maioria assim, poucos estagiários de arquitetura. Então eles não sabiam da minha sexualidade, mas eu me comportava como se não fosse, mas eu não me esforçava tu entendeu, eu não me violentava, eu era a mesma pessoa, a mesma pessoa que eu fui na infância eu sou agora. Então assim, não é que eu me violentasse pra ser outra pessoa, mas eu evitava, evitava falar sobre relacionamentos, e quando no grupo, quando via que tinha chacota, que se falava sobre relacionamento, eu falava normal até porque eu já me relacionei com mulheres também. Eu não me considero bissexual, não me considero porque eu tenho predileção, mas eu não tinha problema por exemplo com o sexo oposto né, nunca tive. Então quando eles falavam ou citavam alguma coisa eu simplesmente tava falando de uma mulher e às vezes eu tava falando de uma relação com um homem, mas eu só não dizia que era com um homem, eu dizia que era uma pessoa, eu não mentia, eu omitia de falar que era um homem, porque era um ambiente extremamente machista, e eu não podia simplesmente falar porque eu ia perder o emprego e tudo mais né.”</p> <p>HCGBr57:14 - “Até o diretor, fazendo assim muitas piadas, e tu aprende a tolerar. Aceita nunca, eu nunca aceitei esse tipo de situação, mas eu aprendi a tolerar, hoje eu nem me incomodo.”</p> <p>HCGBr57:22 - “Isso foi um caso positivo porque meu irmão, aliás que tem outra do meu irmão que é muito boa, que um cliente fez uma festa, alguém muito rico aqui da cidade, fez uma festa e convidou assim umas 20 mulheres e convidou algumas pessoas pra participar ali né, e aí o meu irmão, o cara chegou lá pra nos convidar, a mim e meu irmão, e meu irmão respondeu para ele assim ó “eu não vou porque tenho uma mulher com filho pequeno em casa e meu irmão certamente não irá porque tu só convidou mulheres e ele gosta de homem, ele não gosta de mulher”, ficou muito chato para ele, mas eu fiquei</p>
--	--	--

		<p>tão feliz de ver meu irmão me defendendo dessa maneira, quer dizer, não precisava me defender mas eu senti que esse comportamento que ele teve perante esse cliente, que é alguém bem importante dentro da cidade, ele faria isso por qualquer pessoa, não tão somente comigo que sou irmão, e ele é muito mais novo que eu, ele é o bebê da família né, então assim, meu irmão mais novo me defendendo desse maneira, eu entendo que ele defenderia um amigo, ele defenderia um estranho, e eu acho que é isso que a sociedade precisa. Então são esses exemplos ao contrário da discriminação.”</p> <p>NBLBr25:RM11 - “Acolhida no espaço, mas enfrentei olhares que demonstraram traços de homofobia.”</p>
	<p>Raça no ambiente de trabalho</p>	<p>HCGPd29:07 - “Então, bem tranquilo, eu me surpreendi mais a questão, nos dois locais, vamos colocar nos três locais de trabalho né, que eu tive a oportunidade, nos dois na verdade né, porque o terceiro agora é remoto, então eu não tô tendo, mas eu não tive problema com isso, em momento nenhum fui desrespeitado, em momento nenhum tive necessidade de certas afirmações, ou de certas coisas né, pelo contrário né, quanto à questão do preconceito racial foi maior do que né, do que a questão da sexualidade na verdade nesses espaços né, então não tenho muito, quanto a isso eu não posso dizer que foi algo negativo né, no ambiente né, nas duas escolas em que eu tive contato.”</p> <p>NBLPt24:46 - “[...] até no trabalho o pessoal fala “ah você é daqui mesmo?”, eu falo “sim, sempre morei aqui”, aí as pessoas fala “ah nossa, nem parece” e quando eu pergunto o porquê, eles vem com um “ah é porque você é tão despojada”. Essa palavra despojada é um negócio que eu fico assim, meu, nem fala nada se é pra falar despojada né, o que é despojada.”</p> <p>NBLPt24:47 - “Eu acho que tem a ver com a etnia né, porque a galera daqui é branca, então eles já estranha e acha que eu sou de São Paulo, mas sempre morei aqui (risos).</p> <p>HCGPt29:35 - “Recentemente no meu emprego, assim, dando aula como professor, eu tive que escutar uma professora, professora não, da secretária da escola que estava se relacionando com um homem negro, uma mulher viúva com seus 50 anos, e disse que se sentia atraída por homem negro, que tava se relacionando com um homem negro, veio me</p>

			<p>mostrar e ela me disse “eu sempre falo pra minha filha, não tem o que fazer, eu tenho um pé na senzala”. Esse foi o comentário que ela fez e se sentiu muito confortável em falar isso na minha frente, isso me soou como uma violência eu fiz uma breve intervenção me levantei e sai porque eu não sou obrigado né, mas foi só uma vez.”</p>
		<p>Renda no ambiente de trabalho</p>	<p>MTHPd45:28 - “Existe o preconceito social, tem também a questão do preconceito de classe, porque padrão de médico meu filho é totalmente diferente (risos).”</p>
<p>Espaços Religiosos</p>	<p>Igreja cristã</p>	<p>Gênero na igreja cristã</p>	<p>MTHPd45:21 - “[...] até que um dia eu fui, gostei, mas não era a igreja dela era outra, foi uma igreja que aparentemente me acolheu bem, inicialmente, mas logo depois comecei a sofrer preconceito lá dentro, logo queriam que a minha conversão fosse plena, ai começaram a proibir as irmãs de conversarem comigo, como eu tinha o cabelo, sempre tive, daí me seguraram os rapazes e cortaram o meu cabelo com uma faca, isso lá na minha cidade. Na época eu tinha 15 anos quando isso aconteceu.”</p> <p>MTHPd45:22 - “Fora outras igrejas que eu passei e fui expulsa da igreja porque não aceitava a minha conduta lá dentro da igreja. Eu também fui expulsa da igreja da Assembleia de Deus na cidade de Ivinhema, entrei normal, camiseta, calça jeans, tênis, eu nem tinha peito ainda, eu não fazia hormonioterapia ainda, aí eu fui no banheiro, daí um ancião me falou assim “oh você não é bem vinda aqui, você pode pegar a porta que tá aberta pra você ir embora”, de certo ele achou que eu fui lá pra agarrar alguém, sei lá. Teve a igreja batista que não me deixaram entrar. Teve nessa que eu cheguei a me batizar que é a presbiteriana independente”</p> <p>MTHPd45:23 - “Mas teve uma, teve uma que doeu. Eu não estava mais em casa, eu tava na vida já, eu tava passando fome, eu tava passando muita fome, ai eu fui na igreja presbiteriana de Cascavel no Paraná, e ai eu comecei a frequentar a igreja, ai eu falei “pastor eu tô com fome, será que o senhor não podia me doar uma cesta básica, não precisa ser grande não, pode ser</p>

			<p>pequena, eu já tô a dois dias sem comer nada”, vou te falar as palavras dele, ele disse assim “[informação ocultada - nome de registro de nascimento da entrevistada], se eu te der uma cesta básica eu vou ter que deixar de dar uma cesta básica para uma família que precisa, e então eu tenho que levar o seu caso para o conselho da igreja para ver se eles me autorizam a te auxiliar nesse caso”, ai eu disse “tá mas eu tô a dois dias sem comer, então quer dizer que eu vou ter que esperar um mês, ou dois meses pra poder comer?”, ai ele falou assim “eu não posso fazer nada”, ai eu falei “tudo bem”, peguei em fui embora. Isso não sai da minha cabeça, tem coisas que eu não faria nem pro meu pior inimigo, eu não faria isso com ninguém, não se nega comida nem pro pior bicho. Mas enfim, tô aqui viva, bonita e magra (risos), querendo engordar e tá difícil (risos).”</p> <p>MTHPd45:24 - “[...]. Eu faço hoje em dia as minhas orações, mas em casa, às vezes. Respeito a religião de todo mundo, mas eu acho que extremismo não, não vale a pena. Extremismo pra que? Isso só serve pra destruir lares e separar pessoas, só pra impor ódio, extremismo pra mim é isso, a alguém, a quem, a alguma coisa, enfim, por isso não vou mais em igreja.”</p>
		Sexualidade na igreja cristã	<p>MTHPd45:34 - “[...] mas o que eu não acho certo é extremismo religioso, sabe, então assim, que é o que as pessoas estão vivendo agora, sabe estão se gladiando, né, por uma coisa que não lhes pertence, coisa que nem eles sabem entendeu, então assim, é muito fácil você pegar de alguém mais elevada dentro da religião, tipo diáconos e pastores e etc, é muito fácil lavar a cabeça de um pobre, é muito fácil pegar alguém que não tem o que comer e levar pra dentro da igreja, sabe, é muito fácil, então é uma crítica libertadora, são pessoas que se dizem pseudoconhecedoras da política e da religião, e acham que sabem tudo, e não é assim, as pessoas não são assim. Vou falar uma coisa sórdida, o que eu mais tinha de cliente no programa era pastor, então assim, e é um luxo né, então é tudo uma farsa, não tudo, tem sim os pastores que realmente levam a fé e aquilo que ele acredita entendeu, para um lado humano da coisa, ou seja, mas tem aquele que é picareta, aquele que quer pra ele, é o que mais tem. Por um lado, é bom, porque o fiel paga e eu recebo (risos).”</p>
Redes Sociais	Redes Sociais	Gênero nas redes	<p>MTHPd45:30 - “Eu compartilhei uma postagem contra o atual governo, e nisso veio um cidadão lá da puta que pariu né, que, ou seja, não faz parte da minha comunidade de amigos, enfim, nem sei de onde é a desgraça, só sei que ele “ah é, porque gente</p>

		<p>que nem vocês tem que ser exterminada do mundo”, chamou a gente de doente, não sei, o que, não sei o que, sabe, aí eu falei, “mas quem é você querido? Você saiu de que inferno e entrou aqui pra falar comigo que não tem nada a ver com você. Mas nesses 3 anos transfobia assim foi só online mesmo, mas foi só esse cara”</p> <p>TRHPt24:25 - “[...] eu inclusive tô montando um trabalho artístico que são prints das minhas relações em redes sociais, de eu chegando em São Paulo e tentando me relacionar em redes sociais, com coisas horríveis que os boys, principalmente homens cis héteros, me diziam [...]”</p> <p>TRHPt24:26 - “[...] porque é isso, quando você vai se relacionar com pessoas e você entra num aplicativo, e você coloca que é uma mulher as pessoas imaginam que você é uma mulher cis [...]”</p> <p>TRHPt24:28 “Eu já perdi duas vezes a minha conta no Tinder, a última vez inclusive vinha toda vez um anúncio bem grande quando eu entro e tipo assim porque “falsidade ideológica, você se passou por uma pessoa que você não era”, e aí isso te engatilha toda, te deixa em um lugar super vulnerável [...]”</p> <p>TRHPt24:29 - “[...] e aí no meio do Tinder eu conheci o [informação ocultada - nome de homem] que foi uma pessoa incrível, só que eu sei que foi uma pessoa no meio de 200, nem todas os 200 foram escrotos, mas são algumas coisas que eu não posso nem querer reviver porque o Tinder não deixa sabe.”</p> <p>TRHPt24:30 - “E aí você entra no Grindr no aplicativo, e aí você é sexualizada, e aí tem os travequeiro, aí alguém vem falar com você só interessado no seu falo, no seu pênis.”</p> <p>TRHPt24:31 - “Aí você entra em uma sala de bate-papo do uol numa sala de trans e travesti e pensa “aqui não tem problema porque já sabem quem eu sou”.”</p> <p>TRHPt24:45 - “Por gênero essas coisas da transexualidade, como no Tinder, esses lugares que você não é vista como mulher [...]”</p>
--	--	--

			<p>TRHPt24:48 - “No Tinder né, o problema é logo na conversa, porque as pessoas te leem como mulher e depois que você fala abertamente que é travesti ou trans a pessoa já “não, não, eu sou hétero, como que eu fui dar match com uma travesti? Não, foi engano!”, só que não né, você deu match e isso é maravilhoso [...]”</p>
		<p>Sexualidade nas redes sociais</p>	<p>MTHPd45:33 - “[...] e outra falar viado no Facebook não pode mais e eu não sabia e eu me ferrei. Fui falar de viado com viado (risos), eu escrevi “e aí viado” e fiquei 30 dias bloqueada, e ainda tô bloqueada, porque fui bloqueada de novo por 30 dias, mas dessa vez eu te juro que eu não falei nada nem fiz nada de errado, mas eu acho que o face não vai com a minha cara não, porque dessa vez a questão foi religiosa, mas em momento algum eu insultei a religião da pessoa, até porque como eu te falei né, eu acredito em Deus e também tenho a minha crença pessoal [...]”</p> <p>HCGPt29:63 - “Olha, flertar, eu não tenho muita facilidade de flertar com as pessoas, sou bem lerdo (risos), isso geralmente acontece mais por aplicativo”</p> <p>NBLBr25:69 - “Olha, as primeiras interações com mulheres foram pelo Tinder, lá até naquela época foi colocado como bissexual, e Facebook.”</p> <p>NBLBr25:70 - “Minha atual namorada, a gente se conheceu no grupo de estudos, mas a gente começou a conversar pelo Instagram então eu posso dizer que foi por redes sociais.”</p> <p>NBLBr25:74 - “Mas a gente sempre conversa mesmo por rede social, amadurece ali é um modo de convivência, se todas as partes concordam aí a gente acaba se encontrando.”</p> <p>HCIPt28:58 - “[...] até porque hoje em dia tem a lei do cancelamento né. Se tu faz alguma coisa as pessoas vão te cancelar na internet, que hoje tem muito isso.”</p>
		<p>Raça nas</p>	<p>HCGPt29:40 - “Isso fica visível em conversas com pessoas do Grindr por exemplo, “ah um moreno e magrinho desses deve ter um pauzão” [...]”</p>
<p>Espaços da</p>	<p>Ministério Público</p>	<p>Gênero no Ministério</p>	<p>MTHPd45:31 - “Aí o que que eu fiz, eu fiz print de tudo que ele falou, e mandei pro meu advogado e tá rolando o processo né, por causa da pandemia, os processos, os julgamentos não estavam sendo presenciais e sim pelo WhatsApp, e aí, então</p>

		<p>assim, na primeira audiência o poder público não achou a pessoa. Aí tá, aí o que que eu fiz, aí vou eu dar uma de detetive né, como ele é, a desgraça é de Xaxim, caminhoneiro, deve ter dado o cu pra muita travesti por aí em algum posto de gasolina nesse mundo, caminhoneiro pra cima de mim (risos). Aí gente eu falando besteira, misericórdia, gente que vergonha (risos). Daí como eu tenho uma amiga muito conhecida né, mulher cis e tal, aí eu falei assim “[informação ocultada - nome de amiga] você conhece fulano”, porque eu fiz print da página do face dele, antes que ele deletasse, aí ela disse “claro que eu conheço, é meu amigo, porque [informação ocultada - nome da entrevistada]?”, aí eu falei, a por causa disso, aí ela disse “ah é bem a cara dele mesmo falar isso”. [...] então, resumindo, daí ele pegou e daí, eu falei “tá, tu vai me conseguir o endereço dele ou não?”, “aí ela disse a empresa dele é essa, o telefone dele é esse”. Ai eu ta, mas que merda é essa, pra que tem ministério público, se não é pra investigar, eu que entreguei tudo de bandeja pra eles, eu que fui atras, porque é uma causa de transfobia, e dependendo o tipo de juiz que pega a causa se ele é machista, querido, ele nem faz questão de ir atrás disso então né. Até que daí, porque se alguém do ministério público liga lá no emprego do cidadão eles são obrigados a passar a informação né. Aí meu advogado disse “[informação ocultada - nome da entrevistada] não foi protocolado ainda que ele recebeu a intimação!”, aí eu puta que pariu né, de novo. Daí ele pegou e faltando acho que coisa de um minuto pra encerrar a promotoria com eu e o advogado lá, e ele não aparecia, ai faltando um minuto pra encerrar ai o advogado dele apareceu. Aí eu falei assim pra ele, daí ele falou “ah o meu cliente se posicionou sim, então ele vai fazer uma retratação pública né, pelas palavras que ele não deveria e tal, e te pedir desculpas”. Ai eu disse “ eu não quero desculpa, eu quero dinheiro, sabe porque, porque isso e mau caratismo, é bem coisa de gente mau caráter, porque toda vez que isso acontecer ele vai falar as merda que ele quiser e fazer o que ele quiser, e é só pedir de desculpa e tá bom, não, não, não, esse tipo de gente só entende quanto sente no bolso, e esse dinheiro eu nem quero pra mim mas eu nem quero esse dinheiro, nem que eu tenha que dar esse dinheiro pra alguma obra de caridade, alguma coisa pros LGBT melhorar nas paradas né, mas ele vai pagar”. Aí isso foi início do ano né, online, sabe pra quando o juiz deu a audiência presencial? Outubro do ano que vem, tá, então assim né, justiça pra quem.”</p>
--	--	---

	Delegacia	Gênero na delegacia	<p>MTHPd45:35 - “Claro que tem, a insegurança não digo só eu por ser mulher trans, mas a insegurança está porque essa desgraça desse governo deu voz aquilo que a gente sempre lutou, que é, criminalizar a homofobia, direitos igualitários, principalmente na questão da segurança, é a gente ter segurança, é se eu sofrer algum tipo de violência, e quando a gente chegar na delegacia não sofrer violência de novo. Porque aquele que e pago pra nos assegurar, pra nos proteger, ele nos violenta de novo.”</p> <p>MTHPd45:37 - “[...] e aí eu fui conduzida a delegacia por atentado ao pudor, aí eu falei “perai gente, não, isso pra mim é arte, eu não tô com o meu sexo amostra nem nada, só tô com o meu corpo pintado, aí o policial disse “é mas é que a sociedade daqui” e não sei o que, não sei o que, aí veio outro policial, um cidadão se achando o gostoso e me disse “mas eu nunca vi viado pelado e achando que é buceta”. E aí eu ia fala o que? Bater boca é pedir pra ir presa, só pra eles falarem que é desacato, nem é desacato, mas tu sabe que o que eles querem fazer eles fazem. Aí ele disse, “você vai detida, ou vai pedir pra alguém vir trazer uma roupa pra você”, aí eu disse ‘não é mais fácil eu pegar um taxi?’, acabou que eu fui embora.”</p> <p>MCBBR18:9 - “Delegacia eu me sinto insegura porque a gente ouve muitos casos de pessoas que dão seus depoimentos, de pessoas que vão lá, falam o que aconteceu e depois são desacreditadas.”</p> <p>MCBPD25:58 - “Delegacias eu não sei assim, mas eu também não tenho confiança nenhuma de ver a polícia passar assim, não gosto, principalmente a polícia militar que enfim, a PM gera uma discussão que meu Deus.”</p> <p>NBLPt24:20 - “Eu tive que ir atrás pra fazer um B.O. né, como te falei, recebi as ameaças e ninguém fez nada a respeito. Fui providenciar uma ajuda do Estado, eles me disseram que iam investigar, que ia ficar arquivado por seis meses, e que se isso se repetisse iam chamar a pessoa pra depor, e acabou que não fizeram nada, porque ninguém foi prestar esclarecimento, ficou por isso mesmo. No dia lá até disseram “ah se sofreu agressão tem que fazer corpo de delito” aí eu disse “não, não agressão física, a verbal eu recebi a ameaça”, e ficou por isso mesmo,</p>
--	-----------	---------------------	--

			nem eu nunca fui chamada pra ser ouvida, ficou por isso mesmo né.”
--	--	--	--